Olá, fás de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as *novels* da obra disponíveis no J novel para o português!

Algumas considerações extremamente importantes:

- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português 2 VEZES. O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!

Toda a capital parece ter enlouquecido quando Lakan publica um livro sobre seus jogos. Ele tem planos ainda maiores, realizando um torneio de Go aberto a todos - e há rumores de que se alguém conseguir derrubar o estrategista, ele concederá qualquer pedido que eles possam fazer. Jinshi vê uma oportunidade.

Mas nem tudo é diversão e jogos, como Jinshi descobre quando chegam relatos de colheitas devastadas por uma praga de gafanhotos numa aldeia remota. Todas as suas tentativas de impedir a devastação dos insetos serão em breve postas à prova, e o resultado poderá significar sobrevivência ou fome.

Perfis de personagens

Maomao
Uma apotecária no bairro do prazer. Totalmente obcecada por remédios e venenos, mas em grande parte desinteressada por outros assuntos. Reverencia seu pai Luomen. Dezenove anos de idade.

Jinshi
O irmão mais novo do imperador. Desumanamente lindo. Ele não consegue tirar Maomao da cabeça, mas por bem ou por mal, ela sempre consegue evitá-lo. Nome verdadeiro: Ka Zuigetsu. Vinte anos.

Basen
Filho de Gaoshun; assistente de Jinshi. Não sente dor tão intensamente quanto a maioria das pessoas, o que lhe confere limites físicos muito maiores do que a maioria tem. Ele é muito sério, mas isso o torna fácil de ajustar. Apaixonado pela consorte Lishu.

Gaoshun
O pai de Basen. Um soldado bem construído, ele foi anteriormente assistente de Jinshi, mas agora serve pessoalmente ao imperador.

Lakan
Pai de Maomao e sobrinho de Luomen. Uma aberração com um monóculo. Ele é um militar de alto escalão, mas seu comportamento bizarro faz com que as pessoas o evitem. Ele adora Go e Shogi e é muito bom em ambos.

Lahan
Sobrinho e filho adotivo de Lakan. Um homem pequeno e de óculos redondos, ele tem uma queda por mulheres bonitas e tentará conversar com elas sempre que encontrar uma. Ele faz atividades paralelas para tentar pagar as dívidas de seu pai adotivo.

Luomen

O pai adotivo de Maomao; Tio de Lakan. Outrora eunuco no palácio interno, ele agora atua como médico da corte. Ele está sem uma rótula, um castigo que lhe foi infligido há muitos anos.

Imperatriz Gyokuyou
A esposa legal do imperador. Uma beleza exótica com cabelos ruivos e olhos verdes. Vinte e um anos.

O imperador
Um verdadeiro empreendedor e possuidor de pelos faciais prodigiosos. Prefere suas mulheres bem dotadas. Trinta e seis anos.

Yao
Colega de trabalho de Maomao. Ela tem quinze anos, mas sua altura e corpo bem desenvolvido a fazem parecer mais velha.

En'en
Colega de trabalho de Maomao. Como serva de Yao, ela ajuda no consultório médico junto com sua amante. Ela é dedicada à sua amante com um amor que beira o distorcido. Dezenove anos de idade.

Hongniang
A principal dama de companhia da imperatriz Gyokuyou. Ela trabalha duro, o que ocasionalmente a deixa à mercê de sua brincalhona imperatriz.

Yinghua, Guiyuan e Ailan
As damas de companhia mais antigas da imperatriz Gyokuyou.

Haku-u, Koku-u, Seki-u
Damas de companhia da imperatriz Gyokuyou, elas são três irmãs separadas por um ano.

Prólogo

“Certifique-se de sorrir.”

Sua mãe sempre dizia isso para ela. Para ter certeza de que seu pai ficaria feliz nas raras ocasiões em que a visitasse. Para garantir que ele lhe daria aquele cobiçado tapinha na cabeça.

Sua mãe não era a esposa principal de seu pai. Seu pai tinha idade suficiente para se passar por seu avô; ele teve um filho com outra mulher que era tão velha quanto sua mãe. Mais como um tio do que como um irmão mais velho.

Talvez o seu irmão mais velho não gostasse de ter uma irmã muito mais nova do que ele, pois os seus próprios filhos estavam sempre a provocá-la, a puxar-lhe o cabelo e a atirar-lhe tartes de lama – uma crueldade infantil comum. Eles repetiam o que os adultos diziam sobre ela. Sempre tendo o cuidado de viajar em bandos grandes o suficiente para que ela não pudesse revidar.

Eles zombavam dela, chamavam-na de filha de concubina. Então ela sorriu de volta. Os cantos de sua boca se ergueram, apenas mostrando os dentes. Os filhos do irmão, que só conheciam sorrisos obsequiosos, recuaram. Ela apenas sorriu. O que eles viram quando olharam para ela? A reação deles pareceu tão ridícula que a fez sorrir ainda mais.

Justo naquele momento, seu pai apareceu. Como ela deve ter parecido para ele, coberta de lama?

Ele começou a sorrir também. Ele ignorou os netos, vestiu-se com suas melhores roupas e foi até sua filha imunda. Ele limpou a sujeira do rosto dela e deu um tapinha na cabeça dela.

“Vou fazer com você primeiro”, disse ele.

Ela perguntou a ele o que ele iria fazer com ela primeiro.

“Primeira em toda a nação. Eu sei que você tem o que é preciso.”

As outras crianças não tinham. Só ela. Saber que ela era especial assim fez seu coração bater forte.

“Não deixe o brilho desaparecer dos seus olhos. A única coisa que você nunca deve fazer é perder a esperança. Sorria. E nunca deixe isso escapar.”

Sorrir? Ela poderia fazer isso. Contanto que houvesse algo pelo menos divertido, era fácil. Ela não precisava que seu pai lhe dissesse isso. Ela passava todo o tempo buscando coisas divertidas e agradáveis. Mesmo depois que ele a mandou embora. Longe, para aquele covil de iniquidade cheio de mulheres...

Capítulo 1: O livro de Go

O vento estava ficando mais frio a cada dia. Maomao começou a dormir debaixo de um cobertor extra.

Ela não estava dormindo naquele momento, no entanto. Ela olhava boquiaberta para uma verdadeira montanha de livros empilhados na entrada do dormitório e marcados com *Para Maomao.*

"O que é isso? Quero dizer, são livros, obviamente”, disse Yao ao sair do quarto. Ela conseguiu se recuperar do episódio de envenenamento, felizmente. Demorou um pouco para ela voltar à ação, mas ela voltaria a trabalhar em alguns dias.

Ela veio e ficou ao lado de Maomao. Seu lindo rosto estava agora marcado pela icterícia. Seu fígado e seus rins ficaram gravemente comprometidos pelo veneno; ela teria que evitar álcool e sal, provavelmente pelo resto da vida. E elas teriam que encontrar comida que fosse boa para sua pele.

“São todos o *mesmo* livro”, observou En’en. Ela poderia ser encontrada naturalmente sempre que Yao aparecesse. Ela estava segurando um saco de ingredientes para o jantar – ela estava furiosamente reunindo remédios e alimentos que aliviariam a icterícia de Yao. Isso poupou Maomao de problemas. **“Parece que é sobre Go. Diz que é de Kan Lakan.”**

Isso era obra do estrategista maluco. Associar-se com pessoas problemáticas só poderia trazer problemas, Maomao sabia, mas saber disso e ficar longe de problemas eram coisas diferentes.

“Eu disse a ele que não queríamos isso aqui, mas ele não aceitaria um não como resposta. Ele me deu uma carta para você também”, disse a mulher de meia-idade que administrava o dormitório.

Ela entregou a carta a Maomao. Continha muitas expressões completas e indiretas, todas escritas em uma caligrafia adorável, mas traduzidas para uma linguagem simples, dizia: *Fiz várias cópias deste livro sobre Go. Você pode ter algumas também.* Ficou claro que ele forçou algum subordinado a escrever para ele. O pobre rapaz.

“O que devemos fazer com isso?” Yao perguntou. A pilha de livros era alta o suficiente para ela se apoiar. Os livros eram objetos valiosos – apenas um deles custava o suficiente para pagar um mês de refeições. No entanto, aqui estava uma pilha inteira deles. Eram livros impressos, um pouco mais baratos do que manuscritos copiados à mão, mas produzir tantos deles ainda não era uma tarefa fácil. Maomao podia imaginar o filho adotivo do estrategista, Lahan, hiperventilando com a quantidade de dinheiro envolvida. Ah bem. Não é problema dela.

“Nós os queimamos”, disse Maomao categoricamente. Mas então ela mudou de ideia. **“Não... Isso não seria legal.”** Não era culpa dos livros terem sido escritos por aquele autor em particular.

Ela folheou um dos livros e descobriu que estava surpreendentemente bem feito. Continha registros de jogos, diagramas de jogos de Go, acompanhados de explicações das características mais importantes da situação do tabuleiro. Provavelmente passaria despercebido aos iniciantes, mas parecia algo que jogadores experientes poderiam gostar. Havia até uma ilustração de gatos malhados jogando Go juntos, mas Maomao optou por ignorá-la.

En'en estava espiando o livro com evidente interesse.

“Quer dar uma olhada?” Maomao disse.

"Claro!"

Maomao passou-lhe uma cópia e ela começou a folheá-la, com os olhos brilhando. *Quem diria que ela tinha interesses além de Yao*?, pensou Maomao (que escolheu coisas incomuns para se impressionar).

“Parece interessante?”, ela perguntou.

"Sim! Você pode dizer que este é o trabalho do nosso honrado estrategista – é muito bem feito. A primeira parte consiste principalmente em jogos que contam com muito joseki (sequência de movimentos)**, enquanto a segunda parte mostra um jogo menos convencional.”**

As “irmãs mais velhas” de Maomao lhe ensinaram o básico de Go e Shogi, mas ela ainda não entendia bem o que En’en estava dizendo. Em vez disso, ela perguntou: **“Quer um?”**

“Se você está oferecendo, então claro. Se você está tentando vendê-lo para mim, estarei disposta a pagar até uma moeda de prata. Não só o material é excelente, mas a qualidade do papel e da impressão são lindas.”

“Uma moeda de prata?” Maomao olhou para a montanha de livros. Ela não tinha ideia de que eles eram tão valiosos.

"Apenas uma? Você acha que ela deveria deixá-los ir tão barato?" Yao disse, examinando a construção dos livros. Sendo de origem rica, sua noção do que era "barato" estava um pouco fora de sintonia com a da maioria das pessoas. Uma moeda de prata poderia facilmente pagar duas semanas de refeições.

"Admito que ela provavelmente conseguiria mais", respondeu En'en. **"Eu esperava um desconto amigável."**

Não colegial – amigável. Então somos amigos agora? Se En'en considerasse Maomao uma amiga, seria rude não tratá-la como amiga. Portanto, En'en era uma amiga. Maomao sentiu que poderia confiar na avaliação do livro por En'en (se não na avaliação de Yao, um tanto desequilibrada financeiramente). Se ela disse que os livros valiam uma moeda de prata, provavelmente valiam. Parecia provável que eles entrariam em produção em massa, então talvez ela devesse preca-los um pouco mais baixo do que isso.

"Você e Maomao são amigas, En'en?" Yao olhou para elas fixamente. **"O que isso faz de mim, então?"**

"Você é minha jovem amante preciosa e insubstituível!" En'en disse, batendo no peito e sorrindo amplamente.

Eu não acho que era isso que ela queria ouvir, Maomao pensou. A expressão da "jovem senhora" imediatamente azedou. Ela se sentou em uma cadeira na entrada e cruzou as pernas, emburrada.

"É?" En'en, surpresa.

"Você pode ficar com o livro, En'en. Mas se você conhece alguém que possa gostar de Go, você poderia espalhar a notícia?"

"Você está procurando jogadores de Go? Sim, eu conheço alguns. Os médicos gostam de passar os dias de folga jogando Go."

Ah, essa era uma informação útil. Maomao sentiu um sorriso surgir em seu rosto enquanto olhava os livros. *Com um pouco de dinheiro no bolso, poderia comprar alguns medicamentos valiosos.* Uma grande variedade de itens do oeste acompanhou a sacerdotisa de Shaoh até a capital. Os mais exóticos seriam adquiridos pelos moradores mais ricos da cidade, mas logo o que restava chegaria aos mercados. Mesmo lá, esses bens importados não seriam baratos – mas, sim, era para isso que servia o dinheiro.

“Você acha que poderia me dizer quem são esses jogadores de Go?” Maomao perguntou. En'en respondeu tirando uma moeda de prata da bolsa.

“Aqui”, ela disse. **"Pagamento."**

"Eu disse que daria a você."

“Estou feliz em pagar por isso. Mas em troca...” En’en olhou significativamente para a pilha de livros. **“Me inclua no acordo.”** Ela apontou para a moeda.

Eu sabia que ela era inteligente. Maomao lançou-lhe um olhar indicando que ela entendia. Foi então que ouviram batidas atrás delas. Yao estava batendo os pés. Bater os pés não era o tipo de coisa que jovens refinadas deveriam fazer, mas Yao estava fazendo um esforço especial.

“Jovem senhora, não faça isso!” En'en disse imediatamente, exatamente a ascensão que Yao estava procurando.

“En'en! O jantar ainda não está pronto?” Ela olhou para as duas com uma carranca.

"Oh! Desculpe. Vou fazer algo imediatamente!” En'en disse e correu para a cozinha. Maomao olhou para Yao, contemplando o quão adorável ela era. Ela deixou sua mão escovar os livros. Ela decidiu colocá-los em seu quarto por enquanto. Seria um espaço apertado por um tempo.

“Maomao”, disse Yao.

"Sim?" Maomao olhou para trás, já com alguns livros nas mãos.

"Você está livre amanhã?"

“Suponho que, por assim dizer. Mas então, de certa forma, também tenho trabalho amanhã.”

Todos as três, Maomao, Yao e En’en, tinham folga no dia seguinte. Maomao poderia fazer o que quisesse: dar uma olhada na farmácia no bairro do prazer ou passear pela cidade para ver se alguém estava estocando algum remédio interessante.

“Tem que ser um ou outro!” Yao disse.

“Ocupada, então”, disse Maomao.

"Você está livre! Eu sei que você está!” Yao pegou Maomao pelos ombros e sacudiu-a. A jovem amante poderia ser tão teimosa.

Maomao assentiu. **“Há algo que você quer fazer amanhã?”**

Em resposta, a mão de Yao foi até seu rosto, roçando uma mancha de icterícia. **“Eu gostaria de ir comprar alguns remédios. Achei que você saberia mais sobre isso do que En’en.”**

Entendo. Yao tinha quinze anos, uma idade em que as jovens se preocupavam com a aparência.

“Talvez você queira comprar um pouco de maquiagem enquanto estamos nisso?” Maomao conhecia um lugar que atendia todas as cortesãs mais importantes. Quando algum cliente imprestável as atingia, era para lá que elas iam. A loja sabia como esconder até os hematomas mais desagradáveis. Maomao tinha certeza de que Yao gostaria de estar no seu melhor quando voltasse ao trabalho.

"Maquiagem?" Yao olhou atentamente para Maomao. Ela estava estudando a área ao redor do nariz. **“Por que você desenha sardas no rosto, afinal?”** Elas moravam juntas no dormitório; Yao já havia percebido há muito tempo que as sardas de Maomao eram falsas.

“Ah, você sabe”, disse Maomao. Ela decidiu parar uma vez, mas Jinshi ordenou que ela continuasse fazendo isso. Ter que explicar o porquê, porém, era complicado. Era arriscado envolver Jinshi nisso. Finalmente ela disse: **“Razões religiosas”.** Parecia a melhor maneira de não precisar entrar em detalhes.

Yao, porém, não desistiria. **“Isso representa algum deus apotecário ou algo assim?”**

"Não. É um encanto, se você quiser. Para me ajudar a crescer mais.”

"Huh. Tudo bem." Yao não precisava ficar mais alta, então tal encanto era singularmente inútil para ela. Maomao ficou aliviada ao vê-la perder o interesse.

“Maomao...” Foi nesse momento que En’en entrou trazendo o acompanhamento da noite. Ela estava lançando um olhar para Maomao que dizia claramente: *Por favor, não minta para a jovem amante.*

Capítulo 2: Um passeio pela cidade

No dia seguinte, Maomao foi às compras com Yao e En'en. A pequena expedição as levou a um bairro comercial ao longo de uma avenida principal ao sul do dormitório. Lojas alinhavam-se na rua, com barracas ao ar livre preenchendo os espaços entre elas. O lugar estava movimentado, ocupado e vivo.

"O que é isso que você tem, Maomao?" Yao perguntou, apontando para um pacote embrulhado em pano que Maomao carregava.

"Alguns dos livros de ontem", ela respondeu. **"Pensei que talvez pudesse vender alguns exemplares para a livraria."** Ela trouxe apenas três, sabendo que eles não estariam interessados em uma grande pilha de exemplares do mesmo título.

"Você está vendendo eles?" En'en franziu o rosto.

"Só estou tentando ter uma noção do valor de mercado."

"Entendo", disse ela, aparentemente satisfeita.

Yao estava olhando para o céu. **"Não tenho certeza se gosto da aparência deste tempo"**, disse ela.

Maomao olhou para cima: o céu estava carregado de nuvens pesadas. **"Você tem razão. Estranho para o outono. Não pode ser um tufão nesta época do ano."**

"Está um pouco frio sem sol", disse Yao, que tinha um lenço enrolado no pescoço. Ajudava a afastar o frio, sim, mas Maomao suspeitava que também servisse para esconder a icterícia. *Eu sabia que isso devia estar incomodando ela.* Ela renovou sua determinação de encontrar uma boa maquiagem para Yao.

"Gostaria de começar escolhendo isso", disse En'en. Ela mostrou a Maomao uma lista que havia escrito. Consistia principalmente em frutas e vegetais. **"Alguma coisa que estou perdendo?",** ela perguntou.

Em resposta, Maomao olhou para Yao. **"Você gosta de arroz branco, não é, Yao?"**

"Gosto? Quer dizer, eu acho. Não é apenas comida básica?"

"Deixe-me colocar desta forma: você prefere evitar ativamente outros tipos de arroz?"

O arroz branco era arroz polido. Tinha um sabor muito melhor do que o arroz não polido, mas o processo de polimento removeu muitos dos nutrientes que faziam o arroz valer a pena ser consumido. O velho de Maomao disse-lhe que comer arroz não polido em vez de arroz polido ajudaria a evitar a beribéri.

“Você está dizendo que eu *devo* comer arroz não polido?” Yao perguntou. A carranca em seu rosto sugeria como ela realmente se sentia a respeito.

“Não necessariamente, mas você deve considerar misturar coisas no arroz branco. Grãos, cevada ou talvez sementes de gergelim. Qualquer uma delas lhe daria uma variedade mais ampla de nutrientes.” Se o arroz fosse seu alimento básico, seria melhor se ela pudesse obter uma variedade de outros nutrientes com ele.

“Que tal adicionarmos algumas bagas de trigo sarraceno, então, senhora? Eu sei que você gosta disso”, disse En’en, mas Maomao fez um grande X com as mãos. En'en parecia preocupada. **“Sem trigo sarraceno?”**

"Receio que não. Porque eu não posso comer.” O trigo sarraceno lhe deu urticária.

As outras duas mulheres olharam para Maomao, nada impressionadas.

O que eu devo falar? As refeições de En'en são deliciosas. E ela frequentemente ganhava o suficiente para três recentemente.

“Ta-Talvez eu possa sugerir algas marinhas?” Maomao disse.

“Algas marinhas”, repetiu En’en. Ela não parecia muito entusiasmada.

"Certamente. E a carne pode ser substituída por feijão ou peixe. Não tudo, é claro, apenas algumas.”

Alimentos gordurosos deveriam ser ruins para você. Yao parecia mais desanimado a cada minuto. As pessoas da idade dela gostavam de comer muito; ela naturalmente ficaria desapontada ao saber que não deveria comer muita carne. Ela também teria que limitar a ingestão de sal e álcool. En'en também parecia preocupada.

Hum, Maomao pensou. Dizia o ditado que você é o que você come: comida estava do lado de remédio. Mas ainda tinha que ter um gosto bom. *Acho que sei o que fazer.*

Maomao tinha um lugar preferido para momentos como este**. "Venha por aqui"**, disse ela.

"Por quê? O que há aí?" Yao disse.

Maomao conduziu-as para fora da estrada principal, avançando cada vez mais pelos becos, olhando para trás de vez em quando para ter certeza de que ainda a seguiam. Logo havia tantas casas quanto lojas, e finalmente chegaram a um restaurante com uma placa manchada de fuligem. Não parecia exatamente especializado em alta gastronomia. Havia duas mesas amontoadas no próprio restaurante, com outra aparecendo do lado de fora. Em vez de cadeiras, as mesas eram forradas com barris virados de cabeça para baixo.

"Vocês duas estão com fome?" Maomao perguntou.

"É um pouco cedo para o almoço", disse Yao, mas parecia intrigada. Ela não pôde deixar de notar, porém, que o restaurante parecia deserto.

"Um pouco mais cedo é melhor. Fica lotado na hora do almoço", disse Maomao. Ela espiou dentro da loja, com vapor quente saindo. **"Tia? Você está aberta?"**

"Com certeza", veio uma voz de dentro. Uma mulher que devia ter mais de quarenta anos de idade se arrastou. **"Ah. A garota do apotecário. Normalmente não vejo você a esta hora."**

"Esperávamos conseguir uma refeição antes que ficasse lotado."

A mulher era uma das clientes de Maomao; ela ia até o distrito do prazer para comprar remédios. Ela frequentava regularmente desde que o pai de Maomao a curou de uma doença que ela sofria há muitos anos.

"Três porções, por favor. Tudo o que você tiver em mãos. Idealmente, algo que não seja frito."

"Já está chegando. Também não costumo ver você sem seu pai..." Ela olhou para Yao e En'en e sorriu.

"Menos conversa, mais comida. Por favor." Maomao sentou-se num dos barris.

"Maomao, por que você de repente decidiu nos levar para comer?" En'en perguntou. Ela e Yao pareciam perplexas.

"Confie em mim. Sentem-se", ela as incentivou.

Elas sentaram. A mulher logo trouxe a comida, uma panela cheia de mingau e vários acompanhamentos. Maomao distribuiu os acompanhamentos entre as três, passando uma tigela para Yao e En'en.

"Tudo bem, se você não se importa..." Yao, sempre uma jovem adequada, fez um gesto de agradecimento e pegou sua colher. Ela não parecia totalmente certa sobre isso; o restaurante não era o lugar mais limpo do local.

"Isso é mingau de batata?" En'en perguntou, bebendo uma colher de mingau. Sementes de gergelim flutuavam no mingau, que incluía batata cozida. Ao primeiro gole, seus olhos se abriram. **"Isso é mingau de batata?"** A doçura disso deve tê-la assustado.

"Sim, é batata-doce", disse Maomao. Os mesmos tubérculos que o pai biológico de Lahan estava cultivando. Eles vinham do sul e normalmente eram um deleite raro, mas o restaurante desta mulher conseguiu obter um suprimento através da Casa Verdete.

"Isso é absolutamente incrível", disse Yao, pegando outra colherada. Maomao sorriu: ela já sabia disso.

"Você vê? E a batata doce com gergelim cabe perfeitamente na sua dieta. Você provavelmente poderia colocar um pouco de cevada ou aveia lá também." O mínimo de sal no prato era perfeito para dar sabor, embora, se precisasse de algo extra, algas pitadas poderiam ser uma boa adição.

"Experimente um pouco disso também", disse Maomao, passando-lhe um pouco de tofu cozido e pegajoso.

"É realmente maravilhoso", disse En'en, quase arrependida. Como uma cozinheira confiante, talvez tenha tocado nos nervos comer algo tão delicioso. **"O sabor é tão robusto, mas nunca se torna insuportável."**

"É isso que o gengibre e o alho farão por você", disse a mulher de meia-idade. **"E em vez de tempero, usamos X*iandan*."** Ou seja, um ovo curado com sal adicionado quando os temperos normalmente seriam. **"Obtemos a viscosidade com raiz de kudzu. Aquece o corpo – bom para o tipo que pega resfriado facilmente."** (A raiz de Kudzu também era usada como medicamento.)

"Como você fez isso?" En'en perguntou, com os olhos brilhando enquanto apontava para um peixe grelhado.

“Ervas perfumadas e apenas um pouco de manteiga para dar gosto. Eu sei que você não disse nada muito gorduroso, mas certamente um pouco não vai doer.” Ela esfregou os lados enquanto falava.

“A nossa anfitriã não pode comer alimentos ricos por causa de uma doença antiga”, explicou Maomao às outras meninas. **“Mas ela prova que ainda é possível fazer refeições maravilhosas sem muita gordura ou sal.”**

“Meu Deus, Maomao, você vai me fazer corar.” A mulher estava sorrindo novamente. **“Aqui, leite de vaca. Você pode beber um pouco disso se o cheiro dos condimentos te incomodar.”**

“Le-leite de vaca?” Yao disse. Era uma coisa regional; nem todo mundo estava acostumado com isso.

“Aqueci e acrescentei um pouco de mel. Deve cair fácil. Eu gostaria de dar o meu melhor para as amigas de Maomao.” Ela teve o cuidado de enfatizar a palavra.

“Ah. Sim, tudo bem. Você não tem outros acompanhamentos?” Maomao praticamente empurrou a mulher de volta para o restaurante, seu tom comunicando claramente que ela gostaria que a senhora fosse embora. Evidentemente, as pessoas consideravam Maomao alguém que não tinha amigas. Quando Maomao contou às suas “irmãs mais velhas” na Casa Verdete sobre as meninas da sua idade com quem ela costumava sair no palácio interno, todas pareceram chocadas. Pairin chegou ao ponto de enxugar os cantos dos olhos com um lenço.

Eu não posso acreditar nelas. Realmente. Claro que ela tinha amigas. Ênfase em tinha, talvez. Ela conseguia pensar em pelo menos duas, mas uma delas ela não conseguia mais ver, e a outra... bem, Maomao esperava que ela estivesse bem. *Onde Xiaolan acabou trabalhando*?, ela se perguntou, lembrando-se da falante mulher do palácio. Maomao sabia que ela havia encontrado trabalho em uma mansão em algum lugar da capital, mas isso era tudo que ela sabia. Ela recebeu algumas cartas, escritas com a caligrafia instável de Xiaolan, mas nenhuma delas incluía os detalhes cruciais sobre onde ela realmente morava. Maomao não poderia responder, mesmo que ela quisesse.

Ela pegou um pedaço de um dos acompanhamentos, ainda olhando para o nada. Yao estava comendo o mingau com gosto, aparentemente bastante impressionada com o sabor. En'en estava ocupada tentando deduzir exatamente como havia sido temperado.

“Você gostaria de ir ao local de maquiagem depois da nossa refeição?” Maomao perguntou. En'en sugeriu comprar os ingredientes primeiro, mas depois elas acabariam carregando os mantimentos para todo lado. É verdade que as melhores coisas poderiam esgotar-se se não se apressassem, mas por outro lado, o que sobrasse seria reduzido. Maomao considerou isso um comércio justo.

“Estou surpresa que você saiba tanto sobre maquiagem, Maomao”, disse Yao.

“Minha linha de trabalho me expôs a muitas coisas diferentes”, respondeu ela. Na loja, ela às vezes tinha que preparar misturas de corante e pó branco para clientes que estavam preocupados com uma cicatriz – experiência que foi muito útil para disfarçar Jinshi.

“O local de maquiagem é perto daqui?” En'en perguntou. Agora ela estava anotando uma receita com um conjunto de escrita portátil.

“Teremos que caminhar um pouco, mas não é longe. E talvez pudéssemos fazer um desvio rápido no caminho de volta?” Maomao ergueu seu pacote de livros sobre Go.

“Ainda está decidida a vendê-los?” En'en parecia que ainda não conseguia acreditar.

“Bem, certamente não pretendo carregá-los para sempre”, disse Maomao. Sua decisão estava tomada.

Após a refeição, as meninas voltaram para a rua principal. As cortesãs mais famosas da capital usavam pó branco tão bom quanto qualquer coisa que pudesse ser encontrada na penteadeira de uma garota nobre, e a loja que Maomao tinha em mente ocupava uma localização privilegiada no bairro comercial.

“Espetos! Espetos deliciosos! Quem quer um?" Um homem com um punhado de espetos de frango tentava atrair clientes. A carne foi cozida em fogo de carvão, pingando suco. O homem realmente não precisava se preocupar em vender seus produtos – o cheiro era mais que suficiente para manter os clientes na fila. Se ela não tivesse acabado de almoçar, Maomao estaria com eles.

“Sou só eu ou o mercado parece um pouco diferente da última vez?” Yao disse. Ela olhou em volta, perplexa. Sua jovem amante protegida estava realmente pegando o jeito de fazer compras!

“À medida que as estações mudam, também mudam as lojas. E você pode estar notando todas as coisas importadas”, disse Maomao. Havia tecidos coloridos, acessórios exóticos e...

“Belo vinho de uva, vindo do oeste! Você não encontrará em nenhum outro lugar! Experimente, por favor!” Um comerciante estava distribuindo um líquido vermelho de um barril. Maomao começou a se aproximar dele, mas En’en a pegou pelo colarinho.

“Nem mesmo uma bebida?”, ela disse, olhando para En'en.

“Não quando a jovem senhora não pode ter nenhuma. Você sobreviverá.”

“Eu realmente não me importo”, disse Yao. Ela não podia beber álcool agora, mas como ela não bebia, isso não era realmente um problema.

“Ficar bêbada não é a maneira de fazer compras”, respondeu En’en.

Os ombros de Maomao caíram e elas voltaram para a rua principal. Outros clientes, aqueles que não tinham ninguém para pegá-los antes de poderem experimentar uma bebida, compravam garrafas assim que provavam a bebida. Maomao normalmente preferia álcool bom e seco, mas algo frutado não era tão ruim de vez em quando.

É realmente importado? Talvez não fosse de outro país, apenas daquela direção geral. Por outro lado, o álcool que Maomao experimentou na capital ocidental era bom. Ela teria ficado feliz em provar outra vez, mas temia que o sabor pudesse ter mudado durante a longa viagem para o leste. *Gostaria de saber se haverá tempo para comprar alguns no caminho para casa.*

Elas passaram pela loja de vinhos, mas Maomao continuou olhando com pesar por cima do ombro.

A loja de maquiagem patrocinada pela Casa Verdete era menor do que muitas de suas concorrentes, mas era mais do que adorável o suficiente para deixar o coração de uma jovem agitado. Pinturas de mulheres bonitas foram afixadas na frente, e fileiras de produtos de maquiagem eram visíveis lá dentro. Todas as mulheres que passavam davam uma olhada no local, claramente tendo uma discussão interna sobre entrar ou não. A proprietária nunca gritou, convocou ou bajulou. Estabelecimentos de elite como o dela não se rebaixavam à falcoaria. Aqueles que queriam o que ela tinha à venda iriam até ela sem qualquer aviso.

“Tudo bem, só para eu saber, qual é o seu orçamento?” Maomao perguntou.

“Pagaremos qualquer preço, desde que consigamos o melhor material!” En’en respondeu, cerrando o punho para dar ênfase.

Não pense assim. Eu sei que você não pode pagar isso com seu salário... Maomao presumiu que En’en estava ganhando a mesma quantia que ela, o que definitivamente colocaria a melhor maquiagem fora de alcance. Talvez ela estivesse recebendo uma bolsa daquele tio de Yao que ela tanto odiava?

“Bem-vindas, senhoras”, disse a proprietária, uma mulher de meia-idade que parecia tão refinada quanto parecia – o que era realmente bastante refinado. A maquiagem dela estava perfeita, como convém a quem vendia o produto. Sua pele estava pálida e sua boca perfeitamente iluminada com rouge. Um simples prendedor de cabelo segurava seu cabelo, mas uma inspeção mais detalhada revelou que ele estava envernizado. Suas unhas também estavam perfeitamente pintadas, complementando seu tom de pele. *Entendo por que a velha bruxa faria compras aqui*, pensou Maomao. As damas do distrito do prazer sempre tinham que estar na vanguarda do estilo – assim como, é claro, a senhora que as administrava.

A proprietária continuou a sorrir, mas não se aproximou delas. Ela estaria lá se elas tivessem alguma dúvida.

“Que tal começarmos com pó?”, disse Yao, diante de uma prateleira que exibia uma variedade de pós brancos, uma grande variedade deles, organizados por ingrediente. Elas passaram do branco puro para variedades que incluíam algum tipo de corante ou pigmento para combinar com uma variedade de tons de pele. Tudo estava bem arrumado – mas uma prateleira não tinha nada.

“Com licença, estão esgotados?” En'en perguntou.

“Ah, aqueles...” A proprietária se aproximou, um aroma de perfume flutuando atrás dela. Ela era uma mulher franzina e sua pele pálida a fazia parecer que poderia desaparecer a qualquer momento. **“Os itens que estavam naquela prateleira foram proibidos quando se descobriu que continham um ingrediente tóxico. É uma vergonha; eles sempre venderam muito bem. Eles aderiam muito bem à pele.”**

Ohh rapaz, eu me lembro disso, Maomao pensou. Portanto, a proibição do pó branqueador venenoso não parou nas paredes do palácio interno; evidentemente havia entrado em vigor em toda a capital. Isso era louvável à sua maneira, mas deve ter sido um golpe para empresários como aquela mulher.

“Isso é muita coisa para se livrar”, observou En’en.

"Sim. Oferecemos uma gama de produtos ampla o suficiente para absorver a perda, mas alguns estabelecimentos ainda oferecem o pó tóxico, ou pelo menos é o que se ouve.”

Não é difícil de entender. O material revestia bem a pele, fazendo com que a usuária parecesse pálida e bonita. Um dos principais ingredientes era o mercúrio: não estragava como os cosméticos à base de plantas e podia ser produzido em massa, facilitando a compra. Muitas cortesãs continuaram a usá-lo, apesar dos avisos de Luomen. Sempre haveria tolas que não ouviriam, assim como as damas do Palácio de Cristal da consorte Lihua.

Bem, talvez “tola” esteja sendo mesquinho. Algumas pessoas podem ter algo que valorizam mais do que a saúde ou mesmo a vida. Quanto àqueles que vendiam a substância venenosa, bem, eram tão diferentes? Sem dinheiro eles não poderiam comer e, se não pudessem comer, morreriam. E algumas pessoas não hesitariam em encurtar a vida dos outros para prolongar a sua. Talvez os comerciantes que negociavam com o pó tóxico não tivessem outra maneira de ganhar a vida. Para não dizer que Maomao pensou que tinha sido uma escolha errada proibir a substância, cuja própria produção poderia ter efeitos deletérios no corpo.

E então há essas coisas, ela pensou, pegando outro pó. **“Isso é calomelas?”,** ela perguntou. Este era outro pó branco com o qual seu pai não parecia nada satisfeito. Também continha mercúrio, que às vezes também era usado como tratamento para a sífilis.

“De fato é. Felizmente, ajudou a compensar grande parte da queda nas vendas”, disse a proprietária.

As calomelas provavelmente também deveriam ter sido regulamentadas, mas se começarmos a dizer “isto é veneno, e esse é veneno, e aquilo é veneno” e ordenarmos que tudo seja retirado do mercado de uma só vez, isso poderá realmente inspirar uma circulação ainda mais ampla dos produtos problemáticos. Eles teriam que escolher o momento para implementar novas regras.

“Maomao, qual você acha que seria melhor?” En'en perguntou. Ela e Yao escolheram uma seleção de possibilidades – excluindo sabiamente qualquer coisa que usasse calomelas.

“Farinha de arroz e talco?”, ela disse. Ambos pareciam ter outros ingredientes também, mas não foram descritos em detalhes. **“Posso experimentar um pouco?”**

“Vá em frente”, disse a proprietária, usando um cotonete para passar um pouco na palma da mão de Maomao. Maomao verificou a viscosidade e o cheiro. Ambos bem. Muito bom, na verdade. Ela pensou que esse pó poderia estar quase no mesmo nível do que a imperatriz Gyokuyou usava.

"O que você acha?" En'en perguntou.

Maomao olhou para a proprietária. **“Opiniões honestas, boas ou más, ajudam-nos a melhorar os nossos produtos e serviços”,** disse a mulher. Então ela não vendia apenas produtos decentes – ela era uma pessoa decente. Não admira que ela pudesse lidar com a senhora em uma negociação comercial.

“Acho que ambos parecem pós excelentes”, disse Maomao. **“As partículas são finas e aderem bem à pele. Tenho uma pergunta sobre a farinha de arroz em pó.”**

“Qual é, posso perguntar?”

“A farinha de arroz pode apodrecer. E dado o tamanho do recipiente, tenho que pensar que durante a estação das chuvas ele começaria a mofar antes de chegar à metade. Presumo que haja algum ingrediente adicional adicionado como conservante, e fico um pouco desconfortável por não saber o que é.” Sabendo que Yao usaria a pólvora, a segurança estava em primeiro lugar na mente de Maomao. **“O talco não estraga e não é tóxico. Acho que este seria o mais simples de usar.”**

O talco tinha propriedades diuréticas e anti inflamatórias e era frequentemente usado medicinalmente com fungos de colchetes. Em todas as vezes que Maomao o usou, ela nunca soube que causava quaisquer efeitos colaterais indesejáveis. *Isso não significa que não tenha nenhum, mas não saberei até encontrá-los*, ela pensou. Vigilância seria sua palavra de ordem até ter certeza.

“Você vai levar o talco, então?”, disse a proprietária.

"Não, senhora. Acho que ambos têm uma mistura. Estou preocupada: se for algo ruim para você, isso anularia a questão.”

A proprietária franziu a testa sutilmente diante do que poderia ter soado para ela como crítica. Enquanto isso, En’en estava pensando no assunto; Yao, evidentemente tendo decidido deixar as coisas nas mãos de En’en, estava de olho em alguns lápis de sobrancelha feitos de conchas espirais.

“Nesse caso, talvez um pouco disso”, disse a proprietária, indo até os fundos da loja e saindo com um recipiente de cerâmica. Tinha cerca de metade do tamanho daquele em exibição. **“Nosso pó de arroz é feito exclusivamente com matérias-primas vegetais. Ora, você poderia comê-lo se quisesse. Um tamanho como esse estaria mais de acordo com a quantidade que você usaria? Ou se preferir trazer seu próprio contêiner, ficarei feliz em enchê-lo para você. Com, claro, desconto para quem trouxer seu próprio recipiente.”**

Essa senhora sabe fazer uma venda, Maomao pensou. Ela estava tentando cultivar clientes recorrentes, atendendo diretamente às suas necessidades.

“Você recomendaria especificamente este pó?” Maomao perguntou.

"Certamente. Eu mesmo uso. Ele adere lindamente. Muito fácil de usar.” Uma olhada na pele da mulher mostrou que era, de fato, um material excelente. Mesmo assim, algo incomodava Maomao.

Yao voltou e disse: **“Por que não usar farinha de arroz em pó, En’en?”**

“Não é uma má ideia”, disse En’en. **“Eu poderia tentar fazer um pouco sozinha, mas acho que nunca conseguiria fazê-la tão bem.”** Aparentemente, ela considerou fazer seu próprio pó para garantir que fosse seguro, mas não havia substituto para um especialista. E Maomao presumiu que a proprietária não seria generosa o suficiente para revelar os segredos de como ela fazia seus produtos.

“Nesse caso, levaremos...” Maomao foi interrompido por uma jovem que surgiu dos fundos da loja.

"Mãe!", ela disse.

“Estou com um cliente”, respondeu a proprietária. Uma carranca cruzou seu rosto. Mesmo assim, a filha, com uma reverência rápida e educada a Maomao e as outras, começou a sussurrar-lhe ao ouvido. O que quer que estivesse acontecendo, parecia ser urgente. Enquanto a filha falava, a expressão da mulher mudou. Finalmente ela disse a Maomao: **“Sinto muito. Eu volto já. Se você me der licença.”** Aí ela deixou a filha cuidando das coisas e foi para o fundo.

Algum tipo de problema? Maomao se perguntou. Ela estava curiosa, mas não cabia a ela meter o nariz no que estava acontecendo. A filha da mulher finalizou a compra e pagou a conta. En'en pegou o troco, que tinha manchas brancas.

“Oh, me perdoe”, disse a jovem, pegando de volta as moedas esbranquiçadas. Maomao viu que as pontas dos dedos dela estavam brancas, e o troco que ela tirou para dar também ficou rapidamente manchado. Até o pacote delas tinha uma mancha branca. **"Oh não! Sinto muito!”**

“Está tudo bem”, Yao disse a ela.

“Você estava verificando a mercadoria?” Maomao perguntou olhando para os dedos da jovem. Três dos dedos da mão direita estavam esbranquiçados, como se ela tivesse pegado pó nos dedos para verificar a sensação.

“Estou impressionada que você tenha notado”, disse ela.

“Deixe-me adivinhar: você descobriu algo incomum sobre o pó e achou que valia a pena mencioná-lo imediatamente.” A jovem não respondeu, mas seu rosto deixou claro que Maomao havia acertado.

“Havia algo no pó que não deveria estar?” En'en pressionou. Elas escolheram o melhor material que puderam encontrar, mas se havia impurezas nele, então qual era o sentido? **"O que é?",** ela disse, inclinando-se para mais perto da jovem.

"En'en", disse Yao, segurando-a.

A jovem estava à beira das lágrimas. **“Eu... eu sinto muito. Conseguimos um novo revendedor recentemente. Ele insiste que nos trouxe exatamente o que pedimos, mas simplesmente não parece certo ao toque. Quando perguntei se ele tinha certeza de que não havia adicionado nenhum outro ingrediente, ele me repreendeu para parar de tentar me livrar do acordo. Fiquei com medo, então vim avisar minha mãe...”**

Um comerciante desagradável? Ou um mal-entendido honesto? Maomao se perguntou. O comerciante certamente parecia duvidoso, mas ela só ouviu o lado da história da jovem. A proprietária ainda não havia retornado. O que quer que eles estivessem falando lá atrás, estava demorando muito.

“Minha mãe não quer vender um produto se não souber o que contém. O pó que foi trazido hoje usa a mesma fórmula que sempre usamos, então deveríamos ser capazes de dizer se algo está errado pelo toque. Mas o homem que o trouxe hoje diz que não temos nenhuma prova das nossas acusações e recusa-se a sair.”

Hum. Maomao cruzou os braços. En'en estava obviamente profundamente preocupada com a possibilidade de haver alguma coisa misturada no pó branco, e Yao - abençoado seja seu coração sincero - parecia pronta para dar a alguém o que pensava. Maomao suspeitava que a sensação exata da farinha de arroz poderia mudar dependendo de como e quando fosse usada, mas parecia que havia algumas perguntas sem resposta ali. *Bem, não posso ir para casa agora.*

“Se você me perdoa”, disse ela, abrindo a porta da sala dos fundos. Ela encontrou a proprietária e o comerciante em uma disputa de olhares. Entre eles havia uma jarra grande.

"Eu te disse! Segui a fórmula exatamente como você me deu! Diga-me o que você acha que eu errei!” O comerciante, um homem que ainda não tinha atingido a meia-idade, gritava tão alto que lhe saía saliva da boca, que estava aberta o suficiente para Maomao ver que lhe faltavam vários dentes da frente.

A proprietária não recuou. **“Ah, eu sei o que você errou. Há alguma coisa *nesse*. Você adicionou algo. Não parece que deveria.”**

“Você não vai calar a boca sobre a sensação, mas isso não tem nada a ver com nada! A sensação da farinha de arroz muda com a umidade, e você sabe disso!”

Eles estavam conversando um com outro. Nada seria resolvido nesse ritmo. **"Com licença. Parece que esta discussão não vai a lugar nenhum”,** disse Maomao.

"Oh! Receio que você realmente não deveria estar aqui, senhorita", disse a proprietária ao notar Maomao, lançando-lhe um olhar de reprovação. Seu tom permaneceu respeitoso, mas seus olhos eram sombrios.

"Sinto muito, minha querida, mas como você pode ver, estamos no meio de uma negociação comercial. Talvez você fizesse a gentileza de esperar lá fora até terminarmos", acrescentou o comerciante, igualmente educado, mas implacável.

Maomao ignorou os dois, olhando dentro da jarra. Estava cheio até a borda com pó branco. Havia uma colher dentro, então ela pegou um pouco da mercadoria.

"O que você pensa que está fazendo?!", o comerciante gritou.

Maomao colocou o dedo no pó. **"É farinha de arroz, tudo bem. Seria a mesma coisa que minhas companheiros e eu estávamos prestes a comprar?"**

"Não, não exatamente", disse a proprietária. **"O preço da farinha de arroz disparou recentemente, sabe... Pedimos a outro comerciante para produzir algo com a mesma fórmula..."** Ela parecia não querer terminar nenhuma de suas frases.

Um aumento no preço da farinha de arroz? Era a época em que o arroz novo geralmente estava disponível– a colheita foi pior que o normal?

Ela percebeu pela sensação que se tratava, na verdade, de pó de arroz. Era liso e quase da mesma cor das coisas que elas estavam prestes a comprar. Ela também concordou, porém, que a sensação sob seus dedos era um pouco diferente do que o pó que ela manuseava antes.

"Você pode dizer, não é, senhorita? Diga a ela que meu produto não está adulterado! Essa mula teimosa está apenas tentando me fazer baixar meu preço!"

"Uma mula! Tenho orgulho de poder oferecer aos meus clientes apenas os produtos mais seguros! Cada detalhe é importante quando vai para a pele de alguém."

Maomao pôde ver as perspectivas de ambos. O comerciante estava certo ao dizer que a consistência e a textura da farinha de arroz poderiam mudar com o tempo – o que não estava muito bom hoje. Poderia simplesmente estar mais úmido do que o normal.

“Receio não poder acreditar nisso se não tivermos certeza de qual de vocês está dizendo a verdade”, interveio En’en. Ela adotou uma linha dura quando se tratava dos produtos que Yao iria usar.

“Vamos fazer um pequeno teste, então?” Maomao disse.

"Teste?", os outros perguntaram em uníssono.

“Você nos disse que esta farinha de arroz é feita inteiramente de componentes vegetais, todos seguros para consumo humano. Nesse caso...” Ela ia tentar comê-lo.

“Você vai comer? A pólvora?", o comerciante perguntou.

“Você vai ficar com dor de estômago se simplesmente comer seco. Talvez se o dissolvêssemos em água e fizéssemos um pão *baobing* achatado com isso?”, a proprietária sugeriu.

"E-Espere! Você acha que será capaz de dizer?” Yao disse.

“Estou muito confiante na minha língua”, respondeu Maomao. Ela não tinha feito toda aquela degustação de comida por nada. Ela se voltou para a proprietária e para o comerciante. **“Só para ter certeza, não há trigo sarraceno nisso, não é?”**

“Milho, sim, mas nenhum tipo de trigo”, disse o comerciante.

Não há problema, então. O milho explicaria a leve tonalidade amarela do pó. **“Vou precisar de uma tigela e um pouco de água, e também de uma panela e uma chama.”**

“Ah... Nossa casa fica logo atrás da loja. Pode usar o fogão aí”, disse a filha da proprietária. Ela provavelmente estava preocupada com a possibilidade de uma explosão se acendessem uma fogueira em um espaço cheio de pó branco.

"Muito bem. Finalmente, você tem vegetais com folhas e frango?”

"Foco. Por favor”, disse En’en, dando um tapinha na nuca de Maomao. Ela só queria deixar o pó o mais saboroso possível. Maomao pegou o pote e dirigiu-se para a casa principal.

O pão achatado acabado estava saboroso (embora não tão saboroso quanto seria com algumas verduras e carne). **“Em um mundo perfeito, acho que um pouco mais de milho teria sido bom. E um pouco de cebolinha branca e carne de cordeiro para finalizar.”**

“Maomao, deveríamos estar falando sobre o pó.” En’en havia cortado o pão e estava realizando uma inspeção visual. Ela parecia estar pensando que pão achatado poderia ser um bom jantar. **“Maomao diz que está tudo bem, jovem senhora, então não acho que o pó branco deva ser um problema como tal.”**

“Uh... acho que todo mundo está ficando muito impaciente”, disse Yao, preocupada.

"Você vê? É exatamente como eu te disse. Você continua insistindo que devo ter acrescentado alguma coisa, mas segui exatamente sua fórmula. Não há nada *errado* com meu produto!” O comerciante bateu na mesa um pergaminho de madeira contendo a lista de ingredientes.

A proprietária e sua filha pareciam querer refutar, mas não havia nada que pudessem dizer. Elas ainda não estavam preparadas para aceitar que estavam erradas.

"Você gostaria de alguns? Não tem um gosto desagradável”, disse Maomao.

“Mas...”, a proprietária começou.

“Mas era diferente para você, não era?” Maomao pegou a mão da mulher. Seus dedos estavam cobertos de pó branco; estava até no vermelho das unhas dela. **“Talvez você pudesse pensar de outra maneira, então.”**

"O que você quer dizer?"

Maomao passou a ponta de um dedo em uma das unhas da mulher, deixando uma mancha branca. Ela estava se perguntando sobre as unhas da mulher. **“E se fosse o seu fornecedor anterior quem adulterasse o produto dele todo esse tempo?”**

A mulher ficou quase tão pálida quanto seu produto.

Quando uma pessoa entrou em contato com um veneno, como arsênico ou chumbo, ele geralmente aparecia nas unhas. **“Você mesma disse que algumas *outras* lojas continuam a vender o pó clareador proibido. Poderia facilmente haver comerciantes que continuassem a fornecê-lo sem dizer nada. Suponhamos, por exemplo, que eles tivessem um pó branco de qualidade questionável e acrescentassem algo como estabilizador.”**

Os sintomas do veneno seriam minimizados pela quantidade de outras substâncias na mistura. Mas alguém que usasse o pó todos os dias, como fazia a proprietária, daria os sinais.

“Você teve alguma perda de apetite? Má digestão? Tremor dos dedos?” Maomao perguntou. Ela se perguntou como ficaria o tom de pele da mulher por baixo daquela maquiagem. A expressão da mulher foi suficiente para responder às suas perguntas.

“Então você está dizendo isso...” En’en olhou para o pote de pó que elas compraram. Maomao pegou e abriu a tampa.

“Vamos tentar outro pão achatado? Com *aquele* pó?"

Ela estava mais interessada em ver os resultados.

Estava escuro lá fora quando saíram da loja. As nuvens pesadas se abriram e o chão ficou encharcado. **"Droga! Vamos ficar todas molhadas”,** disse Yao.

“Achei que isso poderia acontecer”, disse En’en, tirando alguns guarda-chuvas que Maomao nem sabia que ela tinha.

“Você trouxe guarda-chuvas?”, ela perguntou.

En’en bateu na placa da loja de onde tinham acabado de sair. **“Parecia que ia chover, então pedi à filha do lojista que fosse comprar para nós. Não é pedir muito pelo nosso problema, eu diria, certo?”**

"Quando você... quero dizer... pedir muito?"

É verdade que a loja lhes vendeu um produto prejudicial, intencionalmente ou não. Quando dissolveram o pó em água e assaram com ele, os resultados foram inegavelmente diferentes dos da primeira vez.

“Acho que você já perguntou bastante”, disse Yao. En’en estava carregando um pouco do pó novo e seguro, e a proprietária havia colocado um perfume que supostamente seria bom para a pele. O óleo aromático era seguro para consumo, mas não aderia muito bem à pele, por isso podia ser combinado com o pó para formar uma maquiagem líquida.

“De jeito nenhum”, respondeu En’en. **“Eu não saberia o que fazer comigo mesmo se minha amante ficasse doente.”**

“Acho que você deveria conversar com Maomao. Diga a ela para não colocar coisas horríveis na boca.” Yao olhava para Maomao como se ainda não conseguisse acreditar no que havia acontecido. Maomao fez todos os esforços para comer o pão achatado com o pó venenoso, mas Yao prendeu seus braços para impedi-la.

“Eu teria cuspido imediatamente. Teria ficado bem. Eu só queria ver qual era o gosto.”

“Não entendo o que você vê nessas coisas”, suspirou Yao.

“Vamos terminar nossas compras antes que a chuva realmente comece a cair, senhora. Já consumimos muito tempo.” En'en abriu um guarda-chuva e conduziu Yao para baixo dele com ela. Então ela estendeu outro para Maomao. Foi En’en, claro, quem pediu apenas dois guarda-chuvas. Afinal, duas pessoas poderiam caber sob o mesmo guarda-chuva... se apertassem.

En’en disse: **“Se alguém ainda estiver vendendo ingredientes a esta hora, tenho certeza de que estará perto da torre do sino. Acho que o mercado ainda deve estar aberto lá.”**

A torre do sino ficava no centro da capital e tocava as horas. Era uma área bem frequentada, então as lojas ficavam abertas até tarde.

“Devemos ouvir o sino da noite a qualquer momento ago...” disse Maomao, mas foi interrompida por um clarão de luz abrasador acompanhado pelo toque do sino.

"Caramba! O que foi isso?” Yao disse, olhando em volta surpresa. No mesmo momento, um barulho ensurdecedor seguiu-se ao toque do sino. Yao quase pulou da pele e se agarrou a En'en. Sua boca abria e fechava, mas nenhum som saía. En’en deu um abraço protetor (e nada infeliz) em Yao.

“Trovão”, disse Maomao. **“Esse é um grande problema.”**

"Você está bem, senhora?" En'en disse.

“S-Sim! Estou bem!" Yao disse, embora seu rosto estivesse terrivelmente pálido.

“Um trovão tão alto significa que logo começará a chover. Devemos nos apressar e terminar nossas compras?” En'en disse.

“S-Sim, vamos”, disse Yao. Ela estava tentando parecer não intimidada, mas continuava lançando pequenos olhares para o céu. En’en olhou para ela com ternura e manteve-se por perto. Sem dúvida ela estava preocupada com Yao, mas também agradada com sua demonstração de medo. Ela era distorcida. Mas Maomao já sabia disso.

Parece que não vou vender isso hoje, Maomao pensou, olhando para os livros de Go embrulhados em tecido. Então ela trotou atrás das outras.

Capítulo 3: Tendências

O escritório de Jinshi parecia o mesmo de sempre: montanhas de papelada, burocratas esperando sua vez de falar com ele e uma ocasional senhora da corte aparecendo do nada tentando dar uma olhada nele. Estava movimentado, sem dúvida, mas estava substancialmente mais calmo do que há pouco tempo.

Sua carga de trabalho habitual, que já o mantinha ocupado, dobrou desde que a sacerdotisa de Shaoh veio para Li. Ele organizou um banquete em sua homenagem, durante o qual ela foi envenenada, e Jinshi passou muitas noites sem dormir investigando o caso. No final das contas, tudo acabou sendo obra da própria sacerdotisa, um ato completo, mas isso não era um problema pequeno em si. Foi o suficiente para deixá-lo com a cabeça entre as mãos.

A donzela do santuário sobreviveu a todo o caso e agora morava com a ex-consorte Ah-Duo. Jinshi se sentiu um pouco mal pela forma como sua casa estava se transformando em uma espécie de casa segura. A donzela do santuário, porém, deixou-o com seus próprios problemas: ele, junto com um pequeno número de outros, teve que lidar com as consequências de sua “morte”. Vários funcionários estavam convencidos de que Shaoh usaria a donzela do santuário como pretexto para atacar Li, mas tal ofensiva não se materializou. Shaoh era principalmente uma potência comercial; eles não poderiam iniciar uma guerra sem o apoio substancial de outra pessoa. Na verdade, os líderes de Shaoh provavelmente estavam respirando aliviados por se livrarem da donzela do santuário, que tinha sido uma espécie de espinho em seu sapato.

Shaoh *teve* fez algumas exigências sobre o incidente, mas não foram nada que Li não tivesse previsto. Queriam a redução dos direitos de importação, especialmente sobre produtos alimentares. Ninguém esperava que eles saíssem imediatamente e dissessem que não tinham comida suficiente. A donzela do santuário conhecia muito bem o rei e os burocratas de Shaoh – suas personalidades e senso de julgamento político. Nada do que fizeram ou pediram foi inesperado. Na verdade, Jinshi quase ficou atrás pela medida em que tudo seguiu o roteiro. O que não quer dizer que as questões internacionais fossem simples.

Então, até alguns dias antes, ele estava tão ocupado que a quantidade de trabalho agora parecia um alívio.

“Isso é para você, Mestre Jinshi”, disse Basen, colocando outro papel no topo da pilha imponente. E pensar que isso foi depois de Jinshi ter delegado mais da metade do trabalho.

“Suponho que não poderíamos delegar metade do que resta”, disse ele.

“Eu não suponho, senhor...”

O jornal trazia as qualidades pessoais de vários altos funcionários, e o funcionário público a quem Jinshi impingira o trabalho não podia ignorar algo com tantos selos importantes. Tais petições inevitavelmente acabavam na mesa de Jinshi, mesmo que tratassem de assuntos triviais. Ele suspirou e pressionou o carimbo no papel.

Em meio à agitação, um dos burocratas que cuidava de parte do trabalho de Jinshi levantou-se, olhando inquieto em sua direção. Era o mesmo homem que estava com Jinshi quando alguém tentou envenenar seu chá. Ele entrou ao serviço de Jinshi para ajudar até que Basen estivesse totalmente recuperado, mas provou ser capaz o suficiente para que Jinshi lhe pedisse para permanecer. O homem parecia ansioso para voltar ao seu local de trabalho normal, mas Jinshi, eternamente com falta de pessoal, relutava em deixá-lo ir.

"**Qual é o problema?",** perguntou Basen.

O homem se encolheu. **“N-Nada...”**

Ele parecia muito ansioso por alguém que pensava que não havia nada de errado. Agora que Jinshi pensou sobre isso, ele percebeu que o homem estava agindo de forma um pouco estranha há alguns dias. Curioso agora, Jinshi estreitou os olhos.

“Não é realmente nada? Eu quero a verdade." Este interrogatório não veio de Jinshi, mas de Basen, que encurralou o homem. Coisas estranhas, coisas perigosas, vinham acontecendo em torno de Jinshi ultimamente, e Basen – que era responsável pela segurança de Jinshi – estava nervoso. Se ele esperasse para agir até que algo acontecesse, seria tarde demais.

“E-Heek!” O rosto do burocrata estava tenso de medo. Ele enfiou a mão nas dobras de seu manto com a mão trêmula, e então Basen estava sobre ele, prendendo-o. Ele poderia ser impiedoso quando pensava que alguém estava escondendo alguma coisa.

“Quem mandou você fazer isso?”, ele exigiu, agarrando o pulso do homem. Em sua mão havia um pedaço de papel.

“Deixe-o ir, Basen”, disse Jinshi, dispensando o homem do jornal. Ele olhou para ele e soltou um suspiro. **“Era isso que estava deixando você tão nervoso?”**

"Huh?" Basen parecia confuso – na verdade, completamente confuso.

“Ai, ai, ai! Por favor, deixe-me ir”, disse o burocrata.

Basen obedeceu, em vez disso olhou para o que Jinshi tinha em mãos. **"O que é isso?"**

“Não sei quando ele teve tempo de fazer tal coisa, mas é bastante completo, não é?” Jinshi disse. O jornal anunciou que alguém iria lançar um livro. A data indicada era a do mesmo dia em que, segundo proclamava o jornal, o livro estaria à venda nas livrarias de toda a capital.

“Eu... eu realmente queria um. Depois que um livro esgota, você nunca sabe se conseguirá um exemplar”, disse o burocrata, esfregando o braço. Ele parecia à beira das lágrimas. A julgar pela expressão em seu rosto, Basen pelo menos teve a boa vontade de se sentir culpado.

Os livros eram itens de luxo – exceto pelos títulos mais populares, as segundas tiragens eram incomuns. Se um livro se esgotasse antes de você conseguir um exemplar, tudo o que você poderia fazer era esperar que ele aparecesse no mercado de usados.

“Se eles se deram ao trabalho de distribuir um anúncio, você não acha que provavelmente planejam ter muito estoque pronto?” Jinshi disse. A impressão por si só implicava que eles planejavam fazer muitas cópias. Você tinha que fazer isso para recuperar os custos.

“E-eu não poderia dizer, senhor. Espero que seja muito popular...”

“O autor é querido?” Jinshi perguntou, examinando o papel com o máximo de cuidado que pôde. Imprimir e distribuir anúncios como esse para todo mundo – essa era uma ideia nova. Ele não pôde deixar de ficar impressionado. Quem poderia ter pensado nisso? Então ele viu o nome – e quase engasgou. Ele imediatamente desejou poder deixar de vê-lo.

Basen estava olhando para ele perplexo. **“Grande Comandante Kan, senhor?”**

Quando Jinshi viu o título do livro, ele entendeu. Kan era um nome razoavelmente comum. Mas Grande Comandante — esse era um título e apenas uma pessoa no país o possuía. Kan Lakan, também conhecido como o estrategista maluco.

"Você se importaria de me dizer quem deu isso a você?" Jinshi perguntou.

"Um amigo meu do Conselho Fiscal. Um conhecido do filho do Grande Comandante. Ele foi convidado a entregá-los a todos que conhecia."

O Conselho Fiscal era o departamento encarregado de supervisionar as questões financeiras — e o amigo de um amigo era Lahan. Se ele tivesse uma participação nisso, então o livro seria mais do que uma fantasia passageira por parte do estrategista. Seria bem feito.

Então ele escreveu um livro sobre Go, pensou Jinshi. Lembrou-se que ele tinha ouvido falar que o estrategista andava por aí dizendo às pessoas que iria escrever um livro assim. Jinshi simplesmente não imaginava que o projeto aconteceria em tal escala.

No que diz respeito a isso, ele apreciou a ajuda para tornar os livros mais universais. Ele próprio vinha tentando promover projetos de papel e impressão. Ele ficou surpreso, porém, ao descobrir que mesmo esse burocrata despretensioso e dedicado cobiçava um exemplar do livro do estrategista.

"Nunca percebi que o honrado estrategista tinha o dom de *lindas letras*," ele disse.

"Quem se importa se suas letras são lindas?!", disse o burocrata, passando de resmungão a tagarela num piscar de olhos. **"De qualquer forma, é quase impossível entender do que ele está falando. Mas dizem que o livro conterá registros dos jogos do Grande Comandante Kan! Ninguém iria querer perder isso!"**

Jinshi pensou ter percebido uma referência pouco elogiosa a Lakan ali. Mas, de qualquer forma, algumas pessoas ficaram realmente entusiasmadas com os seus interesses pessoais e, no caso deste homem, esse interesse parecia ser Go.

"Eu só tenho um conhecimento passageiro de Go. O Grande Comandante Kan é tão bom nisso?" Basen perguntou, mais perplexo do que nunca.

"Se é bom?! Ora, a única pessoa no país hoje que tem alguma chance de derrotar o Grande Comandante é o tutor de Go de Sua Majestade!" O tutor do imperador ocupava o posto de "sábio" de Go – o que significa que ele era o melhor jogador do país. O próprio

Jinshi teve algumas lições com o homem. Quantas pedras de handicap (desvantagem) ele tinha na última vez que jogaram juntos? Ele não conseguia se lembrar.

“O Grande Comandante Kan é conhecido pela evasão de seu jogo. Você nunca sabe o que ele fará a seguir, como ele atacará você. A oportunidade de estudar e compreender seus registros é uma perspectiva de dar água na boca para qualquer conhecedor do jogo.” O burocrata cerrou o punho enfaticamente. Seus olhos estavam brilhando agora. Seu prazer com o assunto parecia ter superado seu ressentimento em relação a Basen por causa do abuso.

“No entanto, mesmo o Grande Comandante é apenas humano. Certamente ninguém é verdadeiramente imbatível?” Basen disse. Outra forma não particularmente educada de falar sobre o estrategista – mas também verdadeira. Jinshi teve que concordar com ele.

"Como você pode dizer isso?", disse o burocrata. **“Sim, o tutor imperial vence o Grande Comandante em seis dos dez jogos – mas o tutor é um jogador profissional! O Grande Comandante tem um *real* trabalho que ele deve cumprir!”**

Jinshi não disse nada.

“Sem falar no fato de que ninguém pode vencê-lo no Shogi.”

Basen não disse nada.

Jinshi percebeu que ele realmente era muito ruim em lidar com pessoas. **"Muito bem. Basen, você está com sua carteira?”**

“Er, sim, senhor.” Basen tirou sua carteira das dobras de suas vestes. Jinshi entregou-o ao burocrata, que olhou dele para Basen e vice-versa, subitamente nervoso novamente.

“Não é muito, mas pegue. Uma modesta recompensa pelo desconforto que Basen lhe causou”, disse Jinshi.

“S-Senhor, eu não poderia... Nem é dele...”

Infelizmente, não era a carteira de Basen. O jovem simplesmente guardou o dinheiro de Jinshi para o caso de haver necessidade de comprar alguma coisa. Jinshi sabia pouco sobre os preços de mercado, mas imaginou que isso seria suficiente para compensar o homem pelos seus problemas.

“Tenho certeza que sua mão deve estar machucada. Você deveria deixar o trabalho por hoje. Vá a uma dessas livrarias. Presumo que essa carteira cobrirá o custo de um livro.”

“E-E mais um pouco, senhor! Não posso aceitar isto”, disse o burocrata, que se mostrava demasiado honesto para o seu próprio bem. *Ele deveria ter aceitado o dinheiro*, pensou Jinshi. Muito bem. Ele tentaria uma abordagem diferente.

"O que você está falando? Não me refiro a apenas um livro! Certifique-se de conseguir um para mim também. E se sobrar dinheiro, então um para Basen também. O que você está esperando? Vá! Vá, antes que eles se esgotem! Ou você está esperando algum dinheiro secreto?”

“Não... de jeito nenhum, senhor! Vou!" O burocrata saiu apressadamente do escritório.

Jinshi ouviu seus passos desaparecerem e soltou um suspiro. **“Basen. Não é educado imobilizar alguém sem avisar.”**

“S-Sim, senhor. Mas ele poderia ter...” Basen pelo menos parecia se desculpar.

“De qualquer forma, o que está feito está feito. Você não quebrou o braço dele. Você aprendeu pelo menos esse controle.” Jinshi sabia que com a força sobrenatural de Basen, o braço daquele burocrata poderia facilmente ter sido pulverizado. Jinshi daria isso a Basen: ele estava crescendo um pouco.

“Mestre Jinshi, se me perdoa dizer isso, não tenho nenhum interesse em Go.” Ele parecia estar se referindo às instruções de Jinshi ao oficial para trazer uma cópia do livro para Basen.

“Interessado ou não, não custa nada aprender. Até a jovem mais protegida aprende pelo menos a jogar Go. Suponha que você conheça um possível cônjuge, mas descubra que não tem nada sobre o que conversar – vocês podem pelo menos jogar um jogo juntos. Quem sabe aonde isso pode levar?” Ele estava tentando ser alegre, mas Basen ficou vermelho como uma beterraba.

“Te-tenho certeza... eu nunca... N-nenhuma jovem e eu jamais...” Basen ficou em silêncio antes de conseguir pronunciar uma frase completa. Jinshi lançou-lhe um olhar curioso. Quando voltou a sentar-se à sua mesa, sentiu uma pontada de remorso: a montanha de papelada ainda estava lá, mas agora seu prestativo burocrata havia desaparecido.

Em poucos dias, cada palácio, pavilhão e salão da corte ressoou com o clique, clique das pedras nas tábuas. No caminho para seu escritório, Jinshi notou que até os soldados na guarita estavam jogando Go.

"Tornou-se uma grande tendência", observou Basen.

"De fato", disse Jinshi.

Desnecessário dizer que foi o livro do estrategista maluco que deu início a essa mania. O próprio Jinshi carregava nada menos que seis cópias dele. Por que tantas mais do que a única cópia que ele solicitou ao burocrata? Elas chegaram acompanhadas de um breve bilhete: *Alguém me deu isso. Fique à vontade.*

Elas vieram da apotecária, Maomao. Ele presumiu, para sua tristeza, que ela não os havia enviado por afeto por ele. Muito provavelmente, ela estava apenas tentando se livrar do estoque. Ele a conhecia; ela nunca se esforçaria para comprar um livro do estrategista. Eles devem ter sido enviados para ela em grande quantidade. Ele às vezes desejava poder perguntar se ela realmente entendia o significado do que ele dissera durante o último encontro.

Maomao era filha do estrategista e, embora ela própria parecesse decidida a repudiar Lakan, da perspectiva de Jinshi a semelhança familiar era óbvia. De qualquer forma, ela certamente não gostaria de ficar presa a um presente do pai que ela tanto detestava.

Jinshi não achava que o dinheiro que deu ao funcionário tivesse sido desperdiçado, mas ainda assim, ele não tinha certeza do que faria com seis exemplares do mesmo livro. Basen já tinha uma cópia. Talvez ele tentasse entregá-las a Gaoshun, Ah-Duo e ao imperador. O pensamento da apotecária pode ter sido semelhante ao dele – ou não. Ele sabia que ela era obstinada e cuidadosa, então talvez fosse melhor presumir que ela tinha algum tipo de motivo oculto.

Jinshi começou pensando nos livros de Maomao, mas logo se viu pensando em Maomao — especificamente, em como ele poderia convencê-la a aceitar sua proposta. Ele teria que se preparar, arrumar tudo para que ela não tivesse resposta e nenhum motivo para recusar. Ele queria ser um homem que fizesse o que disse que faria.

Ainda perdido em pensamentos – e sob o escrutínio das damas da corte que o observavam de longe – Jinshi chegou ao seu escritório. Um oficial do lado de fora apareceu parecendo frenético quando o avistou. Foi Basen, entretanto, quem perguntou: **"O que é isso?"**

“Perdoe-me, senhores. Mas se você olhar isso...” O oficial entregou uma carta a Basen. Ele abriu e leu. Suas sobrancelhas se contraíram. Jinshi olhou para a missiva, mas permaneceu inexpressivo ao entrar em seu escritório.

“Envie uma avaliação de danos imediatamente”, ele instruiu.

"Senhor!", disse o funcionário, e saiu novamente. Jinshi confiava que um mensageiro seria enviado se houvesse algo novo para relatar.

Finalmente, ele suspirou. **“Então chegou.”**

O jornal dizia simplesmente: Houve uma praga de gafanhotos.

Houve relatos de enxames de insetos em pequena escala, mas embora Jinshi tivesse visto os memorandos, os assuntos não eram substanciais o suficiente para justificar seu envolvimento pessoal, e ele foi obrigado a deixar seus subordinados cuidarem deles. Nenhum dos outros surtos foi muito grande, mas este...

“Então vamos perder trinta por cento da colheita”, refletiu Jinshi. Isso foi um grande golpe. Ele aguçou os ouvidos quando soube que o local do surto era a oeste, uma importante área produtora de grãos. **“Não é um pouco tarde para a colheita do trigo?”,** ele perguntou.

“Não foi o trigo que foi atingido – foi o arroz”, respondeu Sei, o burocrata amante de Go de Jinshi. Além de sua tendência tímida, o homem estava se mostrando bastante capaz. **“Há cerca de vinte anos, eles têm feito experiências com o cultivo de arroz na área usando irrigação em grande escala. De uma perspectiva, isso pode ser considerado uma sorte. Apenas as áreas com arroz não colhido foram afetadas. Tivemos sorte que isso não coincidiu com a colheita do trigo.”**

“Eles estão tirando água do Grande Rio?” Vinte anos atrás teria sido exatamente a época em que Jinshi nasceu. Ele se lembrava de ter ouvido algo sobre um grande projeto de controle de enchentes que ocorrera naquela época. Devem ter construído algo para desviar a água ao mesmo tempo.

"Sim, senhor. Foi um empreendimento puramente local, algo que eles experimentaram em alguns lugares. A colheita do arroz é mais fiável do que a do trigo, mas se a escala fosse demasiada grande, isso afetaria tudo a jusante. Como tal, o projeto nunca ficou maior do que já é.”

Vinte anos atrás, essa teria sido a época da imperatriz reinante. Ela tinha sido uma mulher entre as mulheres, sem medo de experimentar até mesmo as políticas mais bizarras. Sei desenhou um grande círculo em um mapa. Jinshi observou que embora não estivesse muito perto da capital, também não estava tão longe. Quatro ou cinco dias de viagem de ida e volta, talvez.

A papelada ainda formava uma montanha em sua mesa. Ele olhou primeiro para Basen, que permaneceu em silêncio durante toda a conversa, e depois para o obviamente nervoso Sei. A última coisa que ele queria era trabalhar mais para si ou para qualquer um deles. Mas ele simplesmente não conseguia deixar algo de lado quando tinha sua atenção assim. Ele sufocou um gemido.

“S-se eu puder?” Sei levantou a mão hesitante.

"Sim?", disse Jinshi, tentando ao máximo manter uma expressão neutra.

“Eu não gostaria de ser impertinente, Príncipe da Lua, mas é possível que você tenha trabalhado demais?”

“É possível e estou bem ciente disso. Mas o que exatamente devo fazer sobre isso? Esses assuntos dificilmente podem ser deixados para outra pessoa.”

Sei empalideceu ligeiramente. **“Eu dificilmente ouso dizer isso, senhor, m-m-mas...”** Seus olhos pareciam olhar para todos os lugares, exceto para o rosto de Jinshi. **“*Outro* honrado personagem confia a seus subordinados...”**

“De que injustiça você fala?!” Basen exigiu, batendo o punho na mesa. Sei gritou e se encolheu. **“Quem teria a audácia de fazer uma coisa dessas? Fala! Você deve saber de alguma coisa!”**

Basen se aproximou de Sei, mas Jinshi o segurou. **“Basen. Você está assustando ele. Eu estaria, no entanto, interessado na resposta à sua pergunta. Quem *está* fazendo essas coisas?”**

“Er... Er... Grande Comandante Kan, senhor.” Certamente seria plausível que o “estrategista honrado” se envolvesse em tal comportamento, mas a expressão no rosto de Sei dizia que ele estava escondendo algo.

Jinshin se inclinou. **“Posso presumir que ele não é o único?”** As bochechas de Sei coraram. Jinshi tinha a impressão de ter conseguido evitar escolher qualquer pessoal com essas

tendências, mas parecia que teria que repensar em colocar seu rosto muito perto do de Sei. Jinshi esfregou a cicatriz na bochecha.

“Tam-Também... Sua Majestade, o imperador...”

Jinshi e Basen ficaram mudos.

“I-isso é bom o suficiente?” Sei disse, olhando atentamente para o chão, obviamente desesperado para que ambos o deixassem em paz.

Basen ainda não terminou. **“Quem no mundo poderia substituir Sua Majestade pessoalmente?”** Ele se aproximou de Sei novamente, com o hálito quente nas narinas.

“M-Mestre Gaoshun! Ele faz isso!"

Mais uma vez, os outros dois homens não tiveram outro recurso senão o silêncio.

“É claro que Sua Majestade coloca seu próprio selo nos documentos quando eles estão prontos. Eu só pensei que se você pudesse ter um intermediário, alguém para limpar e organizar as coisas, eles poderiam reduzir em dois terços o número de memorandos que realmente chegaram até você, Príncipe da Lua. Se lhes fosse dado o cargo adequado, certamente poderiam exercer alguma discrição pessoal...”

O coração de Jinshi acelerou com a sugestão de que ele poderia ter apenas um terço do trabalho a fazer. Tarefas tão importantes, no entanto, não poderiam ser confiadas a algum burocrata aleatório – alguém que ele talvez nem conhecesse.

Jinshi olhou para Basen. Ele brevemente cogitou a ideia de que se Gaoshun pudesse fazer tal trabalho, então seu filho poderia ser capaz de fazê-lo também, mas, infelizmente, Basen não estava realmente preparado para tarefas administrativas. Ele era um trabalhador diligente, mas conhecendo sua severidade e inflexibilidade, Jinshi suspeitava que os empregos simplesmente aumentariam. Seria ser ganancioso, ele se perguntou, desejar alguém com lealdade e antecedentes familiares para cuidar de seu trabalho, que também fosse capaz e criterioso?

“Mestre Jinshi”, disse Basen.

"Sim?"

“Conheço alguém particularmente talentoso neste tipo de trabalho...”

Os olhos de Jinshi se arregalaram. **"Você? Eu não sabia que você tinha algum conhecido entre as autoridades civis."**

"Só um, senhor. Alguém que passou no concurso público no ano passado, mas atualmente definha sem hora marcada."

Jinshi percebeu que tinha uma ideia de a quem Basen estava se referindo. **"Você não quer dizer..."**

"Sim, senhor. Baryou. Talvez você o conhecesse melhor como mano Ryou."

Como seu nome indicava, ele também era membro do clã Ma – irmão mais velho de Basen.

Capítulo 4: Os Irmãos Ma

Baryou: filho de Gaoshun, irmão mais velho de Basen.

O clã Ma produziu muitos membros de orientação militar, mas os talentos de Baryou eram mais literários e burocráticos. Como filho mais velho, na verdade era ele e não Basen quem deveria ter sido o assistente de Jinshi, mas Gaoshun conhecia sua prole muito bem para fazer isso com ele. Em vez de forçá-lo a praticar a esgrima, ele lhe deu um livro. Baryou tinha toda a habilidade física de um broto de feijão mole, mas se dedicou aos estudos acadêmicos como um peixe na água.

Então, no ano passado, ele prestou concurso para o serviço público, realizado apenas uma vez a cada quatro anos – e foi aprovado na primeira tentativa. Até o olho mais cansado poderia ver que Baryou tinha todas as qualidades de um excelente funcionário público. Mesmo assim, ele não conseguiu um emprego. Por quê? Uma rápida olhada em sua situação atual explicou muito.

"Impressionante. Como eu sabia que ele estaria", disse Jinshi. Os papéis que formavam montanhas em sua mesa tinham sido reduzidos o suficiente para que você pudesse ver o outro lado. Ele soltou um suspiro de alívio e olhou para onde um homem trabalhava silenciosamente em um canto da sala. Seu canto não podia ser visto da entrada e, de qualquer forma, ele colocou uma tela divisória entre ele e a sala, para que os visitantes não soubessem que havia alguém ali. Francamente, o homem poderia ter preferido construir quatro paredes sólidas ao seu redor, mas Basen desencorajou essa ideia. E quem estava por trás dessa tela fazendo todo aquele trabalho?

“Mestre Jinshi...”, disse um homem carregando uma braçada de papelada. Ele era muito magro, de estatura média, e sua pele era tão pálida que beirava o doentio. Ele não parecia exatamente saudável, mas era estranhamente divertido ver como seu rosto – e apenas seu rosto – se parecia tanto com Basen, a imagem da boa forma física, que estava ao lado dele. Este homem talvez fosse 4 centímetros mais baixo que Basen, e a forma como se curvava fazia com que parecesse ainda mais baixo. Se Basen não tivesse uma cara de bebê, teria sido difícil dizer qual deles era o irmão mais velho e qual deles era o mais novo.

Mas o homem curvado e de aparência fraca era de fato o irmão mais velho, embora apenas um ano. O outro filho de Gaoshun, Baryou.

O clã Ma, como já observamos, tradicionalmente produzia soldados. Os guarda-costas da família imperial eram tipicamente do povo Ma, assim como Gaoshun era para o imperador e Basen era para Jinshi. Por direito, deveria ter sido Baryou quem atuou como assistente de Jinshi. Ele era o segundo filho e filho mais velho de Gaoshun. Mas esse homem esquelético não foi feito para o trabalho de guarda. Baryou recebeu o nome “Ba” – o mesmo caractere de Ma, refletindo o clã – mas Basen também, que nasceu no ano seguinte.

“Trabalho rápido. Você já terminou?” Jinshi disse.

“Eu terminei, senhor. Com você como estátua, o trabalho está feito.”

“Receio não estar entendendo bem.”

A explicação de Baryou parecia, na melhor das hipóteses, elíptica, um salto em algum lugar na linha de pensamento, e Jinshi não entendeu o que ele quis dizer. Felizmente, outra pessoa apareceu naquele momento – uma mulher alta e bonita com um olhar duro. Por um momento, nem mesmo Jinshi teve certeza de onde ela tinha vindo. Baryou podia ser visto estremecendo com sua aparência.

“O que Baryou está dizendo é isso”, disse ela. **“‘Como você é tão bonito quanto uma estátua esculpida, Mestre Jinshi, dificilmente alguém pode pensar em você como um ser humano. Assim, mesmo eu, que me sinto desconfortável perto de seres humanos, posso pensar em você como uma criatura nada humana e, portanto, concentrar-me no meu trabalho.’”**

Jinshi ficou quieto por um momento, sem saber como reagir a isso. Ele estava sendo tratado casualmente como desumano. Então, novamente, Baryou sempre foi assim.

A bela de olhos cruéis que interpretou Baryou era a irmã mais velha dele e de Basen. O nome dela era Maamei e ela tinha dois filhos. Basen e Baryou se pareciam com seu pai, Gaoshun, mas Maamei puxou à mãe, que havia sido ama de leite de Jinshi. Por esse motivo, Jinshi ainda achava Maamei um tanto intimidante.

Ela se parecia com a mãe mais do que na aparência; ela também herdou sua forte vontade, e Jinshi foi informado de que Maamei dominava bastante seu marido. Até alguns anos antes, ela também considerava seu pai, Gaoshun, com todo o carinho que sentiria por uma lagarta peluda, embora afirmasse que em algum momento o transformou em "mariposa".

Ela era, no entanto, também a única pessoa que Jinshi conhecia que poderia enfrentar Baryou, que de outra forma seria difícil de lidar. Ele pode ter passado no concurso público com louvor, mas acabou abandonando o emprego devido a uma combinação de problemas de saúde e ideias únicas. E dada a sua capacidade mínima de construir novos relacionamentos, ele se viu alvo de muito ressentimento quase antes de saber o que havia acontecido. Seus colegas e superiores passaram a não gostar dele antes mesmo de terem tido a oportunidade de conhecê-lo. Tudo isso acabou lhe causando uma doença estomacal.

O talento que Baryou tinha de sobra, mas sua personalidade tornava as coisas difíceis. Nesse aspecto, ele era um pouco parecido com os membros do clã La, embora eles tendessem a combinar suas peculiaridades pessoais com uma força de espírito que deixava os outros com dores de estômago. Era o suficiente para deixar uma pessoa com ciúmes de sua abordagem descarada da vida. Se ao menos Baryou pudesse ter metade - aliás, até mesmo um décimo - do desrespeito do clã La pelo que as pessoas ao seu redor pensavam.

Basen suspirou e colocou o trabalho finalizado na mesa de Jinshi. Jinshi começou a revisar o que Baryou havia feito, mas um dos papéis o fez parar e franzir a testa. Era uma circular que o próprio Jinshi enviou para aprovação a uma série de outros departamentos. Mais uma vez, foi rejeitado como inviável. Quantas vezes foi isso agora?

"Então eles realmente não farão isso", disse ele.

"Rejeitado novamente, senhor?" Basen perguntou.

"É o momento. Se fosse para o próximo ano, eles aprovariam."

"Os exames de serviço marcial são no ano que vem, não são?"

"Sim. Alguém acha que deveríamos esperar por isso."

Qual era essa ideia do Jinshi que não estava conseguindo ser aprovada? Era para expandir as forças armadas. Ele queria mais tropas estacionadas no norte, mas a proposta foi rejeitada. Os exames de serviço marcial eram essencialmente o equivalente para os soldados ao teste de serviço civil. Eles não eram tão frequentados quanto a versão dos burocratas, mas ainda assim atrairiam, sem dúvida, muitos jovens fortes que seriam excelentes oficiais.

O número de militares vinha diminuindo nos últimos anos, por dois motivos. Uma era a simples falta de guerras, mas a outra era uma questão de pessoal. Especificamente, as duas pessoas que estavam no topo da hierarquia militar.

"Grande Comandante Kan e Grande Marechal Lo", disse Basen.

O Grande Marechal era o oficial civil de mais alto escalão envolvido em assuntos militares. O Grande Comandante, por sua vez, era considerado um dos *sanggong*, os três líderes mais importantes do país, e assim como o Grande Marechal, sua função era militar.

"Devo me perguntar como o Grande Comandante Kan alcançou esse título", disse Basen. Jinshi gostaria de saber a mesma coisa, mas tudo o que ele tinha para continuar eram alguns rumores perturbadores. Alguns alegaram que, depois que Lakan terminou de dispensar todos aqueles que se opunham a ele, não havia outros funcionários de alto escalão para ocupar o cargo. Outros diziam que ele fora favorecido pela mãe do ex-imperador, a imperatriz reinante, e que fora ela quem garantira a sua rápida ascensão no mundo. Outros ainda sustentavam que, depois de ascender ao trono, o atual imperador havia encarregado Lakan de cuidar de quaisquer parentes que pudessem se imaginar no alto escalão do país.

"Verdade seja dita, não tenho certeza", disse Jinshi. Uma coisa que ele pensava saber, ou pelo menos poderia adivinhar, era *por que* o homem havia buscado um poder tão grande. Maomao já havia falado sobre isso uma vez, embora com evidente desgosto o tempo todo. Ela disse que havia algo que ele não conseguiria sem poder. Lakan era um homem que faria qualquer coisa para conseguir o que queria – mas não havia muitas coisas que ele desejasse. Ele não era do tipo que deixava sua ganância se multiplicar indefinidamente.

"Um militar deveria querer um pouco mais", resmungou Jinshi. Alguém que usasse qualquer pretexto para ter mais peões à sua disposição seria fácil de entender e fácil de trabalhar. Mas se Lakan tivesse seus jogos de tabuleiro, sua família e algum doce para desfrutar, então ele ficaria satisfeito. Na verdade, ele queria muito pouco da vida, mas era irreprimível em ação, e era isso que o tornava um espinho no sapato daqueles que o rodeavam.

“Talvez se você tentasse falar diretamente com o Grande Comandante Kan...” Basen sugeriu.

“Acho que isso causaria mais problemas do que resolveria”, disse Jinshi. Lakan não gostava muito dele, por razões que deveriam ser óbvias. Às vezes ele passava no escritório de Jinshi e perdia tempo, comendo algum lanche e sujando a papelada. Ele não tinha sido visto muito por ali recentemente, e Jinshi sabia por que: ele estava ocupado rondando o consultório médico. Ele podia imaginar o quão descontente Maomao deveria estar.

“Grande Marechal Lo, então”, disse Basen. Não era qualquer um que poderia simplesmente sentar para conversar com o Grande Marechal, mas Jinshi era o irmão mais novo do imperador. Basen presumiu que isso seria o suficiente para levá-lo até a porta do Grande Marechal – mas não seria tão fácil.

“Você esqueceu onde reside a lealdade de senhor Lo?” Jinshi disse. O Grande Marechal Lo manteve sua posição por nomeação pessoal do imperador reinante. E por que o imperador estava disposto a levar adiante essa nomeação? **"Você acredita que nossa mãe... aham, quero dizer, a imperatriz viúva permitiria isso?"**

O imperador pode ser substancialmente mais velho que Jinshi, mas a mesma mãe deu à luz os dois. A imperatriz viúva entrou no palácio interno apenas como serva, mas o ex-imperador optou por levá-la para sua cama como consorte. Muitas no palácio interno buscavam a vida da imperatriz viúva na época. Com todos os irmãos do ex-imperador mortos por doenças, todos sabiam que seu filho - aquele que mais tarde se tornaria o irmão mais velho de Jinshi e o imperador reinante - seria o príncipe herdeiro.

Ainda mais pessoas procuraram obter o favor da imperatriz viúva na esperança de ganhar poder para si mesmas, mas Lo, dizia-se, era seu aliado desde os seus dias como mulher do palácio. Com apenas dez anos de idade, ela se tornou a favorita do imperador, de modo que, embora fosse uma mulher do palácio, às vezes tinha permissão para sair do palácio interno. Sempre com um guarda-costas, é claro — e esse guarda era frequentemente Lo.

Jinshi se perguntou o que Lo deve ter pensado daquela mulher do palácio cujo corpo mal estava desenvolvido o suficiente para ter um filho. Ela teve outros guardas, mas ele foi o único a quem ela deu tal patrocínio mais tarde. Ele claramente conquistou a confiança dela. E, no entanto, ele também deve ter sentido alguma hesitação. Ele não desafiaria suas ordens, mas ela era uma mulher muito gentil.

O sistema de escravatura já estava a encolher, mas a influência da imperatriz viúva era grande na sua abolição final. E no palácio interno, ela estendeu a mão para aquelas que se tornaram companheiros de cama do ex-imperador e não podiam mais sair do palácio interno. No entanto, a sua bondade às vezes podia ser um risco. Ela odiava a guerra. Ela raramente falava sobre o assunto publicamente, mas exercia uma influência substancial junto ao imperador e ao Grande Marechal.

Jinshi poderia falar com o imperador; ele entenderia. Na verdade, ele já aprovou a ideia de Jinshi. Ainda assim, embora fosse o imperador, ele era apenas o imperador – não um governante absoluto. Foi por isso que o memorando de Jinshi ficou preso no limbo: se nunca chegasse ao imperador, ele não poderia aprová-lo oficialmente.

Talvez ele e Lo pudessem ter encontrado algum ponto em comum se Jinshi ocupasse algum tipo de posição militar, mas ele passou anos como "eunuco" no palácio interno, desempenhando apenas seus deveres rituais como irmão mais novo do imperador. Isso deixou as pessoas sem saber como lidar com Jinshi. Ele recebeu o posto de Grande Protetor, mas normalmente era um título honorário, algo concedido a pessoas que estavam se aposentando dos olhos do público.

Considerando que Jinshi era o irmão mais novo do imperador, alguns disseram que ele deveria ter sido nomeado Primeiro Ministro. Além de sua juventude, porém, havia outros candidatos qualificados para esse cargo, e assim os apelos foram silenciados. Seria de se esperar que um título honorário trouxesse apenas um mínimo de trabalho real. Isso poderia ter sido bom, mas em vez disso ele se viu inundado de papéis, todos os dias com pressa para fazer as coisas. Eles pareciam considerá-lo uma espécie de pau para toda obra.

"Tanto tempo perdido falando sobre detalhes insignificantes", Maamei interrompeu, substituindo o chá agora morno por chá fresco.

"Mana, a política envolve assuntos muito delicados", disse Basen.

"**Delicados? Quase não associo essa palavra a você",** disse ela com um tom zombeteiro. O lábio de Basen torceu, mas por mais temperamental que fosse, até ele sabia que não conseguiria o melhor de sua irmã**. "O que importa é que você deseja que eles aceitem suas demandas",** disse Maamei.

"Se fosse tão simples assim, eu não estaria perdendo tanto sono", disse Jinshi. Ele não ficou mais feliz do que Basen com a interjeição de Maamei. Ela deveria ser simplesmente uma assistente; não era função dela pontificar sobre assuntos políticos.

“Não estou dizendo que é simples. Só estou dizendo que as possibilidades surgem, se você se mantiver aberto a elas.”

Eles não tinham certeza do que ela tinha em mente. Ela foi até o canto de Baryou e desapareceu atrás da tela. Eles ouviram uma série de exclamações: **“Mana!” “Ei, você não pode simplesmente...” “Argh!”** Parecia que não era apenas Basen quem era intimidado por Maamei.

Quando ela emergiu, vejam só, ela estava segurando o notório livro de Go. Ela não precisava roubar o exemplar do irmão; havia muitos deles na gaveta da mesa de Jinshi.

“Você reconhece isso?”, ela disse, tirando um pedaço de papel enfiado no livro. Por um segundo, Jinshi pensou que fosse o folheto promocional do livro que ele tinha visto antes, mas então percebeu que era outra coisa.

“Um torneio de Go?”

“Sim”, disse Maamei. O jornal anunciou isso com orgulho.

“Não vi isso em nenhuma das minhas cópias”, disse Jinshi. Não nas que Maomao lhe deu, nem nas que Sei comprou.

“Você mesmo os comprou, Mestre Jinshi?”

“Não, enviei alguém para fazer isso por mim.”

“Ah. Talvez eles pensassem que você iria se opor, então.” Maamei apontou os detalhes do torneio, descritos no papel. Seria realizado no final do ano. Haveria uma taxa de dez moedas de cobre para participar. E...

Jinshi arregalou os olhos. O local do torneio seria uma sala de aula no terreno do palácio.

Sua mandíbula estava aberta e ele não conseguia fechá-la.

“Que abuso de poder, se é que alguma vez vi isso”, disse Basen, surpreso.

Maamei disse: **“Supõe-se que os conhecedores de Go representem um por cento da população. Se houver 800 mil pessoas na capital, seriam 8 mil jogadores. Quantos você acha que participarão deste torneio?”** Ela fez isso parecer um enigma.

As pessoas não precisariam comprar o livro para saber sobre o torneio – a notícia se espalharia entre amigos. E qualquer um poderia pagar dez moedas de cobre; até uma criança poderia pagar se economizasse sua mesada. Era impossível dizer até que ponto o livro estava sendo lido ou exatamente quantas pessoas poderiam estar ou se interessar por Go. A ideia de quantas pessoas poderiam comparecer ao torneio era assustadora.

“Se eles tentassem realizar o torneio em um mercado, os locais que poderiam acomodá-los seriam limitados. A maioria dos espaços abertos são entregues a mercados, por isso seria difícil obter permissão para usá-los. A Associação dos Comerciantes mantém assessoria própria nessas questões. Até mesmo os burocratas acham difícil exercer seu peso sobre eles.”

“Isso não significa que ele deveria mantê-lo no palácio! Isso não pode ser feito!”

Maamei apontou o dedo para Jinshi como se quisesse dizer que esse era exatamente o que ela queria dizer. **“Eu concordo, e tenho certeza que ele não está feliz por ter que fazer isso dessa maneira. Afinal, quantos participantes em potencial poderiam realmente entrar nos terrenos do palácio? Muito pouco. Sem dúvida ele teria ficado muito feliz em ter um local de torneio adequado em algum lugar público.”**

“Entendo”, disse Jinshi lentamente, olhando para a pilha de papelada.

"De fato. Todo mundo pode tentar pressionar você com tudo, mas você pode descobrir que de vez em quando você quer recuar, usando os direitos do seu cargo.” Maamei lançou-lhe um olhar significativo.

“Parece que estou verdadeiramente rodeado de mulheres fortes e inteligentes”, disse ele.

“Nada disso”, respondeu Maamei. **“É simplesmente que elas são as únicas que podem chegar perto de você.”**

A observação não foi autodepreciativa. Jinshi e Basen trocaram um olhar, ambos claramente se sentindo derrotados. Jinshi teve que voltar atrás no que havia pensado alguns minutos antes: Maamei entendia muito bem de política.

Capítulo 5: Cartões

“Se você tem um trunfo para jogar”, disse Maamei a Jinshi, **“É melhor usá-lo mais cedo ou mais tarde”.**

Impulsionado por seu comentário, Jinshi se viu fora do escritório de Lakan. Ele havia enviado um mensageiro no dia anterior para alertá-lo sobre seus negócios, mas, para ser totalmente honesto, não tinha certeza se o Grande Comandante estaria lá. *Provavelmente não está*, pensou ao entrar.

"Perdoe-me", disse ele.

Para sua surpresa, o excêntrico estrategista estava lá, deitado em um sofá e bebendo de uma cabaça. Ao que tudo indica, ele estava bastante à vontade, mas um secretário colocou alguns papéis, folha por folha, sobre uma mesa e deu um carimbo a Lakan para pressioná-los. **"Ah, o estimado irmão mais novo de Sua Majestade. E como posso ajudá-lo?"** Lakan falou lentamente.

Jinshi não tinha certeza de como Lakan o reconheceu – talvez tenha sido por causa do mensageiro que ele enviou. Maomao lhe dissera que o estrategista era péssimo em distinguir um rosto do outro.

Se Jinshi se comportasse da maneira que o estrategista se comportou, ele tinha certeza de que Basen o criticaria por isso. E ele desejou que Lakan parasse de usar bolos lunares como peso de papel. Eles deixavam pequenas manchas redondas de óleo nos documentos.

Basen não estava lá no momento; Jinshi tinha um guarda-costas diferente. Ele tinha certeza de que Basen nunca se daria bem com o estrategista, mas também foi avisado contra ir ver Lakan completamente desprotegido.

Ele também tinha outra companheira – Maamei. Lakan deu uma olhada em cada um deles antes de retornar seu olhar para Jinshi. Estava bastante claro que ele não gostou do que - ou *quem*– ele estava vendo.

"**Por favor, sentem. Ninguém quer falar em pé. Vamos, agora, nem lanches para nossos convidados?"** Ele estava sendo completamente razoável, mas o suco que serviu para eles saiu de sua cabaça – aquela onde ele estava bebendo até um segundo atrás. Ele não se lembrava de ter tido uma intoxicação alimentar ao beber diretamente do recipiente? Seu assessor correu para pegar bebidas frescas.

O senhor de monóculo fez um show ao acariciar sua barba desgrenhada. **"Agora, o que traz você aqui hoje?"**

"Parece que você está planejando um evento muito interessante, mas em um local nada ideal." Jinshi puxou o pedaço de papel que estava enfiado nas páginas do livro de Go e

colocou-o sobre a mesa. **“Você conseguiu permissão oficial para usar uma das salas de aula do palácio?”**

"Oh isso." Lakan desviou o olhar e seu lábio inferior se projetou um pouco, quase como se ele estivesse fazendo beicinho. **“Eu sou o responsável. Se houvesse alguma objeção, eu poderia esperar que viesse do velho Lo. Certamente isso está fora do alcance do irmão mais novo do imperador.”**

Não é da sua conta, então vá se ferrar, parecia ser a mensagem.

O sorriso de Jinshi nunca vacilou, mesmo sabendo que estava lidando com alguém que via os rostos das pessoas como pedras de Go. Contra Lakan, foi-lhe roubada a única arma do seu arsenal na qual tinha total confiança – mas o assessor do estrategista corou imediatamente e olhou para o chão.

“Eu não esperaria que alguém tão sério e trabalhador como você entendesse, mas desde que os enviados do Ocidente voltaram para casa, as pessoas estão famintas por entretenimento”, disse Lakan.

“Estão famintas? Há mais bens comerciais disponíveis do que nunca.” Tudo o que Jinshi ouviu lhe disse que as lojas estavam cheias de itens incomuns e os mercados estavam movimentados.

“Haha. Pode ser que seja assim, mas uma boa refeição faz com que o comensal deseje o próximo grande prato, e tais acontecimentos memoráveis têm deixado as pessoas em busca de algo mais. Algo ainda melhor para divertir a língua ou deslumbrar os olhos. Digamos que os bens exóticos provenientes de terras estrangeiras são de pouca utilidade quando não se tem dinheiro no bolso para os comprar. E os impostos aumentaram ultimamente, pouco a pouco. É uma coisa sutil, mas presumo que as taxas estão a tornar-se onerosas nas aldeias agrícolas. E quais são essas novas leis estranhas de que ouvi falar? Incentivos para comer insetos? Eu não prefiro *seis patas*, mas talvez você prefira, honrado irmão do imperador?”

Jinshi não disse nada.

“Go é um prazer simples, algo que se pode desfrutar com apenas algumas pedras. Não parece a forma perfeita de dispersar o mal-estar que paira sobre o povo?”

Lakan estava batendo nele onde doía. Tendo ele mesmo experimentado os gafanhotos desnutridos, bem, se você perguntasse a Jinshi se eles eram bons ou ruins, sua resposta

enfaticamente não seria a primeira. Da mesma forma, o aumento dos impostos foi uma proteção contra a escassez de cereais. O aumento de impostos foi a única proposta dele que foi aprovada prontamente. Ele não tinha certeza do que isso dizia.

A essa altura, Basen já estaria em cima de Lakan. Jinshi estava certo em deixá-lo para trás. Ele respirou fundo e, ainda sorrindo, disse: **"Acho que você está sofrendo de algum tipo de mal-entendido, senhor Lakan".** Ele deixou os dedos deslizarem pelo folheto, parando na palavra Localização**. "Não tenho dúvidas quanto ao torneio em si. Somente com o local onde está sendo realizado."**

"Bem, o que você quer que eu faça? Onde *deve ser* seguro? Sou um homem de poucos amigos. Não tenho conexões para levar os comerciantes ao meu ponto de vista."

Jinshi sabia disso muito bem. Ele, no entanto, achava que Lakan poderia ter pelo menos um amigo que poderia ajudá-lo nesta situação – mas este não era o momento. **"Deixe-me sugerir *esse* local",** disse ele, mostrando um pedaço de papel no qual estava escrito *Teatro Argent*. Era o mesmo local onde a Dama Branca exibiu os seus milagres, mas estava fechado desde a sua prisão. Tinha uma localização privilegiada ao longo de uma importante via, o local perfeito para uma competição como a de Lakan. Todo o assunto envolvendo a Dama Branca foi deixado para Jinshi, por razões que ele não entendia completamente. Mas ele estava satisfeito porque o trabalho fragmentado que lhe foi confiado estava finalmente se mostrando útil de alguma forma.

O Teatro Argent era o "trunfo" sobre o qual Maamei o alertara com tanta astúcia. O lugar não poderia permanecer fechado para sempre, ela disse, e, mesmo que alguém suspeitasse que o dono do teatro estava aliado à Dama Branca, em sua opinião eles já haviam sido punidos o suficiente.

Ora, havia funcionários civis que tinham sido envenenados pela Dama Branca; o proprietário nunca iria se safar simplesmente alegando que apenas lhe dera um lugar para se apresentar e não sabia nada sobre o que seu ato envolvia. Basen ficou irado com a sugestão de Maamei, mas a sua irmã respondeu: **"A política é mais do que punir as pessoas. Fazemos com que ele jogue junto, faça tudo o que puder por nós. Se tivermos cuidado ao apertá-lo, ele nos agradecerá e nos pedirá mais. Não é isso que um governante sábio faria? E se houver qualquer problema, é o Grande Comandante Kan comandando o show. Deveria haver muitos soldados por perto para evitar qualquer problema."**

O próprio Lakan era um grande incômodo de lidar, mas ele tinha bons subordinados em abundância. Haveria pessoas para ajudar no dia. Muitos tipos militares para conter quaisquer problemas que surgissem.

Se Maamei fosse homem, ela teria sido assessora de Jinshi e ele teria confiado nela implicitamente. Ela era perspicaz e estudou esgrima até se casar. Ao contrário dos seus irmãos, cada um dos quais inclinado demasiado para a mente ou para os músculos, Maamei parecia capaz de fazer qualquer coisa.

Lakan fez uma careta, mas parecia intrigado com a sugestão de Jinshi. **“Teatro Argent? O que é isso?",** ele perguntou. Sua pergunta não foi dirigida a Jinshi, mas ao seu solícito burocrata. Jinshi tinha a impressão de que o Argent era bastante conhecido. Ele ficou surpreso que Lakan não tivesse ouvido falar disso.

“É um teatro na zona norte da capital, perto da área residencial. No entanto, está atualmente fechado depois de uma série de apresentações de uma milagreira chamada Dama Branca”, disse o outro homem.

“A Dama Branca?”

Jinshi sabia que Maomao não fazia nenhum esforço para lembrar coisas que não lhe interessavam, mas Lakan foi além. Jinshi mal conseguia acreditar que não se lembrava de alguém que causou tanta comoção.

“É para onde Rikuson foi com Mestre Lahan e senhorita Maomao”, disse-lhe o assessor.

"Ah! *Que* lugar!", disse o estrategista, saltando do sofá e batendo na mesa. Ele estava tremendo de raiva agora que se lembrava disso. Jinshi suspeitou que ele também queria ir para lá.

“Posso continuar?” Jinshi perguntou com crescente aborrecimento. Lakan pareceu desconcertado, mas sentou-se. **“O Argent seria um local perfeito. Espaço mais que suficiente. Muito preferível à sala de aula, que seria acessível apenas àqueles com permissão para entrar no palácio.”**

“Você está dizendo que aprovaria o evento lá?”

"Sim. No momento está desligado, mas posso abri-lo novamente. Vim pedir a sua opinião, no entanto. Em vez de simplesmente permitir que eles retomem suas atividades normais, não seria melhor realizarmos nós mesmos um evento lá, supervisionado por alguém que pudesse manter as coisas sob controle, se necessário?”

Tudo o que Jinshi estava dizendo era verdade, até certo ponto. E nada mais. Ele sentiu uma gota de suor frio: Lakan talvez não fosse capaz de julgar as expressões das pessoas, mas tinha outras maneiras de saber o que estava acontecendo. Outros dons que compensavam a sua incapacidade de distinguir rostos. Por um lado, ele era excepcionalmente bom em farejar mentiras.

No momento, Lakan estava olhando para Jinshi como se tentasse descascar as camadas de suas palavras, seus planos. Ele olhou Jinshi nos olhos e acariciou seu queixo. **“E qual é o seu propósito ao fazer esta sugestão generosa?”,** ele perguntou.

Jinshi lutou contra o desejo de engolir em seco. Ele respirou fundo para se firmar.

“O mesmo de sempre.”

Finalmente Maamei deu um passo à frente. Ela colocou uma pilha de papel sobre a mesa. **“Estamos devolvendo a você assuntos que sempre deveriam ter estado em suas mãos, senhor Lakan. Naturalmente, também devolvemos o trabalho aos outros funcionários.”**

“Acho que entendi.” Lakan olhou para a pilha com indisfarçável desgosto. Era três vezes mais trabalho do que ele vinha fazendo indiferentemente antes. Maamei trouxe tudo o que pôde carregar, mas ainda havia mais no escritório de Jinshi.

A veia trabalhadora de Jinshi fez com que ele tentasse cuidar de toda a papelada que recebia, mas Basen, seu segundo em comando, não era talentoso quando se tratava de trabalho administrativo, e o burocrata amante de Go, Sei, estava apenas emprestado. de outro lugar e não se sentia em posição de expressar sua opinião sobre assuntos tão elevados. Com a chegada de Baryou e Maamei, decidiu-se devolver a obra a quem a originou.

"Você não acha que vou simplesmente empurrá-lo de volta para você, honrado irmão mais novo do imperador?"

“Oh, não há o suficiente para justificar o esforço. Você poderia fazer isso com um lanche na mão, bocejando o tempo todo, e ainda estaria pronto esta tarde.”

O assessor de Lakan parecia abertamente apavorado – as palavras de Jinshi eram nada menos que uma provocação – mas Jinshi não viu nada a ganhar em se conter naquele momento. Ele estava confiante de que Lakan faria o que ele pedia, mesmo que Jinshi tivesse torcido um pouco o nariz ao perguntar.

“Você precisa do Teatro Argent e da rua ao redor fechada por um dia inteiro. Quem mais pode fazer isso por você além de mim?” Jinshi perguntou.

Lakan olhou para seu assistente. **“Se mudarmos o local para teatro, o que acontece?”**

“Espera-se que o número de participantes aumente dramaticamente, senhor. Veríamos muito mais plebeus e crianças. O suficiente para que eu duvide que nosso plano de realizar os procedimentos em um único dia seja suficiente.” Era uma pena para ele; certamente seria esperado que ele ajudasse - fora do horário normal de trabalho. **“Teremos que consultar Mestre Lahan para ter certeza, mas acho que precisaríamos de pelo menos três dias, incluindo o tempo para preparar o local. Além disso, como não sabemos quantas pessoas a mais podem aparecer, podemos ficar com falta de tabuleiros de Go. Teríamos que conseguir mais deles, ou então reconsiderar se deveríamos limitar o número de participantes.”** O medo do assessor parecia dar lugar à volubilidade.

“Sem limites. O objetivo é que o maior número possível de pessoas jogue Go”, disse Lakan. Pegou Jinshi de surpresa. Ele sempre presumiu que o estrategista pensava apenas em si mesmo.

Então, novamente, quando ele falou com Lahan antes da reunião, o outro homem disse: **“Meu honrado pai está agindo de forma diferente desta vez. Esse livro de Go é sua homenagem à minha querida mãe falecida.”** Até mesmo a ideia de realizar um torneio como aquele não era do caráter de Lakan – mas ele tinha um motivo. Ele comprou a antiga cortesã que era mãe de Maomao, mas ela morreu apenas um ano depois. Lakan criou seu livro para homenagear uma mulher que era uma jogadora mestre de Go, preservando os registros de seus jogos – e este torneio foi uma extensão desse impulso. Aquilo não era um de seus voos de fantasia comuns.

Enquanto Jinshi estava perdido em pensamentos, o assessor de Lakan elaborava um cronograma simples. **“Se dissermos que a entrada custa metade do preço para quem se inscrever antecipadamente, poderemos avaliar o nível de interesse. Uma taxa de admissão de cinco moedas de cobre permitiria que mesmo aqueles com rendimentos mais baixos participassem, se assim o desejassem. Também estamos considerando prêmios em dinheiro para os melhores desempenhos.”** (Jinshi sabia que uma peça de cobre poderia comprar um pão cozido no vapor; Maomao havia contado para ele uma vez.) Agora em seu elemento, o assessor não demonstrou nenhuma hesitação anterior. Aquele homem não tinha as peculiaridades óbvias que caracterizaram o último assistente de Lakan, Rikuson, mas parecia que ele também não era totalmente indistinto.

Lakan cruzou os braços e olhou para a montanha de papelada. Ele ainda parecia infeliz com isso. Talvez mais um empurrão.

“Há mais uma coisa”, disse Maamei, e produziu, entre todas as coisas, uma lista de nomes. Parecia enumerar a equipe médica. **“Um evento deste porte traz consigo a possibilidade de problemas inesperados. Além da segurança, acho que deveríamos ter presentes algumas pessoas versadas em medicina.”**

A rigor, a ideia estava muito além do papel de uma dama da corte sugerir, mas Jinshi queria dar-lhe um sinal de positivo e um enfático **“*Bom trabalho*!”** Se Jinshi tivesse tentado trazer o assunto à tona, isso só poderia ter piorado as coisas, mas agora os olhos de Lakan estavam brilhando. A lista incluía os nomes de duas das pessoas que ele mais amava no mundo: sua filha e seu tio.

“S-se você insiste, então... suponho que não tenho escolha”, disse Lakan.

Tudo o que Jinshi pôde fazer foi não sorrir abertamente. Ele finalmente forçou uma concessão de um oponente que sempre parecia ser quem lhe dava a menor vantagem. Era apenas um pequeno passo, realmente trivial, mas para Jinshi era um salto gigante.

Ele estava desfrutando dessa sensação de triunfo quando Maamei o cutucou, lançando-lhe um olhar que dizia não baixe a guarda ainda.

“Se você pudesse fazer a gentileza de escrever os detalhes e enviá-los para mim, então”, disse Jinshi.

“Hum,” Lakan grunhiu, aparentemente aceitando o compromisso de má vontade. Ele acenou com a cabaça vazia para seu ajudante, exigindo mais; para surpresa de Jinshi, o homem produziu apressadamente outra cabaça e entregou-a ao estrategista. Lakan deu um gole e cuspiu de volta.

“Mestre Lakan?”, disse o assessor.

“O que diabos é isso?!”

“Erm, é... uh... deveria ser suco, senhor”, disse o assessor, verificando o conteúdo da cabaça com uma expressão de preocupação.

“Bem, algo está errado com isso. Você não conseguiu no lugar de sempre, não é?” Lakan estava bem e chateado agora.

“Me-me desculpe, senhor! Parece ser licor de frutas...” O assessor correu para pegar um pouco de água.

“Vou me retirar”, disse Jinshi, ansioso para ir embora antes que não conseguisse mais manter a cara séria. Ao sair, descobriu que o próximo visitante de Lakan já estava esperando.

“Ah! Ah, aham... ah. Príncipe da Lua...” Um jovem funcionário público segurando uma braçada de tiras de madeira para escrever inclinou a cabeça ao ver Jinshi aparecer. Certos departamentos preferiam as tiras de madeira ao papel — e aqueles que eram especialmente obcecados pela propriedade e pelo decoro pareciam amá-las acima de tudo. Jinshi se perguntou de qual escritório esse jovem teria vindo.

"Deixe-me ver isso." Lakan levantou-se do sofá e pegou as tiras do oficial. Ele se virou e foi até uma grande mesa no canto de seu escritório, onde havia um mapa com peões dispostos. Ele estudou as tiras escritas, mudando os números enquanto lia. **“Vamos fazer isso, então.”**

“S-Sim, senhor”, disse o jovem oficial, anotando cada movimento. Jinshi lançou-lhe uma última olhada ao sair da sala. Toda a corte conhecia Lakan como o estrategista excêntrico e, embora a ênfase tendesse a ser no excêntrico, não se podia esquecer que ele também era um estrategista e que, à medida que movia aqueles peões pelo mapa, os soldados marchavam às centenas, aos milhares. , até mesmo suas dezenas de milhares.

Lakan não era como Jinshi, que recebera um cargo civil como convinha ao irmão mais novo do imperador, mas sim um cargo vazio. Jinshi só podia suspirar por sua própria banalidade – e se perguntar como uma pessoa comum como ele iria enganar um gênio como aquele.

Capítulo 6: Trovão

Era uma tarde de outono e Maomao e o pai pareciam confusos.

“Acha que pode chover hoje?”, perguntou o pai, olhando para o céu pela janela do consultório médico.

"Gatos e cachorros*[1]... uh, senhor", disse ela, controlando-se antes de falar com ele de maneira muito brusca. Havia outros membros da equipe médica por perto e ela precisava ter cuidado. Yao e En’en não estavam lá, entretanto. À medida que as assistentes médicas se sentiam mais confortáveis com o seu trabalho, eram cada vez mais atribuídas a locais

diferentes, onde quer que houvesse trabalho a ser feito. Maomao foi enviada hoje para ajudar no consultório médico onde seu pai trabalhava.

Luomen segurava uma mensagem nas mãos – ordens de uma pessoa em particular. O problema estava exatamente em quem era essa pessoa.

"Acho que ele tem trabalhado duro. Estou um pouco surpreso", murmurou um jovem médico próximo, aparentemente sem querer. Maomao o conheceu quando trabalhava para Jinshi - e se você está se perguntando, não, ela ainda não sabia o nome dele.

"Ele deveria estar. Ele deveria estar trabalhando", disse Luomen, mas parecia um pouco menos firme do que o normal.

"O que o Grande Comandante Kan quer com você, Dr."

Em suma, o estrategista maluco estava tentando impor seu trabalho ao pai de Maomao. A carta foi redigida como um pedido educado, não uma ordem, mas nada no conteúdo dizia *se você fizesse a gentileza.*

"Devo admitir que não tenho certeza se sou a melhor pessoa para um interrogatório", disse Luomen. Ele estava sendo convidado a falar com um trio de suspeitos. Normalmente, isso seria assunto de algum funcionário jurídico. Por que pedir a um médico para fazer isso?

"Seria de esperar que fossem um pouco mais discretos sobre um assunto como este", disse Maomao.

"Sim, é possível", concordou Luomen. Os suspeitos eram três soldados – era uma investigação interna.

"O que exatamente você deveria perguntar a eles?", o jovem médico perguntou. Ele parecia ser do tipo profissional demais para fazer perguntas de fofoca, mas parecia que seu interesse havia sido despertado.

"Eu posso ver por que eles podem querer manter isso em segredo. Há uma mulher envolvida", disse Luomen.

"Uma mulher, m-mulher?", disse o médico, estudando o terreno com todo o constrangimento de um menino inocente.

Por que eles querem que meu velho cuide disso? Maomao se perguntou. Talvez não houvesse mais ninguém adequado para a tarefa. Ela ficou mais surpresa, porém, à medida que aprendia mais sobre os assuntos do interrogatório. **"Todos eles têm o mesmo sobrenome",** disse ela.

O número de nomes de família em Li não passava de algumas dezenas, então não era incomum que as pessoas compartilhassem um nome, mas todos os três suspeitos tinham o mesmo – isso era um pouco estranho.

"Eles são irmãos. Trigêmeos, aliás", disse Luomen.

"Trigêmeos?" Isso chamou a atenção de Maomao e do jovem médico.

"Uma mulher afirma que um dos três tentou forçá-la, mas ela apresentou acusações sem ter certeza de qual deles era. Como a mulher é parente de um militar, foi decidido que a investigação deveria começar como um assunto interno. No entanto..."

"Sim? O que?"

"O pai dos trigêmeos é um alto funcionário do Conselho de Justiça e insiste que nenhum julgamento possa ser realizado até que se saiba com certeza qual dos três foi o responsável. Meu entendimento é que esta não seria a primeira vez que os meninos usaram o privilégio do pai para protegê-los da responsabilidade por seus erros."

Nossa, Maomao pensou com uma carranca instintiva.

"Teremos uma chance, e apenas uma chance, de interrogá-los e deixar claro quem cometeu o crime. Não devemos falhar."

Foi por isso que o estrategista esquisito recorreu a Luomen. Por que ele de repente se tornou um trabalhador tão diligente permaneceu um mistério, mas ele continuou a demonstrar excelente julgamento na escolha de seus agentes. O pai de Maomao era brilhante, um homem que conseguia ouvir um fato e deduzir outros dez.

Luomen não perdeu tempo; ele foi ouvir as histórias dos rapazes no dia seguinte. **"Você poderia vir e escrever o que eles dizem, Maomao? Eu gostaria de ter a opinião de terceiros."**

"É melhor não. Eu sempre trago o maluco." Ou mais precisamente, a aberração. Ela balançou a cabeça, imaginando o que aconteceria se o estrategista aparecesse.

“Você não precisa se preocupar. Lakan não estará lá.”

“Tudo bem, tudo bem, mas e Yao e En’en?” Ela olhou por cima. As duas trabalhavam no mesmo escritório que ela hoje e certamente notariam se ela escapasse.

“Eu falei com elas. Yao recusou; ela disse que não é versada em taquigrafia.”

Nem eu, Maomao pensou, mas optou por não dizer isso. Se Yao ouvisse, ela poderia ir em frente e se voluntariar - e En'en n*unca* devia ser deixada numa sala com homens acusados de perpetrar violência contra uma jovem. Não, a escolha sábia ali era ficar em silêncio. Yao podia estar frustrada com suas próprias deficiências, mas estava disposta a aceitar os limites que lhe impunham.

Yao já fazia algum tempo que observava Maomao com pesar atrás de um poste. Atrás dela, En’en agitava um lenço branco como se dissesse *Vá em frente! Até mais!*

“Acho que é melhor irmos”, disse Maomao, sabendo que quanto mais cedo começassem, mais cedo terminariam.

Eles receberam uma sala de conferências entre os escritórios militares para trabalhar. Não era apertado, mas também não era espaçoso, mais uma câmara de interrogatório do que uma verdadeira sala de reuniões.

O incidente que eles estavam ali para investigar ocorreu há cerca de cinco dias. A questão era qual dos homens, se é que algum, tinha posto as mãos numa menina de catorze anos. Maomao presumiu que alguém tentaria alegar que a culpa era em parte da garota por se deixar levar por um rosto bonito, mas houve uma tempestade repentina naquele dia e a garota, que havia se separado de seu acompanhante, disse que estava com medo.

Esse foi o dia em que fui às compras com Yao e En'en. Maomao sentiu uma onda de raiva; ela queria encontrar uma maneira de punir o homem que se aproveitou de uma garota assustada. *Não, não. Calma.* Ela tinha que permanecer imparcial. Eles não sabiam ao certo qual dos trigêmeos era o culpado e havia, é certo, a possibilidade de a acusação ser falsa.

"Ah, é você!" disse o soldado que os recebeu na porta. Maomao reconheceu o grande vira-lata, quer dizer, Lihaku.

“Obrigado por estar aqui”, disse seu pai com uma reverência educada.

"Claro. Se houver algum problema, apenas grite. Há outro funcionário lá, um secretário, mas ele é apenas um burocrata." Ele bateu no peito largo, extrovertido e direto como sempre.

"O que o traz aqui, Mestre Lihaku?" Maomao perguntou.

"Ordens de cima. Sendo os suspeitos quem são, não podemos permitir que ninguém se torne violento. Eles queriam um guarda capaz disponível. Além disso, eu supero aqueles três irmãos e conheço você. Acho que foi por isso que me escolheram."

"Muito interessante." Fazia sentido. Embora pudesse ter sido mais correto não dizer que Lihaku conhecia Maomao, mas que sabia que Maomao seria imparcial.

"Além disso, tarefas como essa são uma boa mudança de ritmo de tempos em tempos." Lihaku sorriu para ela, sempre um sujeito bem-humorado. Ela notou que a faixa de classificação em volta da cintura dele era diferente de antes.

"Parece que você está realmente progredindo no mundo, se assim posso dizer", disse ela.

"Claro que sim. O problema é que comecei a trabalhar tanto na mesa que meu corpo está perdendo a força."

Maomao estava ansiosa para saber quanto dinheiro ele estava ganhando atualmente, mas sabia que seria rude perguntar, então se conteve. Ela estava muito curiosa, porém, se ele seria capaz de resgatar Pairin, a princesa da Casa Verdete que ele tanto adorava.

"Minhas desculpas pela interrupção, mas posso perguntar algumas coisas?" Luomen disse, olhando para Lihaku.

"Oh! Sim claro. Desculpe, vá em frente."

"Parece que você conhece pessoalmente esses três jovens. Que tipo de pessoas são eles?"

Lihaku colocou a mão no queixo, pensativo**. "Sabe, não tenho certeza de como responder a isso. Todos os três são canalhas espertos. Eles parecem idênticos e até soam muito parecidos. Acho que as personalidades deles também são bem parecidas. Mas eu não tinha certeza – não os conheço há tempo suficiente para realmente distinguir um dos outros. Garanto que ninguém que os conheceu pela primeira vez poderia diferenciá-los, e acho que eles estão usando isso para confundir aquela jovem. Eles são bonitos, não há**

dúvida disso. Definitivamente bonitos o suficiente para enganar os olhos de uma garota idealista."

"Ah."

"É por isso que só vão atrás de meninas abrigadas, mulheres jovens que não sabem como o mundo funciona. Há até... Há até histórias de que eles agrediram meninas de até doze anos de idade." Lihaku parecia achar a ideia incompreensível.

Isso é ruim. Não precisamos de gente como eles. Tentar arranjar tempo com meninas que talvez nem tivessem menstruado ainda — a ideia era o máximo que Maomao conseguia suportar. Ela podia imaginar muitas meninas chorando até dormir depois que tudo acabou.

Seu pai assentiu. **"Os irmãos são próximos um do outro?"**

"Sem falar nisso", disse Lihaku**. "Certa vez, um deles errou no trabalho e, quando houve um inquérito para ver quem havia cometido o erro, não houve cobertura mútua nem tentativa de ajuda mútua. Na verdade, todos pareciam querer tornar a situação o pior possível para os outros."**

"Então, esse erro – eles não tentaram conspirar para manter isso em segredo?"

"Você acha que eles poderiam? Lak... quero dizer, o velhote de monóculo, ele veria através deles." Que gentileza da parte de Lihaku lembrar o que Maomao lhe dissera.

O estrategista maluco era basicamente inútil como ser humano, mas era bom em Go, Shogi – e em julgar caráter.

Ele deveria ter lidado com esse caso sozinho, então, Maomao pensou. Então, novamente, o que eles realmente precisavam era de provas concretas. Mesmo que ele tivesse um pressentimento de quem era o perpetrador, eles teriam que apresentar algumas evidências.

"Ufa, isso foi algo para se ver! Ah, isso me lembra", disse Lihaku.

"Sim?"

"Presumo que dois dos três irmãos serão honestos. Eles fazem o que querem, porque sabem que seu pai os protegerá, então não esperarão ser punidos se não tiverem feito nada de errado. Acho que dirão a verdade se não acharem que isso lhes fará mal."

“Você também é uma pessoa bastante honesta”, disse Luomen, seu rosto suavizando-se em um sorriso que o fez parecer uma senhora gentil.

“Pu-Puxa, você acha?” Lihaku disse.

“De qualquer forma, obrigado pela sua ajuda. Contaremos com você para intervir se precisarmos de mais alguma... assistência física.”

O pai dela entrou na sala e Maomao trotou atrás dele.

Encontraram um homem com ar de oficial civil esperando lá dentro. Ele deve ser o secretário que Lihaku mencionou. Quando os viu, levantou-se da cadeira e fez uma reverência. **“Eles devem estar aqui em breve. Se vocês puderem se sentar.”**

“Muito obrigado”, disse Luomen, sentando-se. Havia uma mesa com uma folha de papel que detalhava os empregos dos três irmãos, bem como exatamente quem eram seus familiares. *Eles estão tentando nos intimidar*? Maomao se perguntou. O papel parecia significar: *Estamos aqui porque o estrategista ordenou, mas você não tem autoridade para nos punir.*

“Agora, como vamos lidar com isso?” Luomen refletiu.

Deviam falar com cada um dos três irmãos individualmente, e o primeiro deles havia chegado. É hora de começar. Maomao mergulhou o pincel na tinta, pronta para anotar tudo o que pudesse.

○●○

Você claramente entendeu algo errado em algum lugar, porque eu não fiz nada. Quero dizer, para começar, acho impensável colocar as mãos em uma garota de apenas quatorze anos. Que provas você tem contra mim?

Hum? Onde eu estava há cinco dias? Eu estava no centro, tomando uma bebida depois do trabalho. Qualquer um iria querer uma bebida quando finalmente tivesse folga, não é? Mas eu não queria quebrar o banco, então fui para o lado sul da cidade – conheço um lugar que vende bom vinho de uva barato.

Não, eu não fui para o distrito do prazer. Essa parte da cidade não é para beber, isso eu posso garantir. E você sempre corre o risco de acusações como essa. E você se pergunta por que os homens dizem que as mulheres são tão assustadoras!

Trovão? Ah, sim, aquele enorme trovão. Eu certamente me lembro disso. Quem poderia esquecer um boom como esse? O raio deve ter caído muito perto da capital – ouvi aquele barulho tremendo quase assim que vi o flash de luz. Não me importo de dizer, isso me deu um bom começo! A chuva só piorou depois disso, então fiquei na taverna até passar.

Você quer saber quando tudo isso aconteceu? Foi bem na hora em que o sino da noite tocou. Primeiro vi o céu iluminar-se, depois ouvi o sino e não demorou muito para que o trovão soasse.

Então, como você pode ver, sou completamente inocente. Você pode perguntar ao taberneiro, ele responderá por mim. Um dos meus irmãos mais novos fez isso. Descarte-os como quiser. Mas se você tentar atribuir esse crime a um de nós sem nenhuma evidência muito boa... bem, presumo que você saiba o que vai acontecer com você.

○●○

O irmão mais velho foi o primeiro a falar com eles. Ele era bonito, tal como Lihaku dissera, mas a sua palidez era fraca e dava espasmos ocasionais. Seus punhos estavam cerrados e assim permaneceram durante todo o tempo em que o questionaram. Talvez ele estivesse de ressaca por causa da bebida que tanto gostava - ou talvez fosse o nervosismo que o afetava. Mesmo assim, ele respondeu às perguntas com entusiasmo, embora num tom que os desafiava a apontar o culpado.

Luomen deu um **"Hum"** pensativo e acariciou seu queixo. Maomao sabia que mesmo que ela e o secretário não tivessem anotado nada, o pai se lembraria de cada palavra. Ele era simplesmente talentoso.

O irmão mais velho foi embora; em seu lugar veio um homem que se parecia com ele, mas com uma cor muito melhor nas bochechas. Aquele era o irmão do meio, segundo o papel. Que educação da parte deles ir do mais velho para o mais novo, numa ordem facilmente identificável.

○●○

Que dor. Estou tentando terminar meu trabalho, sabe, e você me chama para um interrogatório? Como você planeja me compensar quando perceber que não fiz nada de errado?

Bom, de qualquer forma. Como não fiz nada de errado, ficarei perfeitamente feliz em falar com você e acabar logo com isso, depois disso irei embora. Suponho que você queira saber

onde eu estava e o que eu estava fazendo há cinco dias. Acontece que não tinha nenhuma obrigação naquele dia, então fiz uma curta viagem a cavalo. Mas não muito longe – eu tinha trabalho no dia seguinte, então sabia que teria que voltar à noite.

O que é? Onde eu fui? Não muito longe da capital. E voltei com pressa, pois os céus pareciam prontos para se abrir a qualquer momento. Eu estava cansado, então voltei para casa e fui direto para a cama. Tenho certeza que você sabe qual casa é minha? Já que você deve saber quem é meu pai. Então, novamente, talvez não, ou você nunca teria me arrastado até aqui.

Tenho alguém que possa atestar meu álibi? Bem, aí estão meus servos, mas não creio que você acreditaria neles. Tenho certeza de que você reclamaria e choraria e alegaria que ordenei que mentissem em meu nome. Receio que seja o que é. Meus aposentos ficam em um anexo, não na casa principal, então duvido que alguém tenha notado minha entrada ou saída.

Quer saber onde eu estava quando o sinal da noite tocou? Ahh, você quer dizer na época em que houve aquele trovão. Acredite, a tempestade que veio depois deu os últimos retoques em um dia cansativo.

Surpreendeu-me algo terrível: o céu iluminou-se no momento em que o sino tocava, e então veio aquele estrondo terrível. Deve ter sido um susto terrível para os tocadores dos sinos – eles próprios poderiam ser atingidos por um raio, estando lá em cima. Não estavam, é claro... Que pena.

Rá. Você está bastante satisfeito? Vou voltar ao trabalho. Deve ter sido um dos meus irmãos quem fez isso – o mais velho ou o mais novo. Tenho certeza que você vai dar uma olhada nisso. Com muito cuidado, é claro. Não queremos nenhum... erro.

○●○

Aquele segundo irmão não foi menos provocador que o primeiro. Ele tinha um sorriso zombeteiro no rosto do começo ao fim. Maomao vislumbrou bolhas na palma da mão, mas isso não era surpreendente. Como soldado, ele praticava esgrima e andava a cavalo. Algumas bolhas não eram nada incomuns.

Maomao terminou de registrar seu depoimento, franzindo ligeiramente a testa. O pai dela assentiu e fez um movimento giratório com o dedo. Ambos queriam acabar com aquela farsa.

O terceiro e mais novo irmão entrou. Ele parecia, é claro, igual aos outros. Maomao estava ficando um pouco enjoada daquela cara, mas ela teria que aguentar. Quanto à saúde do irmão mais novo, ele parecia normal, nem doente nem particularmente exuberante.

○●○

O que, eu sou o último? Gostaria que um dos meus irmãos tivesse ido em frente e confessado. Eu poderia ter sido poupado de tudo isso. Ah bem. Podemos nos apressar e superar isso? Já terminei o trabalho do dia.

Cinco dias atrás, eu trabalhava o dia todo. Sim, sim, era hora de parar, mas eles empilharam mais trabalho para mim. Eca. Vá para os arquivos! Pegue este livro! Esse é o trabalho de um burocrata, se você me perguntar. Maldito estrategista maluco... Aham! Não, er, eu não disse nada. Nada mesmo. De qualquer forma, fui buscar os livros, mas tive uma conversa agradável com uma senhora da corte que encontrei. Não, ela não tinha quatorze anos! Seu nome e departamento? Err, foi... Sabe, acho que não me lembro.

Em qual arquivo eu estava? O edifício de armazenamento no bairro oeste. Os soldados não vão lá com muita frequência. Mas pelo menos tenho um novo amigo para mostrar na minha pequena excursão.

De qualquer forma, antes que eu percebesse, já passava da hora de ir para casa. Sim, acho que estava nos arquivos quando o sinal da noite tocou. Estava escuro lá fora e choveu um pouco. Não ouvi o sino, mas deve ter sido por volta dessa hora. Mas aquele trovão, ah, sim. Eu ouvi isso. Eu tinha uma braçada de documentos e o flash me assustou tanto que os deixei cair no chão. Abaixei-me para pegá-los, mas então ouvi o som – parecia que a terra estava tremendo! Rapaz, era grande.

Quanto tempo antes de eu finalmente chegar ao chão? Fiquei um pouco atordoado, mas não deve ter passado mais do que quatro ou cinco segundos.

Aí, como é isso? Estou morrendo de vontade de chegar em casa, então vou embora agora, obrigado.

○●○

Ela esperava que pelo menos um dos irmãos se revelasse uma pessoa meio decente, mas não. Todos os três estavam desesperados. Maomao estava exausta e só transcrevia as entrevistas.

Luomen, porém, o único entre os três, assentia como se isso de alguma forma fizesse sentido para ele. O secretário prontamente fez uma cópia limpa do que havia escrito. Maomao se inclinou, sussurrando para que não fosse ouvida, e disse: **“Você conseguiu alguma coisa, pai?”**

"Eh. Acho que temos a maioria das peças que precisamos”, disse ele. Ele parecia completamente indiferente. Maomao olhou para ele, confusa. Ela gostava de pensar que havia aprendido uma ou duas coisas com o pai, mas ainda havia muita coisa que ela não sabia, como o que se passava na cabeça do velho eunuco naquele momento. “**Talvez possamos organizar nossos pensamentos quando voltarmos”,** disse ele. Ele se levantou da cadeira, usando a bengala para se equilibrar.

Lá fora, eles viram seu suposto guarda. **“Não precisaram do velho Lihaku, hein?”,** ele disse, embora parecesse um pouco desanimado com isso. Maomao tinha certeza de que adoraria uma desculpa oficial para dar um soco em pelo menos uma daquelas três caras irritantes.

Assim que regressaram ao consultório médico, o pai de Maomao solicitou um mapa da capital e arredores. Maomao estava se perguntando se ela teria que ir aos arquivos para obtê-lo quando o Dr. Liu trouxe uma cópia e poupou-lhe o trabalho. **“Basta mantê-lo limpo”,** ele os avisou. Luomen, que tinha toda a intenção de marcar, escondeu silenciosamente o pincel. Ele procurou algo que pudesse usar e encontrou algumas pequenas bugigangas de cerâmica em várias cores, normalmente usadas para evitar que pacotes de remédios voassem.

"O que você está fazendo?", perguntou Yao. Ela e En'en vieram com muita curiosidade. O Dr. Liu dificilmente poderia objetar – ambas já haviam terminado o dia. Cabia a elas o que faziam com seu tempo livre.

“Apenas tentando organizar as informações que temos”, disse Luomen. **“Vocês duas gostariam de ajudar?”**

Yao corou ao ver que obviamente esperava que elas dissessem sim; ela desviou o olhar, querendo dizer: *Bem, suponho que não tenho escolha*. Era muito típico dela não ser capaz de simplesmente dizer ***“Sim”.*** En’en estava claramente queimando a imagem de sua jovem amante em suas retinas; sua intensidade era um pouco assustadora.

“Para começar, um marcador vai aqui”, disse Luomen, colocando uma peça de cerâmica vermelha no centro da capital.

“O que isso representa?” Maomao perguntou.

“É aqui que eles tocam o sino da noite, certo?” Luomen respondeu.

“Sim, esse é o lugar. Está localizado de forma que você possa ouvi-lo em qualquer lugar da cidade”, disse Yao. Ela sabia muito bem onde ficava, já que elas passaram por ali naquele dia de tempestade.

Em seguida, Luomen colocou três marcadores azuis, um redondo, um triangular e outro quadrado. **“O redondo representa o filho mais velho – onde ele afirmava estar no momento do incidente. O triângulo está na casa onde o segundo filho disse que estava, e este quadrado eu coloquei nos arquivos do lado oeste, onde o mais novo afirmou que estava.”**

“Portanto, não havia dois deles no mesmo lugar no dia do ataque”, disse Yao.

"Isso mesmo. E é aqui que a jovem diz que estava.” Luomen apontou novamente para o objeto vermelho, bem perto do bairro comercial.

“Mas isso...” disse Maomao. Ficava bem perto de onde ela e suas amigas estiveram.

Yao franziu a testa. **“Se tivéssemos encontrado aquela pobre menina assustada, talvez nada disso tivesse acontecido.”** Ela parecia angustiada, então olhou para o chão. Elas mal conseguiram ver nada por causa da chuva naquele dia e, de qualquer forma, pretendiam terminar as compras o mais rápido possível. Elas estavam

ocupadas demais para qualquer outra coisa.

"'Se' não significa nada face ao que já foi feito", disse o pai de Maomao, de forma não indelicada. **"O máximo que podemos fazer agora é ajudar a garantir que isso não aconteça com mais ninguém."**

"Todos os três suspeitos afirmam ter testemunhas que podem testemunhar sobre seu paradeiro, mas seus álibis parecem duvidosos. Você sabe qual deles está mentindo, senhor?" Maomao perguntou, atento para falar educadamente na presença de Yao e En'en.

"Eu acredito que sim. Mas primeiro, acho que um pouco mais de informação seria útil." Ele olhou para os três. **"Vocês todas se lembram daquele trovão cinco dias atrás?"**

"Eu lembro! Que barulho!" Yao disse.

"Estávamos lá fora quando isso aconteceu. Foi bastante surpreendente", acrescentou En'en.

"Você disse que estava perto da torre do sino, certo?" Luomen perguntou, batendo no objeto vermelho. **"E pelo que ouvi, o raio caiu perto da parte noroeste da cidade."** Ele colocou um objeto amarelo perto das muralhas da cidade.

Maomao e as outras piscaram. Elas não conseguiam entender o que ele queria dizer.

"Posso fazer mais uma pergunta?" Luomen disse.

"Por favor, faça."

"O que veio primeiro: o relâmpago e o trovão ou o sino da noite?"

Sua pergunta levou En'en a bater palmas. Aquilo era surpreendente. **"O céu iluminou-se no mesmo momento em que o sino tocou, e depois veio o trovão"**, disse ela.

"Vejo que você se lembra muito bem", disse Luomen, agradecido. Maomao percebeu que a memória de En'en devia estar ligada à sua imagem da confusa Yao. Era a única resposta. *Mas por que ele quer saber disso*?, ela imaginou. Ela olhou para o mapa, comparando as localizações dos vários objetos – e engasgou. Ela voltou ao que havia escrito durante as entrevistas, observando o que os três homens lhes contaram.

"Qual é o problema, Maomao?" Yao perguntou.

"Leia isso. Isso lhe dá alguma ideia?", ela perguntou, mostrando o testemunho a Yao, especialmente as partes sobre o trovão.

"Hum... Sim. Algo parece errado." Ela olhou atentamente para o testemunho do irmão mais velho. **"A ordem está errada aqui."** Sua afirmação era, em poucas palavras, que o céu se iluminou, então o sino tocou e então o trovão caiu. **"E aqui também!",** ela disse enquanto lia o testemunho do segundo irmão. Afirmava que o clarão no céu e o som do sino vieram ao mesmo tempo, seguidos por um trovão dramático. **"Este último pode ser preciso, mas não diz quando o sino tocou."** O irmão mais novo disse que quatro ou cinco segundos depois do relâmpago, o trovão veio como um terremoto. **"Então isso significa que os irmãos mais velhos e do meio estão mentindo?"** Yao perguntou.

"Não necessariamente", respondeu Maomao. Ela pensou consigo mesma *Agora eu vejo do que se trata.* Ela olhou para o seu velho, que olhava para os três com uma expressão gentil, esperando para ver se chegariam à resposta.

Ela lembrou-se do que Lihaku dissera: que se podia esperar que pelo menos dois dos irmãos dissessem a verdade. O grande vira-lata talvez não precisasse aparecer, mas mesmo assim ele lhes deu alguns conselhos muito interessantes. Se ele estivesse certo, então os três homens não tentariam encobrir um ao outro. Ele disse que os irmãos que não agrediram a menina não mentiriam para Maomao e Luomen, desde que não achassem que isso lhes causaria problemas. O que levou a uma conclusão...

"Maomao, conte-nos o que está acontecendo aqui", disse En'en.

Maomao olhou para o pai. **"Se é que você descobriu",** ele disse com um sorriso.

Bem, agora ela *realmente* queria acertar. Ela respirou fundo e colocou seus pensamentos em ordem, tentando decidir por onde seria mais fácil começar. Depois de um momento, ela disse: **"Yao, En'en, você sabe dizer a que distância um raio caiu de você?"**

"Você pode dizer o quão alto é o trovão, certo? E quando você ouvir isso depois do flash..." Yao tinha uma boa cabeça sobre os ombros. Ela só precisava de um empurrão para ver a resposta. **"Então você está dizendo que quanto mais cedo eles ouviram o som, mais perto eles estavam de onde o raio caiu!"**

Luomen assentiu. A testa de Yao enrugou-se enquanto ela comparava o testemunho dos três homens.

“É difícil definir o cronograma. Todos mencionam o trovão, mas não concordam sobre o sino.”

Sua confusão era compreensível. Maomao disse: **“Quanto mais longe você estiver do relâmpago, mais tempo o som do trovão levará para chegar até você. O som do sino não se comportaria da mesma maneira?”** Isso explicava por que os homens relataram ter ouvido os sons em ordens diferentes. E quando compararam esses detalhes, apenas o testemunho de um homem se destacou como claramente errado.

“É o irmão do meio, não é? Se ele estivesse realmente em casa quando o trovão soou, como ele diz, não faria sentido.” En’en usou os dedos para medir o espaço entre os objetos amarelos, vermelhos e azuis no mapa. **“Mesmo sem saber a distância exata, dá para perceber que se ele estivesse em casa não teria como ter ouvido o sino ao mesmo tempo em que viu o relâmpago.”**

A torre do sino ficava longe da casa onde o segundo irmão afirmava ter estado. Em vez disso, ele ouviu os sons na mesma ordem que Maomao e os outros – o que significa que ele estava perto do mesmo lugar onde eles estiveram.

“O irmão do meio deve ter estado por aqui”, disse En’en, movendo o triângulo azul ao lado do objeto vermelho. Precisamente, por outras palavras, onde a jovem disse que um dos homens a tinha abordado.

Maomao, Yao e En'en olharam para Luomen. Era sobre isso que tratavam todas as suas perguntas desde o início? *Quem pensaria em estabelecer a localização de uma pessoa pelos sons que ouviu*? Maomao pensou, quase incapaz de acreditar.

“Agora temos os registros do secretário e nossas próprias conclusões. Acho que é hora de reportarmos a Lakan”, disse o velho de Maomao, levantando-se da cadeira.

“Como uma pessoa tão surpreendente acabou como eunuco?” Yao respirou. Maomao, apoiando o velho com o joelho machucado, sabia exatamente como ela se sentia. Ele era médico, sim, mas alguém poderia se dar ao luxo de valorizar um pouco mais.

[1] *Raining cats and dogs = chovendo gatos e cães/cachorros: é usado para descrever chuvas particularmente fortes.

Capítulo 7: A Expedição

O ar seco roçou as bochechas de Jinshi. Como aconteceu nos últimos dias. Ainda assim, ele não tinha feito nenhuma excursão adequada desde sua viagem ao oeste. Observar a paisagem passar enquanto sua carruagem avançava não era uma maneira terrível de passar o tempo, mas ele não podia negar o desejo de cavalgar pelos campos em seu próprio cavalo.

“Você pode simplesmente deixar as coisas aqui para nós. Não se preocupe, nosso mundo continuará girando sem você por alguns dias”, disse Maamei, que ficou orgulhosa com o peito estufado. Jinshi fingiu que não conseguia ver Baryou (cujo olhar dizia *Você está realmente me deixando aqui*?). Em vez disso, com o proverbial impulso de Maamei, ele saiu para fazer as suas observações. Seu destino: uma aldeia onde as plantações foram devastadas por insetos.

Isso significou um dia e meio viajando em uma carruagem barulhenta. Em um esforço para concluir o trabalho o mais rápido possível, Jinshi planejou trocar cavalos e condutores em cada cidade. Apesar do ritmo rígido que pretendia estabelecer, ele tinha pelo menos dez pessoas com ele, incluindo seus guarda-costas. Um número relativamente modesto para uma expedição envolvendo alguém com o status de Jinshi, mas viajar muito só faria com que as coisas demorassem mais. Ele seguiu em frente com seu grupo comparativamente pequeno na esperança de chegar à aldeia muito mais rápido.

Da mesma forma, para garantir que tudo corresse bem, ele decidiu ser um pouco... exigente sobre quem faria parte de sua equipe.

"Você não se sente desconfortável simplesmente sentado por tanto tempo, senhor?"

“Se você está tão preocupado com isso, deixe-me ir.”

“Receio que não, senhor.”

Sentado ao lado dele não estava Basen, mas Gaoshun. Basen estava presente, a cavalo entre os guardas. Com desculpas a ele, Gaoshun era ainda mais capaz quando se tratava de servir como ajudante de campo de Jinshi. Consequentemente, Jinshi o pegou emprestado do imperador. Foi também, por assim dizer, a pequena vingança de Jinshi contra Sua Majestade, que estava facilitando sua própria vida ao fazer com que Gaoshun fizesse seu trabalho **“Tem certeza de que Baryou vai ficar bem? Mesmo com Maamei?”** Jinshi perguntou. Ele estava preocupado. **“Eu sei que ele sempre foi um pouco frágil. Pensei ter ouvido que ele estava em repouso absoluto em casa por causa de uma doença.”**

É certo que foi o próprio Jinshi quem pressionou para que Baryou entrasse em seu serviço, mas ele estremeceu ao pensar que o homem ficaria doente novamente.

“Era apenas sua reclamação habitual.” Gaoshun ofereceu a Jinshi uma tangerina já descascada - mas não antes de pegar um único pedaço e colocá-lo na boca. Jinshi não tinha certeza se era realmente necessário verificar se havia veneno em algo tão trivial, mas tornar a prática habitual desencorajaria as pessoas de pensar em tentar envenenar algo que pudesse escapar.

“Eu conheço a essência da história dele, mas talvez você possa me contar o resto?” Jinshi lançou a Gaoshun um olhar interrogativo enquanto dava uma mordida na fruta. Ainda estava azedo, a coisa perfeita para molhar a garganta seca.

"Sim, senhor.” Ele nunca se deu bem com o supervisor de seu departamento, a ponto de Baryou acabar com um buraco no estômago. O assunto culminou com um incidente de vômitos abundantes na mesa do supervisor, após o qual Baryou foi levado ao consultório médico e logo depois se retirou de suas funções. Isso teria sido há cerca de três meses, pelo que lembrava.

E este era o homem que Gaoshun afirmava que ficaria bem? Jinshi conhecia Baryou há tempo suficiente para saber que ele nem sempre se sentia muito confortável perto das pessoas - e que pessoas com quem ele realmente não se dava bem podiam, bem, dar-lhe uma folga.

Gaoshun deve ter visto a preocupação no rosto de Jinshi, porque acrescentou de forma apaziguadora: **“Não haverá nenhum problema. Maamei está com ele. Desde que teve filhos, ela se tornou uma pessoa muito mais completa.”**

"Bem equilibrada?" Ela parecia tão forte como sempre para ele. Ela deve estar, para ter uma ideia como impingir-lhe o trabalho do próprio estrategista excêntrico.

"De fato. Por exemplo, ela parou de reclamar toda vez que toco meu neto – desde que eu lave as mãos primeiro.”

Jinshi não disse nada sobre isso. Talvez tenha sido simplesmente o destino do pai desta filha em particular. Gaoshun passou muitos anos com Maamei tratando-o como uma barata.

Gaoshun tinha um olhar distante, mas enquanto olhava pela janela disse: **“Pronto, você pode ver”.**

Jinshi olhou e viu uma vila situada entre aconchegantes campos de arroz. À medida que se aproximavam, ele pôde distinguir fileiras de casas simples. Uma delas era maior que as outras. Um sentinela estava parado no portão da vila, observando o grupo de Jinshi com desconfiança.

“Iremos direto para a casa do chefe da aldeia. Se estiver tudo bem?”

“Convoque Lihaku para mim primeiro, por favor”, disse Jinshi.

Lihaku, um soldado que tinha o ar de um cachorro amigável, nunca parecia particularmente intimidado, mesmo na presença de Jinshi. Mais importante ainda, ele era um homem de caráter forte, o que o tornava muito valioso. Jinshi mais uma vez pediu que ele estivesse entre os guardas.

“Como desejar, senhor.” Gaoshun chamou Lihaku pela janela. Poderia ter sido mais rápido para Jinshi convocá-lo pessoalmente, mas seria melhor se seu rosto não fosse visto com muita frequência. Ele planejava usar sua máscara enquanto estava fora. Isso não o faria parecer menos desconfiado, mas com Gaoshun para atestar ele, ele presumiu que nem mesmo o chefe da aldeia pressionaria muito sobre isso. Ele confiou em Basen para algo semelhante antes, mas tudo era um pouco... estressante.

"**Sim? O que você precisa, Mestre Jinshi?”** Lihaku perguntou, saltando facilmente para dentro da carruagem ainda em movimento. Ele conhecia Jinshi quando ele fingia ser um eunuco e evitou o apelido eufemístico de “Príncipe da Lua” em favor do nome que Jinshi usara no palácio interno.

“Você é da província, não é? O que você acha desta vila?”

“Das províncias? Sim, senhor, embora não por aqui. Essa aldeia, no entanto...” Lihaku olhou para ela, sem saber muito bem o que dizer. **“As casas parecem muito robustas para uma aldeia agrícola. Eu sei que eles podem parecer bastante simples do seu ponto de vista, mas são perfeitamente respeitáveis aqui. Ouvi dizer que os insetos realmente devastaram este lugar.”**

Foram os postes expostos e desgastados que fizeram as casas parecerem algo menos luxuosas para Jinshi.

“O meu avô disse-me que os gafanhotos não comem apenas todos os cereais – eles procuram madeira e até têxteis”, disse Lihaku. Eles tinham apetites insaciáveis – pareciam

empenhados em roubar das pessoas não apenas a comida, mas também as roupas e o abrigo.

"Segundo relatos, o único grão que sobreviveu foi o que foi totalmente colhido e colocado nos armazéns. Praticamente todo o resto foi consumido", disse Gaoshun, lendo um pedaço de papel.

"É o suficiente para fazer sua cabeça doer, não é?" Lihaku disse, franzindo a testa. **"Embora eu ache que você poderia dizer que tivemos quase sorte de isso ter acontecido aqui e agora."** Os danos teriam sido muito piores se o enxame tivesse surgido no meio da colheita do trigo, ou mais ao sul, na região do arroz.

"É difícil ver daqui, mas tenho certeza de que há insetos mortos por todo o chão. Pode parecer feio, mas eles conseguiram reduzir ao mínimo os danos porque já haviam sido enviadas ordens para se preparar para exterminar os insetos." Lihaku balançou a cabeça e suspirou. Era uma maneira um tanto familiar de se comportar perto de um membro da família imperial, mas Jinshi sabia que Lihaku estava ciente de seu lugar e optou por ignorar a indiscrição. A escolha foi tanto para o benefício de Jinshi quanto para o de Lihaku – isso tornou sua vida mais fácil. Gaoshun pôde ler a reação de Jinshi e não disse nada a Lihaku. Se Basen estivesse aqui, ele teria atacado o outro soldado e, francamente, teria sido um pouco chato.

"Bem, vou voltar", disse Lihaku. **"Do contrário, Mestre Basen vai me dar o olhar mais gritante da minha vida."**

Antes que ele pudesse partir, porém, a carruagem parou. Eles devem ter chegado à casa do chefe. Basen não parecia gostar do fato de Jinshi valorizar o serviço de Lihaku, e o grande vira-lata não perdeu tempo em se exibir. Quanto a Jinshi, ele colocou a máscara e saiu um momento depois.

Embora as madeiras e o telhado mostrassem alguns sinais de terem sido mordiscados, a casa do chefe era adequadamente impressionante. Jinshi sabia por causa do toque de zombaria no tom de Lihaku ao comentar: **"Mais uma mansão do que uma casa normal, não é?"**

Canais corriam ao redor da mansão, fluindo para um lago criado no meio do jardim. Era uma ideia sofisticada, mas a evidente falta de vegetação fazia com que parecesse desamparada. Especificamente, tentar transformar um arrozal em um lago foi inteligente – inteligente demais, pela metade. Mas Jinshi guardaria isso para si.

Ele ficou atrás de Gaoshun. O chefe apareceu na porta, torcendo as mãos e curvando-se obsequiosamente para Gaoshun enquanto lançava olhares suspeitos ao homem mascarado. Ele os conduziu para dentro, onde Jinshi supôs, com base nos sussurros de Lihaku, que o interior era tão relativamente suntuoso quanto o exterior. Lihaku pode parecer simples, mas na verdade ele era bastante esperto.

“Por aqui, por favor”, disse o chefe, conduzindo-os para uma sala onde um banquete havia sido preparado. A comida parecia bastante pobre para Jinshi, que já havia comido seu quinhão de refeições ornamentadas na capital, mas havia todas as chances de ser mais extravagante do que se poderia esperar de um chefe de aldeia rural.

Jinshi ficou em silêncio. Gaoshun nem sequer olhou para ele, mas sabia o que seu mestre iria querer dizer. **“Não viemos comer. Conte-nos sobre o estado da sua aldeia neste minuto”,** disse ele.

“S-Sim, senhor”, disse o chefe. Para Jinshi, que estava acostumado com Gaoshun parecendo respeitoso, o tom de comando era estimulante.

Até Maomao que sempre falava educadamente com ele poderia ficar estupefata.

O chefe prontamente ordenou que um criado levasse a refeição, deixando a grande mesa vazia. O quarto estava completamente limpo e a janela oferecia uma vista para o jardim. Jinshi suspeitou que fosse o orgulho e a alegria do chefe, mas no momento estava repleto de cadáveres de insetos.

O chefe trouxe um mapa da aldeia.

“Você pode pular as gentilezas. Dê-nos a situação. Tantos detalhes quanto você puder, mas seja breve”, disse Gaoshun.

"Sim, senhor. Tudo começou há cerca de duas semanas...”

Cerca de duas semanas atrás, uma nuvem negra apareceu no horizonte noroeste, disse o chefe. Foi uma visão estranha, uma nuvem de tempestade fora da estação das chuvas. Logo perceberam que a nuvem vinha acompanhada de um zumbido terrível. Na verdade não era uma nuvem, mas um grande enxame de gafanhotos.

O enxame chegou à aldeia e começou a comer todo o arroz não colhido que encontrava. Os aldeões reagiram com tochas e redes, mas não importa quantos matassem ou capturassem, isso nunca pareceu afetar o número do enxame. Eles simplesmente continuaram a comer, e

não apenas o arroz, mas as roupas e os sapatos dos aldeões – até mesmo o cabelo e a pele sentiram as picadas dos insetos.

Os homens pegavam os gafanhotos e os queimavam ou simplesmente os matavam. As mulheres e crianças tentaram abrigar-se em ambientes fechados; as mulheres matavam qualquer inseto que passasse pelas frestas das paredes, mas as crianças só conseguiam ficar curvadas nos cantos, tremendo.

O ataque dos gafanhotos durou três dias e três noites.

"Essas são as roupas que eu estava usando naquele dia", disse o chefe, segurando uma roupa resistente de fibra de cânhamo. Buracos foram feitos através dela – e a julgar pelas cores vivas do tecido, não era hora de fazer o trabalho. **"Fizemos inseticida, mas o enxame era simplesmente grande demais. Não tivemos a menor chance."**

Jinshi mordeu o lábio: então os produtos químicos não foram suficientes, afinal.

"E depois tem isto", disse o chefe, saindo para o jardim e escovando o tronco de uma das árvores. **"Isso estava coberto de folhas novas... Mas os insetos comeram até a última."** Ele suspirou profundamente.

"Onde estão os insetos agora?" Gaoshun perguntou.

"Matamos tudo o que pudemos, queimamos o que pudemos e tentamos reunir o resto dos mortos nos fundos da aldeia. Você quer vê-los?"

Eles foram. O chefe os conduziu para trás da mansão. À medida que avançavam, começaram a ver mais gafanhotos mortos no chão, e então os corpos começaram a estalar sob seus pés enquanto caminhavam.

Jinshi permaneceu em silêncio enquanto se aproximavam do local. Abster-nos-emos de uma descrição detalhada; basta dizer que um grande buraco foi cavado e um monte escuro podia ser visto acima da borda. Alguns guardas levaram as mãos à boca, lutando contra a vontade de vomitar. É evidente que alguns dos homens do destacamento não gostavam de insetos.

"São todos eles?" Gaoshun perguntou.

"Todos aqueles que conseguimos impedir", respondeu o chefe.

“E quantos você diria que fugiram de você?”

“Eu não consegui adivinhar.”

Gaoshun acariciou seu queixo. **“Basen.”**

Ele veio rapidamente quando seu pai chamou. **"Sim, senhor?"**

“Vá para outras aldeias próximas e descubra exatamente quanto dano foi causado. Se você pegar um cavalo rápido, poderá voltar em tempo decente.”

"Sim, senhor."

Basen foi perguntar aos moradores locais sobre outros assentamentos próximos. Por trás da máscara, Jinshi ergueu as sobrancelhas e as deixou cair novamente.

“Aconteceu alguma coisa, senhor?” Gaoshun perguntou baixinho.

"Não exatamente..."

Jinshi precisava lidar com o que havia acontecido – mas havia algo ainda mais importante que exigia sua atenção. Ele se perguntou o que a apotecário demente faria se ela estivesse ali.

De repente, ele se agachou no chão. Os gafanhotos estavam mortos e imóveis, mas ele podia ver que suas barrigas estavam inchadas. Ele já tinha ouvido falar que os enxames de gafanhotos adquiriam uma coloração mais escura e suas pernas ficavam mais curtas. Na verdade, eram de cor parda e lisa.

Jinshi sacou uma pequena adaga. Sem dizer uma palavra, ele mergulhou no corpo de um dos insetos. Ele não gostou da sensação, mas tinha certeza de que se Maomao estivesse aqui, era isso que ela teria feito. Ele começou a dissecar um gafanhoto após o outro. Os aldeões observaram horrorizados o homem mascarado, mas Jinshi não podia se dar ao luxo de se incomodar com o que pensavam dele. Ele alinhou os insetos esculpidos em uma fileira.

“Esses são...” Gaoshun começou. Ele parecia entender o que Jinshi pretendia. Jinshi não era entomologista, mas até ele conseguia adivinhar o que poderia ter feito os estômagos parecerem inchados. Eles estavam cheios do que pareciam ser longos túbulos amarelos.

Era outono e depois do outono vinha o inverno. Esses insetos não sobreviveriam aos meses frios – confiariam o futuro à próxima geração.

"Ovos?" Gaoshun sussurrou e Jinshi respondeu com um aceno de cabeça. Outra coisa que ele podia adivinhar era o que os insetos carregados de ovos fariam em seguida.

“Essa praga ainda não acabou”, disse ele suavemente, a máscara abafando sua voz. **“Nós queimamos essa terra.”**

Quaisquer ovos sobreviventes tiveram que ser destruídos com fogo – ou a colheita do trigo da primavera cairia nas mãos desses gafanhotos.

Capítulo 8: Assédio

Era uma manhã fria de outono e Maomao estava prestes a ir para o consultório médico para trabalhar quando foi interrompida por uma entrega. Ela teria ficado perfeitamente feliz com um presente, mas não era isso. Pelo menos, não era o tipo de presente que ela queria.

“Alguém está assediando você? Você sabe que pode me contar, certo?” Yao disse, lançando-lhe um raro olhar de pena. Mas o olhar vinha de uma distância segura — Yao recuou, franzindo a testa intensamente.

“Não propriamente, não...” Maomao disse, mas não podia culpar Yao por se perguntar, pois dentro da cesta que ela recebeu havia algo marrom – uma massa de insetos mortos.

Gafanhotos, especificamente.

Normalmente, teria sido um desafio coletar tantos deles, mas aqui estavam eles, o que significa que vieram de algum lugar onde a coleta não era tão desafiadora.

“Deixei isso aí porque veio dos superiores, mas ficaria muito feliz se você desse o fora daqui”, disse o Dr. Liu, totalmente impressionado. Ele era mais velho, o homem de posição mais elevada no consultório médico, o que significava que havia muito poucas pessoas com quem ele sentia necessidade de ser respeitoso.

E leve para onde? Maomao pensou. Ela não queria uma cesta cheia de insetos mortos em seu quarto. Ela tinha uma boa ideia de quem o havia enviado, mas isso só a deixou mais confusa sobre o que fazer.

A Dra. Liu parecia sentir que ela estava entre a espada e a cruz. Ele acenou para ela. **“Use a sala vazia no prédio ao lado”,** disse ele. **“Normalmente não seria minha para dar a você, mas... hum... apenas reúna algumas pessoas com tempo para matar e faça o que tiver que fazer. Rapidamente."** Ele parecia considerar o assunto prioritário em relação às tarefas do consultório médico. *Muito bem então...*

"Diga, uh, o que foi tudo isso?" Yao perguntou, puxando a manga de Maomao. Suas lindas feições foram marcadas por uma expressão de angústia.

Maomao sorriu e decidiu recrutar a encolhida Yao para ajudá-la com os insetos.

○●○

Yao colocou outro inseto na balança, sua palidez mortal. En'en observou-a com um rubor nas bochechas. Por sua vez, Maomao ficou em silêncio enquanto media as pernas e asas dos gafanhotos.

“Hum, quantos mais... insetos... você precisa?” Yao perguntou, pegando um gafanhoto com pauzinhos e com bastante ódio. Ela não gostava de insetos. Elas colocaram dez deles na balança, um por um; elas calculariam a média de seu peso.

“Suponho que não precisamos pesar todos eles”, disse Maomao. **“Mas certamente quanto mais, melhor.”** Ao fazer as medições, ela colocou todos os espécimes com coloração incomum em uma pilha separada.

“Se você descobrir que não aguenta, senhora, eu assumirei o controle por você”, ofereceu En’en.

Yao, porém, disse: **“N-Não, eu posso fazer isso. Faz-parte do trabalho...”** A pergunta só poderia deixá-la mais determinada a não ser a segunda melhor – como En’en sabia perfeitamente bem. Foi por isso que ela disse isso.

“Jovem amante...” En’en disse; o rubor estava ficando mais profundo, seu coração batia mais forte e arrepios percorriam sua pele enquanto ela observava Yao trabalhar com os insetos.

Estranho, *estranho*, *estranho*, Maomao pensou, dando a ambas uma espécie de carranca. Mas ela não parou de trabalhar.

Elas já haviam passado por cerca de um terço da pilha quando chegou um visitante: um homem pequeno com óculos redondos, cabelo despenteado e, hoje, um sorriso. "**Bem, olá.**"

Era, nem é preciso dizer, Lahan. Maomao não parou de trabalhar, mas agora parecia zangada. Lahan parecia despreocupado enquanto examinava seus números. "**Hum. Maomao, acha que você poderia ter a gentileza de explicar esse número aqui para o seu irmão mais velho?”** Ela o ignorou propositalmente - então ele sussurrou em seu ouvido: **“Trouxe sua recompensa da última vez. Aquele que mencionei? Acho que talvez você tenha esquecido disso.”**

Os olhos de Maomao se voltaram para Yao e En’en. Yao parecia não ter notado; En'en tinha, mas ela estava fingindo que não. Lahan estava se referindo à investigação de Maomao sobre a donzela do santuário Shaohnese – que ela havia conduzido sem o conhecimento das outras duas mulheres. Ela presumiu que o assunto havia se perdido na confusão em torno da tentativa de envenenamento da donzela do santuário, mas parecia que Lahan se lembrava.

Maomao finalmente parou de trabalhar. **“Já fizemos cerca de trezentos deles. Medi o comprimento de suas pernas e asas e registrei sua cor e peso, bem como quantos ovos as fêmeas carregam. Acho que esses gafanhotos vieram de muito longe.”**

Lahan fez ruídos de reconhecimento, folheando os papéis. O que ele estava pensando? A coleta de medidas pode parecer sem sentido para as pessoas comuns, mas para este homem nada era mais interessante do que números.

Yao ainda estava abertamente consternada com a coisa toda, mas finalmente notou Lahan e fez o possível para dizer olá, apesar do cansaço. Maomao, pensando que aquele poderia ser

um bom momento para uma pausa rápida, estava prestes a fazer um chá, mas então percebeu que talvez fosse cruel oferecer a Yao algo para beber naquele momento específico.

"Olha, aqui." En'en colocou uma xícara de chá na frente de Lahan, e apenas Lahan. Ele tomou um gole, tão absorto nos números que a montanha de gafanhotos mortos nem o incomodou.

“Maomao, quais são esses números aqui?”, ele perguntou, apontando para um grupo que estava sozinho.

“Esses são os valores para nossos gafanhotos locais. Eles são verdes em vez de marrons. Eu os separei daqueles que vieram de outros lugares com base em sua cor, forma e peso.”

Durante uma praga de gafanhotos, os próprios insetos podem sofrer alterações fisiológicas. Os que desenvolveram asas curtas foram os que voaram de longe.

"Justo. Até onde você acha que eles poderiam voar, se o fizessem?”

Maomao não respondeu. Ela não era especialista. Nesse ponto, Yao entrou na conversa, embora parecesse tão confusa quanto Maomao. **“Não consigo imaginar que possa estar muito longe”,** disse ela. **“Alguns quilômetros no máximo. Quero dizer, eles são apenas insetos.”**

Lahan assentiu. **“Curiosamente, não houve outros danos causados por insetos nas proximidades da aldeia onde o enxame apareceu. Mas para haver tantos deles, eles deviam estar conseguindo comida em algum lugar.”** Mas não, evidentemente, a área circundante. Ele tirou um mapa das dobras de seu manto, uma ilustração que abrangia todo o país. **“Você sugeriu que eles só seriam capazes de voar alguns quilômetros, sim?"**

“Sim, e acho que estava sendo generosa”, disse Yao.

“No entanto”, disse Lahan, e ali ele tirou um pedaço de barbante que colocou em cima do mapa. Ele não devia querer escrever diretamente nele e, em vez disso, estava usando o barbante. Ele o orientou diagonalmente do noroeste em direção à localização da aldeia afetada. **“Essa é a direção do vento sazonal”,** disse ele.

“Você acha que eles vieram pela brisa”, disse Maomao.

"Sim. Nesse caso, eles provavelmente poderiam viajar dezenas de quilômetros se quisessem." Em seguida, ele colocou várias pedras de Go brancas no mapa.

"Para que servem as pedras?" Maomao perguntou, gesticulando.

"Eles representam áreas onde houve danos causados por insetos. Acho que é razoável presumir que esta área é apenas a última vítima do enxame que viaja do noroeste."

"Essa é a direção de Hokuaren", disse Yao.

Maomao não disse nada; ela sentiu uma desagradável gota de suor escorrer pelo pescoço. Yao apenas declarou o fato; ela não tinha visto as implicações. Lahan estava falando sobre algo mais. En'en pareceu perceber, mas optou por não dizer nada; ela apenas observava sua amante com carinho.

Lahan juntou os papéis com os números de Maomao. **"Acho que temos o suficiente aqui. Outra pessoa deveria ser capaz de cuidar do trabalho depois disso, certo?"**

"Eu gostaria que você tivesse deixado outra pessoa cuidar disso antes disso", resmungou Maomao.

Lahan balançou um dedo em reprovação para ela. **"Não fui eu quem ordenou esta investigação de gafanhotos. Só me pediram para ver se os números eram bons. Posso não parecer, mas sou um homem ocupado.**" Ele tentou parecer indignado, mas era difícil levá-lo a sério, já que ele estava brincando com as pedras de Go enquanto falava. Quanto ao que ele estava tão ocupado, as pedras em sua mão contavam a história: ele estava ocupado com um trabalho paralelo. **"Se os números não forem precisos, então o que de outra forma poderia ser visto fica obscurecido. Tivemos que ter certeza de que começamos com boas medições."**

Maomao entendeu o que ele estava tentando dizer. Ele provavelmente já tinha números perfeitamente bons. Quando ele ia sair, porém, ela agarrou sua manga. **"Você não está esquecendo alguma coisa?"**

"Oh! Sim, claro." Lahan produziu teatralmente um pacote, dentro do qual havia uma raiz vegetal. Maomao não pôde evitar; ela sentiu a respiração começar a ficar quente em suas narinas. **"Vou me retirar, então",** disse Lahan. Maomao conseguiu o que queria; ela não tinha mais negócios com ele.

"O que é isso? Ginseng?" Yao perguntou, olhando para a raiz.

En'en parecia conhecer o segredo do vegetal. **“Sim, é, mas...”**

Quanto a Maomao, tudo o que ela pôde fazer foi olhar intensamente para o seu prêmio. Ela não poderia ter desviado o olhar nem se quisesse. Era irresistível para ela, lindo. Ela começou a rir: **“Heeheeheeheehee!”**

“Uh... você está bem?” Yao perguntou.

“Haaahheeheeheeheeheeheehee!”, foi sua única resposta.

“En’en, acho que há algo errado com Maomao...”

“Só agora você está percebendo, senhora?”

No que diz respeito a Maomao, era como se elas não estivessem conversando. Todo o resto naquele momento parecia trivial comparado ao seu ginseng.

“Heeheeheeheeheeheeheeheeheehee!”

“Há algo acontecendo aqui, eu sei! Aquilo que ele deu a ela é algum tipo de droga horrível, não é?

“Está tudo bem, jovem senhora. Sim, é uma droga, mas não há nada de terrível nisso.”

Maomao ergueu o ginseng triunfantemente e se virou. **"Ginseng!"**

Ginseng. De fato. Mas isso não era apenas ginseng. Aquele era um ginseng medicinal. As pessoas nunca conseguiram domesticá-lo; a única coisa que se podia fazer era procurá-lo na natureza. Às vezes era chamado de bangchui: fervido sem descascar, virava “ginseng vermelho”. Um presente tão grande era um presente bastante rico.

Pela primeira vez em muito tempo Maomao dançou sua dança feliz, em uma sala cheia de insetos mortos, enquanto Yao (cada vez mais preocupada) e En’en (despreocupada) observavam.

Capítulo 9: A ideia de Jinshi

Pergunta: O que você faz quando tem muito trabalho e isso se torna um problema?

Resposta: Você faz com que outras pessoas façam isso.

Óbvio. Simples. Mas difícil de implementar. Mesmo assim, Maamei foi diligente em prol de Jinshi e, quando voltou da viagem, encontrou muito menos trabalho acumulado do que temia. A solução de Maamei foi bastante elegante: como o título de Jinshi sempre deveria ser principalmente honorário, ela simplesmente enviou todos os vários trabalhos, tarefas e tarefas diversas de volta aos departamentos que os haviam impingido a ele em primeiro lugar.

Incluindo a questão dos insetos.

"Deixe o Diretor de Águas ou o Mestre da Agricultura cuidar disso", foi sua avaliação. O primeiro era responsável pelo controle das cheias, enquanto o segundo supervisionava tanto a moeda como os cereais. Jinshi já havia tentado passar o assunto para eles antes, mas cada um deles o rejeitou com um **"*Não é nosso trabalho. Somos pessoas ocupadas, desculpe.*"**

Ele tentou explicar isso a Maamei, mas ela não aceitou. **"Eles disseram *o que*? Apenas empurre de volta! Você os supera, Mestre Jinshi, mesmo que seja apenas honorário. O que... você é jovem, então você vai *ouvir o que eles pensam* ou alguma coisa? Você está preocupado em *ferir seus sentimentos*? Deixe-os usar um daqueles bons rapazes, daqueles que chegam ao meio-dia, tomam um chá e voltam para casa. Se disserem que estão ocupados, que não têm liberdade de ação? Garanto que é só porque suas mãos estão ocupadas demais agarrando as mulheres no distrito do prazer a noite toda. Vá procurá-los em seus bordéis e dê-lhes o trabalho ali mesmo. Garanto que os departamentos estão cheios dessas pessoas."**

Não houve como superar Maamei em uma troca verbal. Basen e Baryou pareciam querer interferir, mas não ousaram contradizer a irmã.

Maamei era uma mulher altamente capaz, mas era apenas isso: uma mulher. Graças ao seu gênero, ninguém estava disposto a lhe dar nenhum emprego oficial. Mas se Basen era um na escala de realização do trabalho e Baryou era cinco, Maamei ocupava um sólido três. As pessoas não sabiam o que estavam perdendo. Ela não fazia tanto quanto Baryou, mas quando estava presente para atuar como sua assistente, servia como multiplicadora de força, tornando-o duas ou três vezes mais eficaz. Se ela fosse homem, quase certamente teria sido assessora de Jinshi. Mas dada a sua capacidade de falar, talvez fosse melhor que ela fosse mulher.

“Também tenho um aviso para você, Mestre Jinshi, considerando que você está tendo visão de túnel”, acrescentou ela.

“S-Sim? O que é isso?" Ele tremeu um pouco, apesar de tudo.

“Pessoas *ordinárias* considerariam a entrega de uma montanha de insetos mortos nada menos que assédio. Principalmente quando a entrega vai para uma mulher jovem.”

Isso deixou Jinshi sem palavras. Ele só conseguiu abaixar os ombros e dar um tapa na testa.

“Dividir o trabalho”, disse Maamei. **“Faça uso de quem você puder. E quem você não puder, dê-lhes algo indiferente para fazer, apenas para mantê-los fora do caminho.”** Com isso, ela expulsou Jinshi de seu escritório, com ordens de usar sua influência — ou seus encantos, se necessário — para retirar os papéis de sua mesa.

Ela insistiu que as pessoas cantariam uma música diferente se ele viesse pessoalmente, mas ele não gostou da ideia. As pessoas tendiam a atribuir muito significado à sua aparição à sua porta. Na época em que era “eunuco” no palácio interno, ele teria ficado mais do que feliz em usar a estratégia de Maamei, mas, como irmão mais novo do imperador, ele hesitou. Ainda assim, era melhor do que não ter como chegar a lugar nenhum, então ele foi.

“*Meus encantos*, de fato,” ele resmungou.

“Devo me desculpar por minha irmã”, disse Basen, que o acompanhava como guarda. (Jinshi não foi o único que descobriu que mal conseguia olhar Maamei nos olhos.) Depois, olhando em volta, acrescentou: **“Devo dizer, porém, que há alguma verdade no que ela diz. Veja todas as pessoas que nem se preocupam em fazer o seu trabalho.”**

Muitos deles correram para esconder algo quando Jinshi se aproximou.

As pessoas se encostaram nas grades lendo o livro de Go. Eles jogavam Go nos intervalos, cercados por outros burocratas que os observavam. Alguns deles correram para pelo menos fingir que não estavam jogando quando viram Jinshi, e outros desviaram os olhos, mas havia alguns que estavam tão absortos em seus jogos que nem o notaram. Ele se viu concordando com Maamei: eles precisavam fazer seu maldito trabalho. Ele estava começando a se sentir bobo por ter trabalhado sem dormir todo esse tempo. **“Eu sabia que era popular, mas acho que isso pode estar ficando fora de controle”,** disse ele.

“Mestre Jinshi, não tenho tanta certeza sobre permitir esse tipo de coisa aqui”, disse Basen. Ele estava olhando para um quadro de avisos normalmente reservado para decretos imperiais.

“Bem, nós mudamos o local”, disse Jinshi. Basen estava olhando o folheto recém-reimpresso sobre o torneio de Go. O envolvimento pessoal de Jinshi foi considerado uma excelente oportunidade para divulgar a competição em todo o mundo. **“Torneio ou não, todas essas pessoas parecem um pouco... ansiosas demais por esse jogo, você não acha?”** Jinshi disse.

A resposta à sua pergunta pode ser encontrada no folheto. **“Parece que há um preço de dez moedas de prata para desafiar o Grande Comandante Kan”,** disse Basen, intrigado. Ele deixou seus dedos roçarem as palavras.

Jinshi achava que a taxa de inscrição de dez moedas de cobre era uma coisa razoável e decente de se fazer, mas foi aí que surgiu o impulso empreendedor. Jinshi tinha certeza de que podia sentir a presença do sobrinho do excêntrico estrategista em algum lugar nos bastidores. Lakan nunca poderia ter orquestrado um evento como este sozinho; deve ter sido em grande parte obra de Lahan.

“Ele também vai lançar outro livro”, observou Basen. **“Uma coleção de problemas de Go, limitada a quinhentas cópias. Você acha que vai vender?”**

“Eles claramente acreditam que sim.”

Até onde eles planejavam levar isso? Por outro lado, refletiu Jinshi, Lahan poderia ter considerado isso o mínimo necessário para tornar todo o projeto viável. Há um ano, o “estrategista raposa” comprou o contrato de uma cortesã por um preço alto o suficiente para construir uma vila decente – e ainda não pagou pela parede do palácio interno que danificou.

“No entanto, dez moedas de prata para um único jogo de Go. Isso não parece um pouco caro?” Basen perguntou. Um plebeu poderia viver confortavelmente por um mês com essa quantia. Jinshi, que estava aprendendo a aguçar seu senso financeiro por insistência de Maomao e Gaoshun, entendeu que não era uma quantia pequena.

Mesmo assim, ele respondeu: **“Atrevo-me a dizer que é uma espécie de pechincha”.**

“Uma pechincha, senhor? Não consigo imaginar isso.”

Basen estava certo – se o jogo fosse apenas aprender pelas mãos do Comandante. **“E se você derrotar o Grande Comandante Kan? Você praticamente estaria ganhando dinheiro”**, disse Jinshi. Basen recuperou o fôlego. Que maneira de dourar sua reputação! **“Isso diz que o desafiante pega as pedras pretas e o jogo será jogado sem *komi*."**

No Go, o jogador com as pedras pretas ia primeiro, dando-lhe vantagem. Para tornar as coisas mais justas, o jogador branco normalmente recebia uma série de pontos, conhecidos como komi, para compensar.

“Sabe, sinto que o Grande Comandante é relativamente mais respeitoso com as pessoas que são boas em Go”, disse Basen.

“Suspeito que, se ele os desprezasse demais, logo ficaria sem gente com quem brincar.” Em qualquer caso, relativamente foi o prazo operativo.

“Se você vencesse ele, Mestre Jinshi, talvez ele parasse de ir ao seu escritório só para fazer uma cena. Você não se preocupa, ele voltará à sua ‘carga de trabalho’ habitual quando o torneio terminar?”

Jinshi induziu Lakan a fazer parte de seu trabalho real em troca de um lugar para realizar o torneio, e Basen temia que quando tudo estivesse feito, Lakan pudesse fazer algo para retaliar. No entanto, contra o estrategista, Jinshi suspeitava que mesmo as pedras negras não o ajudariam muito. Aquela raposa era um jogador muito melhor do que o profissional médio.

Ainda assim... Pode valer a pena tentar.

“Dez moedas de prata”, pensou Jinshi. Isso não era tão caro.

Jinshi ainda saboreava a simples sensação de poder voltar para casa antes do pôr do sol. Ele teria que agradecer a Maamei.

“Se me der licença, então, senhor”, disse Basen. Ele estava voltando para sua própria casa. Outra pessoa assumiria o serviço de guarda noturno. Basen pressionou para poder ficar na residência de Jinshi e estar de plantão, mas, para ser franco, Jinshi achou que seria cansativo ser atendido por Basen o dia todo, todos os dias, e recusou educadamente.

Suiren o cumprimentou quando ele chegou ao seu palácio. **“Você vai querer uma refeição”,** disse ela com um sorriso.

“Não, prefiro tomar banho primeiro”, disse Jinshi, mas depois parou. Algo no ar parecia diferente. Seu incenso favorito estava queimando, mas tinha um cheiro mais doce que o normal. E os guardas lá dentro não eram aqueles que ele reconhecia. **"Um visitante?",** ele perguntou.

"Sim, senhor."

Havia um determinado número de pessoas que poderiam aparecer na residência de Jinshi. Jinshi foi para a área de estar, os guardas no corredor se curvaram quando ele passou. Lá, ele encontrou exatamente quem esperava descansando e esperando por ele.

“Você não é necessário no palácio interno esta noite, senhor?” Jinshi perguntou enquanto se curvava ao imperador.

“Hoje em dia, o feitor continua tentando me impingir todas essas novas consortes”, respondeu Sua Majestade. Ele tinha uma bebida (que estava bebendo) em uma mão, um livro (que estava lendo) na outra e pelos faciais extraordinários. Um tabuleiro de Go estava diante dele. Então, mais um na onda. **“É tudo sobre quais garotas ele *acha* que atenderá ao meu gosto.”**

Significava as bem dotadas, sem dúvida. Mas o líder de todo o país não escolhia suas companheiras de cama apenas com base no tamanho do busto. Uma determinada consorte poderia corresponder às suas preferências, mas ainda assim poderia revelar-se politicamente desastrosa – essa parecia ser a essência da queixa de Sua Majestade. Mas não era a única coisa em sua mente. Havia também sua recém-escolhida imperatriz, Gyokuyou. Seu pai, Gyokuen, estava atualmente na capital. Ainda não estava claro se ele voltaria para o oeste de onde veio ou se permaneceria como um cidadão proeminente desta cidade, mas a última opção parecia mais provável.

"Inquieto com seu sogro por perto?" Jinshi perguntou. Aquela era a sua residência; ele poderia se safar sendo um pouco irreverente.

“Ao longo da história, quem usa a coroa sempre teve que estar atento aos sentimentos das pessoas ao seu redor.” O imperador colocou uma pedra no tabuleiro com um clique, depois gesticulou para a cadeira vazia à sua frente, pedindo a Jinshi que se sentasse.

Jinshi sentou-se, sorrindo para Sua Majestade. A tigela de Go ao lado dele estava cheia de pedras brancas.

“Mas Gyokuyou não tem nada mais fácil do que eu. Se eu tiver que cuidar do meu sogro, ela terá que pensar na sogra todos os dias.” Gyokuyou havia deixado o palácio interno e agora estava situado perto da residência da imperatriz viúva. Para a nova imperatriz, era provavelmente uma existência ainda mais tediosa do que a vida no palácio interno. **"Falando nisso. Quando fui visitá-la outro dia, ela me pediu um favor.”**

"O que?"

“Considerando a... vulnerabilidade de seu novo cargo, ela quer um provador de comida. Ela mencionou como ficaria satisfeita se fosse alguém que ela já conhecia.”

Jinshi resistiu ao impulso de franzir a testa**. “E o que você fará com a garota?”**

“Céus. Qual garota?"

Jinshi não mordeu a isca. O imperador sacudiu seu livro para Jinshi, claramente se divertindo. Jinshi tinha certeza de que Sua Majestade estava brincando com ele. Assim como Gyokuyou, ele tinha um lado brincalhão.

O imperador disse: **“Eu a teria considerado, se ela tivesse menos *distinto* estoque.**" Ele largou seu livro – que, nem é preciso dizer, era o do estrategista maluco.

Lakan não se alinhou com nenhuma facção dentro da corte, mas também não formou nenhum grupo próprio. Era considerado senso comum no palácio deixá-lo sozinho, a menos que fosse absolutamente necessário. Ele sempre foi solteiro e até adotou um filho, então ninguém imaginava que ele tivesse uma filha. Lakan, por sua vez, disse que não estava tentando escondê-la; as pessoas simplesmente, e por si mesmas, entenderam mal seu comportamento.

Mesmo antes de Maomao entrar no palácio interno, Jinshi foi informado de que a senhora do bordel encontraria Lakan com um balde de água fria quando ele corresse exclamando: ***“Papai está aqui!”*** A maioria das pessoas pensava que ele foi lá para ver uma cortesã favorita e era apenas um velhote abrasivo que não tinha mais permissão para entrar.

Em algum nível, foi incrível. Só quando ele destruiu as paredes do palácio interno e, mais tarde, quando começou a aparecer (e a interromper o trabalho) regularmente no consultório médico, é que as pessoas começaram a pensar: *Ah, ele tem uma filha*? Embora Maomao se recusasse resolutamente a reconhecê-lo, o que ela escolhesse fazer no palácio poderia ter impacto nas próprias estruturas de poder da corte. Gyokuen já estava deixando

a situação tomar conta dele. Se a filha de Lakan se tornasse serva da imperatriz, isso não melhoraria as coisas.

“Vou dar a Gyokuen um nome de clã. Sua posição aumentará. Eu odiaria jogar qualquer combustível a mais no fogo.” Mesmo alegando estar intimidado pelo sogro, o imperador estava planejando com antecedência. Esses não eram pensamentos que ele expressaria a mais ninguém; ele quase poderia estar falando sozinho.

Suiren trouxe uma bebida para Jinshi em uma vasilha de vidro transparente. O líquido vermelho-sangue parecia adorável no copo translúcido.

“Este vinho é bastante ácido”, disse o imperador, que já tinha uma taça ao seu lado.

“É assim que prefiro meu vinho”, respondeu Jinshi.

“Não estou dizendo que não gosto disso. Mas me disseram que vinhos mais doces têm estado na moda ultimamente.”

Ao ouvir as palavras “vinhos mais doces”, uma imagem de Maomao carrancudo passou pela mente de Jinshi.

“Alguma coisa acontecendo?”, o imperador perguntou.

“Não, nada.” Jinshi percebeu que corria sério risco de sorrir e rapidamente suprimiu a expressão.

O imperador lançou-lhe um olhar curioso, mas simplesmente girou o copo. **“A súbita paixão por Go consegue nos fazer esquecer, mas há alguns produtos estrangeiros abrindo caminho pelos mercados.”**

"Sim, senhor." Jinshi estava ciente disso. Uma grande variedade de produtos importados chegou do oeste junto com a donzela do santuário. Provavelmente ajudou o fato de eles terem relaxado temporariamente os impostos novamente.

“Você sabe qual é o mais popular deles?”

"Receio que não, senhor."

O imperador sorriu. Ele nunca poderia agir tão relaxado enquanto desempenhava suas funções oficiais, e parecia compensar isso sempre que estava sozinho com Jinshi. **"Vinho de uva."**

"Vinho de uva?" Jinshi inclinou a cabeça. **“Você não quer dizer as coisas da capital ocidental?”** A área ao redor da cidade natal de Gyokuyou era uma terra rica em uvas – na verdade, o vinho que bebiam naquele momento vinha da região.

“O vinho da capital ocidental tem aquela adstringência única. Mas esse material novo é mais doce. Muito bom, eu ouvi.”

“É realmente de alta qualidade?” Jinshi tomou um gole de sua bebida. O vinho da capital ocidental era amargo, sim, mas isso não era sinal de baixa qualidade. Ele também sabia que *deviam* ser mais doces: o vinho que ele tomou na própria capital ocidental quase tinha gosto de mel.

O assunto do vinho trouxe-lhe de volta algo, uma lembrança. Quando foi? Mais ou menos na época em que Maomao entrou para o serviço pessoal, depois de deixar o palácio interno. Ele girou sua bebida. **“Você acredita que é realmente feito no exterior?”,** ele perguntou.

“Eu ainda não bebi, mas meus conselheiros me disseram que é divino.”

“Talvez seja melhor você não tentar.” Jinshi olhou para Suiren e quando ela se aproximou dele, ele sussurrou algo para ela. Ela era uma dama de companhia muito talentosa e entendeu imediatamente o que ele queria. Ela saiu do quarto e voltou com um pacote.

"O que é isso?", perguntou o imperador, coçando a barba.

Jinshi mostrou-lhe o que havia dentro: um copo de metal. **“Recebi de presente. Em algum momento do ano passado.”** Seus pensamentos o levaram de volta à primavera anterior.

○●○

“Acho que talvez seja melhor você não beber o vinho, senhor”, disse a jovem apotecária taciturna enquanto limpava os talheres. Jinshi acabara de se servir de uma bebida depois do jantar.

"Por que isso? Eu vi você verificar se há veneno.” Ele girou o líquido no copo.

A apotecária havia recentemente deixado o palácio interno para retornar ao distrito do prazer – embora Jinshi a tivesse posteriormente contratado como sua dama de companhia e provadora de comida, selando o acordo com a oferta de um excelente salário.

“Sim, senhor, eu verifiquei. Não havia veneno nele, pelo que eu sabia. Mas se você quer minha opinião, acho que é bastante ácido.”

“Isso é perfeito, então.” Jinshi, na verdade, gostava de vinhos um tanto azedos ou ácidos em vez daqueles que eram simplesmente doces. Suiren deve ter preparado uma bebida de acordo com suas preferências – e esse vinho veio da capital ocidental.

“O problema está no seu copo, senhor.”

"Meu copo?" Ele olhou para o recipiente de metal que segurava. **“Você acha que pode estar envenenado?”**

"Não."

"Então o que?"

A apotecária arrancou a bebida de sua mão. **“Se você me perdoar.”** Ela mergulhou um pauzinho no vinho e colocou apenas uma gota na boca. Ela passou um longo momento provando-o e depois saiu da sala. Para cuspir o vinho e lavar a boca, Jinshi presumiu.

Ela voltou logo com a garrafa de vinho. **“Agora é venenoso”,** disse ela.

"O que você quer dizer, *agora* é?"

“É visivelmente mais doce do que quando experimentei”, respondeu ela. **“Se você deixar descansar um pouco mais, provavelmente ficará ainda mais doce.”**

“Não sei o que você quer dizer com isso, mas posso adivinhar o que está acontecendo?”

“Por favor, faça isso”, disse a apotecária com um aceno de cabeça. Sua expressão permaneceu impassível.

“Presumo que o vinho não seja tóxico por si só, mas combine-o com outra coisa e isso se tornará.”

O menor sorriso surgiu no rosto da apotecária. Parecia que ele estava certo. **“O metal tende a se dissolver quando exposto a coisas altamente ácidas. Suspeito que essa xícara seja feita de chumbo – e quando você mistura chumbo com vinho azedo, ele fica mais doce, ou pelo menos foi o que ouvi. Dizem até que no Ocidente o chumbo é por vezes misturado deliberadamente ao vinho como adoçante. E as pessoas que bebiam com frequência ficavam muito doentes. Em última análise, só posso oferecer-lhe a opinião do meu pai, mas ele tinha a forte convicção de que a pista provavelmente estaria por trás dos casos de envenenamento.”** Seu pai era o ex-oficial médico do palácio interno e um médico talentoso. Ele até estudou no oeste em determinado momento.

Jinshi largou a xícara de chumbo sem dizer uma palavra.

“Não tenho certeza se você desenvolveria sintomas agudos de envenenamento ao beber daquele copo uma ou duas vezes, mas se você o usasse de forma consistente, poderia ser perigoso.” A apotecária estava protegendo suas apostas; ela não gostava de falar por especulação.

“Se o veneno tivesse algum efeito, que tipo de sintomas eu veria?” Jinshi perguntou.

A apotecária pensou por um segundo. **“Você se lembra do pó clareador tóxico do palácio interno?”**

"Claro. Como eu poderia esquecer?"

“Ouvi dizer que continha uma mistura de chumbo e vinagre.”

Em outras palavras, Jinshi desenvolveria sintomas muito parecidos com aqueles que foram envenenados pelo pó tóxico. Ele acenou com a cabeça em compreensão.

“Você pode querer investigar os hábitos de consumo de quem lhe ensinou a beber vinho”, disse ela. Se eles próprios usassem um copo de chumbo, provavelmente teriam dado a mesma coisa a Jinshi de boa fé. Caso contrário, porém, havia a possibilidade de jogo sujo.

Não seria a primeira vez que alguém atentaria contra a vida de Jinshi. Ele precisaria olhar para a pessoa por trás deste copo e o que eles estavam pensando quando o entregaram a ele.

“Posso acrescentar mais alguma coisa, senhor?”

"Sim?"

A apotecária olhou para o vinho ainda na garrafa. **“Você parece pensar que este vinho é amargo de propósito, porque a terra o tornou assim.”** Ela deu uma sacudida suave na garrafa. **“Mas acho que começou a virar vinagre por causa da longa jornada para chegar aqui.”**

Ele estava quieto. Ela estava dizendo que o vinho que ele bebia com tanto carinho era na verdade algo que havia estragado.

“Acho que com uma consideração mais cuidadosa dos métodos de transporte, é possível que o vinho chegue aqui sem que seu caráter mude tão drasticamente.” Afinal, a capital ocidental ficava longe e a viagem era longa e quente.

“Estranho, então, que tenha um gosto bom para mim”, disse Jinshi, intrigado.

A expressão de Maomao endureceu**. “A fadiga embota o paladar, tornando-o menos sensível ao amargor...”**

Jinshi não disse nada.

“Além disso, eu prefiro álcoois mais secos.”

Nada como ter a sua provadora de comida fazendo exigências implícitas. Infelizmente para ela, Jinshi sempre preferiu sabores azedos. Ou pelo menos foi o que ele disse a si mesmo.

“Acho que vou me limitar ao vinho de uva por um tempo”, disse ele.

“Muito bem, jovem mestre”, disse Suiren gentilmente, ganhando uma carranca da apotecária.

○●○

"Bem! Eu não tinha ouvido essa história antes”, disse o imperador, esvaziando sua xícara. Algumas guloseimas assadas que Suiren preparou estavam ao lado dele. **“Então você está dizendo que o vinho que tem sido tão popular recentemente é...”**

“Tecnicamente arruinado, ou talvez falso.”

Aquele álcool veio de um país estrangeiro – a viagem certamente seria mais longa do que a da capital ocidental. Seria difícil preservar o vinho completamente inalterado e, dado que

havia sido importado uma quantidade suficiente para inundar os mercados da cidade, algumas das garrafas eram quase certamente ruins. Precisava ser adoçado para poder ser vendido – o que implicava que o vinho que circulava pela cidade era venenoso.

Alternativamente, alguém poderia estar produzindo vinho localmente e fazendo-o passar por produto importado, caso em que estaria cometendo fraude. As importações envolviam impostos substanciais e, mesmo com a carga alfandegária leve, ainda havia custos de transporte a considerar – e valor de escassez. O vinho importado tinha preços muito mais elevados do que o produzido na capital ocidental.

Sempre havia uma chance de que algumas garrafas decentes e imaculadas tivessem chegado até ali, mas esse não era o cenário mais provável.

“O mesmo veneno do pó facial”, disse Sua Majestade pensativamente, balançando a bebida e acariciando a barba. **“Falando nisso, eu entendo que depois de proibir as coisas no palácio interno, você proibiu a venda nos mercados, certo?”**

"Sim, senhor. Parecia o curso de ação mais apropriado.”

“Suponhamos que os antigos ingredientes desse pó se tornassem os adoçantes deste vinho?”

Jinshi prendeu a respiração, seus olhos se arregalaram. Como ele poderia não ter percebido? Fazia muito sentido. **“Vou iniciar uma investigação completa”**, disse ele. Ele largou a xícara e deu uma mordida em uma das guloseimas assadas para se acalmar. Essas guloseimas se distinguiam pela massa macia; dentro, continham frutas secas. Elas cheiravam levemente a álcool. Cada mordida era confortavelmente quente e doce. Suiren devia saber que o imperador estava chegando. Ela tinha sido babá dele e também de Jinshi, e devia querer dar a ele algumas guloseimas especiais para desfrutar.

“Os assados de Suiren são sempre maravilhosos, não importa quantas vezes eu os coma”, disse o imperador, claramente satisfeito. Ele estava enfiando uma das guloseimas na cara; assim que ele estava em sua boca, ele o engoliu com sua taça de vinho (recém-cheia). Ele passou a mão pela barba para tirar as migalhas e depois pegou uma pedra de Go preta com a mão livre. **“Acho que não jogamos Go desde antes de você entrar no palácio interno”,** disse ele, devolvendo a pedra com carinho à tigela.

O ex-imperador faleceu quando Jinshi tinha treze anos e Jinshi tornou-se príncipe herdeiro. Nesse mesmo ano, ele desafiou o imperador para um jogo de Go e, quando

venceu, ganhou o direito de entrar no palácio interno como o “eunuco”, Jinshi. Tudo para que ele pudesse abandonar a sua posição de príncipe herdeiro.

“Desde então, defendo que um homem não deveria apostar num jogo de Go”, disse o imperador.

"Receio que você não possa voltar atrás agora."

“Eu lhe disse, se você deseja ser imperador, terei prazer em lhe dar o título quando chegar a hora.” Ele ainda não havia cumprido sua parte no acordo com Jinshi.

“Eu não desejo isso.” Ele nem queria ser príncipe herdeiro. Mas na época, Sua Majestade não tinha filhos, e os outros descendentes do ex-imperador já haviam morrido muito antes. Ele foi forçado a fazer seu próprio novo substituto.

“Nunca me arrependi tanto de ter perdido um jogo como naquele dia”, disse o imperador.

“Ah, duvido que isso seja verdade.”

A imperatriz Gyokuyou teve um filho, o príncipe herdeiro, e ela também deu a Sua Majestade uma filha por quem ele adorava. A consorte Lihua também teve um filho. Qual seria o sentido de restaurar Jinshi ao principado agora? Mesmo que houvesse alguma razão para fazê-lo, certamente causaria faíscas.

A festa no jardim de outono estava se aproximando, quando se esperava que Gyokuen finalmente fosse apresentado com seu novo nome. Se não fosse pelos problemas com a donzela do santuário Shaohnese, o imperador já teria feito isso. Ele não podia se dar ao luxo de irritar ainda mais seu sogro – e Jinshi não podia se dar ao luxo de irritar o avô do próximo imperador.

Ele não queria se tornar o motivo de uma guerra civil; no entanto, ele também precisava evitar as faíscas que já voavam. Do jeito que estava, Jinshi tinha muito o que fazer e não tinha meios suficientes para fazê-lo. Ele precisava de mais poder.

“Talvez eu possa fazer um pedido a Vossa Majestade?”

“Você não está sonhando com outro esquema estúpido, está? Estou avisando, chega de apostas.”

“É uma coisa pequena”, respondeu ele, pegando a tigela de pedras pretas. Ou tentando - o imperador parecia querer jogar com as pretas também e não desistia. **“Se eu ganhar, gostaria que você me emprestasse seu tutor de Go, o Sábio, por um tempo.”**

Dando a Jinshi um olhar questionador, o imperador largou a tigela.

Capítulo 10: Nota

O aroma do remédio flutuou pela sala. Maomao olhou para sua criação, satisfeita por ter conseguido montá-la em seus próprios aposentos, apenas alguns minutos depois de voltar do trabalho. Agora ela finalmente seria capaz de fazer alguns experimentos.

Eu acho que isso deveria servir. Sua invenção incluía dois tipos de ervas: algumas para evitar que qualquer coisa venenosa entrasse em uma ferida e outras para revitalizar o corpo. Ela os misturou, adicionou óleo para evitar que secassem e finalmente adicionou um pouco de cera de abelha para produzir um bálsamo. Ela assentiu com satisfação enquanto arregaçou a manga esquerda e preparava a faca. Ela o limpou com álcool para se certificar de que estava limpo, depois fez um movimento com a lâmina e...

“Eeeek!”, alguém gritou. Era Yao. **“Maomao, o que você está fazendo?!”**

“Não tenho certeza se entendi a pergunta.” Ela largou a faca, um corte recente visível em seu braço esquerdo. Ela estava experimentando um novo remédio em seu quarto. *Par for the course**[1] para Maomao, mas deve ter sido uma visão enervante para Yao. **“Não se preocupe”**, disse ela. **“Eu tenho remédio bem aqui.”**

Ela não mencionou que a questão toda era se iria funcionar ou não. Tentativa e erro, esse era o caminho a seguir no desenvolvimento de novas curas.

Admito que seria bom se houvesse outra pessoa em quem eu pudesse testar as coisas, ela pensou. Ela praticamente podia ver a carranca de seu pai, no entanto. De vez em quando ela conseguia usar uma de suas misturas em um soldado de aparência robusta, mas com algumas preciosas exceções, eles não voltavam depois que ela os ajudava. *O que eles precisam é de um bom e violento acidente de treinamento*, ela pensou. Não é muito legal, é verdade. As pessoas ficavam irritadas quando ela tentava criar ratos, e uma vez, quando ela teve a brilhante ideia de raspar a gata Maomao para testar uma poção para crescimento de pêlos, a consternação dos outros habitantes da Casa Verdete foi tão intensa e vociferante que ela não teve escolha a não ser desistir de seu plano. (Não era como se ela fosse desperdiçar o pelo raspado! Ela o teria transformado em pincéis de escrever!)

Por todas estas razões, então, a única opção de Maomao era experimentar no seu próprio corpo.

E agora Yao estava chateada. **“Sua idiota grande e idiota!”,** ela disse.

"Qual é o problema?" En'en perguntou, atraída pelos gritos de Yao. Ela foi saudada pela visão de Yao segurando o braço esquerdo de Maomao e parecendo muito infeliz.

“Diga algo para ela, En’en!” Yao exclamou.

"Sobre o que?" En'en devia estar preparando o jantar, porque segurava um pouco de bok choy (repolho chinês). Talvez algum tipo de sopa estivesse reservado para elas. En’en fez uma sopa rica e deliciosa de baitang fervendo peixe e ossos de porco. Maomao resolveu pegar um pouco mais tarde.

"Sobre *isso*! Basta olhar para este braço!” Yao gesticulou com o braço esquerdo de Maomao.

"Eu vejo isso. Eu acho que ela está testando os efeitos dos medicamentos.”

"Isso é verdade?" Yao exigiu.

“É”, confirmou Maomao. En'en tinha olhos aguçados; ela provavelmente adivinhou o que Maomao estava fazendo, embora nunca tivesse visto.

"Se você sabia disso, por que não a impediu?" Yao perguntou. **"Eu *pensei que* seu braço nunca pareceu melhorar. É porque você está causando novos ferimentos!”** Maomao percebeu que Yao nunca fazia comentários sobre seu curativo. Acontece que não foi porque ela não tinha notado; ela estava tentando ser sensível e não mencionar isso.

“Senhora, isso é algo que Maomao está fazendo de propósito. Não é uma simples automutilação; ela está tentando desenvolver produtos farmacêuticos eficazes. Não achei que houvesse motivo para impedi-la.”

"Ela está certa. Tenho um objetivo em mente”, disse Maomao. **“Remédio e veneno são duas faces da mesma moeda. Você tem que equilibrar sua fórmula para que ela se torne uma e não outra – mas a única maneira de saber o que você tem é experimentando.”**

Qualquer estudante de medicina deveria ter compreendido a importância da experimentação. O consultório médico ainda mantinha vários tipos de animais domésticos

à disposição para testar medicamentos – um fato que sempre fazia com que Yao parecesse muito conflituosa, embora no final ela nunca dissesse nada sobre isso. Ela sabia que era necessário.

Maomao achou que isso era parecido – algo sobre o qual Yao realmente não tinha o direito de discutir – mas Yao, carrancuda, não estava disposto a recuar. **"Eu não ligo. Isso não é desculpa para continuar assim!"** Ela não largava o braço de Maomao. **"Amigas não permitem que amigas façam... *isso* com elas mesmas!"**

Maomao e En'en olharam para ela com os olhos arregalados. **"Amigas. Certo",** disse En'en. **"*Amigas* não... suponho... "** Ela olhou para Maomao com uma pitada de ciúme.

"Certo... Amigas..." Maomao repetiu. Pensando bem, ela tem passado bastante tempo com elas fora do trabalho recentemente – compartilhando refeições, saindo juntas ou apenas conversando. Essas eram coisas que poderiam ser classificadas como atividades realizadas com amigas.

À medida que En'en e depois Maomao experimentavam a ideia em voz alta, o rosto de Yao ficou cada vez mais vermelho. **"Is-Isso foi um lapso de língua! Eu quis dizer colegas! *Colegas de trabalho*! Qualquer um impediria que seus colegas profissionais fizessem experiências médicas horríveis consigo mesmos. Não é, En'en?"**

En'en parou por um segundo para pensar sobre isso. **"Para ser totalmente honesta, não acho que ajudaria tentar impedir Maomao e, de qualquer forma, se isso servir a um propósito maior, talvez devêssemos deixá-la fazer o que quiser."**

Mao assentiu.

"Tudo bem! Bem, eu posso fazer a mesma coisa!" Yao disse.

"Você certamente não pode!" En'en explodiu, deixando cair seu bok choy. **"Não tolerarei um único arranhão em sua pele linda e perfeita, Lady Yao! Não pode ser permitido! Não me atrevo a pensar nisso! Se você fizesse algo assim, eu causaria dez vezes — não, cem vezes — mais ferimentos em meu próprio corpo! Você poderia viver com isso, senhora?!"**

En'en segurou Yao pelos ombros e a sacudiu. Ela parecia muito séria e falava muito rápido, entrando em frenesi. Maomao não pôde deixar de pensar que não parecia uma maneira muito delicada de lidar com a "amante", mas percebeu que En'en não conseguia se conter. Quanto mais você se importava com alguém, mais queria ter uma palavra a dizer sobre

como essa pessoa se comportava – especialmente se esse comportamento envolvesse machucar a si mesma.

Yao finalmente libertou o braço de Maomao, então ela passou um remédio nele e enrolou novamente o curativo. Então ela pegou o bok choy que En'en havia deixado cair. **"Diga... você sente cheiro de algo queimando?",** ela perguntou, farejando o ar.

"Deixei a panela no fogo", disse En'en.

Houve uma breve pausa – e então as três correram para a cozinha.

Os pãezinhos de porco que En'en estava fazendo estavam queimados até ficarem crocantes. Ela preparou um múltiplo de três, o que fez Maomao pensar (ou pelo menos esperar) que En'en a estava incluindo, mas era impossível sentir qualquer desejo de comer a comida enegrecida.

"Vou limpar mais tarde", disse En'en, desanimada. Ela parecia menos chateada com o desperdício de comida do que com a perspectiva de ter que raspar os pedaços carbonizados.

Isso vai ser uma tarefa árdua, tudo bem, Maomao pensou.

Congee (mingau de arroz) e sopa eram uma refeição um pouco mais simples do que o normal, mas o baitang de En'en era requintado, como Maomao reafirmava para si mesma a cada gole. Ela pediu a receita uma vez, mas En'en não quis contar – ela apenas olhou para Yao e sorriu. Maomao decidiu que seria sensato não insistir no assunto.

Eu me pergunto o que há nele, no entanto. Ao contrário de Yao, Maomao não se importava com ingredientes simples, então realmente não importava para ela o que estava envolvido.

Yao parecia um tanto desapontada com a escassez de acompanhamentos, mas ela segurou a língua pensativamente quando viu o quão desanimada En'en já estava. No que diz respeito às relações patroa-serva, esta era altamente funcional - na opinião de Maomao, porque Yao era o objeto dos afetos intensos, embora não necessariamente correspondidos, de En-en.

Ela pegou uma vieira com os pauzinhos e colocou na boca. Ainda estava cheio de sabor. **"A propósito, Yao, você queria algo comigo?",** ela perguntou. Afinal, toda a cadeia de eventos que levou à comida queimada começou com a chegada de Yao ao quarto de Maomao. Ela era tímida demais para visitar Maomao sem um bom motivo, ou pelo menos uma boa desculpa.

“Ah, sim, esqueci”, disse Yao, largando os hashis, que ainda tinham um pouco de carne de porco entre eles. Ela tirou um pedaço de papel das dobras de suas vestes. **“Eu tenho um cronograma aqui.”**

“Que tipo de horário?”

Os médicos do consultório médico muitas vezes tinham que estar no local quando havia um festival ou ocasião ritual, então todo mês o consultório produzia uma programação mostrando se e quando algum médico seria necessário para alguma coisa. Enquanto Yao desdobrava o papel, Maomao viu duas palavras muito familiares:

“Uma festa no jardim!”

De fato. A ruína de todas as consortes no palácio interno nestes dias em que o inverno se aproximava.

“Parece que é principalmente isso e as comemorações de final de ano”, disse En’en, espiando por cima dos ombros.

“Mas não é um pouco tarde para uma festa no jardim?” Maomao perguntou. Ela sentiu como se no ano anterior a festa tivesse acontecido pelo menos um mês antes. Não haveria mais flores para admirar no jardim agora.

“É”, confirmou En’en. **“Mas se eu tivesse que adivinhar, diria que esta festa é apenas um disfarce.”** Seus dedos roçaram as palavras na página. Ela sempre parecia muito informada sobre o que estava acontecendo. **“Acho que é uma oportunidade para eles apresentarem o novo ‘detentor do nome’. Aquele que eles sempre adiaram.”**

“Você quer dizer ‘Jade’?”

O jade, quer dizer, *Gyoku*: como em Gyokuen, pai da imperatriz Gyokuyou. Já se passaram mais de seis meses desde que ele foi convocado para a capital, vindo de sua residência habitual no oeste de Li. Normalmente, ele teria sido apresentado formalmente imediatamente, mas foi adiado pela tentativa de envenenamento da donzela do santuário de Shaoh.

Yao e En'en pareciam um pouco desconfortáveis. Elas não sabiam que a donzela do santuário ainda estava viva. Pelo menos, En'en certamente não sabia. Talvez Yao suspeitasse

de algo, mas se En'en, enlouquecida por Yao, soubesse, não havia como saber o que ela poderia fazer.

"Eles começaram a recrutar soldados novamente no oeste. Estando perto da fronteira como estão, a capital ocidental tende a fazer o que quer, sem qualquer intervenção do palácio. Embora talvez ter o Mestre Gyokuen por aí ajude um pouco a situação."

Onde ela consegue essas informações? Maomao se perguntou. Ela ficava continuamente surpresa com o quanto En'en parecia saber.

"Recrutamento?" Yao perguntou.

"Sim, senhora. Se a autoridade central avançasse e apenas expandisse as forças armadas, tudo poderia ficar bem, mas o governo tem sido lento a agir. Supostamente, eles querem esperar até depois dos exames de serviço marcial no próximo ano."

Alguém está esperando um ataque de um de nossos vizinhos? Se assim for, faria sentido começar a mobilizar tropas, mesmo aqui nas regiões centrais – mas se não houvesse nenhuma ameaça presente, então talvez houvesse algo que impedisse o governo. De qualquer forma, não cabia a uma assistente médica como Maomao questionar.

"En'en, posso te perguntar uma coisa?"

"Sim, senhora?"

"Podemos confiar nessas pessoas do oeste?"

Maomao deu uma rápida olhada ao redor: sua pergunta foi um pouco brusca. Mas não havia mais ninguém no refeitório e as portas e janelas estavam todas fechadas para proteger do frio. Ela duvidava que alguém as tivesse ouvido.

"Jovem amante..." En'en disse. Mas Yao respondeu: **"Eu sei. É por isso que estou perguntando aqui."** Yao era muitas coisas, mas ela não era estúpida. Ela esperou até que as três estivessem sozinhas.

"Ouvi falar da imperatriz Gyokuyou", continuou Yao. **"As pessoas dizem que ela nunca fica com o nariz empinado, mesmo sendo tão linda. Que ela era gentil e atenciosa até com seus servos no palácio interno. Acho que você sabe mais sobre isso do que eu, Maomao."**

“A imperatriz Gyokuyou certamente não é do tipo que deixa um país de joelhos com suas demandas. De qualquer forma, Sua Majestade não é do tipo que deixa uma mulher envolvê-lo completamente em seu dedo mínimo.” Então Maomao, percebendo que tinha ido longe demais, acrescentou: **“Er, aham, o que ouvi do médico do palácio interno”**. O charlatão teria que assumir a responsabilidade por isso.

Yao e En'en sabiam que Maomao havia trabalhado no palácio interno, mas não sabiam que ela estava no Palácio de Jade. Por outro lado, talvez En'en soubesse, mas reconheceu que a vida de Maomao seria mais fácil se ela não mencionasse isso. Se alguma delas perguntasse, Maomao estaria disposta a conversar sobre isso, mas até então ela não via necessidade de tocar no assunto.

“Não é o tipo de pessoa que deixa o país de joelhos”, disse Yao, pensativo, pegando uma colher de mingau**. “Sei que algumas mulheres no passado foram acusadas desse tipo de coisa, mas me pergunto se elas eram realmente tão más.”** Ela deixou o mingau deslizar da colher.

Maomao viu onde ela queria chegar. **“Não importa o quão honesta a imperatriz Gyokuyou possa ser, eu não saberia sobre a família dela.”** Por exemplo, Maomao não sabia quase nada sobre o homem chamado Gyokuen. E a mobilização de tropas na capital ocidental pode ser uma perspectiva assustadora, dependendo da finalidade que se pensa. Dado o que aconteceu recentemente com o clã rebelde Shi, Maomao queria pensar que eles não fariam algo tão estúpido – mas a possibilidade sempre existia.

Yao tinha uma tendência impulsiva, mas às vezes se mostrava surpreendentemente perspicaz. **“Eu concordo”**, disse ela. **“Espero sinceramente que a imperatriz Gyokuyou seja mais do que apenas uma ferramenta muito refinada.”**

“Lady Yao”, disse En’en, preocupada agora. Yao era o peão de seu próprio tio. E se ela acreditasse que a imperatriz Gyokuyou havia assumido a posição mais alta do país simplesmente para ajudar sua família a avançar em poder e glória? O que ela pensaria da imperatriz então?

Yao pegou outra colherada de mingau e desta vez chegou à boca.

***[1] *Par for the course*:** ideia de que se espera que algo dê errado e que as coisas estejam indo exatamente como planejado.

Capítulo 11: Esporte e Medo

Faltando apenas alguns dias para a festa no jardim, a imperatriz Gyokuyou estava coordenando suas roupas com suas damas de companhia.

“Tem certeza de que isso não é muito claro, Lady Gyokuyou?” Yinghua perguntou. Ela estava ocupada tentando combinar um acessório com sua roupa. As mulheres estavam vestidas de vermelho, como sempre, mas era de um tom mais escuro do que quando Gyokuyou era apenas uma consorte. **“Não seria melhor... se destacar?”**

“Será perfeito para as cores do banquete em si”, respondeu Hongniang, a principal dama de companhia, que passava um pente no cabelo de sua patroa. **“E combina com o que Sua Majestade estará vestindo. Isso é especialmente importante.”**

Apesar de sua resposta segura, Hongniang também parecia um pouco chateada; ela largou o pente e foi até o guarda-roupa. Yinghua acrescentou outro palito de cabelo ao que ela já tinha. Antes, quando estavam no palácio interno, a única questão era como ofuscar as outras consortes, e as damas de companhia inventaram maneiras de se divertir, mantendo-se dentro dos limites do bom gosto – e do bom senso. Agora, porém, elas estavam em uma posição diferente.

“Tem certeza de que vai funcionar, Lady Hongniang?” Yinghua perguntou, empalidecendo ao ver o prendedor de cabelo que Hongniang havia escolhido.

"Hum. Você não acha que é o visual certo?”

"Acho que está bom. Mas usamos esse na última festa do chá com a imperatriz viúva. Garanto que suas damas de companhia perceberão.”

"Huh. Isso é uma pena”, disse Hongniang, colocando a mecha de cabelo para trás. Em geral, roupas ou acessórios antes usados em um grande banquete não eram usados novamente em tal evento. Os acessórios mais lindos seriam remodelados em outras formas e relegados para uso como toques de moda em alguma pequena festa de chá. Acessórios menores podem ser usados várias vezes, mas nunca seria bom que as pessoas pensassem que você só tem uma coisa para vestir.

“Parece que precisa de alguma decoração”, disse Yinghua, observando as roupas de Gyokuyou.

“Sim...” Hongniang concordou. As duas fizeram barulhos, pensativas. Gyokuyou simpatizou com elas.

“Cores correspondentes são muito boas, mas eu gostaria que tivéssemos algo que realmente se destacasse. Uma grande joia ou algo assim”, disse Yinghua.

Jade, a imperatriz, tinha em abundância, mas não combinava com aquela roupa. Algo mais translúcido, algo que pudesse atrair o espectador, seria o ideal.

“Como cristal”, disse Yinghua. **“Ou um daqueles diamantes polidos do oeste!”**

“Duvido que consigamos um desses em tão pouco tempo. Se tivéssemos um diamante bruto, poderíamos contratar um artesão para poli-lo, mas ele teria que trabalhar rápido. Não é fácil trabalhar com diamantes”, disse Hongniang. Os diamantes eram duros, tão duros que só outro diamante poderia arranhá-los. Isso tornava difícil fazer um bom trabalho neles. No entanto, desejava-se encontrar algo apropriado. Hongniang voltou para a sala que continha o guarda-roupa de Gyokuyou. Gyokuyou sempre foi menos dada à ostentação do que as outras consortes, mas agora ela era a imperatriz. Certamente ela tinha um ou dois cristais por aí.

A própria Gyokuyou, porém, mostrou a língua de brincadeira e disse: **“Simplesmente não parece muito divertido”**. Ela tivera tão poucas coisas para diverti-la desde que deixara o palácio interno. Sim, passar os dias com as crianças era agradável, e o imperador mostrou a ela, sua imperatriz, todos os favores que pôde – mas seu pedido mais recente ele negou.

Se ao menos sua provadora de comida, Maomao, estivesse aqui, ela poderia passar o tempo. Gyokuyou tinha pouco mais de vinte anos; sua curiosidade infantil ainda estava intacta.

“Já que vou usar algo, pode muito bem ser algo interessante”, disse ela, levantando-se da cadeira com um sorriso. Ela calmamente tirou um item específico. As duas damas de companhia não perceberam o que ela havia levado, nem de onde.

“Hongniang, Yinghua”, disse Gyokuyou.

“Sim, senhora? Aconteceu alguma coisa?”, elas disseram, indo até ela. Ela mostrou-lhes algumas pedras apoiadas em um pedaço de pano. Três pedras, cristais altamente translúcidos, tão claros que era possível ver através deles o outro lado.

“Eu não sabia que tínhamos pedras preciosas como essa”, disse Hongniang, confusa. Yinghua, no entanto, olhou de Gyokuyou para os cristais e vice-versa, com os olhos

arregalados. Gyokuyou viu o que ela estava pensando e piscou para ela, fazendo um sinal de positivo onde Hongniang não notaria.

A imperatriz foi até sua mesa e pegou um pincel, esboçando um desenho simples. **"Talvez pudéssemos moldá-los assim"**, disse ela. Ela desenhou um palito de cabelo que parecia um pouco com uma lanterna tradicional; o cristal seria colocado dentro como se estivesse em uma cesta. Ela entregou o cristal e o papel para Yinghua. "**Vá pedir isso a eles, se você quiser, Yinghua."**

"Mas Lady Gyokuyou, eu sempre faço esses pedidos para você..." Hongniang começou a pegar os itens, mas Gyokuyou a impediu.

"Certamente podemos dar a Yinghua algo para fazer de vez em quando também. Tenho certeza que ela entende o que eu quero."

"Tenho certeza que sim, senhora, mas... Lady Gyokuyou, o que você está planejando?"

A imperatriz não respondeu imediatamente. Hongniang era esperta. Ela não era a dama de companhia chefe por nada - e ela sabia como Gyokuyou funcionava, tendo sido sua cuidadora desde que a imperatriz era uma menina. Assim como Hongniang conhecia Gyokuyou, Gyokuyou conhecia Hongniang.

"Não posso obrigar você a fazer todas as minhas tarefas para sempre, posso?", a imperatriz perguntou. Ela baixou o olhar para o chão e depois fixou Hongniang com um olhar suplicante.

A expressão da outra mulher só ficou mais firme. **"Enquanto eu for sua principal dama de companhia, Lady Gyokuyou, juro que cumprirei meu dever."**

"Mas como você vai se casar desse jeito?"

Aquela palavra, *casar*, teve o efeito desejado. Hongniang parecia tão chocada como se tivesse sido pega por um trovão inesperado. **"Ca-Ca-Casar..",** ela disse. Hongniang ainda era vivaz e adorável, mas também já havia ultrapassado a idade média para se casar. Enquanto a maioria das pessoas se casava entre a adolescência e os vinte e poucos anos, Hongniang tinha agora trinta anos... mais dois. Foi tanto que quando elas estavam no palácio interno, ela tentou fazer um casamento com Gaoshun, mesmo que ele fosse um eunuco. Na verdade, ele não era um eunuco, mas já tinha uma esposa mais velha e dominadora. Ao saber disso, Hongniang abandonou sumariamente qualquer interesse por ele.

“Você sempre quer cuidar de tudo sozinha. O que farei se você for embora? Preciso que algumas das minhas outras damas ganhem alguma experiência.”

A competência excessiva de Hongniang também desencorajaria o sexo injusto de se aproximar dela. Quando Gyokuyou entrou no palácio interno aos quatorze anos, Hongniang veio com ela. O palácio interno era um covil de iniquidade demais para uma jovem seguir seu caminho sozinha; ela precisava de assistentes capazes. Gyokuyou também estava acompanhada por várias outras mulheres de longa data, mas quando ela se tornou companheira de cama de Sua Majestade e os atentados contra sua vida se tornaram uma possibilidade real, e de fato uma ocorrência real, suas mulheres foram para casa uma por uma. Algumas se casaram, mas outras ficaram incapacitadas de provar sua comida.

Finalmente, as únicas que sobraram foram Hongniang, Yinghua, Guiyuan e Ailan, e as três últimas eram jovens e inexperientes. Gyokuyou conseguia entender por que Hongniang sentia que deveria estar no comando de tudo.

Uma babá foi contratada, temporariamente, após o nascimento da princesa Lingli, mas Gyokuyou ainda não havia contratado novas damas de companhia. Tendo sido criada em um lugar de areias agitadas e sem ter certeza de quem era inimigo e quem era amigo, ela preferiu continuar mantendo a companhia que já tinha.

No meio de tudo isso apareceu Maomao. As coisas eram muito divertidas quando ela estava por perto. Gyokuyou poderia facilmente ter se perdido nas memórias, mas ela sabia que não havia tempo para relembrar. No momento, ela tinha que concentrar todas as suas energias em tirar Hongniang do rastro, pelo menos para continuar matando o tempo.

“Meu pai me comentou que simplesmente precisamos encontrar alguma boa perspectiva para você, Hongniang.”

“Mestre Gyokuen disse isso?” Hongniang perguntou, visivelmente emocionada.

Não era exatamente verdade. O pai de Gyokuyou comentou: **“*Se aquela Hongniang tivesse um filho, ele iria longe no mundo, filho ou filha*”.** Seria tarde demais para qualquer criança ser irmão de leite, mas sem dúvida seria útil.

“Tenho mais damas de companhia do que antes”, acrescentou Gyokuyou. **“Você não precisa carregar tudo nos ombros.”** Após o nascimento do príncipe herdeiro, mais três jovens vieram da cidade natal de Gyokuyou para atendê-la. **“Eu entendo suas dúvidas. Para uma mulher, este ainda é um campo de batalha, mesmo que não seja tão ruim quanto o**

palácio interno. Nenhuma de nós sabe o que pode acontecer. Mas você não está mais sozinha. Você precisa começar a pensar em seu próprio futuro e a viver por si mesmo."

Francamente, Gyokuyou impressionou até a si mesma com a fluência deste pequeno sermão. Com uma língua tão rápida, ela poderia até sobreviver à guerra das mulheres.

"Lady Gyokuyou... eu não tinha ideia de que você sentia isso por mim..." Os olhos de Hongniang estavam cheios de lágrimas**. "Muito bem. Vou chamar Ailan e Guiyuan. Embora eu questione quantas das minhas funções essas meninas serão realmente capazes de cumprir."**

Hongniang saiu da sala, subitamente concordando com o pensamento de Gyokuyou. Suas bochechas estavam tão brilhantes quanto as de uma donzela no primeiro ímpeto de amor.

Deixada sozinha na sala, Gyokuyou pegou seu pincel novamente. Ela não ia deixar isso ser apenas uma simples brincadeira. Ela escreveria para o pai, que agora estava na capital, para perguntar se ele não sabia de algum bom par em potencial.

"Senhora Gyokuyou?"

Ela ficou tão surpresa com o reaparecimento de Hongniang que quase deixou cair o pincel. **"Sim? Aconteceu alguma coisa?",** ela perguntou. Ela tentou parecer calma enquanto estudava Hongniang. O rosto de sua principal dama de companhia ficou subitamente pálido, e Koku-u estava do lado de fora, com as bochechas igualmente exangues.

"Isto... Isto é para você", disse Hongniang, e estendeu uma carta. Estava cuidadosamente dobrada e selada com cera. O selo tinha a impressão de uma papoula comum, mas estava se desgastando, um sinal da distância percorrida pela carta. Gyokuyou conheceu a insígnia imediatamente – saberia quem enviou a carta, mesmo que não tivesse nome nela.

"É... é do meu irmão mais velho", disse ela. As palavras que vieram com tanta facilidade alguns minutos antes agora pareciam pesadas e difíceis. Seu irmão mais velho era filho da esposa de seu pai. A própria mãe de Gyokuyou era uma dançarina que se apresentava na capital ocidental quando Gyokuen a viu e se apaixonou. Ela deu à luz Gyokuyou algum tempo depois; a imperatriz herdou os cabelos ruivos e os olhos cor de jade da mãe.

Gyokuyou e seu irmão estavam separados por mais de vinte anos, mais próximos de sobrinha e de tio do que de irmã e de irmão. De calor familiar não havia nada entre eles.

"*Desova estrangeira!*"

No momento em que Gyokuyou conseguiu entender o significado dessas palavras, ela já havia fugido para longe de seu irmão. No entanto, parecia que ela nunca conseguiria escapar dos filhos do irmão. Naturalmente, os filhos imitariam o pai em seu desprezo aberto. O que ela poderia fazer senão rir? Ela deixou os cantos da boca se levantarem e gargalhou, não importando o que fizessem com ela.

Chorar só lhes daria mais prazer e, se ela ficasse com raiva, eles se virariam e alegariam que foi ela quem foi má com eles. Ela só conseguia rir do que quer que eles fizessem.

Quando seu pai ordenou que ela entrasse no palácio interno do recém-ascendido imperador, Gyokuyou viu sua chance. Uma chance de ir aonde seu irmão e seus filhos não pudessem tocá-la, onde haveria todo tipo de coisas divertidas para desfrutar. Sim, ela ficou triste por sair de casa, mas também sentiu muita felicidade.

Gyokuyou quebrou o selo da carta, ou pelo menos terminou o que os elementos haviam começado. A carta foi escrita em uma caligrafia fluida e elegante, incomum para seu irmão.

"O que ele diz?" Hongniang perguntou, com o rosto uma máscara de preocupação.

Gyokuyou deixou os cantos de sua boca se levantarem e desejou que seu coração parasse de bater tão rápido. *Sorrir*, ela disse a si mesma. *Rir.*

“Ele começa com um comentário perfeitamente comum sobre o tempo. Pelo menos ele sabe como mostrar um mínimo de respeito.” Ela

tinha certeza de que ele havia escrito com os dentes cerrados. Ela sabia o quanto ele desprezava a filha de uma concubina estrangeira.

Com o pai deles, Gyokuen, nas regiões centrais, sem dúvida o irmão de Gyokuyou estava tratando a capital ocidental como seu feudo pessoal. Havia todas as chances de Gyokuen simplesmente permanecer aqui e seu irmão assumir a supervisão de sua casa.

Gyokuyou também tinha vários outros irmãos mais velhos, mas apenas o mais velho demonstrava esse desejo de ascender no mundo. Daí porque o pai deles solicitou alguém da capital como assessor. Ela ouviu dizer que um dos homens do Grande Comandante Kan foi enviado. Quando soube pela primeira vez que o Grande Comandante era o pai de Maomao, ficou chocada – mas, pensando bem, talvez não *tão* chocada.

Ao ler a carta do irmão, ela teve vislumbres de uma nova ambição.

"Ele diz que deseja enviar sua filha para o palácio interno", disse ela a Hongniang. Essa seria a sobrinha de Gyokuyou. Dizia-se que ela tinha dezesseis anos, mas Gyokuyou não se lembrava de seu irmão ter filhas dessa idade. Ela devia ser filha de uma concubina, ou de alguma garota que ele adotou em algum lugar. Um pequeno retrato dela foi incluído. O que o motivou a fazer isso?

Gyokuyou observou-o em silêncio por um momento e então, ainda sem dizer uma palavra, rasgou-o em pedaços. Ela sabia muito bem que não era culpa da garota ter sido enviada para o palácio interno, mas a intenção de seu irmão era transparente e isso a enojava.

O retrato mostrava uma garota de cabelos ruivos e olhos verdes. As marcas de uma criança de sangue estrangeiro. Do tipo que seu irmão tanto odiava.

Capítulo 12: Comida ruim

Alguns escassos flocos de neve flutuavam no céu plúmbeo.

"Achei que estava ficando mais frio. Olha, está nevando", disse Yao, respirando com os dedos vermelhos de lavar a roupa. Se En'en tivesse visto suas mãos naquele estado, ela estaria pronta com as bandagens em pouco tempo.

"E pensar que estava claro ontem à noite", disse Maomao. Ela pensou em como as estrelas pareciam lindas no céu. No inverno, o frio e a clareza estavam interligados. Seu velho lhe disse que era porque, sem nuvens no céu, o calor que o ar acumulava durante o dia escapava rapidamente. **"A festa no jardim vai ser difícil se não esquentar um pouco."**

"Sim." Ambas agiram como se isso não lhes preocupasse. Elas pegaram o balde de roupa suja e voltaram para o consultório médico. Hoje era, de fato, o dia da festa no jardim – e, infelizmente, não envolveu Maomao este ano. Vários médicos foram designados para comparecer ao banquete, mas isso foi tudo.

"Ei, você vê isso? Parece uma grande multidão", disse Yao. Elas podiam ver um fluxo de pessoas, soldados e burocratas — muito mais burocratas do que normalmente se via naquela parte do palácio.

Maomao bateu palmas quando percebeu que todos pareciam estar indo para o banheiro. **"Eles devem estar participando da festa no jardim. Todos estão aproveitando uma última chance para fazer seus negócios antes do início do banquete. Você não pode sair durante a refeição."**

"Você não acha que estamos um pouco longe da festa?"

"Apenas os figurões podem usar o lugar mais próximo." Maomao sabia porque ela mesma havia experimentado isso alguns anos antes. Não ter um banheiro facilmente acessível foi uma verdadeira provação.

"Incluindo Sua Majestade?"

"Tenho certeza de que eles construíram um novo especificamente para uso de Sua Majestade." Você não poderia permitir que o imperador fizesse seus negócios em qualquer banheiro antigo onde sabe-se lá quem fez quem sabe o quê. Esse era ao mesmo tempo o privilégio e a maldição de estar no topo da hierarquia da nação.

Yao parou abruptamente.

"Algo errado?" Maomao perguntou.

"Maomao... Não vamos por aqui", disse Yao, agarrando a mão de Maomao.

"Mas é o caminho mais rápido."

"Há alguém que eu não quero ver ali."

Ela partiu em uma nova direção, longe dos funcionários da moagem. Então havia alguém entre os soldados e secretárias indo aos banheiros que ela queria evitar. Maomao certamente simpatizou com o desejo de não topar com uma pessoa específica.

Eu me pergunto quem poderia ser, no entanto. Quem Yao poderia conhecer entre as autoridades? Seu tio, seu atual guardião, talvez. Ou talvez fosse uma das perspectivas potenciais que seu tio tentou arranjar para ela. Saber a resposta não teria feito nenhum bem específico a Maomao, então ela seguiu Yao obedientemente.

Assim que voltaram ao consultório médico, En'en encontrou Yao. **“Jovem senhora!”**

"En'en", disse Yao lentamente, **"Estou com um pouco de frio."** Suas bochechas e orelhas estavam realmente vermelhas, e En’en rapidamente trouxe um cobertor e um pouco de chá quente de gengibre. Ela permitiu que Maomao ficasse com o que restava do chá, mas não foi tão generosa com o mel como fora com Yao. Maomao soprou na xícara e tomou um gole, sentindo o calor se espalhar por ela. A bebida tinha um aroma adorável; En’en deve ter ralado raspas de tangerina nele.

O consultório médico era mantido aquecido para qualquer pessoa ferida ou doente que chegasse, mas isso teve o infeliz efeito colateral de deixar os ocupantes um tanto sonolentos. Mais de uma vez, Maomao viu soldados que haviam entrado no consultório médico para escapar do treinamento nos dias frios de inverno serem arrastados de volta pelos seus comandantes.

Os médicos mais graduados saíram hoje por causa da festa no jardim, restando apenas um médico mais jovem, que foi relativamente fácil para Maomao e as outras. Todos achavam que, com os gatos longe, os ratos deveriam tirar um tempinho para brincar.

“Ahh, isso me aqueceu. Vamos voltar ao trabalho então”, disse Yao.

En'en respondeu: **“Jovem senhora, você deveria ficar aqui hoje. Deixe que eu e Maomao cuidemos do trabalho ao ar livre.”**

Ei, eu quero estar lá dentro também, Maomao pensou.

“Eu não poderia fazer isso”, disse Yao. Então ela estudou En’en por um segundo. **“Eu conheço esse olhar. Meu tio esteve aqui, não foi?”** Então Maomao acertou.

“Jovem amante...”

"Como foi? Ele não causou muitos problemas, não é?"

"N-Não, senhora. Ele parecia estar pronto para esperar por você..."

En'en olhou para o jovem médico sentado à mesa. Ele se levantou e se aproximou deles com um olhar severo. **"Fiz questão de explicar a ele que este é um lugar para doentes e feridos, não apenas uma área de espera. E salientei que, se ele ficasse por aqui, nunca chegaria a tempo à festa no jardim – isso o tirou daqui."**

"**Entendo. Muito obrigada"**, disse Yao com uma inclinação de cabeça agradecida. En'en cerrou os dentes e lançou ao médico um olhar de ciúme.

Ela não precisa se preocupar. Ele não estava tentando impressionar Yao. Ele esperava chegar até *ela.* No entanto, En'en, que viveu a sua vida para a sua "jovem amante", parecia decidida a tratar todos os homens ao redor da jovem como se fossem uma lagarta.

Maomao transferiu as bandagens lavadas para uma panela e preparou-se para fervê-las. Ela teria gostado de ficar mais um pouco, mas terminar a tarefa vinha primeiro.

"Maomao", disse En'en, e Maomao olhou para ela. **"Encontrei alguns gravetos para você."**

Ela passou a Maomao uma tábua articulada com um pano esticado sobre ela. Quando aberto, revelou o retrato de um homem.

"Ele nunca desiste, não é?" Yao gemeu, enquanto ia até o braseiro pegar carvão para ligar o forno. Estava claro agora por que o tio de Yao havia passado por aqui. O retrato era obviamente de um pretendente em potencial, mas era impossível dizer até que ponto ele estava enfeitado. O cara parecia que poderia ser um ator.

O jovem médico continuou lançando olhares para Maomao e Yao, como se implorasse para que se apressassem e fossem embora. Ele parecia pensar que ficar sozinho com En'en poderia lhe dar a chance de conhecê-la melhor, mas Maomao duvidava muito disso. Os outros jovens médicos já haviam desistido dela — e, claro, de Yao, a quem ela observava como um falcão — há muito tempo. Esse cara era muito estúpido para entender. (Poderíamos acrescentar que Maomao parecia não ter feito parte dos seus cálculos desde o início.)

Eu me pergunto se ele realmente conseguiu falar com ela quando eram apenas os dois, Maomao pensou. Era uma pergunta simples – mas este médico mostrou-se resoluto. Mesmo quando ela e Yao estavam saindo do escritório, Maomao pôde ouvi-lo dizer: **"Vamos**

continuar nossa conversa, En'en? Talvez você possa falar sobre isso com Yao mais tarde também."

Não houve resposta, mas se o cara conseguisse envolver Yao de alguma forma, En'en aguentaria pelo menos um pouco de seu bate-papo.

Tenho certeza de que ela não o vê como nada além de um gerador de conversa, na melhor das hipóteses. Enquanto se dirigia para o forno lá fora, Maomao refletiu novamente sobre o quão formidável En'en poderia ser.

À tarde, as bandagens foram fervidas e secas. Maomao caminhou, esfregando as mãos, ansiosa para almoçar quando voltasse ao consultório médico. A festa no jardim devia estar em recesso, porque ela viu uma multidão se reunindo novamente nos banheiros.

"Você não precisa usar o banheiro, Yao?", ela perguntou.

"N-Não, estou bem. E você, Maomao?"

"Eu fui há pouco tempo."

Yao parecia traída. Maomao, percebendo que os banheiros pareciam estar cheios, prudentemente aliviou-se enquanto Yao secava. **"Tem certeza que você não quer ir, Yao?",** ela perguntou novamente.

"Sim, eu tenho certeza!"

É claro que os banheiros eram separados em instalações masculinas e femininas, mas com tantos membros do sexo oposto por perto, usá-los provavelmente ainda exigia um pouco de coragem. Podia-se até ver alguns caras que simplesmente não aguentavam mais entrando no banheiro feminino. As damas da corte que tentavam usá-lo pareciam positivamente perturbadas.

"Você foi a uma das festas no jardim, não foi, Maomao?"

"En'en te contou isso?"

"Uh-huh."

Maomao refletiu novamente sobre a habilidade de En'en em aprender coisas.

"Como é?" Yao perguntou.

"Frio. Não é disso que os sonhos são feitos, se é isso que você está pensando."

A festa parecia bastante agradável, mas para Maomao, que estava lá apenas como criada, foi uma batalha contra o frio. Especialmente com a Princesa Lingli lá – ela ainda era uma criança na época e não podia pegar um resfriado. Talvez receber um palito de cabelo fosse uma coisa meio sonhadora, mas Maomao tinha certeza de que En'en devia estar vigiando-as de perto de algum lugar invisível. E depois havia a comida. A necessidade de verificar se havia veneno deixou todos ali ignorantes sobre o gosto real da refeição. Elas ficaram sentadas tomando uma sopa que já havia esfriado há muito tempo.

Quase não há chance de colocar veneno em alguma coisa, Maomao pensou. Envenenar alimentos era, na verdade, um negócio arriscado. Se você fosse fazer isso, é melhor estar preparado para as consequências. Algumas pessoas, porém, estavam dispostas a pagar o preço – e foi por isso que a própria Maomao já provou uma sopa estragada.

Argh! Eu gostaria de poder ter um pouco mais daquilo...

"Maomao, isso é, uh... um sorriso?" Yao perguntou, estudando-a atentamente.

"Oh! Perdoe-me." Ela se viu perdida na lembrança daquela sopa. Você pode presumir que um veneno seria amargo ou nauseante, mas na verdade muitas coisas perfeitamente palatáveis eram venenosas. Como o baiacu ou certos cogumelos.

Ao passarem pelos banheiros, ouviram um distinto **"Hrgh!"** de alguém vomitando. Elas olharam e viram alguns homens reunidos em volta de um poço, enxaguando a boca com água. Seus físicos davam a entender que eram soldados, embora usassem uniformes um pouco mais bonitos do que o normal: até os militares se arrumavam para uma festa no jardim. Acontece que Maomao pensou ter reconhecido um deles.

"Você acha que há algo errado?" Yao disse.

"Se você estiver curioso, poderíamos perguntar a eles."

"Huh? Não, eu..." Yao disse, mas Maomao já estava se dirigindo para o poço. Especificamente, ela estava se aproximando de um dos homens corpulentos que parecia um cachorro grande.

"Faz um tempo que não vejo você, senhor", disse ela.

"Oh! Olá, senhorita", disse Lihaku, parecendo perfeitamente amigável. Ele também estivera na festa no jardim dois anos antes; não era uma surpresa vê-lo ali agora.

"Algo está errado? Achei que tinha ouvido vômito."

"Ahh. Obrigado por perguntar. Não é grande coisa. A comida não era muito boa. Hein, pessoal?" Lihaku disse, virando-se para seus companheiros.

"Não era muito bom? Aquela coisa era horrível", disse um deles. **"E eles servem isso no palácio? O velho bastardo do refeitório cozinha melhor!"**

"Essa sopa! Eu sabia que estaria frio, mas isso era outra coisa. Havia muita coisa ali, seja lá o que fosse. Você acha que o de Sua Majestade era tão ruim quanto o nosso?"

"Não. Ele conseguiu algo diferente. De jeito nenhum o imperador comeria a mesma coisa que nós."

"Sim, acho que não!" Os soldados começaram a rir.

"A comida estava ruim?" Maomao disse. Ela conhecia o tipo de coisas que serviam nessas festas. Pode acabar frio, mas a comida em si deveria ser de primeira qualidade. A menos que eles realmente servissem a algo tão diferente do funcionalismo**. "Posso perguntar o que foi servido? Você disse que era a sopa?"**

Se o chef servisse uma refeição duvidosa ao imperador ou aos altos funcionários, ele poderia em breve perder o emprego, ou mesmo a cabeça. Mas se o sabor desagradável fosse devido a algo que entrou sem que ele soubesse, isso seria outro tipo de problema.

"Estava tão salgado", disse Lihaku. **"Talvez eles estivessem optando pela culinária do sul, sabe, algo diferente. Eles serviram esses ovos estampados. Com certeza *parece* bom."** Ao dar uma mordida, porém, os homens descobriram que os ovos estavam desesperadamente salgados e a sopa quase nauseante.

"Você disse que os ovos eram 'estampados'?" Maomao perguntou. Gosta de ovos de chá? Fazer um ovo para chá envolvia quebrar a casca de um ovo cozido e mergulhá-lo no chá, resultando em um padrão de teia de aranha na superfície. Depois disso, você poderia simplesmente comê-lo. Talvez tenham sido servidos na festa no jardim porque pareciam meio chiques.

“Conseguimos forçá-los a engoli-los, mas estávamos preocupados que o resto da refeição também tivesse um gosto horrível.”

"Sim! Mas ninguém mais parecia incomodado. Nosso comandante estava até estalando os lábios, dizendo ‘Nossa, isso foi bom!’ Talvez a língua dele tenha parado de funcionar.”

Os soldados continuaram comendo, com medo de que talvez fossem eles que tivessem perdido o paladar. Quando cada um deles chegou aqui e descobriu que havia outras pessoas que acharam a refeição engraçada, perceberam que talvez algo realmente estivesse errado.

“Há quanto tempo vocês não comem sopa?” Maomao perguntou.

"Hum. Talvez uma hora?” Lihaku disse. **“Tive que lutar contra a vontade de vomitar o tempo todo. Corri para cá assim que o recesso foi anunciado.”** Ele e todos os outros presentes obviamente estavam suando.

"Uma hora? Hum. Parece que você está com uma saúde decente.”

"O que isso significa? Você não está pensando seriamente que pode ter sido envenenado, está? Ei, olhe para nós. Estamos em forma como violinos!”

“Depende do veneno. Certos tipos demoram mais para começar a funcionar do que outros”, interveio Yao. Havia um toque de emoção real em sua voz, o som de alguém que sabia do que ela estava falando por experiência própria.

“No-Nossa, não diga isso. Você é terrivelmente assustadora para uma moça tão bonita, sabia disso?” Lihaku disse, franzindo a testa.

“Se tiver mais sintomas, vá ao consultório médico”, disse Maomao. **“Vou te dar um remédio que vai fazer você vomitar por dentro.”**

“Mas eu preciso que meu interior fique dentro de mim!”

Maomao e Yao voltaram para o escritório, deixando o pálido Lihaku para trás.

“O que você acha que está acontecendo, Maomao?” Yao perguntou.

“Meu primeiro pensamento foi que o sal se aglomerou. Normalmente ele se dissolve na sopa, mas parece que aqueles homens lá atrás colocaram um pouco demais nas tigelas.” Talvez o chef tenha usado pedaços particularmente grandes de sal, ou talvez alguns tenham

sido adicionados no final do processo de cozimento. Seja qual for o caso, ela simplesmente teria que esperar e ver se eles apareciam no consultório médico se sentindo pior.

"Entendo..." Yao não parecia completamente convencida, mas no momento ela decidiu seguir a hipótese de Maomao.

Todos os outros estavam ocupados com a festa no jardim, mas para Maomao e Yao esta era uma oportunidade de voltar para casa mais cedo e elas iriam aproveitar. Hoje, elas só tinham que limpar o consultório médico e o dia estava encerrado.

"Ahh, este foi um dia agradável e fácil. Só espero que amanhã seja tão tranquilo", dizia o jovem médico a En'en. **"Se você tiver algum tempo depois disso, talvez possamos jantar ou..."**

"Você não escreveu o relatório diário", respondeu ela, colocando um papel firmemente na frente do médico. **"Dr. Liu estará de volta a qualquer minuto, então é melhor você começar a escrever."** Então ela pegou uma roupa e colocou em Yao. **"Está frio, jovem senhora. Você deve se certificar de que ficará aquecida."**

"Sim, sim, eu sei", disse Yao, que também tinha um lenço empilhado no pescoço.

Maomao vestiu uma jaqueta de algodão e plantou-se diante do jovem médico. O nome dele, aliás, era Li, mas como havia outros dois Li no escritório, chamá-lo assim não foi muito eficiente. Seu nome pessoal era Tianyu, não que Maomao ou suas companheiras já o tivessem usado. **"Por favor, sinta-se à vontade para me chamar de Tianyu. Não seja tímida",** ele disse no primeiro encontro – e foi exatamente por isso que nenhuma das jovens jamais o fez. Maomao, Yao e En'en podem ter tido suas próprias motivações para essa obstinação, mas o resultado final foi o mesmo.

"Vejo você amanhã", disse Maomao a Tianyu.

"Vejo você amanhã", repetiu Yao.

"O que você gostaria de jantar, jovem senhora?", disse En'en.

Ignorando-o completamente. Ele deve ter falado demais hoje. Tianyu estava acenando para elas quando saíram, mas En'en nem sequer olhou para ele. Enquanto isso, Maomao pensava em Yao: *Diga carne de porco! Porco, porco, porco!* Uma comida boa e gordurosa seria perfeita num dia frio como este. Assim que saíram do escritório, um vento frio começou a soprar em seus ouvidos.

“Vejamos... acho que frango parece bom. Algo crocante por fora!” Yao disse. A telepatia de Maomao não conseguiu alcançá-la. Mas o frango era um bom prêmio de consolação.

"Tudo bem. Então precisaremos de algo limpo e afiado para acompanhar”, disse Maomao, inserindo-se na conversa.

“Bom ponto. Eu não me importaria com peixe cru e vegetais”, disse Yao.

En'en olhou para Maomao. Com os lábios ela disse: **“Tudo bem, então, Maomao. Não temos vegetais suficientes. Você acha que poderia comprar alguns?”** Mas seus olhos comunicaram: *Quem não trabalha, não come.*

Era isso, então. Maomao encolheu os ombros e acenou com a cabeça, mas por dentro ela tremia de medo.

Capítulo 13: O ladrão de palitos de cabelo

O frango ficou realmente crocante por fora e macio e suculento por dentro. Só a lembrança disso foi suficiente para fazer Maomao salivar.

Aquele foi um jantar delicioso, pensou ela, deixando sua mente vagar pela refeição do dia anterior enquanto fazia seu trabalho. Ela polvilhou algumas ervas em um pilão e engoliu a baba.

Maomao se considerava uma cozinheira decente, mas tinha que admitir que não se comparava a En’en na cozinha. En'en mencionou algo de passagem uma vez sobre seu irmão mais velho ser um chef profissional, mas ela não era desleixada quando se tratava de preparar comida. A pele do frango foi grelhada com perfeição, escondendo a carne rosa-clara por baixo. Quando Maomao o mordeu, sucos quentes explodiram em sua boca. Estava temperado com sal e um pó preto crocante que parecia ser, entre todas as coisas, pimenta! En’en não hesitava quando se tratava de alimentar Yao; Maomao devia pensar que a maior parte do seu salário ia para comida. E com Maomao participando de tantas refeições recentemente, não poderia estar ficando mais barato.

Maomao fez uma pausa. Quando ela pensou dessa maneira, percebeu que talvez devesse pelo menos contribuir com algum dinheiro para comida. Isso com certeza era melhor do que comer em alguma lanchonete de baixa qualidade em algum lugar; talvez ela pudesse pelo menos cobrir os ingredientes.

“Hum, tudo bem”, disse ela, balançando a cabeça para si mesma.

Yao apareceu ao lado dela. **“Sobre o que você está balançando a cabeça? O Dr. Liu está chamando você.”**

“Ah, entendo”, disse ela, limpando a argamassa e as ervas.

"Eu posso fazer isso. Apenas vá em frente. Afinal, o que você fez?”

"Nada ainda."

Absolutamente nada – até agora. A expressão de Yao sugeria que a pergunta era o equivalente a uma piada - embora um tanto incisiva. Maomao era substancialmente mais experiente como apotecária do que Yao ou En’en, por isso muitas vezes recebia tarefas que as outras duas não tinham. Ela era frequentemente enviada para coletar ingredientes, por exemplo. A disparidade em suas tarefas incomodava Yao – daí seu humor farpado.

Ela está realmente suavizada desde que nos conhecemos, Maomao pensou. Yao havia mudado ou Maomao simplesmente a via de forma diferente agora?

Ela foi até a sala onde o médico a esperava. **"Você precisava de mim, Dr. Liu?"**

"Hum. Aqui." Ele entregou-lhe uma carta lacrada com um selo familiar.

Imperatriz Gyokuyou...

Provavelmente havia outras maneiras de enviar uma carta para ela, pelo menos em circunstâncias normais. O fato de estar nas mãos do Dr. Liu implicava que era algo urgente.

“Você é procurado no palácio dela imediatamente”, disse ele. A carta dizia praticamente a mesma coisa; não continha detalhes.

“Muito bem”, disse ela. **“Vou encontrar Luomen e—”**

"Não. Só você."

Ela não entendeu. Um eunuco como o seu velho deveria estar perfeitamente qualificado para examinar a imperatriz. Por que ela sozinha?

“Vejo que você tem dúvidas, mas você sabe quem enviou essa carta e sabe o que ela quer. Não há nada que eu possa acrescentar. Não perca tempo; vá em frente.” O Dr. Liu parecia ter alguns escrúpulos, mas era a imperatriz com quem eles estavam lidando. Mesmo um médico-chefe não poderia discutir com ela.

“Sim, senhor”, disse Maomao, e então, conforme as instruções, ela foi.

Ela foi levada do consultório médico para o palácio de Gyokuyou de carruagem. Ela não sairia dos terrenos do palácio, mas teria sido impróprio para ela simplesmente caminhar entre os pátios externo e interno. Ela passou por uma série de portões e finalmente chegou ao palácio da imperatriz.

A residência de Gyokuyou no palácio interno era perfeitamente suntuosa, mas era ofuscada por sua residência atual. A casa da imperatriz devia ser pelo menos três vezes maior que a da Preciosa consorte. Maomao desceu da carruagem e parou na porta, que foi aberta para ela por uma mulher bonita e magra.

Haku-u, Maomao pensou. Elas serviram juntas no Palácio de Jade, mesmo que brevemente. Ela era uma das três damas de companhia que vieram da cidade natal de Gyokuyou, um trio de irmãs separadas por um ano. Elas se pareciam muito, então usavam acessórios de cores diferentes para ajudar as pessoas a diferenciá-las. O laço de cabelo branco que aquela jovem usava lembrava às pessoas que ela era Haku-u, cujo nome significa “pena branca”. As outras eram Seki-u e Koku-u, embora Maomao não tivesse tido muito contato com nenhuma delas, exceto a mais nova, Seki-u.

“Já faz um tempo”, disse Haku-u. Maomao era normalmente saudada por Yinghua e suas companheiras, e ela não tinha visto Haku-u ou suas irmãs na última vez que esteve aqui em ronda. **“Estávamos esperando por você. Por favor, venha por aqui.**" Ela adotou o tom que alguém usaria com uma estranha. Ao contrário do trio tagarela de Yinghua, as três irmãs eram mais taciturnas – ou talvez se pudesse dizer mais maduras. Maomao entendeu a mensagem, de qualquer forma: *Não há necessidade de gentilezas. Apenas entre.*

Maomao estava acostumada com Yinghua, Guiyuan e Ailan rondando quando ela chegava, mas hoje estava tranquilo. **“Aconteceu alguma coisa?”,** ela perguntou. Ela ficou desconfiada desde o momento em que foi chamada ali sozinha.

Haku-u apenas mostrou a Maomao a sala de recepção e disse: **“Aqui. Você mesmo pode perguntar a Sua Majestade.”** Então ela foi embora.

Maomao entrou na sala e encontrou Gyokuyou sentada em um sofá, Hongniang ao lado dela. Maomao fez uma reverência lenta e respeitosa.

“Já faz algum tempo”, disse Gyokuyou, acenando para ela em resposta.

"Sim, senhora. Lamento que já tenha passado tanto tempo.”

Na verdade, fazia apenas um mês desde o exame médico; não tanto tempo.

“Você tem alguma ideia do motivo pelo qual eu convoquei você?”, a imperatriz perguntou. Maomao balançou a cabeça. Gyokuyou parecia mais moderada do que o normal; o brilho travesso em seus olhos estava faltando.

Aquele olhar no rosto dela, Maomao pensou. Ela se lembrou daquele olhar. Foi o mesmo que ela teve na primeira vez que Maomao a viu, confrontando a consorte Lihua sobre a doença misteriosa que ameaçava os dois filhos. Um olhar de ansiedade.

“Brincadeiras não servirão a ninguém. Melhor explicar as coisas de uma vez. Você não concorda, Hongniang?” Gyokuyou disse, e olhou para sua principal dama de companhia.

Hongniang colocou algo embrulhado em pano sobre a mesa. Ela desfez o embrulho e revelou um palito de cabelo trabalhado em prata com um desenho intrigante: um amuleto que lembrava uma lanterna ou uma cesta pendurada na ponta. Foi esculpido de maneira complexa, obra de um verdadeiro mestre.

Mas há algumas manchas escuras, Maomao observou. A prata corroeu rapidamente e as manchas deixaram o palito tão lindo quanto deveria. A escultura em si era espetacular, mas quando você olhava para a coisa como um todo, ela parecia de alguma forma deficiente – incompatível ou inconsistente. Como se estivesse faltando alguma coisa, alguma peça crucial.

Não é realmente... legal o suficiente para uma imperatriz usar. Maomao lançou um olhar interrogativo ao prendedor de cabelo. **“O que é isso, senhora?”**

“Isso é o que eu estava vestindo na festa no jardim”, respondeu Gyokuyou.

“Você estava, senhora?” Maomao franziu a testa. Gyokuyou estava usando isso em público? Isso parecia improvável. Até porque Hongniang nunca teria permitido isso.

"Eu sei o que você está pensando. Não, a imperatriz nunca o teria usado na festa se fosse assim", interrompeu Hongnian.

Deveria ter imaginado. Se até mesmo Maomao pudesse perceber que faltava alguma coisa no acessório, então a muito mais perspicaz - e muito menos quieta - Hongniang nunca teria ficado quieta sobre isso. Maomao se perguntou que roupa Gyokuyou estava usando para complementar esse acessório.

"Pedimos ao artesão que fizesse isso em pouco tempo, mas foi um belo trabalho. Ele tem essas manchas escuras agora, mas estava impecável quando o conseguimos. E costumava haver uma decoração nesse charme. Algo com cerca de metade do tamanho da cestinha."

"Uma decoração?" Maomao perguntou. Talvez algum tipo de pedra preciosa. Certamente ficaria impressionante lá. Talvez até fizesse um tilintar como um sino quando a imperatriz caminhasse. **"Se assim posso dizer, parece que não está mais lá."** A malha da cesta era tão fina que ela duvidava que a pedra tivesse simplesmente caído.

"Usei isso com minha primeira roupa na festa no jardim", disse Gyokuyou. **"Saí do meu lugar pouco antes do meio-dia para trocar de roupa e foi então que descobri que ela estava desaparecida."**

Maomao não disse nada imediatamente. Não havia troca de roupa durante a festa no jardim do palácio interno. Independentemente disso, não havia muitas pessoas que pudessem ter abordado as altas damas. Talvez apenas suas assistentes.

"Será que alguma das damas de companhia ao seu redor está com os dedos pegajosos?" Maomao aventurou-se. Não uma das servas da imperatriz Gyokuyou, é claro, mas talvez uma das mulheres que veio servir a refeição.

Gyokuyou balançou a cabeça, mas foi Hongniang quem falou. **"Francamente, ficaríamos menos preocupadas se tivesse sido simplesmente roubado. Mas este palito de cabelo estava entre alguns presentes que foram oferecidos a Sua Majestade hoje."**

Se tivessem muita sorte, isso significava simplesmente que o ladrão tivera um ataque de consciência e decidira devolvê-lo. Mas então, o próprio ladrão precisaria ter muita sorte para poder colocar o item entre os tributos destinados à imperatriz.

Provavelmente não, hein?

O que significava que era uma ameaça. Posso chegar perto de você, dizia. *Posso até levar coisas para o seu palácio.*

Como consorte no palácio interno, Gyokuyou foi alvo de mais de uma tentativa de envenenamento por outras mulheres. Agora ela era a mãe do príncipe herdeiro e morava em seu próprio palácio. Isso deveria tê-la afastado do perigo, mas então aconteceu...

"*Você pode voltar quando quiser*."

Foi uma oferta que Maomao recebeu mais de uma vez, um convite para voltar e trabalhar para Gyokuyou novamente. Ela percebeu agora, tardiamente, que não foi apenas a familiaridade pessoal que levou a imperatriz a fazer a sugestão.

"Maomao... Você acha que conseguirá encontrar o culpado?" A imperatriz Gyokuyou perguntou. Havia um sorriso em seu rosto, mas era desconfortável e suas mãos tremiam visivelmente.

Maomao sempre considerou Gyokuyou uma pessoa tão despreocupada. No palácio interno, qualquer mulher que possuísse o afeto imperial de Sua Majestade estava sujeita a represálias brutais de suas compatriotas, mas Gyokuyou nunca parava de sorrir. Ela mantinha uma curiosidade infantil sobre o mundo que, combinada com a sua resistência pessoal, fez Maomao presumir que ela ficaria perfeitamente bem sem ela.

Mas talvez eu estivesse errada. Ela poderia ser a imperatriz, a mãe da nação, mas ainda era um ser humano.

Maomao estava em uma sala do palácio da imperatriz, olhando para o palito de cabelo. Já era tarde quando terminaram a conversa, então ela recebeu ordem de passar a noite. Ela foi informada de que seu dormitório havia sido arrumado. Enquanto isso, o jantar foi servido em seu quarto.

Ela ainda estava um pouco surpresa. Seu dormitório ficava a menos de trinta minutos de distância. Ficar fora a noite toda era uma coisa, mas para uma estranha passar a noite no palácio da imperatriz, isso devia ser um verdadeiro pesadelo.

Acho que ela não se sentirá segura até descobrir o que há por trás desse palito de cabelo. Ainda assim, não havia realmente ninguém além de Maomao a quem a imperatriz pudesse confiar este assunto? Ou era algo mais?

Maomao sentou-se na cama do quarto que havia sido preparado para ela e cruzou os braços. *Prata manchada...*

A prata corroía facilmente; era rápido ficar escura se você não cuidasse bem dela. Tinha que ser polido constantemente. No entanto, a nobreza gostava de usar talheres de prata – ou talvez, mais precisamente, tinha que usá-los. Pois a prata também fica embaçada quando exposta ao arsênico. O arsénico não tinha sabor, nem cheiro, nem mesmo cor, mas graças a esta propriedade única da prata, era fácil de detectar. Pode-se dizer que as pessoas em altos cargos não poderiam se dar ao luxo de não usá-lo.

Será que a imperatriz Gyokuyou foi exposta de alguma forma ao arsênico? Não, provavelmente não: apesar do seu humor, ela parecia gozar de boa saúde física. Ela não mostrou sinais de ter sido envenenada. Mas então o que aconteceu com o palito de cabelo?

Talvez tenha corroído depois de ter sido roubado? Suponhamos que alguém tivesse tentado envenenar a imperatriz e fracassado, então, em vez disso, roubaram o palito de cabelo para chantageá-la. Não, decidiu Maomao. Muito complicado. Se houvesse alguma intenção aqui, Maomao não conseguia entender qual era. O que o ladrão poderia estar procurando?

Havia outra coisa que a incomodava também: **“Não há sinal de que foi arrombado”.** Hongniang havia dito que deveria haver um grande cristal dentro, mas agora não era encontrado em lugar nenhum.

Um cristal...

Maomao sacudiu suavemente o palito de cabelo. Não era como se ela esperasse que a pedra caísse de alguma fenda escondida, mas para sua surpresa, um pequeno grânulo branco caiu em sua saia. **"O que é isso?".**

Ela o pegou e semicerrou os olhos. Ela tentou cheirar. Silenciosamente, ela pegou um pouco de água e um pano de mão e colocou a partícula na língua. **"Ei. Isso é...”** Ela tinha acabado de sentir o gosto quando ouviu uma batida na porta.

“Maomao? Você tem um segundo?” Era Yinghua, entre todas as pessoas.

"Sim? Qual é o problema?"

Normalmente, Yinghua poderia ter aparecido para conversar ou fofocar, mas hoje ela não parecia estar com vontade. Maomao ficou feliz em vê-la - havia algo que ela queria perguntar.

“So-Sobre o palito de cabelo...” Yinghua disse. Ela parecia desconfortável, mas para Maomao o timing foi perfeito.

“O ‘cristal’ que foi montado neste palito de cabelo. Existe alguma chance...” Ela se lembrou de algo que fez quando serviu no Palácio de Jade. **“Era um cristal de sal?”**

Pedaços brancos, salgados a gosto. Ela fez alguns de tamanho notável enquanto esteve no Palácio de Jade, e deu alguns daqueles que saíram melhor para a então consorte Gyokuyou. Se você não soubesse do que eles eram feitos, teria jurado que eram cristais de verdade. Ela os manteve em segredo de Hongniang, então a chefe dama de companhia não sabia sobre eles.

Yinghua pareceu surpresa por um segundo, mas depois assentiu. **“Muito bom, Maomao. Estou impressionada que você tenha descoberto.”**

“Então eu adivinhei certo.” Ela pegou o prendedor de cabelo junto com o pano e sacudiu-o. **“O que não entendo é: por que colocar um pedaço de sal em um palito de cabelo? Ele só iria quebrar e cair.”** Ela avisou Gyokuyou quando lhe deu os cristais de sal que eles derreteriam se fossem mantidos em algum lugar muito úmido. Maomao dera à senhora um pouco de carvão para servir de dessecante — mas sal era sal, por mais bonito que parecesse.

“Lady Gyokuyou tem estado tão entediada ultimamente. Ela pensou que poderia pelo menos se divertir na festa no jardim.”

Então a imperatriz Gyokuyou foi a mente por trás disso. Naturalmente, ela não contou à sua honesta dama de companhia.

Maomao percebeu por que Yinghua parecia desconfortável.

“O que ela planejava fazer se o cristal quebrasse durante a festa no jardim?” Eram eventos em que as mulheres se avaliavam desde os cabelos da cabeça até a ponta dos pés. Na época em que ela estava no palácio interno, muitas consortes médias e inferiores imitavam tudo o que Gyokuyou fazia em um esforço para conquistar o interesse do imperador. Sem dúvida, muitos ainda o fariam. Um enfeite vazio em seu palito de cabelo seria humilhante.

“É por isso que ela planejou trocar de roupa. Ela imaginou que duraria uma hora antes de ela trocar de roupa.”

O formato de lanterna do bastão de cabelo era impressionante e único; chamaria a atenção de todos. Todos estariam perguntando o que era aquela pedra no ornamento. Principalmente as mulheres que ajudavam no banquete: não era apenas no palácio interno que as damas procuravam conquistar o afeto de Sua Majestade. Talvez Gyokuyou tenha gostado de confundir as pessoas ao seu redor, sabendo que elas estavam pensando que tipo de pedra ela havia usado e onde a encontrou. Ou talvez ela tenha saboreado a emoção de não saber bem o que faria se a "pedra" quebrasse enquanto ela ainda estava nesta companhia distinta e cruel. Era muito, bem, estilo Gyokuyou, Maomao tinha que admitir — mas também era perigoso.

Poderia ter sido a dama de companhia designada para vigiar os palitos de cabelo que o pegou? Maomao perguntou a si mesma. Certamente era possível. Se tudo o que a mulher tivesse feito fosse pegar, então mudar de ideia ou ter um ataque de medo e devolver, realmente, seria um alívio. Mas o palito de cabelo não era algo tão simples de devolver.

"Você se importaria se eu perguntasse como era o ambiente na festa no jardim?" Maomao disse a Yinghua.

"Não tenho certeza do que você quer dizer."

"Quero dizer, a disposição dos assentos, por exemplo, e como as coisas estavam nos bastidores."

"Entendo." Yinghua saiu da sala e voltou com papel e alguns utensílios de escrita. Depois esboçou um rápido diagrama do banquete. **"Esse é o centro da festa, onde Sua Majestade estava. À sua esquerda estava a imperatriz viúva e o Mestre Jin – quero dizer, o Príncipe da Lua. Lady Gyokuyou estava à sua direita. Mestre Gyokuen estava um pouco longe – ele ainda é tecnicamente apenas um governador local, então recebeu um lugar equivalente ao de um primeiro-ministro."**

Um governador local – em outras palavras, alguém que governava uma das províncias. Em essência, Gyokuen era responsável por toda a extensão ocidental de Li, centrada em torno da capital ocidental. (Então, uma *pequena* parte daquele estudo ficou com Maomao.) O assento do primeiro-ministro estava atualmente vago; havia alguma expectativa de que Jinshi o ocuparia agora que Shishou não o ocupava mais, mas ele recebeu uma classificação diferente.

A disposição dos assentos era bastante razoável, considerando que um dos principais objetivos desta festa era dar seu nome a Gyokuen. O que, claro, viria acompanhado de uma promoção de destaque.

“E onde Lady Gyokuyou trocou de roupa?”

“O banquete foi perto do palácio dela desta vez, então ela simplesmente foi até lá.” Havia um banheiro lá também, então era mais fácil para as mulheres do que antes. **“Isso fez com que fosse um pouco difícil sair da cozinha, no entanto. Eu sei que a comida sempre esfria, mas deve ter sido especialmente ruim ter que carregar comida para tantas pessoas até agora.”**

Maomao sabia que a comida sempre esfriava durante o tempo necessário para verificar se havia veneno. Ela sempre achou que era um desperdício aqueles sabores finos desaparecerem com o frio.

“Eles colocaram uma panela grande aqui, perto do palácio”, disse Yinghua, fazendo uma marca em seu mapa.

Maomao estudou por um segundo. **"Havia um guarda por perto?"**

"Eu não acho. Provavelmente era a comida para quem não tinha assento.” A comida para as pessoas que precisavam que suas refeições fossem verificadas quanto a veneno seria armazenada em outro lugar.

“E o palito de cabelo desapareceu enquanto a panela estava presente?”

"Sim, está certo. Bem no meio da refeição. Fui enviada para cuidar de algo, então deixei Lady Gyokuyou por um tempo, mas quando voltei todo mundo estava nervoso por causa do palito de cabelo.”

Ahh, então é isso que está acontecendo aqui. Maomao olhou para o palito de cabelo. Fazia sentido agora. Ela sabia de onde vinham as descolorações.

“Parece que você teve uma ideia, Maomao.”

“Eu?”

“Você realmente teve! O que é? Diga-me!"

Aquele era um pedido complicado. Ela não podia provar ainda; até agora, eram apenas suposições. **“Não tenho informações suficientes.”**

"Com certeza! Diga-me!" Yinghua pressionou.

Maomao gemeu, mas sabia que continuar recusando não tornaria Yinghua menos veemente.

“Tudo bem, tudo bem”, ela cedeu. **“Mas quero verificar mais uma coisa primeiro.”**

"O que é? Eu quero saber o que está acontecendo! Agora mesmo!"

“Receio que você terá que esperar. Não quero dizer a coisa errada e confundir a imperatriz.”

Yinghua estufou as bochechas, mas foi forçada a aceitar isso.

“Você sabe quem estava no palácio naquela época? Não importa se você não tem certeza sobre todos que estiveram lá. Apenas me diga quem você conhece.”

"Ok, bem..."

Ela começou a dar nomes e Maomao anotou todos.

Pode ser enganoso dizer que ela havia resolvido o mistério, mas ela tinha uma boa ideia de onde o palito de cabelo havia desaparecido.

Isso representa um problema próprio, no entanto.

Entre as informações que Yinghua lhe dera e as próprias suposições de Maomao, as coisas apontavam para uma direção muito suspeita. Ela queria acalmar a mente da imperatriz Gyokuyou, mas não tinha certeza se deveria contar toda a verdade. Ela temia que isso só a perturbasse ainda mais.

Como posso contar a ela? Maomao estava refletindo sobre a questão quando alguém bateu em sua porta. *Quem é desta vez*? Ela abriu a porta para encontrar Haku-u. **"Qual é o problema?"** Maomao perguntou.

“Está um pouco frio. Achei que você poderia estar com frio, então trouxe um cobertor extra”, disse Haku-u.

"Muito obrigada. Eu assumo daqui."

"Não. Hoje você é uma convidada." Haku-u mostrou-se tão diligente quanto parecia, entrando e certificando-se de que o cobertor estava arrumado na cama de Maomao. Maomao ficou perto da janela e observou, sentindo-se um pouco estranha. Ela olhou por entre as ripas da janela e viu que estava nevando. **"Acho que está mesmo frio"**, disse ela.

Em seguida, Haku-u colocou algumas brasas no braseiro. **"Você gostaria de algum incenso?",** ela perguntou.

"Não, obrigada."

Haku-u era claramente muito boa em seu trabalho, mas Maomao não sentia necessidade especial de ela fazer tudo por ela. Como ela lembra, Gyokuyou conhecia Haku-u desde sua juventude na capital ocidental. Ela não estava aqui há muito tempo, mas Yinghua e as outras mulheres que Maomao conhecia desde seu tempo no Palácio de Jade pareciam respeitá-la.

Ela poderia ter mandado alguém um pouco mais abaixo na escada.

"Certamente não. Você é uma visitante muito importante. Não correríamos o risco de que algo fosse feito de maneira inadequada", disse Haku-u. *Ops.* Maomao disse isso em voz alta? Ela fechou a boca com força para impedir que qualquer outra coisa saísse dela.

Essas pessoas não fazem muito sentido para mim, Maomao pensou. Além de Seki-u, a mais nova, Maomao não tinha noção real de como as irmãs eram como pessoas. Ela as viu brincando com a irmã mais nova, mas só um pouco. Maomao observou silenciosamente Haku-u trabalhar por mais um momento, depois tirou as anotações que havia feito durante a conversa com Yinghua. Ela estava feliz por tê-las mantido por perto; ela não gostaria que Haku-u fizesse perguntas se ela as tivesse notado.

Maomao decidiu dormir cedo aquela noite, mas seu coração estava acelerado.

O sono não é muito restaurador quando você tem algo em mente. Maomao esfregou os olhos cansados e sentou-se. Ela estava feliz por Haku-u ter trazido o cobertor extra; seu hálito embaçava-se com o ar da manhã e suas orelhas estavam vermelhas. Quando ela abriu a janela, descobriu que a neve havia se acumulado no chão do lado de fora. Ela estremeceu ao vestir as roupas do dia a dia e, assim que se vestiu, ouviu uma voz vinda do corredor.

“Maomao! Vamos tomar café da manhã!” Era Yinghua, brilhante e precoce.

Maomao decidiu aceitar isso. Guiyuan e Ailan também estavam tomando café da manhã. Guiyuan não parecia ter mudado muito, exceto talvez ela estivesse um pouco mais gorda do que antes; ela ainda era gentil e descontraída. Ailan parecia ter continuado a crescer, pois Maomao teve de olhar para cima ainda mais do que o habitual para olhar nos olhos dela. Foi o suficiente para inspirar ciúme na desafiada verticalmente Maomao. Ainda assim, ela não pôde deixar de sorrir um pouco ao estar de volta entre rostos tão familiares.

“O café da manhã é muito especial hoje”, anunciou Yinghua. **“Tem abalone seco!”**

"Uau!", as outras cantaram em coro; até Maomao foi levada a aplaudir. Talvez ela tenha roubado os ingredientes que sobraram do jantar da imperatriz Gyokuyou na noite passada.

A sopa era simples, com bom caldo e apenas um leve toque de sal. Com o abalone, porém, revelou-se altamente comestível. O arroz também era a melhor coisa, demonstrando que quando uma mulher se tornava imperatriz, a dieta de suas damas era beneficiada de acordo.

Enquanto as quatro conversavam, Maomao olhou em volta. Impulsionado por seu comportamento inquieto, Guiyuan perguntou: **“O que há de errado?”**

"Nada realmente. Mas as outras não tomam café da manhã?” Ela não viu as irmãs -u, ou as outras novas damas de companhia que Gyokuyou deve ter acumulado ao se tornar imperatriz.

"Oh! A senhorita Haku-u e suas irmãs comem em outra sala, e as outras damas de companhia não comem no palácio.”

“Sim”, acrescentou Ailan. **"É muito ruim. Essa seria uma boa oportunidade para conhecê-las. Elas são sempre tão sérias no trabalho.”**

Eu acho que é mais porque vocês três são um pouco relaxadas...Ainda assim, isso tornou mais fácil estar perto delas.

Yinghua e suas companheiras serviam Gyokuyou há muito tempo, desde seus dias como consorte no palácio interno, mas o conhecimento de Haku-u com a imperatriz era ainda mais antigo, e deve ter sido por isso que Guiyuan se sentiu obrigada a se referir a ela com respeito. Haku-u pode não ter uma classificação tão alta quanto Hongniang, a principal

dama de companhia, aos olhos delas, mas Maomao teve a sensação de que ela ainda estava acima de Yinghua e das outras.

Talvez ainda mais do que da última vez que estive aqui. Yinghua e suas amigas eram conhecidas por reagir contra as damas de companhia de outras consortes - mas na verdade apenas se falassem mal de Gyokuyou. Haku-u e suas irmãs eram companheiras e colegas, e Maomao duvidava que Yinghua ou as outras meninas sentissem qualquer hostilidade real em relação a elas.

Falando de Yinghua, ela perguntou: **"Então, Maomao. Você já sabe quem é o culpado?"**

"É um pouco complicado", disse Maomao. Uma maneira legal de evitar a pergunta. As outras garotas pareciam desanimadas.

"Se você ainda não descobriu, Maomao, pode voltar aqui", sugeriu Yinghua. **"Provavelmente não conseguiremos convencê-los a nos deixar ficar com você apenas para fazer remédios e outras coisas, mas se houver algum tipo de motivo..."**

"Isso mesmo", acrescentou Guiyuan. **"Temos muito mais quartos do que no Palácio de Jade. E muitos fogões!"**

"Aposto que você poderia conseguir alguns medicamentos importados aqui", ofereceu Ailan.

Medicamentos importados! Maomao quase aproveitou a oportunidade. *Não! Má Maomao!*

Ela tomou um gole de chá para se acalmar. **"Estou aprendendo meu ofício com meu pai e outros médicos agora. Não posso simplesmente mudar de emprego. Imagine o fardo que isso representaria para as pessoas com quem trabalho."**

Ela admitiu abertamente que a ideia de servir a imperatriz Gyokuyou tinha seus atrativos. Mas juntar-se à equipe da grande dama traria seus próprios problemas.

Como aquela aberração.

E se o estrategista de monóculo começasse a rondar o palácio da imperatriz? Na sua opinião, ele estaria apenas tentando ver Maomao, mas não era isso que os espectadores escandalizados veriam.

Era inconcebível que a imperatriz Gyokuyou ainda não soubesse da relação entre Maomao e o estrategista, não era? *Especificamente, que é tudo uma ilusão da parte dele e que somos completamente estranhos.*

Para ser bem franca, Maomao se perguntou se não teria havido algum engano; se ela não fosse filha de algum outro patrono da Casa Verdete. Pelo menos, assim ela gostava de pensar. Embora ela soubesse que as chances eram mínimas.

As coisas teriam sido muito mais fáceis se Gyokuyou simplesmente tivesse visto Maomao como um peão a ser usado, mas ela tinha um respeito genuíno pelas habilidades de Maomao. Não posso simplesmente ignorá-la. Sem falar que os olhares de Yinghua, Guiyuan e Ailan estavam praticamente queimando Maomao naquele momento.

Ela estava apenas tentando decidir como poderia sair dessa situação quando uma jovem com uma faixa vermelha no cabelo apareceu. Ela se parecia muito com Haku-u, mas seu rosto revelava que ela era um pouco mais jovem – mais ou menos da idade de Maomao. Ela era a mais nova das três irmãs e a única com quem Maomao conhecia de verdade. Ela costumava entregar-lhe as cartas de Xiaolan.

“E aí, Seki-u?” Yinghua perguntou.

“A imperatriz Gyokuyou está perguntando por Maomao”, ela respondeu sem dar mais detalhes. Maomao terminou o café da manhã e pegou a tigela.

“Não se preocupe, eu arrumo. Deixe aí”, disse Guiyuan, e Maomao o fez.

“Mal posso esperar para saber quando você se juntará a nós!” Yinghua chamou, todas as três jovens acenando encorajadoramente. Maomao ofereceu uma reverência em troca e depois foi ver a imperatriz.

No quarto de Gyokuyou, Maomao encontrou não apenas Hongniang e Haku-u, mas também o príncipe e a princesa. A princesa estava colocando uma panóplia de brinquedos em volta do príncipe herdeiro, que os ignorava principalmente. Talvez ela pensasse que eles estavam brincando juntos.

Quando Haku-u viu que Maomao havia chegado, ela pegou o príncipe herdeiro. **“Seki-u, a princesa”**, disse ela.

“Sim, claro”, respondeu Seki-u, pegando Lingli pela mão.

"Jogue mais!", a princesa disse. Ela devia ter cerca de três anos e obviamente estava aprendendo a falar. Ela não parecia se lembrar de Maomao, porém, estudando seu rosto como se a visse pela primeira vez. Maomao ficou um pouco decepcionada com isso, mas era o que acontecia. Ela deu à princesa um aceno amigável.

Haku-u estava prestes a sair com o príncipe nos braços quando Maomao impulsivamente agarrou sua manga. **"O que é?"** Haku-u disse, sua expressão traindo seu descontentamento com essa demonstração de impropriedade.

"Você poderia permanecer aqui?" Maomao perguntou.

"Para qual finalidade?"

"Eu gostaria que você ouvisse essa conversa."

A expressão de Haku-u não mudou, mas Hongniang saiu para o corredor e acenou para Ailan, que por acaso estava passando. **"Cuide a criança, por favor",** disse ela, tirando o príncipe das mãos de Haku-u e entregando-o a Ailan. A criança balbuciou e puxou o cabelo de Ailan; ela o carregou com um sorriso tenso no rosto.

"Você tem algo em mente, Maomao?" A imperatriz Gyokuyou perguntou. Nem ela nem Hongniang disseram nada sobre a presença contínua de Haku-u. Elas acharam que seria mais rápido simplesmente avançar com a discussão.

"Isso", disse ela, e estendeu o palito de cabelo da imperatriz.

"Você descobriu quem estava por trás do seu desaparecimento?" Gyokuyou perguntou.

"Receio que não, senhora. Mas acredito que posso explicar por que ficou manchado e por que a pedra dentro dele desapareceu."

"É isso que você quer dizer?"

"Sim, senhora." Maomao tirou o diagrama que Yinghua havia desenhado na noite anterior. **"Você se retirou para o seu palácio para trocar de roupa, correto? E foi enquanto você fazia isso que percebeu que faltava o palito de cabelo."**

"Isso mesmo. Infelizmente, não houve tempo para procurá-lo. Eu tive que me trocar."

Eu pensei assim. A comoção não ocorreu no momento em que o palito de cabelo desapareceu.

“Você achou que talvez tivesse simplesmente deixado cair, em vez de ter sido roubado?”

“Sim, eu estava com muita pressa. Um galho roçou minha cabeça enquanto eu passava. Achei que talvez tivesse caído então.”

“Isso teria sido por aqui?” Maomao perguntou, apontando para um ponto no diagrama.

“Sim, bem aí. Havia uma barreira bem no meu caminho e, quando tentei contorna-la, o galho me pegou.”

Uma plataforma: em outras palavras, a panela, suspeitava Maomao. Ela olhou para Haku-u, mas a expressão da outra mulher permaneceu inalterada. *Talvez eu esteja errada sobre isso*, ela pensou, mas de qualquer forma, ter Haku-u ali tornaria as coisas mais rápidas.

“Para resumir a história, acredito que o palito de cabelo não foi roubado – acho que simplesmente caiu”, disse ela.

"O que você quer dizer?" Gyokuyou perguntou.

“Precisamente isso. Minha senhora, a causa da sua angústia é que você acredita que o palito de cabelo foi roubado e depois enviado de volta para você como uma ameaça.” O palito de cabelo estava descolorido, faltava a pedra colocada nele, como se dissesse: *Isso é o que farei com você*. Qualquer nobre que visse prata turva pensaria imediatamente em veneno.

“Você não se sentiria muito melhor se soubesse que nenhuma dessas coisas foi intencional?”

"Eu suponho..."

“Além disso, senhora, estou errada em pensar que você tem alguma ideia do que aconteceu com a pedra?”

A imperatriz Gyokuyou enrolou um pouco de cabelo na ponta do dedo. Seus olhos transbordaram de emoção.

“Vá direto ao ponto, por favor! O que aconteceu com a pedra que estava no palito de cabelo?” Hongniang exigiu, finalmente incapaz de esperar mais.

“Imperatriz... Você tem mais dessas pedras?” Maomao disse.

“Acho que eventualmente terei que confessar tudo”, disse Gyokuyou, resignada. Ela se levantou e pegou uma pequena caixa em um canto da sala. Ela abriu para revelar um cristal translúcido e multifacetado.

“Posso usar isso?” Maomao perguntou.

“Foi você quem me deu.”

Maomao pegou a pedra com uma das mãos e uma jarra de água com a outra. **“Alguém poderia me arranjar uma tigela?”** Haku-u trouxe uma tigela. Maomao colocou a pedra na tigela e encheu-a com água.

“Está... derretendo?” Hongniang disse.

“Talvez você queira experimentar um gole. Embora eu a avise, você pode se encolher. Porque isso é sal.”

"Sal?!" Hongniang realmente não sabia. Se tivesse, ela nunca teria permitido que a imperatriz usasse o falso cristal em seu prendedor de cabelo. **“Senhora Gyokuyou! O que está acontecendo?",** ela exclamou.

“H-Heehee... Bem, era tão lindo. E ninguém percebeu, não é?” Um sorriso travesso surgiu no rosto da imperatriz. Isso combinava muito melhor com ela do que com uma ansiedade sombria.

“Eu nunca imaginei que o sal pudesse assumir uma forma tão fina”, disse Haku-u, observando o cristal se dissolvendo.

“Muitas vezes isso não acontece. Escolhi os que tinham cristalizado nos formatos mais apelativos. Você coloca um pouco de sal em água fervente, não muito, para que tudo se dissolva. Aí você deixa esfriar. Você tem que colocar algo pequeno nele para formar um núcleo e depois deixar tudo evaporar. À medida que você repete o processo, o cristal fica gradualmente maior. Suponho que o importante a notar é que a seda é o material ideal para o fio no qual você a pendura.”

“Maomao... Você fez isso enquanto estava no Palácio de Jade?” Hongniang perguntou.

Maomao não disse nada. Ela não poderia ficar brava com Maomao agora, poderia? O prazo de prescrição tinha que acabar.

“Tudo bem, então a ‘pedra’ se dissolveu. Acabou”, disse Hongniang. **“Mas e a prata descolorida?”**

“Muitas coisas podem fazer com que a prata fique turva”, disse Maomao, desenhando um pequeno círculo num canto do diagrama. **“Ovos, por exemplo.”**

"Ovos?" As outras três mulheres olharam para ela, intrigadas.

"Isso mesmo. Você conhece o cheiro que um ovo podre exala?”

Todas as três balançaram a cabeça. Eram as empregadas que levavam o lixo para fora – provavelmente nunca haviam sentido cheiro de podridão antes. Maomao decidiu tentar uma analogia diferente.

“Que tal ovos cozidos? Vocês sabem como isso cheira, certo?”

“Ah, isso eu sei”, disse Gyokuyou.

“É um aroma único, mas há outro lugar onde você pode sentir o mesmo cheiro: em certas fontes termais.”

"Oh! Eu sei o que você quer dizer”, disse a imperatriz. Ela deve ter tomado banho em uma fonte termal antes. Talvez houvesse uma ou duas delas na viagem da capital ocidental para aquela cidade.

“Certas substâncias nessas fontes contêm enxofre. O mesmo acontece com os ovos cozidos – se você comê-los com talheres, os utensílios podem ficar descoloridos.”

“Sim, claro”, disse Hongniang, parecendo não acreditar que não tivesse pensado nisso antes. Ela já tinha um bom palpite sobre o motivo pelo qual o palito de cabelo havia escurecido — pois ela sabia o que havia sido servido na festa no jardim.

“O palito caiu numa panela contendo ovos cozidos”, disse Maomao. **“O cristal de sal dissolveu-se na água, enquanto os ovos descoloriram a prata.”**

Provavelmente também explicava por que Lihaku achou a sopa tão insuportavelmente salgada.

“Mas como o palito de cabelo foi parar no pote?” Gyokuyou se perguntou. **“Você acha que simplesmente caiu lá por acaso?”**

“Receio não saber. Poderia ter sido coincidência, ou alguém poderia ter colocado isso ali.”

“Por que diabos eles fariam isso?” Haku-u perguntou, semicerrando os olhos para Maomao.

“Suponha que alguém esteja preparando uma refeição quando encontra um palito de cabelo ornamentado. Então, uma dama de companhia aparece perguntando se eles já viram esse palito de cabelo em algum lugar. O que você acha que eles fariam?”

Eles imediatamente o segurariam e diriam: **“*É isso que você está procurando*?”** Ou eles podem tentar se fazer de bobos? Ou uma terceira possibilidade...

“Eles podem entrar em pânico e tentar escondê-lo em algum lugar”, disse Maomao.

“Você está sugerindo que antes que eles soubessem o que estavam fazendo, eles jogaram o alimento na panela na frente deles?” Haku-u disse.

“Sim”, disse Maomao, embora se sentisse um tanto culpada pela natureza vaga de sua situação hipotética. **“Então o palito de cabelo vai parar no pote, seja intencionalmente ou acidentalmente. Mas quando é retirada, a prata fica turva e a pedra desaparece.”** Dificilmente um estado em que pudesse simplesmente ser devolvido.

"Um momento. Se um dos servos o encontrasse... bem, não seria muito difícil para eles devolvê-lo?” Hongniang perguntou.

“De fato, seria.”

Então eles chegaram à questão de como o bastão de cabelo havia retornado à imperatriz.

“Não acredito que um mero servo pudesse ter escondido o palito de cabelo entre uma entrega de presentes para você. Eles devem ter tido ajuda. E foi então que o palito de cabelo, que parecia simplesmente perdido, passou a parecer uma ameaça.”

Maomao não tinha certeza do que havia acontecido, mas tinha suas suspeitas. Foi por isso que Haku-u ficou no quarto. Mas embora ela estivesse de olho na outra mulher, ela não viu nada de incomum em sua aparência ou comportamento. Talvez sua cara de pôquer fosse tão boa assim - ou talvez ela realmente não soubesse.

E se uma das damas de companhia, alguém que servia à imperatriz, tivesse encontrado o palito de cabelo perto do palácio? Alguém nessa posição poderia facilmente ter enfiado o palito de cabelo em uma entrega. Maomao tinha praticamente certeza de que foi uma das damas de Gyokuyou quem devolveu o prendedor de cabelo, embora ela devesse saber o sofrimento que causaria se o acessório fosse devolvido em tal estado.

Hongniang teria relatado o assunto diretamente a Gyokuyou; ela conhecia a imperatriz bem o suficiente para saber que não precisaria temer alguma punição arbitrária. O mesmo para Yinghua, Guiyuan e Ailan. Todas as três sabiam sobre o "cristal" de sal; elas teriam sido capazes de explicar o que havia acontecido e não teriam motivos para esconder nada.

Mas e Haku-u? Dada a sua posição, seria de se esperar que ela simplesmente fosse honesta e denunciasse o palito para Gyokuyou. Ela sabia que a imperatriz era gentil, que dificilmente ela aplicaria uma punição severa por causa de um palito de cabelo estragado. Deveria haver algum motivo para ela ter escolhido não se apresentar.

"É quase como se uma das damas de companhia devolvesse deliberadamente o palito de cabelo sem dizer nada, a fim de fazer a imperatriz pensar que estava sendo ameaçada", disse Maomao.

"O-o que você quer dizer?" Hongniang perguntou, perturbada.

"Exatamente o que eu disse. A imperatriz Gyokuyou é uma mulher gentil e alegre. Pessoalmente, gosto muito dela. Mas pude ver alguém pensando que ela é mole demais para sobreviver neste covil de iniquidade." Maomao olhou para Haku-u. Ela considerou a possibilidade de que alguma outra serva do palácio estivesse envolvida, mas quando olhou para a lista de Yinghua de pessoas que estiveram perto da imperatriz durante a festa no jardim, não viu nenhum nome que não reconhecesse. Apenas as quatro mulheres "clássicas" e o trio de irmãs.

"Ahh. Entendo do que se trata", disse a imperatriz Gyokuyou, com um toque de frustração em sua voz. Ela lentamente se virou para Haku-u. **"Foi um aviso para que eu me importasse com meu comportamento, para que as pessoas ao meu redor não me tratassem tão levianamente."** Ela disse exatamente o que Maomao pensava. A imperatriz parecia ter sua própria ideia de quem era o culpado.

“Você não fez isso, não é, Haku-u? E eu sei que Seki-u não ousaria”, disse Gyokuyou. **“O que deixa...”**

“Koku-u”, disse Haku-u, sem emoção em sua voz enquanto falava o nome de sua irmã.

“Koku-u? Mas por que?" disse Hongniang. Ela parecia surpresa, mas Gyokuyou parecia como se tudo fizesse sentido para ela.

“Acho que deve ter a ver com a carta que recebi outro dia”, disse ela. **“Koku-u foi quem trouxe para mim.”**

"Oh!" exclamou Haku-u.

Carta? Alguém enviou à imperatriz algo ameaçador? Talvez tenha vindo de um inimigo político, Maomao pensou. Ela cogitou brevemente a possibilidade de ter sido a consorte Lihua, que também tinha um filho pequeno. Mas ela rapidamente pensou: *Não, ela não.* Então talvez o ex-herdeiro aparente, o irmão mais novo de Sua Majestade, Jinshi. *Sim, provavelmente não.*

Mas então... E Haku-u e suas irmãs? Ninguém as acusaria de serem menos devotadas à imperatriz Gyokuyou, mas uma coisa as diferenciava de suas damas que serviam há mais tempo.

“Se me permitem fazer uma pergunta a Lady Haku-u”, disse Maomao. **“Você achou, talvez, que foi Mestre Jinshi quem roubou e depois devolveu o palito de cabelo?”**

Depois de uma pausa relutante, Haku-u disse: **“Bem, isso não parece óbvio?”**

“Haku-u, eu lhe disse que ele, entre todas as pessoas, nunca faria uma coisa dessas.” Gyokuyou tinha um sorriso triste no rosto. Ela sabia muito bem que ele não tinha interesse em fazer parte da sucessão. Hongniang, assim como Yinghua e as outras, também estavam familiarizados o suficiente com Jinshi para saber que ele não faria ameaças como essa. Maomao tinha plena consciência de que Jinshi via seu próprio status como nada mais do que um fardo. Foi por isso que ela deliberadamente abordou Haku-u com sua suposição.

“Você acha que do jeito que ela age, é apenas uma questão de tempo até que alguma pessoa desagradável se insinue com Lady Gyokuyou”, disse Maomao.

“Sinto muito, mas sim”, disse Haku-u, e foi difícil não perceber que ela estava olhando para Maomao. Hongniang parecia escandalizada.

Realmente? É para lá que ela está levando isso? Maomao pensou, um pouco desconfortável.

“Lady Gyokuyou precisa perceber que há inimigos ao seu redor”, disse Haku-u.

“Eu entendo isso”, disse Gyokuyou. **“Mas não há razão para mostrar minhas presas nem mesmo para meus amigos. Diga, Haku-u... Isso é algo que você ouviu do seu pai?”**

"Não, senhora. Eu pensei nisso sozinha.” Ela voltou seus olhos amendoados para a imperatriz. **“Mas você está dizendo que até mesmo o Mestre Gyoku-ou pode ser confiável?”**

Gyoku-ou? Esse era um nome novo para Maomao, embora ela presumisse que ele era parente de Gyokuyou.

"O que havia naquela carta que ele lhe enviou?" Haku-u pressionou.

"Entendo. Koku-u deve ter lido secretamente”, disse Gyokuyou. Sua cabeça caiu.

Então Koku-u deu uma olhada em... uma carta? O que está acontecendo aqui? Estava tudo na cabeça de Maomao, mas esse Gyoku-ou era evidentemente alguém com quem se deve ter cuidado.

“Ele é meu irmão mais velho. Ele não escreveu nada fora da linha”, disse a imperatriz. Maomao conhecia o irmão mais velho de Gyokuyou e sabia que ele estava no comando das terras a oeste enquanto o pai deles estava aqui na capital. O ex-assessor do excêntrico estrategista, Rikuson, foi enviado para o oeste em benefício de Gyoku-ou. Mas parecia que havia algo acontecendo ali.

“Você tem certeza de que ele não é um vilão?”, perguntou Haku-u. **“Certamente você sabe quem foi que sempre inventou motivos para não lhe enviar novas criadas, à medida que o número de suas damas de companhia diminuía uma por uma.”**

Isso assustou Maomao, mas Haku-u ainda não havia terminado. **“Se não tivéssemos vindo, senhora, você não seria capaz de viver como convém à sua estação!”** Havia força em sua voz, nada parecido com seu habitual comportamento desapegado.

Talvez eu deva me desculpar? Maomao pensou. Isso não tinha nada a ver com ela, e poderia ter sido melhor para ela ir embora - mas por mais que tentasse, não conseguiu encontrar uma maneira apropriada de orquestrar sua saída.

“Se você não me contar o que está na carta, imperatriz Gyokuyou, então eu vou adivinhar. Antes de deixar a capital ocidental, descobri que o Mestre Gyoku-ou havia adotado uma jovem estrangeira. Já se passou mais de um ano, mais do que tempo suficiente para ela adquirir os refinamentos esperados de uma jovem bem-educada.”

"Haku-u!"

“Lady Hongniang, não irei agir furtivamente, como Koku-u fez. Vou falar o que penso. Eu não me importo se Mestre Gyoku-ou é filho do Mestre Gyokuen ou irmão mais velho de Lady Gyokuyou; Eu não confio nele!”

Ele está tentando enviar uma jovem que se parece exatamente com Lady Gyokuyou para o palácio interno. Por quê? Bem, imagine se ela ganhasse o afeto de Sua Majestade e do Príncipe Herdeiro... e então algo acontecesse com nossa amante.

O que ela dissera era pura especulação — e, no entanto, não estava de forma alguma fora do reino das possibilidades.

“Meu pai nunca permitiria isso”, disse Gyokuyou.

“Mestre Gyokuen é certamente mais do que inteligente o suficiente para perceber as fracas maquinações de Mestre Gyoku-ou”, disse Haku-u.

Hongniang pareceu aliviada. **“Não há problema, então.”**

“Sua perspicácia é o problema. Mestre Gyokuen certamente apoiará quem ele acha que lhe trará o maior benefício”, disse Haku-u, com a voz vazia. **“Assim como ele fez quando destruiu o clã Yi.”**

O clã Yi!

Eles haviam sido anteriormente um dos clãs nomeados e governaram as regiões ocidentais – até que incorreram na ira da imperatriz reinante e foram aniquilados.

“Devemos muito a você, Lady Gyokuyou, e uma das razões pelas quais servimos você aqui é para protegê-la. Mestre Gyokuen não é meu – nosso – governante, nem seu filho.” Havia um fogo nos olhos de Haku-u enquanto ela falava.

Eu me pergunto o que ela viu em sua vida, Maomao pensou, mas ela só conseguia imaginar. Não era função dela pressionar ou bisbilhotar.

“Por favor, tome cuidado com o Mestre Gyoku-ou. Eu estou te implorando. Estou implorando de todo o coração...” O olhar de Haku-u foi lentamente para Maomao. **“Por favor, cerque-se de pessoas em quem você confia. Você nunca sabe o que pode acontecer.”**

Gyokuyou e Hongniang também olharam para Maomao, que disse: **“Por que todo mundo está...?”** Ela tinha um mau pressentimento sobre isso que não iria embora.

“Maomao... espero que você considere isso”, disse Gyokuyou, com os olhos como os de um cachorrinho.

“Você não gostaria de ver Lady Gyokuyou sendo envenenada, não é?” Hongniang perguntou com um leve sorriso.

“O mundo é um lugar difícil, mas há pessoas que nunca trairiam uma confiança”, acrescentou Haku-u. Ela estava envolvida nisso?

Maomao evitou intencionalmente todos os três olhares, mas ela podia sentir que elas quase a encurralaram.

Capítulo 14: O Concurso de Go (Parte Um)

Maomao deu uma forte pancada nas bandagens. A brisa de outono pegou as tiras brancas de tecido que estavam secando e elas flutuaram contra o céu azul sem nuvens. O tempo parecia exatamente o oposto das nuvens que escureceram o coração de Maomao.

Ela sentiu que não poderia simplesmente abandonar o palácio da imperatriz Gyokuyou com uma coisa como aquela. Ela foi salva por uma mensagem do Dr. Liu. Ele podia ser duro com seus subordinados, mas também cuidava deles.

Maomao não tinha percebido que a imperatriz estava tão encurralada – e não por algum inimigo político óbvio, mas por um membro da sua própria família.

Seu irmão mais velho...

Ela ouviu dizer que a imperatriz era filha de uma concubina. Gyokuen era um homem velho, então o meio-irmão de Gyokuyou, Gyoku-ou, devia ser consideravelmente mais velho do que ela. Relações familiares complicadas não eram incomuns entre a nobreza, e parecia que Gyokuyou não era exceção.

Eu me pergunto o que acontece depois disso. Pelo que Haku-u disse, Gyokuen tinha seus próprios jogos. Ele seria aliado da imperatriz Gyokuyou apenas enquanto houvesse algo para ele - então o que aconteceria se ela perdesse o afeto do imperador? Ou, por falar nisso, e se algo acontecer ao príncipe herdeiro?

Mesmo que você não esteja interessada em poder, há momentos em que você precisa dele para sobreviver. Maomao pensou. Ela suspirou enquanto mergulhava as mãos na água gelada. Estava tão frio que parecia que as pontas dos dedos iriam cair. E o tempo só ficaria mais frio, então trabalhar com água ficaria ainda mais desagradável. En'en, com sua intensa devoção à jovem amante, passava bálsamo em Yao para evitar rachaduras na pele.

Ao olhar para o céu azul, Maomao teve uma ideia. *Eu me pergunto sobre o que era aquela imagem.* A imagem misteriosa desenhada pela menina Jazgul.

Isso a lembrou de que a sacerdotisa do oeste ainda morava em Li. Como ela estava? Bem o suficiente, sem dúvida, com a ex-consorte Ah-Duo para cuidar dela. No entanto, embora ela já tivesse sido uma das damas do imperador, Ah-Duo, refletiu Maomao, parecia destinada a assumir todos os segredos obscuros do país. Sua casa era um refúgio para os filhos sobreviventes do clã Shi, bem como para Suirei, que, embora não reconhecida, era neta do ex-imperador e sobrinha do atual. E agora a sacerdotisa de Shaoh, que deveria estar morta, também estava lá.

Ah-Duo, bonita com roupas masculinas, aceitou tudo isso com calma, mas como isso deve parecer para aqueles ao seu redor? Bem, em certo sentido, isso não aconteceu. Todas essas coisas foram feitas em total sigilo e não seriam descobertas tão facilmente. Mas havia muitas pessoas com narizes afiados no tribunal. *Espero que nenhum deles sinta o cheiro dela.*

Com esse pensamento em mente, Maomao despejou o resto da água do balde em um canal.

"Não há um dia inteiro de trabalho para fazer aqui", resmungou o Dr. Liu. Era uma hora em que o consultório médico normalmente estaria lotado de soldados feridos, mas hoje estava deserto.

"O que podemos fazer? Todo mundo está matando aula, começando pelo próprio chefão", disse o jovem médico Tianyu. Ele exibia um sorriso sarcástico, mas parecia desapontado. Na mão ele segurava um livro de Go. **"Mas ainda mais funcionários civis estão cortando trabalho hoje. Ouvi dizer que houve algumas brigas reais sobre quem tiraria folga hoje. Pelo menos os soldados podem fingir que estão indo para ficar de olho nas coisas."**

Maomao sabia que o próprio Tianyu estava desesperado para tirar um dia de folga, mas acabou ali no trabalho. Sempre era necessário um pessoal mínimo nos consultórios médicos, por isso os médicos achavam mais difícil do que a maioria tirar férias.

"Visto que não há praticamente nada para fazer, eu provavelmente poderia simplesmente ir para casa, não poderia?" Tianyu perguntou, mas esse tipo de bajulação não funcionaria com o Dr.

"Já que finalmente temos algum tempo disponível, deveríamos usá-lo para misturar alguns remédios e reabastecer nosso suprimento." O médico idoso tinha um sorriso desagradável no rosto; ele estava gostando de girar os parafusos.

Os olhos de Maomao brilharam com a menção de fazer remédios. **"O que devemos fazer, senhor?",** ela disse.

"Er, aham. Sim. Lamento tirar o fôlego de suas velas quando você finalmente encontrou algum entusiasmo, mas..." Ele estendeu um pacote embrulhado em pano. **"Eu preciso que você entregue isso para mim."**

Maomao imediatamente fez uma careta.

"Eu conheço esse olhar. Você está pensando, *Quem esse velhote pensa que é*?"

"Deixe de pensar, senhor", disse ela obedientemente.

"Senhor, talvez eu possa fazer essa entrega..." Tianyu arriscou.

"Não, você não poderia."

Bem. Não há espaço para discussão. Se isso era algo que Maomao precisava resolver pessoalmente, ela temia saber exatamente o que isso poderia implicar.

"Quero que você leve aqui", disse o Dr. Liu, pegando um mapa da capital e apontando para uma praça pública perto do teatro onde a Dama Branca realizou suas maravilhas.

"Aqui, senhor?"

“Não é o seu lugar favorito, presumo. É óbvio pela expressão em seu rosto.”

Certamente não era, porque naquele momento aquela praça em particular estava sediando um grande evento. Ou seja, um relacionado a Go. Era muito fácil adivinhar quem estaria lá. Maomao não sabia que pauzinhos ele teve que mexer para conseguir uma localização tão privilegiada e, por dois dias, nada menos, aquele deve ser um torneio bastante grande.

“Presumo que o Dr. Kan estará lá. Ele não foi designado para isso, mas se ofereceu para assumir a liderança.”

Maomao pensou que poderia ver o que o Dr. Liu queria dizer. *Ele tentou montar um baluarte para mim.*

Não havia como dizer o que o estrategista maluco poderia tentar, mas ter o velho de Maomao ali ajudaria a amenizar a situação. Provavelmente, Maomao estava sendo enviada pelo mesmo motivo.

“Tem muita gente lá, o que significa que alguém vai se sentir mal, seja por jogar Go ou algo assim. Este não é o tipo de coisa em que um consultório médico normalmente se envolveria, mas você não concorda que momentos como esse são o momento de oferecer ajuda?” Dr. Liu disse, mas parecia ensaiado. Ela sentiu o cheiro de Lahan, que havia organizado o torneio. Ele sabia que o pai dela não diria não e que poderia chegar até Maomao usando o Dr. Liu, um superior que ela não podia recusar.

Isso não é bom...

En'en estava interessada em Go, então ela e Yao tiraram o dia de folga, enquanto Maomao estava presa ali.

“Este é o seu trabalho agora. Acredito que você possa fazer isso profissionalmente”, pressionou o Dr. Tudo o que Maomao pôde fazer foi acenar com a cabeça. Acene com a cabeça e ignore o fato de que Tianyu estava olhando para ela, verde de inveja.

Ela não precisou olhar o mapa para descobrir para onde ir – ela apenas teve que seguir a enxurrada de pessoas carregando livros de Go. Tabuleiros de jogo foram colocados aqui, ali e por toda parte na praça, atraindo multidões de pessoas de todos os tipos – jovens e velhos, homens e mulheres. Tinham sido pendurados panos, a desculpa mais frágil para se

proteger do vento, e só havia caixas de madeira para colocar as tábuas. Um show pobre. E realizar um evento como esse lá fora tão perto do final do ano era praticamente implorar para as pessoas pegarem um resfriado.

Ainda...

Com tantas pessoas ao redor, até mesmo essa desculpa insignificante para um local começou a parecer bastante boa e, de fato, foi impregnada de um calor surpreendente. Restaurantes de rua principal e estabelecimentos de bebidas estabeleceram postos avançados ali na praça. As crianças imploravam às mães que lhes comprassem guloseimas. Água quente com gengibre e vinho eram distribuídos para manter as pessoas aquecidas, embora o vinho tivesse sido aquecido para retirar o álcool.

Já vimos muitos bêbados criando problemas em festivais.

Não se tratava apenas de uma parafernália relacionada ao Go: peças de Shogi, jogos de cartas e até peças de *Mah-jongg* podiam ser vistas por ali, talvez por instigação dos organizadores do evento. Havia até lojas que vendiam enfeites e acessórios pessoais, então até pessoas sem interesse no jogo de Go se aglomeravam na praça.

Essa é uma ideia muito Lahan, Maomao pensou. Ele amava o comércio mercantil. Ela tinha certeza de que ele estava cobrando das lojas pela localização privilegiada.

Maomao abriu caminho no meio da multidão até ver alguns rostos familiares. **“Sim! En'en!”**

Lá estavam elas. Yao estava esfregando pomada no joelho esfolado de uma criança, enquanto En’en administrava um pouco de chá medicinal a um idoso que tremia.

“Maomao? O que aconteceu com o trabalho?”, Yao perguntou, lançando-lhe um olhar que deixava claro que ela presumia que Maomao havia fugido do consultório médico.

“Dr. Liu me enviou aqui para fazer uma missão. E de qualquer forma, o que aconteceu com não trabalhar?”

"**Oh. É graças ao seu, hum, ‘irmão mais velho’”,** respondeu Yao. Isso imediatamente colocou uma carranca no rosto de Maomao. **“Dr. Kan também não deveria trabalhar hoje, mas foi pego. E então seu irmão mais velho disse que era demais para o Dr. Kan cuidar sozinho e que ele queria que ajudássemos também.”**

"Você deveria ter dito não a ele." Ela se sentiu mal pelo pai, mas Yao e En'en deveriam estar de folga hoje. Elas não eram obrigadas a trabalhar como o resto do consultório médico. Lahan deveria ter contratado alguns médicos da cidade em vez de obrigar o pai e as meninas a fazerem tudo, de qualquer maneira. E agora ele também estava usando Maomao. Era exatamente como aquele muquirana era. **"Você deveria mandar uma conta para ele"**, disse Maomao, de repente decidida a arrancar alguns centavos do homem de cabelos desgrenhados e óculos redondos.

"Ah, eu não me importo. Não estou muito interessada em Go", disse Yao. Ela terminou de tratar o ferimento da criança e mandou-o embora com um **"Aí está".**

"Obrigado, senhorita!", o garoto disse.

Ah, *ah*. Maomao notou o pequeno sorriso no rosto de Yao enquanto ela se despedia da criança. O sorriso desapareceu abruptamente quando Yao percebeu Maomao olhando para ela. En'en fez um pequeno sinal de positivo para Maomao, como se dissesse: *Viu? Minha amante não é fofa*? Ela parecia estar se divertindo, mesmo não tendo jogado Go.

"Se você está fazendo alguma coisa, presumo que esteja procurando pelo Dr. Ele está ali", disse ela, apontando para o teatro onde a Dama Branca realizou suas apresentações. Era um prédio grande e costumava receber eventos com frequência, mas estava fechado há algum tempo. **"Acho que o plano original era realizar todo o concurso lá. Mas... bem, você vê."** Os tabuleiros espalhados pela praça indicavam quantos participantes havia.

"É bom que seja um sucesso, eu acho, mas há claramente mais pessoas aqui do que o permitido", concordou Maomao. Era bom para eles que a praça estivesse ali para se espalhar, mas apresentava uma série de problemas. Ela presumiu que haveria pessoas se machucando e passando mal. Se ao menos tivessem realizado o concurso numa estação mais quente.

O idoso que En'en cuidava parecia estar se sentindo melhor; ele deu um sorriso desdentado e parecia decidido a voltar para jogar mais Go, então En'en colocou um lenço em volta do pescoço. O tempo estava claro, mas seco. Se alguém ficasse com a garganta seca e começasse a tossir, um resfriado poderia se espalhar como um incêndio.

O pai de Maomao, claro, sabia disso. As pessoas trotavam de um lado para outro entre os jogadores carregando xícaras e garrafas grandes. Sempre que um dos jogadores levantava a mão, alguém despejava uma garrafa em um dos copos e dava a eles. Maomao presumiu que fosse água quente de yuzu ou água de gengibre – algo bom para a garganta. Cobertores

estavam sendo distribuídos para quem tremia. Havia até fogo para aqueles que nem os cobertores conseguiam aquecer. Seu velho fez tudo que pôde.

“Diga, Maomao.” En'en se aproximou e sussurrou em seu ouvido. **“Dr. Kan não é o único ali. O Grande Comandante Kan também.**” Maomao não disse nada sobre isso, mas olhou para o que ela disse com uma expressão de intenso desgosto. En’en disse: **“Gostaria de poder dizer que assumiria o controle para você, mas, honestamente, preciso que você se controle”.**

"Por quê?"

“Porque quando tudo acabar, En’en poderá jogar uma partida contra o grande comandante”, disse Yao.

"Isso mesmo. É uma verdadeira honra!”

Em outras palavras, Maomao deveria manter a boca fechada e ir ver o estrategista maluco.

“Não acredito que recebo esse privilégio de graça”, disse En’en.

“O que você quer dizer com de ‘graça’?”

“Normalmente custaria dez moedas de prata, mas nos disseram que se ajudássemos poderíamos ter um jogo de graça.”

Acho que nada tem a ver com o que vale, não é? Maomao pensou. Por que alguém pagaria tanto dinheiro?

“Não tenho certeza se conseguiríamos pagar isso com nossos salários”, disse Yao.

Suas sobremesas não são muito mais baratas... O lanche que ela comia todos os dias para melhorar sua beleza, saúde – e busto – não era barato. Ela percebeu quanto custava cada mês? *Alguém provavelmente está se certificando de que ela não saiba*, Maomao refletiu. Muito característico de En'en.

“Vamos manter nossos pensamentos para nós mesmas”, disse En’en. (Isso parecia ser dirigido a Maomao.) **“Se você vencer três jogos na praça aqui, você pode prosseguir para o teatro, e se vencer três jogos lá, você ganha o direito de desafiar o próprio Grande Comandante.”**

“Então não é só pagar para jogar? Mesmo se você jogasse o mais rápido possível, vencer seis partidas demoraria um pouco”, disse Maomao, lançando um olhar perplexo a En’en.

“Isso mesmo, você tem que lutar para conseguir esse privilégio. Quanto ao tempo, o torneio acontece amanhã. Não tenho certeza se conseguiria vencer seis jogos, então se conseguir um jogo de ensino dele, me considerarei muito sortuda.”

Quão condescendente ele poderia ser? Maomao se perguntou. Sem falar que amanhã, segundo dia de torneio, ela mesma deveria estar de folga.

Posso garantir que serei chamada, no entanto. Com um distinto **“Ugh”,** ela foi para o teatro.

Capítulo 15: O Concurso de Go (Interlúdio)

“Pronto, isso deve bastar.” Maamei terminou o trabalho e parou para se alongar. O escritório do Príncipe da Lua estava muito mais limpo e organizado do que antes de eles redistribuírem a montanha de papelada para as pessoas cujos trabalhos reais eram as atribuições.

Apenas mais uma pessoa estava no escritório com Maamei: seu irmão mais novo, Baryou, que ocupava um canto da sala.

“Ryou, acha que conseguirá encerrar as coisas?” Ela poderia assumir um tom tão informal, já que eram apenas os dois. Então, novamente, ela teria se comportado exatamente da mesma forma, mesmo se o Príncipe da Lua estivesse presente.

“Sim, devo conseguir terminar o resto hoje”, disse Baryou. Seu rosto, pálido como uma cabaça verde, espiava por cima da divisória. Ele nunca falava ou sequer se mostrava, exceto na frente daqueles de quem era mais próximo. Agora ele disse: **“Alguma coisa aqui não é como as outras”.** Ele passou uma folha de papel para Maamei. **“Acho que talvez isso diga respeito ao nosso querido Kan.”**

“Kan?” O sobrenome por si só não foi suficiente para Maamei seguir.

“O homem de La. Grande Comandante Kan.”

“Ah, o estrategista excêntrico. Não seja tímido; diga o que você quer dizer."

Seu irmão podia não gostar muito de companhia humana, mas tinha uma noção perfeita de quem trabalhava onde e quais eram seus nomes. Ele tinha uma mente perspicaz, mas um corpo e uma constituição psicológica frágeis. Maamei estava bem ciente de que um corpo são, uma mente firme e uma capacidade robusta raramente se encontravam numa só pessoa. Se Baryou pudesse ter se misturado com seu outro irmão mais novo, teria sido perfeito.

"Se não houver muita pressa, vamos levar isso para ele mais tarde", disse ela.

"Você tem certeza?"

"Não acho que serviria a nenhum propósito, mesmo que assumissemos o controle neste minuto." Maamei arrancou um pedaço de papel das dobras do seu manto. Nele estava escrito *Torneio de Go* e seus detalhes.

"Ah, isso foi hoje?" Baryou disse. Ele tinha algum interesse em Go, mas não tinha coragem de ir a algum lugar onde houvesse tanta gente. Mesmo se ele tivesse participado do torneio, provavelmente teria ficado tonto no meio da multidão e simplesmente desmaiado.

"Ele é um dos principais impulsionadores. Duvido que ele esteja fazendo qualquer outro trabalho."

"Você tem certeza de que tudo ficará bem?" Baryou perguntou em tom preocupado enquanto desaparecia mais uma vez atrás de sua tela. Maamei podia ouvi-lo folheando os papéis; evidentemente ele não consideraria isso um motivo para desacelerar.

"Tudo bem ou não, ele mesmo causou isso."

Kan Lakan, o chamado estrategista excêntrico, e o Príncipe da Lua não pareciam se dar muito bem. Talvez seja por isso que Lakan tenha sido o principal culpado entre aqueles que impingiram seu trabalho a este cargo. Empurrá-lo de volta tinha sido o principal trabalho de Maamei recentemente.

"Devo dizer que estou surpresa", disse ela. **"Eu nunca esperei que ele realmente *fez* o trabalho que mandamos de volta para ele."** Sim, o acordo era que o estrategista poderia ficar com o local do torneio em troca de fazer o trabalho, mas considerando com quem eles estavam lidando, ela presumiu que ele poderia encontrar alguma maneira de escapar disso. **"E aqui eu tinha outro plano elaborado, caso ele não concordasse."** Sua estratégia de transformar todas as refeições dele em mingau de cenoura - em outras palavras, simples

assédio - foi em vão. Vale a pena notar que a informação sobre a aversão de Lakan por cenouras veio de seu filho adotivo.

“Dizem que ele tem dormido metade do tempo normal. Quero dizer, Grande Comandante Kan”, disse Baryou.

"Sério? Eu não tinha ouvido isso.”

“Senhor Lahan esteve aqui enquanto você estava fora, mana. Eu o ouvi falando bastante com o Mestre Jinshi.”

“De que lado você acha que ele está?”, ela disse antes que pudesse se conter. Afinal, Lahan também lhe dera informações. **“Espero que a saúde do comandante não esteja em perigo.”** Já fazia algum tempo desde que começaram a enviar-lhe seu trabalho.

“Fui informado de que não é um problema. Ele pode dormir metade do normal, mas, para começar, ele dormia metade de cada dia.”

“Ele parece um bebê!”

O rosto de Baryou apareceu novamente, reprovando-a por uma forma tão desrespeitosa de falar. Maamei, por sua vez, tinha dois filhos e teria ficado muito feliz se tivesse um filho que dormisse tanto. Aliás, o Príncipe da Lua finalmente conseguiu dormir até seis horas por noite. Isso mostrava o quão sobrecarregado ele estava.

O desejo de ajudar seu próprio torneio a ter sucesso tornou o comandante mais maleável. E lhe disseram que a permissão para tal evento certamente não seria dada se houvesse pilhas de trabalho por aí. Assim, já há alguns dias que ele estava nisso como um homem possuído, de modo que o acampamento militar estava, no momento, mais movimentado do que o habitual. Como resultado, o Príncipe da Lua pôde voltar do escritório para casa mais cedo e até, maravilha das maravilhas, tirar folga hoje e amanhã – suas primeiras folgas em meses.

“Ouso dizer que é estranho, no entanto.”

“O que há de estranho, Ryou?” Maamei endireitou alguns papéis sobre a mesa enquanto falava.

“Quero dizer, por que um torneio de Go? Tive a impressão de que o Grande Comandante Kan era mais parcial com Shogi.”

“Mas ele também é um jogador forte de Go, não é?”

"Sim, ele é. Tão forte que dizem que só o Sábio pode vencê-lo. Mas ainda assim...” Baryou ficou pensando por um momento. **“No Shogi, ninguém pode vencê-lo. Ele é um monstro no jogo.”**

"Um monstro?" Maamei perguntou. Baryou fez parecer que o comandante andou em outro plano.

“Acredito que o grande comandante vê um mundo que não vemos. Um multifacetado, estranho e cheio de maravilhas. Talvez seja por isso que ele não consegue distinguir as pessoas: somos simplesmente feitos de coisas simples demais para ele.”

“Parece que você o conhece muito bem.” Maamei espiou o irmão por cima da barricada. Ele estava ocupado com a papelada, que continuou a cuidar mesmo enquanto conversavam.

“O serviço público está repleto dessas pessoas. Aqueles que veem um mundo que o resto de nós não conhece. Senhor Lahan pode ser o exemplo arquetípico. Eu era praticamente comum naquela empresa.”

“Se você é comum, o que eu sou?”

“Uma irmã, uma esposa, uma mãe. Isso é o que você é.”

“Perfeitamente comum, você não diria?”

Ela podia estar trabalhando duro agora, mas tinha filhos em casa. Estava tudo bem; eles gostavam da babá e foram desmamados. Seu marido era um soldado. No momento, ele próprio estava trabalhando duro ou dando uma espiada no torneio de Go; não estava, claro. Ele era um homem bom o suficiente para ter concedido permissão a Maamei para voltar ao trabalho, para que ela não o pressionasse sobre como ele passava os dias.

“O comum é bastante difícil... eu invejo você”, disse Baryou com uma longa expiração. Ele pegou um pedaço de bambu cortado cheio de chá e tomou um gole. O recipiente de bambu foi sua escolha; era muito provável que uma xícara de chá derramasse. Ele preferia seu copo. **“É por isso que não entendo.”**

Maamei estava prestes a perguntar o que ele não entendia, mas se conteve.

“Por que alguém que não é humano teria interesse em um torneio?” Baryou voltou ao seu trabalho, parecendo que o assunto realmente não fazia sentido para ele. Maamei decidiu seguir o exemplo dele e voltar ao que estava fazendo.

“Tenho outra coisa para resolver, então você estará por conta própria. Está tudo certo? Se precisar de alguma coisa, avise o guarda lá fora”, disse ela.

“Eu sei, mana. Eu sei."

Maamei saiu do escritório, embora não se sentisse bem em fazê-lo.

Teria sido bom dizer que com a papelada entregue em segurança aos seus respectivos departamentos, o trabalho de Maamei estava concluído, mas ela tinha mais uma tarefa para cumprir.

Ela se dirigiu ao palácio pessoal do Príncipe da Lua, passando por uma série de portões enquanto se aproximava do pátio interno. Cada vez ela mostrou sua permissão e entrou.

O palácio comparativamente esparso inicialmente parecia um tanto simples para a residência do irmão mais novo do imperador, mas apenas os melhores materiais foram usados; qualquer burocrata que pensasse que aquele lugar era demasiado simples, proclamava-se um homem de novas riquezas, cego à verdadeira riqueza.

O guarda do palácio deixou Maamei entrar assim que viu quem ela era. Ao entrar, foi saudada por um aroma agradável e doce. Ela o seguiu até a cozinha, onde encontrou uma mulher mais velha com algumas guloseimas assadas em um recipiente quadrado.

“Bem-vinda”, disse a assistente do Príncipe da Lua, Suiren, com um sorriso.

“Você deve perdoar a intrusão”, respondeu Maamei educadamente, e olhou para os salgadinhos. **“Esses parecem deliciosos.”**

“Eu deveria dizer isso. Eles ficaram bons, mas eu já fiz um número e eles não estão mais esquentando. Também tenho alguns que fiz há alguns dias. Estava prestes a fazer um teste de sabor para ver qual é o mais delicioso.”

“Cheguei em um excelente momento, então.” Chame isso de uma vantagem do trabalho. Falando em trabalho, porém, Maamei não deve esquecer por que estava lá. Ela supôs que seria errado se perguntar se poderia levar algumas guloseimas como presente para seus

filhos, mas ao pensar em como eles ficariam muito felizes com os lanches, seu próprio rosto se suavizou em um sorriso.

“Algo em sua mente?” Suiren perguntou.

"Oh não. Eu estava simplesmente observando que você tem alguns cozidos no vapor e outros assados.”

"Isso mesmo. Os cozidos no vapor mantiveram melhor a forma, mas as guloseimas assadas cheiram melhor.” Algumas das guloseimas eram marrom-douradas; elas pareciam ter sido colocadas em uma forma de bolo lunar e assados.

Suiren cortou uma delas cuidadosamente com uma faca e ofereceu a Maamei. Estava cheio de frutas secas, mas a textura era um pouco diferente do bolo lunar.

“E aqui está”, disse Suiren, passando-lhe também uma das guloseimas cozidas no vapor. Essa era leve e fofa, mas tinha um custo em fragrância.

“Você acha que poderia assa-las, mas quase como se as estivesse cozinhando no vapor?” Maamei perguntou.

“Eu tive o mesmo pensamento. Sim, isso seria perfeito.” Suiren pegou as guloseimas do recipiente quadrado, cortou-as e deu algumas para Maamei.

“Acho que prefiro esse”, disse a mulher mais jovem; ela mal conseguia tirar um sorriso do rosto. Era macio e fofo, mas tinha nozes que lhe davam um crocante agradável, enquanto a doçura das jujubas e das passas era filtrada. Maamei sentiu cheiro de manteiga e também havia outra fragrância.

“Agora experimente este; está parado há três dias”, disse Suiren, passando para Maamei um pedaço de outra coisa. Ela colocou na boca e descobriu que o sabor da fruta havia permeado toda a massa. Havia um molho doce regado sobre a guloseima, talvez para evitar que secasse, e era espesso e delicioso.

“Você acha que eu poderia levar um pouco disso para casa para meus filhos?” Maamei perguntou. Horrorizada, sua mão voou para a boca, mas as palavras saíram antes que ela pudesse impedi-las.

“Para seus filhos? Você não pode ficar com isso, infelizmente. Mas pegue o quanto quiser destes.” Suiren abriu uma gaveta para revelar uma série de guloseimas diferentes, cada uma feita de uma maneira ligeiramente diferente. Quantos lanches ela fez? **“O que você está provando agora é algo que vou servir ao pequeno mestre amanhã. Mas volte outra hora e consiga mais.”**

“S-Sim, claro...” Com um toque de decepção, Maamei colocou o resto da guloseima na boca. Parecia que ela tinha sido convocada ali hoje apenas para esse teste de sabor.

“Eu não sabia qual era o melhor, mas agora tenho certeza. Obrigada”, disse Suiren.

"O prazer é meu. Mas este é todo o trabalho que você precisava fazer hoje?”

"Isso. Você deve descansar de vez em quando. Eu sei que seus filhos não se importam muito, mas se não te virem de vez em quando, esquecerão quem você é!”

Aquilo doeu. Maamei gostava do seu trabalho, mas é claro que adorava os filhos.

“O Príncipe da Lua está aqui, posso perguntar?”, ela disse. Se ele estivesse presente, ela sentiu que deveria prestar homenagem antes de sair, mas Suiren balançou a cabeça.

“Ele passa o dia inteiro com o tutor, estudando. Por favor, não o perturbe. Não se preocupe, sei que ele terá um dia agitado amanhã. Vou garantir que ele vá para a cama cedo.”

"Oh. Eu tinha certeza de que ele devia ter ido ver o torneio de Go.” Maamei sabia que o Príncipe da Lua era dedicado ao aprendizado, então a revelação não lhe pareceu particularmente estranha.

“Ah, sim, claro. Ele ainda não foi. Mas tenho algo mais importante para lhe perguntar. Maamei, você consideraria se tornar a dama de companhia do pequeno mestre? Sei que você deve ser uma trabalhadora diligente, já que ele chega em casa mais cedo todos os dias.”

“Dama de companhia? Sinto muito, mas não tenho tanta certeza... tenho filhos para cuidar.”

Tornar-se uma assistente do Príncipe da Lua significaria passar todo o seu tempo na companhia de Suiren – e sua própria mãe, que tinha sido uma das babás do Príncipe da Lua junto com Suiren, contou-lhe histórias suficientes sobre a mulher para fazê-la pensar duas vezes. Do jeito que as coisas estavam, Suiren tratava Maamei com educação profissional, mas se Maamei começasse a trabalhar diretamente para ela, ela poderia se tornar verdadeiramente assustadora.

"Não? Isso é uma vergonha. Então, terei que encontrar outra pessoa”, disse Suiren, embora não parecesse tão desapontada com isso. Na verdade, ela já parecia saber quem deveria ser aquela outra pessoa.

Suiren embrulhou as guloseimas para Maamei, e a jovem apareceu fora do palácio. Um aroma apetitoso emanava do pacote, mas parecia de alguma forma ausente em comparação com o que ela havia provado alguns minutos antes. Ela ficou intrigada com isso enquanto olhava para o céu. **“Parece que amanhã será outro dia claro”,** disse ela, perguntando-se se o torneio de Go foi um sucesso. Então ela olhou novamente para as guloseimas e, ao imaginar a alegria no rosto dos filhos, não pôde deixar de sorrir.

Capítulo 16: O Concurso de Go (Parte Dois)

Eu quero ir para casa, Maomao pensou enquanto mexia uma mistura de mel, gengibre e suco de tangerina espremido na hora. Ela estava no mesmo lugar do dia anterior, o torneio de Go, em um canto do teatro, preparando bebidas o mais rápido que podia.

Ela estava de plantão ontem; ela deveria estar de folga hoje. E os planos dela de ficar no dormitório e ler os tratados médicos que o Dr. Liu lhe havia emprestado?

E estar ali, entre todos os lugares! Yao e En'en também estavam lá; como Maomao no dia anterior, elas foram enviadas pelo Dr. Liu, embora como En'en gostasse de Go, ela parecia estar se divertindo. Maomao gostaria de poder trabalhar com as duas, mas seu pai lhe disse: **"Preciso de você aqui"** e a designou para o teatro. Precisamos mencionar o motivo?

Maomao ferveu ao se lembrar de quando foi arrastada para lá ontem. Quando o velhote a viu, ele criou uma confusão, como sempre fazia. Digamos que coube ao pai de Maomao acalmá-lo e deixar por isso mesmo.

Havia uma panóplia de tabuleiros de Go instalados no teatro. Nos assentos dos espectadores, as pessoas que venceram do lado de fora se enfrentaram, e aquelas que continuaram vencendo puderam subir ao palco. Apenas algumas pessoas haviam chegado lá no dia anterior, então as partidas do estrategista maluco foram separadas. Mais pessoas estavam alcançando aquela cobiçada plataforma hoje, e naquele momento a aberração estava enfrentando três pessoas ao mesmo tempo.

Seria de se esperar que isso fosse confuso, mas era muito característico do estrategista. Ele dificilmente conseguia sobreviver na vida cotidiana, mas mandava seus oponentes para longe dos tabuleiros, um após o outro, de cabeça baixa. Ele ocasionalmente lançava pequenos olhares na direção de Maomao entre os movimentos, mas ela o ignorava.

"Tudo pronto, Maomao?", perguntou Yao, aproximando-se com uma chaleira.

"Sim, aqui. Mas preciso de mais tangerinas; Estou totalmente sem." Ela despejou a bebida com mel na chaleira.

"Certo."

"E também..."

"Sim?"

“Eu gostaria de sentar em outro lugar.” Ela se sentiu mal por ficar dentro de uma sala enquanto Yao e En'en tinham que entrar e sair correndo constantemente.

"Ah, está tudo bem. Não há problema.” Yao bateu no peito generoso como se dissesse: *Deixe tudo conosco*! **“Estou mais preocupada com o nosso fornecimento de lanches. Está aguentando?”** Enquanto as meninas iam ver se alguém estava se sentindo mal, elas também distribuíam lanches aos participantes. A taxa de entrada parecia ter sido calculada para cobrir o custo.

“Não tenho certeza, mas espero que acabe rapidamente”, disse Maomao olhando na direção do estrategista maluco. Ele tinha uma montanha de bolos lunares e pãezinhos de feijão ao lado dele. Jogar jogos de tabuleiro exigia muita inteligência, o que fazia a pessoa querer doces. Essa parecia ser uma das justificativas para distribuir lanches, mas Maomao sentiu a mão de Lahan nesse plano: os pães e os bolos lunares estavam ambos recheados com batata-doce.

A batata-doce não estava amplamente disponível nos mercados públicos. Presumivelmente, isso fazia parte de seu plano de espalhá-las. Elas eram doces o suficiente para incluí-las em uma receita, você poderia reduzir a quantidade de açúcar necessária, barateando o custo geral dos ingredientes.

Não eram apenas os participantes do torneio que podiam desfrutar das guloseimas: barracas foram montadas para vendê-las a outros visitantes, que poderiam comprá-las se o sabor lhes agradasse. Ele foi muito minucioso.

“Como estão as coisas lá fora?” Maomao perguntou.

“Sem problemas reais. Algumas brigas começaram quando as pessoas continuavam perdendo, e algumas crianças caíram por causa da multidão e se machucaram.”

“Brigas?” Isso era de se esperar. Você não poderia ter tantas pessoas em um só lugar sem um pouco de comoção.

“Não ficou pior do que alguns hematomas. Os soldados estão todos por aqui, então eles os separaram imediatamente. Acho que isso conta como trabalho.” Yao não parecia muito impressionada. Ela pegou a chaleira cheia e disse: **“Doces e tangerinas, então, certo?”**

"Sim, por favor." Maomao observou-a partir.

"'Com licença! Senhorita? Eu venci!", alguém gritou da entrada. Maomao foi fazer o check-in, pensando consigo mesma: *Eles poderiam contratar pelo menos uma recepcionista!* Quanto a Lahan, que delegara todo esse trabalho, ele não estava em lugar nenhum.

Maomao coletou os crachás dos oponentes derrotados no novato. Neste torneio, quando você vence, seu oponente lhe dá uma etiqueta com o nome dele. Colete três dessas tags e você poderá entrar no local principal do torneio. Nem todas as vitórias eram iguais, no entanto. Algumas pessoas simplesmente continuaram jogando contra oponentes mais fracos. Isso não era tecnicamente contra as regras; quando Lahan foi questionado sobre isso, ele disse: **"Se eles pagaram a taxa de inscrição, não me importo".**

Realmente não importa. Se eles próprios não forem tão bons, descobrirão aqui. Se você perdesse, teria que voltar para a praça e começar de novo. Maomao deu ao recém-chegado uma etiqueta fresca, uma bebida e um bolo lunar. **"Tem alguém esperando por um jogo nos assentos à direita. Você pode ir em frente e começar a jogar contra eles."**

Você não escolhe seus oponentes. O cara na frente de Maomao não parecia nada entusiasmado com isso, mas engoliu em seco e foi até a área de estar. Se ele tivesse sussurrado uma palavra de reclamação, Maomao o teria tirado daquele teatro imediatamente: o pai dela, bem como vários funcionários da aberração, estavam estacionados por perto, apenas para garantir que o excêntrico não fizesse nada. .

"Com licença", disse um homem que se aproximava hesitante de Maomao. **"Você acha que eu poderia pedir mais bolinhos lunares?"**

Ele não era um participante – ele era o servo da aberração, um homem que recentemente substituiu Rikuson como assessor do estrategista. Ele tinha altura e constituição medianas; ele não parecia muito militar. Aquele era o mesmo homem que estava perdendo o juízo quando o estrategista conseguiu se envenenar com seu próprio suco. Rikuson era um menino bonito, mas conseguia ser firme quando a situação era difícil; esse cara parecia muito mais fácil de empurrar.

"Tudo bem", disse Maomao, embora sua expressão fosse de descrença exasperada: ele já havia consumido todo o suprimento? Ela trouxe alguns pães, deixando óbvio que era uma tarefa árdua. **"Aqui está."**

"Er, n-não, eu..." O lacaio parecia estar tentando dizer algo muito difícil. **"Talvez... você mesmo possa levá-los para o Mestre Lakan?"**

Maomao estava *absolutamente silenciosa.*

Um olhar para ela o inspirou a recuar. **“De-desculpe! Você obviamente está muito ocupada! Eu mesmo os levarei.”** Pelo menos ele foi rápido em entender.

“Maomao...”, alguém atrás dela disse tristemente. Ela encontrou seu pai parado ali. **“Não faça essa cara.”**

"Que cara?" Ela levou as mãos ao rosto e descobriu que suas têmporas estavam tensas, seus lábios torcidos horrivelmente. **"Oh. Desculpe”,** disse ela ao subordinado.

Seu pai, entretanto, olhou para o infame velhote. **“Lakan não está se sentindo bem?”,** ele perguntou.

"Você pode dizer?" O servo olhou para ele. **“Na alegre antecipação deste torneio, ele esteve - de forma muito incomum, devo dizer; muito estranhamente; é uma história verdadeiramente inacreditável, sim – mas Mestre Lakan tem trabalhado incansavelmente.”**

Maomao ficou quieta. Quão pouco trabalho o bastardo normalmente fazia?

“Ele normalmente chega ao escritório por volta do meio-dia e depois aparece novamente antes do sol se pôr, mas recentemente ele tem estado em sua mesa tanto quanto qualquer outra pessoa – e nem sequer tem tirado uma soneca!”

“O menino está realmente trabalhando duro, então. Ele normalmente dorme metade do dia”, observou Luomen. Então o que aconteceu foi que a aberração finalmente estava assumindo uma carga de trabalho normal.

O velho de Maomao continuou a olhar fixamente na direção do estrategista. Evidentemente, a aberração parecia cansada, mas Maomao não conseguia perceber. Ele estava tão envolvido com seus jogos de Go que era difícil dizer.

“Suponho que amanhã voltaremos ao trabalho, mas posso pedir-lhe que tenha a gentileza de lhe dar algum tempo para dormir? Quando ele não descansa o suficiente, seu poder de julgamento diminui vertiginosamente”, disse Luomen.

"Julgamento? Ele geralmente não fica se debatendo?” Maomao resmungou, provocando uma melancólica queda das sobrancelhas de seu velho. Ele sempre teve uma queda por aquela aberração.

“Vou verificar as coisas lá fora, Maomao”, disse ele.

"Entendi. Chamo você se acontecer alguma coisa. Ou sinalize para o soldado mais próximo.” Maomao presumiu que ela e seu pai estavam aqui porque Lahan havia calculado que eles serviriam como um baluarte útil contra o estrategista maluco. O homem estava se comportando bem naquele momento, e Luomen evidentemente achou que era mais importante ver se alguém de fora estava se sentindo mal. **“Vá devagar, certo? Tem muita gente por aí.”**

"Eu vou ficar bem." É fácil dizer, mas o pai dela tinha um problema no joelho e andava com uma bengala. Ela mastigou um bolo lunar e ficou preocupada se ele tropeçaria e cairia no meio da multidão.

“Eles deveriam ter fornecido biscoitos de arroz também”, disse ela. Os bolinhos lunares eram saborosos o suficiente, mas eram muito doces. Maomao voltou a preparar bebidas com mel, ainda desejando sal.

Era tarde e os números eram: três pessoas que ficaram doentes por se concentrarem demais nos jogos, duas que começaram brigas por causa de acusações de trapaça e uma criança que caiu ao esbarrar em um espectador boquiaberto. O número de pessoas no teatro aumentou, diminuiu e aumentou novamente. Alguns deles apareceram duas ou três vezes diferentes.

"Tem certeza que ele não está trapaceando?" Maomao sibilou para Lahan depois que ela admitiu um homem pela quarta vez.

“Nada disso”, respondeu Lahan, que, como organizador de toda aquela festa, parecia bastante satisfeito consigo mesmo.

Porque você está arrecadando, tenho certeza. A taxa de inscrição era uma ninharia, mas ele deveria ter outras formas de recuperar seu investimento. Maomao fez uma careta para o homem de cabelos desgrenhados e óculos redondos. **“E aqui você está me fazendo trabalhar de graça.”**

“Não, você receberá uma compensação. Eu confirmei que estamos no azul.” Então ela acertou a origem de seu bom humor. **“Aquele homem que você acabou de admitir é um profissional. Vencer três jogos contra adversários amadores é o trabalho de um momento para ele. Embora ele tenha sido reduzido a tocar no canto de um pub para ganhar o dinheiro da bebida.”**

“Hum.” Maomao demonstrou a extensão do seu desinteresse verificando o estoque restante de pães e xícaras de chá.

“Você poderia se dar ao luxo de agir um pouco mais envolvida em uma conversa, você sabe. Você não poderia dizer ‘Uau, sério?!’ ou ‘Você sabe tudo, não é!’? Talvez ‘Esse é meu honrado irmão mais velho!’ Onde está o *amor*?”

“Você realmente acha que se sentiria lisonjeado se eu dissesse alguma dessas coisas?”

“Entendi. Eu me sentiria completamente ridicularizado.”

O que, no que dizia respeito a Maomao, significava que era melhor não se envolver em lisonjas tolas, em primeiro lugar. **“Isso pouco importa. Não acho que você seja do tipo que baixa a guarda o suficiente para que alguém se insinue com você dessa maneira.”**

“Você é uma irmãzinha muito perspicaz.”

Maomao o ignorou. Ele saiu de sua mãe com a boca aberta – ela sabia que se tentasse discutir, ele poderia nunca calar a boca.

Lahan, evidentemente desapontado pela falta de mais coragem para sua conversa, abriu os braços e encolheu os ombros. **“Sua trapaça pode estar ganhando apostas em jogos de Go agora, mas ele já foi um instrutor do mais alto nível”**, disse ele. No passado — como Maomao de alguma forma esperava.

"Deixe-me adivinhar. Algum velhote inútil fez dele picadinho e ele perdeu o emprego.”

“Acertou. Evidentemente, algum figurão que queria derrubar meu honrado pai induziu o instrutor a jogar um jogo contra ele, e o resultado foi que o homem perdeu miseravelmente.”

“Que vergonha para ele.” Devia ser desmoralizante lutar para subir tantas vezes apenas para ser derrotado novamente. Se realmente custasse dez moedas de prata para desafiar o estrategista, Maomao temia que o homem fosse à falência.

De repente, ela foi atingida por um sentimento ruim. **“Não suponho que seja possível que a horda de desafiantes neste torneio seja composta em grande parte ou inteiramente por pessoas com ressentimentos contra o velhote?”** Isso explicaria a necessidade de segurança extensiva.

“Você está meio certa. Alguém pode correr até ele a qualquer momento – é por isso que os guardas nunca descansam – mas contanto que eles não o apunhalem direto no coração e o matem de uma só vez, meu honrado tio deveria ser capaz de fazer algo para salvá-lo."

“De todas as razões estúpidas e triviais para convocar meu pai!” Ela bateu o pé nos dedos de Lahan.

“Ai! Ai, ai, ai! Pare com isso!"

Percebendo que outra lesão simplesmente aumentaria a sua carga de trabalho, Maomao cedeu. **“E qual é a outra metade?”,** ela perguntou.

Lahan segurou o pé com cuidado e fingiu esfregar os dedos maltratados enquanto dizia: **“Somente o Sábio do Go tem alguma chance realista de vitória contra meu pai neste jogo. Se algum outro jogador *poderia* vencê-lo, mesmo que eles tivessem que usar este torneio para fazer isso, isso certamente chamaria a atenção do meu pai.”**

“Chamar a atenção dele. Sim."

Eles estavam lidando com um homem que via os rostos das outras pessoas como nada mais do que pedras de Go. Até mesmo a ideia de que ele poderia se lembrar de alguém era mais que suficiente para brincar.

“Bem, esse boato ganhou vida própria”, disse Lahan, seus olhos já estreitos se estreitando ainda mais por trás dos óculos. **“Até que as pessoas diziam umas às outras que se você pudesse derrotar Kan Lakan em um jogo de Go, ele atenderia a qualquer pedido que você pedisse.”**

A mandíbula de Maomao estava aberta e ela não conseguia fechá-la. **“Nunca ouvi nada tão absurdo na minha vida! Quem diabos teve essa ideia? E onde diabos eles conseguiram isso?”**

“É de se perguntar.” Lahan não olhou nos olhos dela, deixando Maomao com quase certeza de que ele era a fonte do boato. Dado que era o seu dinheiro investido neste empreendimento, parecia que ele estava preparado para fazer tudo o que pudesse para recuperar o seu investimento.

“E basta olhar para todos os idiotas gananciosos que acreditaram nessa história”, resmungou Maomao. Nesse exato momento, um novo concorrente apareceu.

“É aqui que eu faço o check-in?”, disse o recém-chegado, e a voz deles era como uma música celestial vindo de cima.

Muito silenciosamente, Maomao ergueu os olhos e encontrou um homem usando uma máscara de aparência abafada. Os cantos de seus olhos estavam enrugados em um sorriso. Na mesa de recepção à sua frente, ele colocou as etiquetas dos adversários, prova da vitória em três jogos. Lahan lançou ao homem um olhar cuidadoso. Ele provavelmente sabia quem era — e parecia achar que a máscara era uma vergonha.

"**Aqui. Seu prêmio de participação.”** Maomao deu-lhe chá e um bolinho lunar, mas ela não conseguia afastar a sensação de desconforto. Ela se lembrou do que ele disse na última vez que se falaram.

“Vou levar o chá, mas deixo o lanche. Meu assistente trará alguns para mim; basta trazê-los mais tarde.”

“Tudo bem”, disse Maomao depois de um instante. Foi tudo o que ela conseguiu dizer, sabendo com quem estava falando. **“Então, por favor, faça fila ali e espere por um jogo.”**

Lahan estava positivamente radiante. Se houvesse um rosto bonito por perto, ele não se importava se pertencia a um homem ou a uma mulher. "**Você tem razão. Idiotas gananciosos e crédulos também.”** Ele olhou para ela como se dissesse: *Que tal isso*? Na verdade, ele parecia tão satisfeito consigo mesmo que ela se sentiu compelida a pisar em seus pés novamente.

Em sua primeira partida no teatro, o mascarado, também conhecido como Jinshi, se viu confrontado com um homem rechonchudo de meia-idade, que lançou olhares inquietos ao oponente mascarado durante todo o jogo. Jinshi venceu facilmente.

“Ouvi dizer que ele não era ruim, mas descobri que ele é muito bom”, comentou Lahan.

"**Você acha?"** Maomao disse. Ela serviu Jinshi por um tempo, mas não se lembrava dele jogando tanto Go. Ele era uma pessoa talentosa o suficiente para conhecer o básico do jogo, talvez um pouco melhor que a média. **“Tem certeza de que aquele cara contra quem ele estava jogando não era apenas uma merda?”** Jinshi venceu com tanta facilidade que quase se poderia suspeitar que o cara de meia-idade chegou ali por meios sujos.

“Sim, talvez. Um sorteio de sorte”, disse Lahan.

Jinshi curvou-se educadamente sobre o tabuleiro e dirigiu-se para seu próximo oponente.

“Você não vai punir o cara por trapacear?” Maomao perguntou.

“Se ele quiser voltar, terá que pagar novamente a entrada. Por que eu expulsaria uma vaca leiteira?”

Maomao não disse nada sobre isso. Lahan estava desesperado.

“Ah, eu estou *brincando*," ele disse. **“Seja como for que ele chegou aqui, se ele desembolsar a moeda, poderá enfrentar meu pai. Onde está o problema?”**

“Achei que eles tinham que vencer antes que você arrancasse ainda mais dinheiro deles.”

“Ensinar jogos é uma questão diferente de uma partida propriamente dita. Embora seja uma questão em aberto se meu pai entende o que significa ensinar. Não se preocupe, vou garantir que En’en jogue o jogo outro dia.” Lahan estava olhando rapidamente na direção do estrategista.

"Outro dia? Achei que deveria ser mais tarde hoje, depois que tudo isso estivesse feito.”

“Sim, bem. Acho que ele pode estar chegando ao seu limite. Meu palpite é que ele irá dormir assim que o torneio terminar.” Lahan começou a trabalhar seu ábaco mental.

O velho de Maomao dissera que a aberração dormia metade do dia, mas ir embora assim que terminasse o trabalho? Uma criança poderia ficar acordada melhor do que isso. Maomao tinha ouvido falar de uma doença que fazia com que os pacientes adormecessem inesperadamente, mas não parecia ser isso que estava acontecendo com o velhote.

Enquanto isso, Lahan murmurava para si mesmo. **“Se disséssemos àqueles que já pagaram que ele nos visitará outro dia – não, que o levaremos individualmente – isso seria um problema. Tem que haver alguma maneira de nocauteá-lo e depois acordá-lo novamente... Não, isso não vai funcionar...”**

“Cegado pelo brilho do dinheiro, hein?” Maomao lançou-lhe um olhar exasperado e depois virou-se para observar Jinshi, que havia encontrado seu próximo oponente. **“Ele não vai vencer essa”,** disse ela: era o profissional de antes.

Ela ficou de olho na partida, perguntando-se distraidamente o que o levou a participar deste torneio. Uma multidão se reunia em volta do tabuleiro; um homem mascarado despertava curiosidade.

Maomao sabia uma ou duas coisas sobre Shogi, mas não tanto sobre Go, então ela se contentou em fazer o check-in e ficar de olho em alguém que se sentisse mal. *Eu gostaria que as pessoas arrumassem antes de irem*, ela pensou, vendo migalhas em vários assentos. Ela estava limpando-os quando ouviu um gemido desapontado dos espectadores que cercavam Jinshi. Grande parte da torcida consistia de outros jogadores que haviam desistido de qualquer esperança de vitória no torneio.

Maomao foi até Lahan, que havia se infiltrado entre eles. **"O que aconteceu?",** ela perguntou.

“Ele fez um jogo decente, mas esse era o adversário errado. Ele está fugindo agora.”

Em outras palavras, Jinshi havia perdido.

“Entendo”, disse Maomao, balançando a cabeça. Sobre o que ela esperava. **“Não há esperança de uma virada?”**

“É concebível, mas improvável, desde que o adversário não cometa erros graves. E não acho que seja alguém que provavelmente cometerá erros de novato o suficiente para explorar...”

Assim que Lahan disse isso, houve um burburinho na multidão. A máscara, tão deslocada aqui, caiu. Cabelos negros e lustrosos dançavam no ar, acompanhados pelo aroma flutuante de perfume trabalhado em vestes elegantes. Era como uma ninfa celestial descendo das nuvens, com as vestes esvoaçando... Uma analogia risível, mas inevitável – porque era verdade.

Faz um tempo que não vejo isso, Maomao pensou, observando uma cena que ela testemunhou até enjoar no palácio interno: Jinshi em sua forma mais brilhante. Houve uma inspiração coletiva; as pessoas queriam ofegar ou exclamar, mas os sons ficavam presos em suas gargantas. A figura diante deles era como um morador do reino celestial, normalmente visto apenas em pergaminhos ilustrados.

Ele era tão adorável que, à primeira vista, alguém poderia confundi-lo com uma mulher, mas o nó na garganta e os ombros largos o denunciavam. Houve um mínimo de decepção em meio ao espanto ofegante: na bochecha direita de Jinshi havia uma cicatriz que nunca desapareceria, como um arranhão em uma joia impecável.

A beleza de Jinshi era excepcional mesmo entre as muitas e variadas flores do palácio interno. Ali, foi mais que suficiente para deixar os espectadores em silêncio.

Eu tinha esquecido que sua aparência era suficiente para ser totalmente perigosa para a saúde. Quando Jinshi colocou uma pedra no tabuleiro com um clique firme e claro, ele parecia a quintessência de um homem jogando Go. A multidão reagiu a cada movimento com um **"Ahh!"** Maomao não tinha certeza do que inspirou Jinshi a tirar a máscara, mas isso claramente tirou seu oponente do jogo. O outro homem estava bem controlado até aquele momento, mas agora seu rosto estava pálido.

Será que Jinshi virou o jogo? Maomao se perguntou. Não, não como tal; ainda não. Mas se fosse verdade que o oponente de Jinshi já havia ensinado Go à nobreza, então ele saberia algo sobre os habitantes do palácio real. Talvez ele tenha conhecido Jinshi, ou talvez simplesmente suspeitasse, por reputação, quem era o homem com a cicatriz na bochecha direita.

Há uma chance de vitória aí.

A multidão em geral não parecia ter percebido quem era esse personagem lindo. Rumores sobre o irmão mais novo do imperador receber uma cicatriz na bochecha direita circularam pela população, sim, mas eles não suspeitavam que ele estaria ali, agora, jogando Go.

Porém, havia alguns, além do oponente de Jinshi, que o reconheceram e, para uma pessoa, seus rostos estavam ocupados mudando de cor, corando ou empalidecendo. Mas nenhum deles conseguiu dizer nada; suas bocas abriam e fechavam como peixes.

Contanto que ele não cometa um erro grave, né? Maomao pensou, mas então o oponente de Jinshi fez exatamente isso.

Com o rosto sem sangue e os dedos escorregadios de suor, o homem abaixou a cabeça. **"Eu perdi",** disse ele. Ele estava tremendo – por causa do erro ou por causa do medo de ter ofendido Jinshi sem saber?

Eu me sinto meio mal por ele, Maomao pensou, mas ela só pôde oferecer-lhe sua silenciosa simpatia.

Por que Jinshi estava usando aquela máscara? Se ele não iria continuar, por que não simplesmente ficar sem ela? Certamente ele não a usou especificamente para poder se revelar e abalar seu oponente em um momento oportuno?

Isso é um truque sujo, Maomao pensou – mas Jinshi havia vencido seu segundo jogo. Uma vitória era uma vitória; ele não quebrou nenhuma regra.

Suas táticas podem ter sido sujas, mas Maomao foi lembrada de que Jinshi sempre esteve disposto a descer a tais níveis. Ele havia explorado aquele seu rosto ao máximo no palácio interno, convencendo damas e eunucos do palácio a se curvarem para ele. Por que ele deveria zombar de tais métodos só porque agora tinha um pouco de poder mundano?

Ele está realmente aqui para vencer, Maomao percebeu. Ele estava tão desesperado por um jogo com o estrategista maluco? Maomao olhou para ele: ele não havia acreditado seriamente no boato de Lahan, não é?

De repente, ela sentiu um arrepio na espinha. Ela se virou e descobriu um velhote barbudo olhando do palco na direção deles. Era o estrategista.

“Afaste-se, Maomao, por favor. Meu honrado pai não consegue se concentrar no jogo”, disse Lahan.

"Claro."

"Mas ele *aprendeu* a distinguir o Príncipe da Lua.”

“Você quer dizer que ele não podia antes?!”

“Acho que é a cicatriz que o denuncia.”

Era um fardo não ser capaz de distinguir as pessoas.

Maomao voltou para a sala de espera com os utensílios de limpeza nas mãos. Havia outro jovem na recepção, recém-saído de suas vitórias lá fora, então ela lhe serviu chá e um lanche. Ele dificilmente teria mais de vinte anos e a ingenuidade estava estampada em seu rosto. Maomao pôde vê-lo cerrar o punho, os olhos arregalados e brilhantes: ele claramente acreditava que seu triunfo estava apenas começando.

Eu sinto muito por esse cara, Maomao pensou. Ele não tinha como saber que seu próximo jogo seria contra alguém mais ou menos da sua idade, incrivelmente inteligente, que o quebraria como um pedaço de graveto quebradiço e o mandaria para casa com o espírito em frangalhos.

Capítulo 17: Estranho vs. Pervertido

Isso parece estranhamente familiar, Maomao pensou enquanto as pessoas se aglomeravam para assistir a dupla no palco: Jinshi e o homem com monóculo. Entre eles, apenas um tabuleiro de Go.

Certa vez, Maomao enfrentou a aberração em uma disputa de melhor de cinco de Shogi, que ela conseguiu vencer por pura duplicidade. Mas isso? *Ele não tem chance.*

O que isso significa? Jinshi realmente não queria nada mais do que jogar Go contra a aberração? A aplicação de uma quantidade suficiente de prata teria resolvido esse problema. Isso implicava que, no mínimo, ele queria uma partida adequada contra o homem de monóculo, não um jogo didático.

Até pouco antes, o maluco tinha vários oponentes alinhados à sua frente, mas quando Jinshi apareceu, eles entenderam a dica e desocuparam seus lugares.

Quem sabe como a notícia se espalhou, mas mesmo fora do teatro as pessoas avançavam, tentando ver o que estava acontecendo. Provavelmente teriam gostado de entrar, mas vários soldados fora de serviço que estavam parados bloquearam a entrada e os possíveis espectadores foram embora taciturnos.

Olha quem é a estrela do show, pensou Maomao. Aquela parecia ser a partida final do dia. De olho no jogo a uma distância segura da recepção, Maomao começou a contar o estoque de pães. Mesmo que alguém aparecesse agora, não teria nenhum jogo para jogar, então ela achou que era seguro limpar. Talvez ela pudesse levar as guloseimas restantes para um lanche no consultório médico. Não adianta desperdiçá-las.

Foi quando ela ouviu alguém dizer: **"Com licença?"** Ela olhou para cima e encontrou o olhar de uma mulher com olhos penetrantes.

"Receio que já tenhamos terminado por hoje", disse Maomao. Talvez ela não tivesse *tecnicamente* informado de que o torneio havia acabado, mas a mulher não parecia participar de qualquer maneira. Ela tinha alguém familiar com ela.

"Você é amiga do Mestre Basen?" Maomao perguntou.

"Ela é minha irmã mais velha," Basen disse bruscamente. A mulher deu um empurrão na cabeça dele.

Uau. Sem piedade.

A testa de Basen bateu na borda da mesa com tanta força que Maomao esperava ver um amassado quando se levantasse.

"Agradeço-lhe tudo o que fez pelo irmão mais novo do imperador, por mais tolo que ele seja", disse a mulher. **"Meu nome é Maamei."** Ela sorriu cordialmente, mas ainda havia um toque de algo predatório em sua expressão. Ela podia sorrir o quanto quisesse, mas suas ações (como bater a cabeça do irmão em uma mesa) falavam mais alto do que suas palavras. Se ela fosse a irmã mais velha de Basen, isso a tornaria filha de Gaoshun, e parecia que ela era exatamente como Maomao havia dito: uma personalidade tão severa quanto sua beleza.

Então essa é a mulher que descartou o próprio pai de forma infame. Ela não lembrava muito a Maomao Basen ou Gaoshun; talvez ela tenha puxado a mãe.

"Vim entregar algo que o Príncipe da Lua deixou sob minha guarda." Maamei entregou a Maomao um pacote do qual exalava um aroma doce.

Ah! O que temos aqui? A fragrância de fazer cócegas no nariz era quase demais para resistir. Até Maomao, com sua nítida preferência por guloseimas saborosas, desejou poder experimentar um pouco do que quer que estivesse ali. Jinshi havia dito algo sobre lanches chegando mais tarde – então era isso que ele queria dizer.

Maomao olhou para Maamei. Ela era irmã de Basen, e o próprio Basen estava ali, então havia toda a probabilidade de os lanches serem seguros. Profissionalmente, porém, ela não tinha certeza se poderia simplesmente deixar Jinshi comê-los em sã consciência. **"Posso verificar o conteúdo? Apenas para estar segura?",** ela perguntou.

Certamente não é que eu queira apenas experimentar alguns. Ela não teve escolha; ela começou a pegar um dos lanches.

"Se você deseja verificar se há veneno neles, fique à vontade. Lady Suiren os fez especialmente para ela mesma, então posso garantir o sabor."

Se elas fossem realmente de Suiren, então mais uma razão para confiar nelas. A velha senhora, com todas as suas artimanhas, era uma chef digna de nota.

"Se eu puder, então." Maomao abriu o pacote. Ela encontrou guloseimas assadas do tamanho da palma da mão, cada uma embrulhada individualmente em papel oleado. Ela

tirou uma delas. O cheiro só se intensificou quando ela retirou a embalagem. Os aromas de frutas e manteiga eram proeminentes.

A massa estava fofa; parecia que poderia desmoronar na sua mão. Não estava cheio como um bolo lunar - era um lanche que ficava levemente no estômago.

"Huh!" A primeira mordida a fez piscar de surpresa. Maomao poderia ter preferido coisas salgadas, mas ela também conhecia bem os doces. O sabor das passas permeou toda a criação da almofada, acompanhado pelo agradável estalar das nozes. Mas havia também outro sabor, algo inesperado, escondido entre os demais; foi isso que realmente colocou esse tratamento acima e além.

Antes que ela soubesse o que estava fazendo, Maomao se viu pegando outro. **"Não! Não para mim",** ela disse a si mesma, balançando a cabeça. Depois, para Maamei: **"Esse é o trabalho de Lady Suiren, sem dúvida. Duvido que existam muitos chefs no próprio palácio que possam inventar algo assim."** Maomao havia provado comida na Casa Verdete e nas festas de chá das consortes reais, e era justo dizer que seu paladar estava um tanto cansado, mas isso foi o suficiente para arrancar elogios até dela. Aquela sobremesa não estaria fora de lugar em nenhuma mesa do mundo.

"Eu concordo plenamente. Consegui arrancar alguns dela – meus filhos ficaram realmente muito felizes." Maamei sorriu e havia uma pitada de orgulho na expressão.

"Eles são bons, claro, mas são realmente tão bons assim?" Basen interveio.

"Aqueles com papilas gustativas incultas deveriam ficar quietos", disse Maamei.

"Parece que você é do tipo sem imaginação quando se trata de sabor, Mestre Basen", acrescentou Maomao. Basen parecia um pouco chateado. Maomao virou-se para Maamei: **"Você pode ir em frente e levar isso para Mestre Jinshi",** disse ela, na esperança de que Maamei fizesse isso por ela, para que ela não tivesse que chegar perto da aberração.

Maamei, porém, respondeu: **"Não consegui. Certamente eles não iriam querer que nenhum pessoal não autorizado subisse ao palco. Eu acho que *você* deveria levá-los."**

"Talvez Mestre Basen, então", rebateu Maomao. Ele era o assistente pessoal de Jinshi; certamente tudo bem.

"Seria meu tra-" Basen começou, mas foi interrompido pelo baque surdo de sua própria cabeça batendo na mesa novamente, cortesia de Maamei. Seriam dois amassados, então.

“*Você* leve-os, por favor”, reiterou Maamei. **“A pedido especial do próprio Mestre Jinshi.”**

“Muito bem”, disse Maomao finalmente. Ela pegou um prato e colocou uma das guloseimas, embora sem muito entusiasmo. O prato foi para uma bandeja e a bandeja foi em suas mãos até o palco. Ao passar por pessoas que ela só tinha visto à distância até aquele momento, ela descobriu que havia outras duas pessoas no palco além de Jinshi e do velhote. Um deles era Lahan, que, ao contrário de Maomao, entendia as sutilezas do Go. Ele estava olhando atentamente para o tabuleiro, deslizando os óculos pela ponta do nariz enquanto observava.

O outro homem ela não reconheceu. Ele estava no final da meia-idade e se vestia elegantemente; sua roupa sugeria um membro da alta sociedade, mas ele não parecia um burocrata. *Diletante culto*, *talvez*, ela pensou - ele exalava a aura de alguém que não andava nos caminhos dos homens vulgares e mundanos.

Vários soldados fora de serviço cercaram o palco, agindo como guardas improvisados, sem dúvida para evitar que a multidão interferisse no jogo. Maomao foi até um deles e disse-lhe para chamar Lahan.

"**O que você quer?**" Lahan retrucou.

“Trouxe lanches para Mestre Jinshi. Aliás, como vai o jogo?” Ela não conseguia ver muito bem da recepção – e não teria entendido se pudesse.

“Não posso dizer ainda. Mestre Jinshi se comportou bem; ele está preso a *Joseki[1]. Como ele está segurando as pedras pretas e não há komi*[2], suponho que ele tecnicamente tenha vantagem. Até aqui...**"

"**Até aqui?**" Maomao repetiu. Lahan parecia parcial para Jinshi em seus ouvidos.

“É no meio do jogo que meu honrado pai se torna verdadeiramente assustador. Ele vem até você como uma tempestade, com jogadas que você não encontrará em nenhum padrão Joseki. Komi ou não, ele poderia muito bem virar o jogo de cabeça para baixo.”

Maomao achou que ela entendia, mesmo que apenas em termos vagos. O estrategista maluco não era do tipo que se sustentava com seu profundo conhecimento de tática; em vez disso, ele agia por instinto, com lampejos de inspiração que muitas vezes, por razões que lhe escapavam, pareciam ser exatamente a coisa certa a fazer.

“Dito isto”, disse Lahan, parecendo confuso, **“O jogo do meu pai parece mais lento do que o normal”.**

“Hum”, disse Maomao. Ela não se importou. Qualquer um deles que saísse por cima não tinha nada a ver com ela. Poderia ser ainda mais interessante se Jinshi vencesse. Os espectadores eram sempre mais barulhentos quando o oprimido prevalecia. No entanto, continuava a incomodá-la o fato de ela ainda não ter ideia do motivo pelo qual Jinshi estava jogando naquele torneio.

“Quem é o outro cara?” Maomao perguntou.

"**O *outro cara* é o Go Sábio. O tutor de Sua Majestade no jogo”,** disse Lahan. Maomao lembrou que ele era a única pessoa no país geralmente considerada um jogador de Go melhor do que a aberração.

“Tanto faz”, disse ela. **“Apenas leve isso para o Mestre Jinshi, certo?”** Ela tentou colocar a bandeja nas mãos de Lahan, mas ele se recusou a aceitá-los.

“Você foi convidada a fazer isso. Leve-os você mesma. Coloque-os em qualquer lugar onde haja espaço. Só não muito perto das tigelas – eu odiaria ver alguém pegar uma pedra e pegar um lanche. Ou vice-versa."

“Tudo bem”, resmungou Maomao, e subiu ao palco com uma expressão cuidadosamente neutra. A multidão se agitou com sua chegada, mas quando viram a bandeja cheia de guloseimas, decidiram que ela era apenas uma garçonete e não tinha interesse. Somente a aberração sorriu largamente quando olhou na direção dela; ela prestou tanta atenção nele quanto os espectadores prestaram a ela.

Qualquer lugar que tenha espaço, hein?, ela pensou. Mais fácil falar do que fazer. O palco era ocupado por um tabuleiro de Go e dois jogadores, tigelas colocadas pelas mãos dominantes – a direita para Jinshi, a esquerda para a aberração. O resultado foi que as duas tigelas ficaram do mesmo lado. Talvez ela devesse colocar os lanches na mão direita da aberração e na esquerda de Jinshi.

Ela descobriu, porém, que já havia um grande prato cheio de pães e bolos lunares. Ele até assumiu o que deveria ser o espaço para as bebidas de Jinshi. Maomao não disse nada. Mesmo que ela deixasse a pilha de salgadinhos de lado, não haveria lugar para colocar esses novos produtos assados. Sem muita escolha, ela os colocou do outro lado, entre as tigelas. Equidistantes de cada um dos jogadores, na esperança de que não confundam as guloseimas com peças de jogo.

No instante em que ela pousou a bandeja, uma mão se estendeu, pegou o lanche e, no mesmo movimento, devolveu-o a uma boca mal barbeada, na qual a guloseima desapareceu num ato que era tão absorvido quanto comer.

Maomao continuou a não dizer nada e a não sentir nada além de descrença e talvez algum desgosto. O estrategista maluco se serviu da comida de Jinshi sem pensar duas vezes.

Ele mastigou, engoliu e depois lambeu a gordura dos dedos. Ele seguiu olhando para Maomao como se desejasse ter mais, mas não havia nada que ela pudesse fazer por ele.

“Maomao”, Jinshi chamou. O rosto do estrategista se contraiu em uma carranca com isso. Ultimamente, Jinshi finalmente começou a chamá-la pelo nome, mas algo parecia estranho dessa vez. **“Se você trouxesse mais lanches”**, disse ele.

“Sim, senhor,” ela disse, finalmente. Ela planejava colocar tudo o que sobrasse em um prato, embora tivesse uma forte suspeita de que tudo acabaria na boca do estrategista. Ela esperava que pudesse sobrar pelo menos um que ela pudesse se apropriar, mas parecia que não era o caso. Talvez Suiren lhe contasse a receita algum dia. Ela saiu do palco, desejando que o jogo se apressasse e acabasse.

Depois da agitação do teatro, parecia terrivelmente silencioso lá fora. Havia um frio no ar; o sol estava se aproximando do horizonte e logo estaria escuro. Os concorrentes empacotaram seus tabuleiros de Go e os fornecedores fecharam as portas. Somente no teatro o fervor pelo jogo permaneceu, e somente na forma de Jinshi e o confronto individual da aberração.

Me pergunto se todos eles estão apostando nisso, Maomao pensou, desejando poder ter dado alguns trocos a Jinshi - o azarão decidido - se eles fossem.

Os dois irmãos, Basen e Maamei, estavam na plateia quando ela saiu, mas quando voltou encontrou apenas o irmão mais novo. Maamei escapou alegando que os seus filhos estavam à sua espera.

Maomao também encontrou Yao e En’en, que haviam terminado grande parte da limpeza e estavam assistindo ao jogo. Os olhos de En'en estavam brilhando. Maomao tinha que admitir que ver tantas pessoas tão envolvidas em algo que lhe interessava tão pouco a fazia sentir-se excluída.

O público assistiu com a respiração suspensa – e então uma comemoração surgiu da multidão.

O *jogo acabou*? Se fosse, então ela queria se apressar e ir para casa. Ela se virou em direção ao palco – mas encontrou os dois combatentes colados ao tabuleiro como antes. Ela olhou ao redor e foi até Yao e En'en. **"O jogo terminou?"**, ela perguntou.

"Ainda não", disse Yao.

"Não, mas pode haver uma desistência em breve", disse En'en. Ela apontou para a parede do teatro, onde havia um grande pedaço de papel com um quadro de Go desenhado nele. Ao lado, Lahan empunhava um pincel, desenhando as pedras enquanto elas eram tocadas. Uma ótima maneira de tornar o jogo fácil de ver à distância. Engraçado que ele nunca parecia tão atencioso em outros assuntos.

"**Deixe-me adivinhar. O desafiador?**" Maomao disse.

"Não... O Príncipe da Lua parece que pode vencer!" En'en disse balançando a cabeça. Ela parecia rancorosa com isso, talvez porque Jinshi ousou afastá-la de Yao. Provou que havia pessoas neste país que desprezavam Jinshi por razões totalmente apolíticas. **"Acho que o último movimento do Mestre Lakan foi um erro crítico."** Ela parecia que não conseguia acreditar. Maomao, por sua vez, suportaria a pronúncia do odiado nome.

"**Como assim?",** ela perguntou.

"Mestre Lakan sempre escolhe estratégias de alto risco. É como correr em uma corda bamba – pode ser a distância mais curta entre dois pontos, mas se ele perder, nunca será por um fio de cabelo. É porque o pé dele escorregou. É quando ele faz um movimento que não há como voltar atrás."

"Isso faz algum sentido para você, Maomao?" Yao perguntou.

"Nem um pouco", respondeu Maomao. Yao não parecia muito mais interessada em Go do que ela, mas estava interessada em olhar para Jinshi. Houve um leve rubor em suas bochechas, mas ela murmurou: "**Não, não, mantenha o foco.**" No momento, ao que parecia, ela pretendia viver para o seu trabalho. En'en olhou para Jinshi com ainda mais veneno do que antes.

"Deixe-me colocar desta forma", disse ela. **"Mestre Lakan se autodestruiu."**

“Ah! Isso faz sentido”, disse Maomao. Ela poderia facilmente imaginar o estrategista maluco fazendo isso.

“Para reverter isso, ele terá que fazer jogadas ainda mais arriscadas e agressivas... Mas ele parece estar se sentindo muito mal hoje.”

Maomao fez uma pausa. En’en estava certa: o rosto do estrategista estava pálido e ele parecia letárgico, talvez sonolento.

“Ele tem trabalhado duro pela primeira vez na vida”, observou Maomao. Parecia que Jinshi lhe dera muito o que fazer para conseguir seu torneio. **“E suponho que ele tem dormido muito menos do que o normal.”** É verdade que ele normalmente dormia mais do que uma pessoa comum, mas ela se lembrava de todas as vezes que disse a Jinshi, passando outra noite inteira, que a falta de sono era ruim para a tomada de decisões. **“E ele está jogando Go há dois dias seguidos.”** Inclusive, às vezes, contra três ou quatro adversários ao mesmo tempo. Pensar tanto certamente sobrecarregaria o cérebro de uma pessoa.

E houve um fator final.

“Talvez esses lanches tenham algo a ver com isso”, disse Maomao, pensando nas guloseimas que Maamei lhe dera. A massa macia e rica; o perfumado recheio de frutas secas. Elas estavam deliciosas. Mas não era a simples virtude culinária que lhes permitiu superar até mesmo a aversão habitual de Maomao aos doces.

Eu sei qual era o “ingrediente secreto”. Um pouco de álcool destilado.

Houve apenas uma sugestão disso em meio ao cheiro de manteiga. A maior parte teria queimado no processo de cozimento, mas parte teria sido absorvida pela fruta, onde permaneceria. Talvez isso não deixasse o estrategista desmaiado, mas ele era um acompanhante barato o suficiente para deixá-lo um pouco embriagado.

Não me diga, Maomao pensou. Jinshi planejou isso? Se sim, então as instruções de Lahan para não colocar os lanches muito perto das tigelas foram lançadas sob uma nova luz. Ele estava tentando fazer com que ela os colocasse ao alcance do braço da aberração? Ele saberia que se Maomao trouxesse guloseimas, o estrategista iria interrompê-los.

Maomao colocou a mão na testa. Eles a usaram bem e verdadeiramente. É verdade que isso não lhe fez mal nenhum, mas ainda assim a irritou.

Como ele conseguiu Lahan ao seu lado? Por trás de sua aparência atraente, Jinshi estava começando a parecer podre. Para não falar da questão de quão pronto Lahan estava para trair os seus próprios familiares. *É melhor eu conseguir pelo menos um bom remédio com isso.*

Ela não pôde deixar de se perguntar por que Jinshi estava tão desesperado para vencer. O que o teria levado a traçar planos tão elaborados? Mas com o estrategista esquisito envolvido... De repente, ela teve uma ideia muito deprimente.

Não... Mas se não, por que outro motivo ele arrastaria tantas pessoas para seu pequeno esquema?

Maomao ainda estava pensando quando ouviu o clique da pedra do estrategista no tabuleiro. *Acho que este jogo está praticamente acabado.*

Ela estava nervosa, de mau humor, quando alguém abriu a porta do teatro. Ouviram-se passos quando um homem de aparência presunçosa, de meia-idade, entrou correndo no prédio, esquivando-se dos guardas que tentaram detê-lo na entrada. **"Dr. Kan!",** ele gritou. **"O Dr. Kan está aqui?!"**

A gritaria era indecorosa, mas atrás do recém-chegado Maomao viu dois rostos que reconheceu. Ou melhor, um rosto, porque era o mesmo rosto.

"Eu os conheço..." Eram dois dos três irmãos que ela ajudou a investigar.

O pai dela, que estava sentado numa cadeira ao lado do palco, levantou-se. **"Qual é o problema?"** Apoiando-se na bengala, ele começou a avançar. Os recém-chegados evidentemente sentiram que ele não estava se movendo rápido o suficiente, porque abriram caminho no meio da multidão para encontrá-lo no meio. Maomao queria ir até ele, mas quando viu os soldados parados por perto, ela parou.

"Isso é *sua* culpa! Meu filho... Meu filho!"

"Receio não entender", disse Luomen. **"O que aconteceu?"** É verdade que faltava ao homem um de seus filhos. O que aconteceu com o terceiro garoto?

"Isso!" O homem colocou algo embrulhado em pano sobre a mesa e abriu-o para revelar dois dedos humanos.

A multidão começou a gritar. O homem, por sua vez, ainda gritava: **“Ordeno que encontre meu filho! Se ele morrer, vou responsabilizá-lo!”**

¹ Joseki: Em go e shōgi, um jōseki ou joseki são as sequências estudadas de movimentos para os quais o resultado é considerado equilibrado para os lados preto e branco.

² Komi: são pontos somados à pontuação do jogador com as pedras brancas como compensação por não ser o primeiro a jogar.

Capítulo 18: O Dono dos Dedos

O intruso enfurecido era o pai dos notórios trigêmeos; seu nome era Bowen. Os caracteres significavam algo como “o especialista culto”, mas ele estava longe de ser a pessoa calma e serena que seu nome sugeria. Seu discurso foi tão perturbador que os competidores foram forçados a abandonar o jogo. Bowen parecia conhecer Jinshi e a aberração, mas sentiu que sua situação era mais importante.

“Estes são os dedos do seu filho?” Luomen perguntou. Os espectadores foram mandados para casa depois de toda a comoção, e agora só restava a equipe do evento. Maomao não conseguia imaginar que a aberração normalmente toleraria tal interrupção em seu jogo. Talvez ele realmente não estivesse se sentindo bem. Em algum momento, ele adormeceu com o rosto no tabuleiro.

Seu assessor estava atualmente cuidando dele em um canto do teatro. Ele olhou para Maomao como se implorasse para que ela viesse cuidar do estrategista no lugar do pai, mas ela lançou-lhe um olhar que o manteve quieto. Em vez disso, En’en e Yao assumiram os cuidados do estrategista. Era discutível se elas estavam “envolvidas” no evento ou não, mas mesmo assim, lá estavam elas. Infelizmente, isso significava que Maomao também não poderia escapar.

Yao parecia prestes a desmaiar ao ver os dedos na mesa. Ela estava se acostumando a lidar com ferimentos, mas os pedaços cortados ainda eram difíceis para ela. Entre a interrupção e a condição em que a aberração se encontrava, a conclusão do jogo parecia prestes a ser adiada.

“Não se preocupe, registrei o estado do quadro”, disse Lahan a Jinshi. **“Continuaremos quando as coisas se acalmarem um pouco.”** Jinshi não parecia totalmente confortável com isso. Ele estava à beira da vitória, mesmo tendo sido forçado a explorar sua aparência e fazer tudo o que podia para chegar lá.

Então, novamente, mesmo a aberração provavelmente não conseguirá se recuperar de um déficit como esse. Lahan parecia estar esperando que seu "honrado pai" perdesse. Ele era do tipo que venderia seu pai e avô de sangue, então o que seria um pai adotivo para ele, se o preço fosse justo? *Talvez eu devesse investigar isso*, Maomao pensou – mas não. Parecia provável que fosse uma história muito longa.

Ela estava mais preocupada com Bowen, que ainda estava atacando seu pai; seus próprios filhos o estavam restringindo.

"Talvez você possa explicar o que exatamente está acontecendo", disse Jinshi. Os três intrusos estavam obviamente deslocados, e se Bowen se tornasse violento, dificilmente ficaria surpreso se fosse contido. Jinshi estava sentado no quadro, interrompido por essa reviravolta. Seu jogo estava dando em nada e ele parecia estar lutando para entendê-lo. **"Vamos ouvir",** disse ele. **"Você poderia muito bem ter jogado um balde de água fria em mim. Presumo que você tenha um bom motivo?"** Havia um tremor incomum de raiva em sua voz.

Difícil culpá-lo, depois de toda a preparação que ele fez para isso.

Apesar de sua própria fúria, Bowen manteve suas faculdades suficientes para não desafiar Jinshi. Ele estava lutando para falar, então um de seus filhos falou atrás dele.

"Não conseguimos encontrar meu irmão mais velho. Não conseguimos encontrá-lo!"

Isso é, o "segundo irmão", o meio dos três filhos. Ele foi recentemente acusado de agredir uma jovem. Visto que este homem se referiu ao segundo filho como sendo seu irmão mais velho, ele deve ser o filho mais novo.

"Ninguém o vê há três dias. E então esta manhã chegou esse pacote em casa", disse o outro filho, que por processo de eliminação devia ser o mais velho. Ele abriu o pacote novamente. Os dedos pertenciam a um homem adulto – o segundo filho ausente, se o que sugeriam fosse verdade. O mais velho tinha um arranhão vermelho na palma da mão – teria se machucado?

"Deixe-me inspecionar isso", disse Luomen.

"Quem diabos é você?!" Bowen exigiu, mas Jinshi rosnou: **"Cale a boca e deixe-o olhar"**. Ele lançou a Bowen um olhar que o silenciou.

Maomao não estava exatamente envolvida ali, mas conhecia as circunstâncias. O mesmo aconteceu com Yao e En'en. Mas havia outra pessoa lá também. *E não tenho certeza sobre deixá-lo ficar por aqui.*

Era o chamado Sábio do Go quem observava o jogo de Jinshi. Ele sentou-se na cadeira, parecendo extremamente desinteressado. Na verdade, ele parecia tão acima de tudo que Bowen e seus filhos não lhe disseram nada. Talvez eles quisessem — provavelmente havia muitas coisas que gostariam de tirar do peito —, mas com Jinshi observando, eles sabiam que precisavam se recompor e explicar.

Bowen respirou fundo e continuou a história. **"Graças a *você*, meu filho foi preso. Pior ainda, as pessoas surgiram com acusações sobre coisas que ele supostamente havia feito com elas no passado."**

Bem, de quem era a culpa? Os dois filhos restantes desviaram o olhar. Sem dúvida eles tentaram atribuir alguns de seus erros ao filho do meio. Bowen deveria levar suas reclamações ao estrategista maluco – foi ele quem arrastou o velho de Maomao para isso. Ou talvez ele quisesse, mas perdeu a coragem e decidiu descontar em Luomen.

Pessoalmente, eu teria muito mais medo de brigar com meu velho.

Bowen era um pai preocupado com o filho, mas toda essa ansiedade paterna chegou um pouco tarde. Ele sempre desculpava e protegia seus meninos das consequências de sua devassidão. Ele não percebeu a lição que estava ensinando a eles?

"E você acha que um deles o sequestrou?" Luomen perguntou.

"O que mais poderia ser?!" Bowen exigiu, batendo na mesa.

"Você tem alguma ideia de quem pode ter feito isso?"

"Como eu deveria saber? É meu trabalho cuidar do meu filho a cada minuto?"

Talvez devesse ser, Maomao pensou. Ela olhou para os dedos. As pontas cortadas já estavam ficando pretas. *Poderíamos ter conseguido recolocá-los se ainda estivessem frescos...*

Então, novamente, ela se perguntou se eles teriam sido isolados após a morte de seu dono. Ela tinha ouvido falar que a forma como um corpo humano se comportava quando era massacrado diferia dependendo se a pessoa estava viva ou morta. Ela presumiu que seu pai

poderia dizer – e ela pensou que sua expressão triste enquanto olhava para os dedos contava a história.

Havia algo mais também.

As unhas mudaram de cor. O leito ungueal tinha adquirido um tom preto-azulado.

Silenciosamente, Maomao puxou as mangas de Yao e En'en.

"O que é?" Yao perguntou.

“Só pensei que talvez devêssemos pelo menos servir chá. Me ajude?"

“Ah, boa ideia.”

Elas realmente não precisavam de três pessoas para fazer chá, mas Maomao sabia que se ela perguntasse a Yao, En'en inevitavelmente apareceria, e se ela perguntasse a En'en, Yao faria beicinho por ter sido deixada de fora, então eram três pessoas. .

“Nós ao menos tomamos chá? Só me lembro de muita água com gengibre”, disse Yao.

“Temos alguns, mas acho que talvez seja necessário algo de qualidade um pouco superior”, disse En’en olhando para Jinshi. Ela sabia quem ele era, então não serviria nada menos do que adequado. Ela não tinha nenhuma afeição especial por ele, mas era uma dama da corte suficientemente capaz para demonstrar o devido respeito.

“Ele vai ficar aqui?” Yao perguntou, olhando para Jinshi também.

“Meter o nariz em assuntos aleatórios é uma espécie de hobby dele, então acho que estamos presos a ele”, disse En’en. Ela realmente era impiedosa.

Mas mesmo enquanto Maomao pensava que isso era insensível, ela se lembrou das muitas vezes em que fez comentários semelhantes.

“Temos bastante suco. Garrafas cheias, tudo para Mestre Lakan. Não tenho certeza se eles são destinados a algum dos jogadores ou espectadores.”

"Suco?" Maomao coçou o queixo. *Isso pode ser perfeito, na verdade*. **“Algum suco de uva?”**

"Acho que sim. Provavelmente também é dos bons – estava em uma linda garrafa de vidro", disse En'en, espiando por trás do palco.

"Vamos com isso, então." Maomao foi para a sala verde dos bastidores.

"Uh, devemos pedir permissão primeiro?", disse Yao.

"Você disse que ele tem bastante. Ele não vai perder uma garrafa. Especialmente porque ele está dormindo."

"Bem, se Maomao disser que está tudo bem, acho que podemos confiar nela", disse En'en, e com a concordância dela, elas começaram a procurar entre os muitos presentes e guloseimas para a bebida escolhida.

Quando voltaram com uma xícara para cada pessoa, descobriram que a discussão não levava a lugar nenhum. Bowen ainda estava gritando e Luomen ainda ouvia em silêncio. Jinshi não parecia estar fazendo nada; ele estava apenas sentado ali, mas pela maneira como brincava distraidamente com a tigela de pedras de Go, parecia estar pensando em seu próximo movimento.

O Sábio do Go continuou a usar uma expressão inescrutável. Maomao ainda não sabia por que estava ali. Lahan também estava lá, mas estava ansioso para encerrar o torneio. Não apenas para limpar o local, mas para tentar descobrir o que escrever para todos aqueles que reservaram jogos de ensino com o estrategista (e já pagaram pelo privilégio).

"Olhe, aqui está." Yao e En'en estavam distribuindo as bebidas.

"Isso é álcool?" Lahan perguntou, desconfiado, mas então deu uma cheirada exploratória na bebida e percebeu que era apenas suco. Ele não conseguia segurar a bebida melhor do que o estrategista maluco. As taças que usaram eram na verdade para vinho, então não podiam culpá-lo por se perguntar.

En'en foi dar uma xícara ao filho mais velho de Bowen - mas a próxima coisa que todos perceberam foi que a xícara estava voando pelo ar. O líquido vermelho se espalhou por toda parte, o copo de metal chacoalhando ao atingir o chão.

"Mano!", disse o filho mais novo, com uma expressão de dor no rosto. En'en nem sequer vacilou, embora agora estivesse encharcada de suco. *Graças a Deus não foi Yao*, Maomao pensou – a ideia do que En'en teria feito era assustadora de se contemplar. Ela certamente

não teria sido a pessoa impassível que era agora. Claro, para começar, ela nunca teria colocado a jovem amante ao alcance de um mulherengo conhecido.

“Por favor, me perdoe,” ela disse calmamente. **“Eu não sabia que não seria do seu gosto.”** Ela começou a limpar. Maomao deu xícaras intencionalmente para Bowen e seu outro filho. *Eu sabia*, pensou ela ao fazê-lo: as rugas no rosto do pai tinham-se tornado mais profundas e a testa dele caíra tristemente. Ele nunca deixaria de notar algo que lhe ocorreu.

Luomen exalou baixinho e levantou-se da cadeira. **“Você não gosta tanto de vinho de uva?”**, ele perguntou ao filho mais velho.

“Não”, respondeu o homem, mas demorou muito para responder; ele parecia desconfortável.

“Eu sei que é o seu favorito”, disse Bowen, lançando-lhe um olhar curioso, mas depois continuou: **“Mas isso não é importante agora. Encontre meu filho! Ou então eu vou...”**

“Não há necessidade de ameaças. Já sei onde seu filho está.” Luomen balançou a cabeça e ergueu os olhos.

“O-Onde?! Diga-me!"

“O garoto que você perdeu é seu segundo filho, certo?”

"Isso mesmo!"

Até Maomao começou a sentir seu humor ficando mais pesado. Por mais que Bowen estivesse fazendo barulho, ele realmente acreditava que seu filho estava desaparecido. Mas ele não estava conseguindo entender uma coisa crucial.

Na verdade, ele não consegue distinguir seus próprios filhos!

Luomen apontou para o filho mais velho, aquele que havia dado um tapa na taça de vinho. **“É melhor você confessar tudo agora. Quanto tempo você acha que pode continuar fingindo ser seu irmão mais velho antes que alguém perceba?”**

Os dois irmãos restantes empalideceram.

Maomao procurou em suas memórias. Fazia pouco mais de um mês que entrevistaram os três irmãos. Ela estava ocupada anotando coisas, mas lembrou que a pele do irmão mais

velho era pobre e que ele ocasionalmente se contorcia, abrindo e fechando reflexivamente o punho. Ela não tinha pensado muito nisso na época; ela simplesmente presumiu que ele estava com problemas de saúde.

"O que está acontecendo aqui?" Bowen olhou para seus meninos, genuinamente sem compreender.

"Foi seu *mais velho* filho que desapareceu. Acho que você deveria perguntar a esses dois detalhes", disse Luomen.

"Isso é absurdo! Você acha que pode sair dessa falando bobagens?" Ele se levantou e tentou agarrar o pai de Maomao, mas um soldado interveio e o deteve.

"Ele tem razão! O que você está dizendo é ridículo!", gritou o filho mais novo, mas seu rosto estava se contorcendo.

Antes que ela pudesse se conter, Maomao deu um passo à frente. **"Longe disso. É a verdade, como vocês dois sabem melhor do que ninguém."** Então ela pensou: *Merda, agora eu consegui*, e tentou dar meio passo para trás.

"Talvez você possa explicar o que vocês dois estão falando para que mesmo alguém com meu conhecimento limitado possa entender", disse Jinshi, finalmente voltando à conversa. Ao lado dele, o Sábio assentiu. Jinshi provavelmente imaginou que nada seria resolvido sem a sua intervenção. Certamente, fez com que todos parassem e se recompusessem.

"Minhas profundas desculpas. Eu nunca esperei que você estivesse aqui, Príncipe da Lua", disse Bowen.

"Bem, eu estou. E você interrompeu meu jogo. Mas que assim seja; o melhor para minha curiosidade neste momento seria descobrir exatamente o que está acontecendo. Entendo o que você está tentando dizer, mas preciso que você fique quieto por um momento. Esta conversa não vai chegar a lugar nenhum assim. E vocês dois, atrás dele, não pensem em fugir." Nesse ponto, Jinshi foi muito claro. **"Luomen. Se você estiver hesitante em falar, talvez permita que sua aprendiz o faça? Ela é bastante capaz e acredito que chegou à solução."**

Maomao não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

"E como um bom professor, é claro que você corrigirá as respostas dela se ela estiver errada", acrescentou Jinshi.

“Maomao...” Seu velho lançou-lhe um olhar que comunicava que ela não precisava fazer nada que não quisesse.

Eu poderia simplesmente deixar isso para ele. Mas o pai dela era um homem gentil, gentil demais. Ele sentiria um excesso de simpatia pelos suspeitos — mesmo que fossem dois irmãos inúteis. Luomen era perspicaz e poderia inventar algum tipo de circunstância atenuante que Maomao nem havia pensado, algo que isentaria os irmãos do que haviam feito. Ou talvez ele simplesmente se recusasse a contar a verdade a Bowen. Assim como ele fez no caso da donzela do santuário Shaonese...

Maomao deu um passo à frente. "**Muito bem.**"

Pensando por onde começar, ela se virou e olhou para os dedos. Seu dono já estava morto. Seja por causas naturais ou por assassinato — bem, talvez aquele seja o lugar para começar.

“Gostaria de chamar sua atenção para as unhas”, disse ela. Elas estavam descoloridas e várias linhas brancas eram visíveis. Dedos decepados, porém, não são algo agradável de se contemplar, mesmo para os adultos. Yao parecia agonizante, mas ela olhou.

“A coloração das unhas indica contato com veneno”, continuou Maomao. **“Arsênico ou chumbo, provavelmente.”**

Assim como o dono da loja de maquiagem.

“Senhor”, repetiu Maomao, e olhou para Bowen. **“Seu filho mais velho tinha uma queda por vinho de uva, certo?”**

“Sim... não posso negar”, disse Bowen.

“E posso especular que seus gostos tendiam a... baratos?”

Ela se lembrou das anotações que havia feito a pedido do pai. O filho mais velho havia falado em ir a algum lugar barato para beber. E havia muito vinho barato e delicioso circulando pela cidade naquele momento. Maomao esperava sentir o gosto por si mesma, embora, infelizmente, não tenha conseguido.

Se eu tivesse tomado um gole quando tive oportunidade...

Bem, ela pode ter juntado as peças.

O vinho de uva tornava-se amargo se armazenado por muito tempo. O mesmo processo de fermentação que produz o álcool, se continuasse indefinidamente, simplesmente resultava em vinagre. O vinho trazido de longe, por longas distâncias e por longos períodos, podia azedar – mas o que circulava nos mercados era doce.

Maomao olhou para Jinshi. **“Vinho misturado com chumbo fica doce, certo?”,** ele disse.

"Isso mesmo, senhor." Ele se lembrava claramente da conversa deles.

A partir deste ponto, Maomao teria de especular. Seu pai não ficaria satisfeito, mas ela também não achava que ele iria contradizê-la. **“Nos últimos meses, as caravanas têm trazido grandes quantidades de vinho de uva do oeste. Com tais quantidades, parte dele inevitavelmente terá estragado.”**

"O que você quer chegar? Vá direto ao ponto!” Bowen disse.

“Pensei ter dito para você ficar quieto”, Jinshi retrucou.

Maomao não queria pular direto para a conclusão – ela queria explicar como havia chegado lá. **“As coisas ruins seriam amargas – invendáveis. Os revendedores, que compravam barato, tentavam encontrar uma forma de movimentar o produto. E se por acaso houvesse um suprimento pronto de algo que tornasse o álcool doce?”**

Maomao olhou para o público. Seu pai sabia a resposta, mas optou por não dizer nada. En'en provavelmente também percebeu o que Maomao queria dizer, mas estava ocupada estudando Yao, que estava imerso em pensamentos.

Foi Jinshi quem respondeu. **“Estamos à frente desse problema. Os traficantes que usavam o pó de maquiagem para adoçar o vinho foram presos. A única oferta restante deveria ser aquela que chegou ao mercado antes de ser adquirida.”**

“Trabalho imediato, senhor.”

Ele emitiu a proibição, então é claro que ligaria os pontos.

Ao misturar o chumbo no vinho, o vinho ficaria mais doce. Os comerciantes podiam combinar duas coisas que não conseguiam vender para fazer algo que podiam: vinho barato e saboroso que encantava os clientes. Os clientes poderiam ter ficado menos satisfeitos se tivessem percebido que estavam sendo envenenados.

Se bebessem o suficiente, o veneno começaria a aparecer nas unhas. O filho mais velho pareceu chateado quando Maomao o viu. Se ele tivesse continuado a beber aquela coisa depois disso, só poderia ter piorado as coisas. O filho do meio, entretanto, era a imagem da saúde e, tanto quanto Maomao se lembrava, os seus dedos não mostravam sinais de absorver o vinho venenoso. Mesmo que sua lembrança não fosse perfeita, seu velho certamente teria se lembrado.

"As unhas humanas crescem a uma taxa de cerca de três milímetros por mês. Quando gravei o seu depoimento, as unhas deste jovem já deviam apresentar aquelas listras brancas", disse Maomao.

Ela olhou para o pai. Ele parecia desconfortável, mas mesmo assim falou. **"Um dos três jovens com quem falamos escondeu os dedos. Os demais não apresentavam irregularidades nos dedos ou nas unhas."**

"Havia algo irregular nos dedos do segundo filho?" Jinshi perguntou.

"Não", respondeu Luomen. **"Portanto, podemos pelo menos concluir que os dedos decepados não pertencem a ele."** Isso, ele disse inequivocamente. Os dedos eram algo de que ele podia ter certeza.

"Seu filho mais velho parece ter estado com problemas de saúde consideráveis nos últimos meses. Meu entendimento é que ele frequentemente faltava ao trabalho." Esta interjeição veio de Lahan, que evidentemente havia investigado o passado dos soldados em algum momento.

"É sempre possível que os dedos pertençam a algum indivíduo totalmente não relacionado, mas dadas as circunstâncias, penso que é razoável supor que sejam do seu irmão mais velho", disse Maomao, olhando para os dois homens que partilhavam o mesmo rosto. **"Talvez alguém o tenha confundido com o segundo filho e o sequestrado? Nesse caso, por que não lhes dizer simplesmente que pegaram o homem errado?"** Ela deu-lhes uma expressão exagerada de perplexidade.

Os dois homens não disseram nada, mas se entreolharam evitando o olhar de Maomao.

"Você está pronto para admitir que está por trás disso?", ela disse longamente.

"Eles?! Você pensa que *eles* fizeram isso?!" Bowen exclamou. Pelo menos ele era fácil de ler.

"Eu penso. O que levanta a questão: o que eles ganhariam com a realização de tal espetáculo? Talvez tenha algo a ver com o envolvimento deles na morte do próprio irmão."

Com isso, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Apenas Luomen ficou quieto, olhando gravemente para os dois trigêmeos restantes.

"Do que você está falando? Você não está fazendo nenhum sentido!", disse o suposto filho mais velho, provavelmente na verdade o filho do meio. Ele estava tentando fingir ignorância – porque sabia que se admitisse que Maomao estava certa, tudo estaria acabado. Bowen continuou a olhar para ele com descrença.

"Tenho uma pergunta", disse alguém. Era o Sábio, levantando a mão para chamar atenção.

"Sim?" Ninguém mais disse nada, então Maomao o chamou como um professor em uma sala de aula.

"Se um trigêmeo começasse a se passar por outro, é plausível que o terceiro trigêmeo não percebesse?"

"Excelente pergunta. Não importa o quão parecidos os três possam parecer, não acho que eles poderiam enganar um ao outro sobre quem era quem. Mesmo que eles pudessem confundir o próprio pai..." Isso foi um golpe contra Bowen.

É claro que a verdade provavelmente teria sido revelada eventualmente – em algum momento. Não importa o quanto três pessoas possam se parecer, isso não significa que sejam idênticas em todos os sentidos.

"Posso presumir, então, que o irmão mais novo sabia que o irmão do meio havia se tornado o irmão mais velho?"

"Eu diria que sim." Maomao ficou de olho nos irmãos. Eles pareciam querer se opor, mas não conseguiam encontrar as palavras.

"*Por quê?*"

Eu acho que você sabe a resposta para isso, Maomao pensou. Não se chega a ser um mestre de Go sendo estúpido. A resposta à sua pergunta era fácil de explicar aos outros. Ela suspeitava que tudo tivesse sido deliberado.

“Porque se o segundo filho desaparecesse, todos os seus pecados poderiam ser expurgados. Sim?" Ela olhou para o irmão mais velho – não, o irmão do meio. Ele olhou para ela, mas não havia nada que pudesse dizer; ele apenas cerrou os punhos.

"É... isso é verdade?" Bowen olhou para os meninos.

“Você realmente não sabe? Você realmente não consegue discernir um de seus filhos dos outros?” Maomao disse.

Bowen olhou para eles fixamente, em silêncio.

“Maomao...” Luomen disse.

“Minhas desculpas”, ela disse e recuou.

“Nesse caso, os dois irmãos restantes devem saber onde está o mais velho”, disse Jinshi. Ao seu comentário, eles se viram obrigados a falar: tal era o poder de sua beleza.

“O-o que aconteceu com nosso irmão...” Foi o terceiro filho quem falou. **“Eu... eu não fiz isso! Foi ele!!”**

"O que?! Traidor!" O segundo filho agarrou o terceiro pelo colarinho.

"Isto é tudo culpa sua!", gritou o irmão mais novo. **“O erro foi seu: pegar uma garota! Por que você não escolheu alguém que não pudesse causar problemas para nós?!”**

“Você é quem fala! Você não pode *encontrar* uma marca que não se torna um problema para nós!”

Fale sobre suas rivalidades entre irmãos.

“Acho que isso significa que vocês dois mataram seu irmão mais velho”, disse Maomao.

"Eu não! Ele o matou!”

"Não, *ele* fez isso!”

De qualquer forma, era impossível dizer quem estava acusando quem. Enquanto isso, Luomen estava olhando para os dedos novamente; ele havia notado outro detalhe. Além das linhas brancas, havia sujeira embaixo das unhas. Maomao lançou aos dedos um olhar

questionador. No início, eles simplesmente pareciam sujos, mas olhando mais de perto, ela percebeu que era pele sob as unhas.

“Eu não acho que haja mais conversa para sair disso.” Maomao pegou a mão do segundo filho. Ele tinha um arranhão vermelho na palma da mão, até o pulso. Como se alguém o tivesse arranhado com as unhas.

“Eu... eu não o matei! Ele caiu sozinho!”, disse o segundo irmão, com o rosto contorcido. Ele estava olhando para o suco de uva derramado.

“O vinho... era o vinho! Houve algo errado com o...”, o terceiro filho explicou hesitantemente.

Entre os dois, surgiu a história: o irmão mais velho não estava bem ultimamente e, ainda por cima, de mau humor.

“Ele de repente ficava furioso ou começava a gritar. Mas ele não parava de beber.”

Às vezes, a toxicidade pode se manifestar como instabilidade na personalidade. O estado das unhas sugeria envenenamento avançado por chumbo.

"Deixe ele fazer o que quer, pensei. Não tinha nada a ver comigo. Mas ele armou tanto barulho que agarrei meu irmão e fomos ver nosso irmão mais velho em seu anexo.”

O irmão mais velho deles estava em seu quarto, tendo um ataque. Quando os outros dois entraram, ele saltou sobre eles.

“Eu o empurrei antes de saber o que estava acontecendo, mas ele veio até mim novamente.” Foi então que ele teve o arranhão na palma da mão. **“Eu estava tentando mantê-lo longe de mim... Isso era tudo que eu estava fazendo!”**

O irmão do homem caiu para trás e bateu a cabeça na mesa.

“O que diabos?!” Bowen exigiu, agarrando seu segundo filho. **“Você percebe o que fez?!”**

"O que *eu fiz*? Isso é porque você nos deixou sozinhos!”

Nenhum dos dois parecia exatamente louvável.

“Eu ia chamar alguém. Mas, ele disse...” O terceiro filho olhou para o segundo.

Vamos contar a todos que morri. E eu me tornarei nosso irmão mais velho.

Eles precisariam de provas para que isso acontecesse. Enterraram o corpo, ficando apenas com os dedos, que cortaram. Tudo o que precisavam fazer era escrever uma carta ameaçadora; qualquer número de suspeitos se sugeriria aos investigadores. Todo o assunto ficaria envolto em confusão.

E então eles fizeram exatamente isso, cortando os dedos do irmão e enviando a carta para sua própria casa.

Mas eles tiveram que escolher os dedos para enviar. Talvez não importasse: se tivessem enviado a cabeça ou os pés, teria sido possível detectar os sintomas. Talvez não, se tivessem escolhido as orelhas dele.

Eles teriam sido descobertos eventualmente. Eles devem realmente ter sentido que estavam com as costas contra a parede. Maomao sabia que era aqui que ela deveria se sentir obrigada a rezar pelo repouso do falecido, mas, neste caso específico, ela não conseguia deixar de lado a sensação de que ele havia colhido o que havia plantado. Seu pai, porém, estava olhando para os dedos, ainda visivelmente triste.

“Vocês dois são uma vergonha! Uma vergonha!” Bowen gritou.

"Não mais do que você!", disse o segundo filho, batendo na mesa. **“Quando você percebeu que não poderia proteger todos nós, decidiu atribuir tudo a mim! Mas ele foi o pior de nós! E você! *Você não é* melhor! Quem te deu um álibi toda vez que você se envolveu com as concubinas do pai?!”**

Então é por isso que o filho mais novo concordou com isso, Mao percebeu.

"Isso é verdade?!", perguntou Bowen, virando-se para o terceiro garoto.

“Ah, é verdade!”, o segundo filho continuou. **“Nossa irmã de três anos por quem você dedica tanto amor? Ela é filha dele! Ah, como você adorou sua ‘primeira filha’ – mas ela é sua primeira neta!”**

“Você jurou não falar sobre isso!”

"Isso é verdade?! Eu quero respostas!”

Isso é um absurdo, pensou Maomao, e muito provavelmente os outros estavam pensando a mesma coisa. *Cortar os dedos de um cara depois que ele morre...* Maomao acreditava que uma vez que alguém morresse, ele estaria morto; ele não saberia o que aconteceu com seu antigo corpo. Ainda assim, a visão daqueles dedos deixou claro que essa história era repreensível.

Mas não é por ele que sinto mais pena.

Esse seria um nobre em particular, que agora parecia bastante frustrado, tendo feito extensos preparativos, usado todos os meios justos e sujos para atingir seu objetivo, e poderia até ter conseguido, se seu jogo não tivesse sido interrompido.

Capítulo 19: O Sábio

Jinshi soltou um suspiro e olhou para o tabuleiro de Go, preenchido por todas as suas pedras. Ele se lembrou do que seu instrutor Go havia dito outro dia.

"Devo dizer que acho que provavelmente é impossível." O homem era o instrutor de Go do próprio imperador e, apesar das aparências, podia ser bastante contundente. **"Você não pode nem me vencer, nem uma vez. Você não tem esperança contra ele."** Impassível, o Sábio colocou uma pedra branca no tabuleiro.

"Grk," foi o único som que Jinshi fez. O que mais ele poderia dizer? Ele pensou que tinha jogado um jogo muito bom, mas com um movimento o Sábio desvendou tudo.

Ele sabia perfeitamente que isso poderia acontecer assim: ele era um pau para toda obra, capaz de fazer a maioria das coisas até certo ponto. Mas, na melhor das hipóteses, ele era apenas um pouco melhor que a média neles. Ele não se destacou em nada. Ele poderia ser talentoso, mas não era um gênio.

Ainda assim, era melhor do que não fazer nada.

"Você tem seus padrões Joseki bem definidos, eu admito. Mas afaste-se da sequência prescrita e você não terá mais imaginação do que o jogador médio. Você entra em pânico quando confrontado com um movimento que nunca viu antes."

"Você não faz rodeios, não é?"

"Parece que me lembro que era isso que você queria." O Sábio deu uma mordida em um dos pães que Suiren havia feito para eles. O lanche pode parecer incompatível com a

elegância associada ao jogo de Go, mas aparentemente um doce era considerado obrigatório entre os jogadores. O pensamento causava naturalmente um desejo por doces — ou, pelo menos, essa era a lógica pela qual certo estrategista excêntrico justificava seu consumo constante de tais guloseimas.

Há dias, desde que o imperador concordou em emprestar seu instrutor a Jinshi, ele passava todos os dias depois do trabalho estudando Go febrilmente.

Sem talento.

Movimentos simplistas.

O estilo de jogo monótono do superdotado.

Sim, o instrutor foi perfeitamente impiedoso. Jinshi dissera quando eles começaram que não queria que o Sábio poupasse seus sentimentos, e o homem acreditou em sua palavra. Quando Jinshi perguntou se o Sábio era tão cruel com todos os seus alunos, ele respondeu: **"Eu escolho oponentes que não podem me punir pelo que eu digo".** Ele foi muito cuidadoso.

Ele também sabia como motivar uma pessoa: **"Você espera vencer aquele maluco jogando daquele jeito?"**

Jinshi pegou uma pedra preta e colocou-a no tabuleiro, sem saber se era o movimento certo.

Ele estava trabalhando com o Sábio porque ouviu dizer que era o único homem que poderia vencer o estrategista maluco (também conhecido como Lakan) no jogo.

"Então. Você está convencido de que não posso vencer?"

"Completamente convencido. Você é muito acessível, Príncipe da Lua. Muito de um atirador direto." De alguma forma, vindo do Sábio, isso não parecia elogioso.

"Seja como for, devo encontrar uma maneira de vencê-lo."

"E eu vim aqui para tentar te ensinar como fazer isso. Mas é absolutamente impossível." O Sábio mastigou outro pão.

“Dê-me qualquer chance, qualquer maneira de vencer – mesmo que seja uma vez em cem.”

“Quando Lakan está no seu melhor, até eu tenho sorte de vencê-lo em um de dois jogos. Se eu também estiver no meu melhor.”

“Receio não ter entendido o que você quis dizer...”

O Sábio era melhor no jogo do que Lakan; é por isso que ele era chamado de Sábio do Go.

“Ah, acho que sim. Deixe-me perguntar uma coisa, Príncipe: você acha que poderia derrotar um urso com as mãos nuas?”

"Obviamente não."

“Que tal um lobo?”

“Se as circunstâncias me favorecessem, talvez... Mas seria difícil.”

“Um cachorro, então.”

“Acho que conseguiria, mais ou menos.”

Foi uma lição que ele aprendeu enquanto caçava: os humanos eram surpreendentemente fracos para seu tamanho. Era o uso de ferramentas que lhes permitiu sobreviver; sem equipamento, até um cão vadio pode ser demais para um homem desarmado.

“O que você precisa para ser vitorioso?”, o Sábio perguntou. Ele colocou uma pedra, recebendo outro gemido de Jinshi: seu instrutor havia visto claramente através dele mais uma vez.

“Para sair ileso? Uma arma pode parecer ideal, mas não tenho certeza se conseguiria acertar a criatura. Acho que preferiria uma espada, algo com o qual estou acostumado. Ou talvez uma adaga e manoplas para proteger meus braços.”

Com uma espada, ele seria capaz de se defender, pelo menos em um espaço confinado. Em campo aberto, seria muito mais difícil. Ele atrairia o animal para algum lugar onde sua agilidade não pudesse evitar – então ele o deixaria pegar a armadura de seu antebraço, enquanto ele atacava a garganta.

“Sua aparência pode ser refinada, mas vejo que você está disposto a usar táticas confusas, se necessário.”

“Não seria minha preferência. Simplesmente não sou tão habilidoso com a espada”, respondeu Jinshi. Basen, ele seria capaz de fazer um trabalho melhor. Ele provavelmente poderia enfrentar aquele urso, Jinshi imaginou – mas até ele sairia gravemente ferido de tal encontro.

"Hum. Nesse caso, tenho um estratagema que pode funcionar para você.”

"Estratagema?"

“Ah, não é nada especial. Apenas uma maneira de inclinar as probabilidades a seu favor.” O Sábio olhou maliciosamente e, por um instante, o aspecto calmo e culto que ele apresentava ao mundo desapareceu completamente. **“Você não teria que quebrar nenhuma regra. Pois as regras não se aplicam ao que acontece *fora* do tabuleiro.**"

Jinshi engoliu em seco.

O Sábio era inequívoco: **“Se este método não funcionar, você nunca vencerá senhor Lakan enquanto viver”.**

"Perdi..."

Não importa quantas vezes ele contasse e recontasse o território no tabuleiro, as pedras capturadas, ele não conseguia fazer com que seus números fossem maiores que os do oponente. A diferença era de apenas dois pontos — mas poderia muito bem ter sido mil.

Ele conseguiu uma vantagem aparentemente incontestável no meio do jogo. Seu território estava seguro e não parecia possível que a maré mudasse. Nem Jinshi fez nenhuma jogada obviamente ruim - e ainda assim o personagem honrado mastigando seus lanches começou a diminuir a diferença com uma velocidade ofuscante.

Basen e alguns guarda-costas estavam por perto. Passaram-se vários dias depois do torneio de Go. Jinshi estava trabalhando em seu escritório quando o estrategista de monóculo apareceu sem aviso prévio.

“Vamos continuar”, ele disse. Se ele estivesse simplesmente evitando o trabalho, Jinshi poderia ter recusado, mas era hora do almoço.

Um tabuleiro de Go e pedras estavam esperando em um pavilhão ao ar livre perto do escritório, o tabuleiro já arrumado no estado em que estava quando o jogo foi interrompido de forma tão rude. Alguns espectadores assistiram à distância, mas Jinshi não tinha motivo para mandá-los embora ou recusar o jogo.

Muitas vezes, desde o impasse no teatro, ele havia pensado no que poderia fazer para consolidar sua vantagem e conquistar a vitória. Ele não podia acreditar que poderia perder depois de manter uma liderança tão importante.

"Impossível..." Basen disse, surpreso. Impossível: sim, essa era a única palavra para isso. Como deve ser na cabeça daquele homem?

As palavras do Sábio soaram em seus ouvidos: **"Você *nunca vencerá senhor Lakan enquanto viver.*"**

Por que o instrutor de Jinshi comparou seu oponente não a um homem, mas a uma fera? Jinshi sentiu uma pontada de arrependimento. Um urso, um lobo, um cachorro: Lakan não era nada disso. Ele era um monstro por si só, um fato que Jinshi não conseguiu apreciar.

Lakan ajustou seu monóculo, bebeu um pouco de suco e parecia estar em perfeita saúde. Ele estava dormindo o suficiente e não estava exausto por uma série incansável de jogos de Go. Não havia álcool em sua bebida nem em seus lanches, então sua cabeça estava limpa.

Jinshi se sentiu indescritivelmente deprimido. Ele usou o mais sujo dos truques sujos e ainda assim perdeu. Ele não estava interessado em fingir, mas isso simplesmente o fez se sentir muito patético. Se não houvesse plateia, ele teria caído de cara no tabuleiro e gemido.

Jinshi controlou sua dignidade restante e tentou parecer sereno. Se havia uma qualidade da qual ele sentia que poderia se orgulhar, era a pele dura que desenvolveu durante seu tempo no palácio interno.

Ele teve que manter o queixo erguido. Ele tinha que agir como alguém que aguentava suas lambidas com desenvoltura.

Ele estava prestes a levantar a cabeça quando um dedo apareceu no quadro.

"Esse movimento, no final do jogo. Você deveria ter tocado aqui", disse Lakan.

Jinshi olhou para ele atordoado. A aberração estava coçando o queixo barbudo e continuando a apontar. **“E isso, aqui. Então o branco não teria para onde ir...”**

Ele estava resmungando, tornando difícil ouvi-lo, mas explicava inequivocamente os erros de Jinshi.

“Mestre Lakan, fazendo uma análise?”, disse o assessor do estrategista, maravilhado.

"Uma análise?" As palavras provocaram um rebuliço entre os espectadores.

“Meu honrado pai adotivo muito raramente realiza tais autópsias”, disse Lahan, que apareceu do nada. Ele deve ter vindo correndo quando soube que o jogo iria continuar, porque estava um pouco sem fôlego. **“Isso deve significar, Príncipe da Lua, que você *tem a atenção dele*.”** Ele enfatizou essas últimas palavras incisivamente.

“Agora, por que eu fiz esse movimento? Hmm...” O maluco parecia estar menos envolvido em uma análise e mais em uma reflexão pessoal sobre o jogo. Ele parecia estar falando sobre seu erro crucial; ele não entendia por que tinha feito isso.

Ele se lembrava de cada movimento do jogo, embora seu cérebro estivesse confuso de cansaço, fadiga e álcool.

Jinshi só conseguiu rir.

“De qualquer forma, foi divertido”, disse o maluco, aproximando-se de Jinshi. **“Não sei o que você quer, mas seus meios foram fascinantes.”**

E então, deixando o tabuleiro onde estava, ele se afastou, balançando a garrafa.

Jinshi o observou partir, pasmo. A multidão começou a se dispersar. Alguns dos espectadores pareciam querer se aproximar de Jinshi, mas Basen e os outros guarda-costas pareciam não aceitar nada disso.

Apenas Lahan permaneceu ao lado de Jinshi, apenas parado. Basen não ficou muito satisfeito com sua presença, mas permitiu. Ele raramente ou nunca falava com Lahan, mas não parecia que eles se dariam muito bem.

“Só posso pedir desculpas por minha ajuda não ter sido suficiente”, disse Lahan. **“Pelo menos meu pai parecia satisfeito, suponho.”**

“Satisfeito”, Jinshi repetiu. **“Com minha estratégia lamentável?”** Ele deu um sorriso sarcástico; ele tinha a sensação de que estava sendo ridicularizado.

“As especificidades do seu plano não importam para ele. Se ele disser que foi interessante para ele, então foi.”

Jinshi não entendeu direito. Lahan parecia com ele - talvez fosse sua relação de sangue com o estrategista, ou talvez aqueles com talentos tão únicos se entendessem inerentemente.

Jinshi finalmente decidiu expressar uma pergunta que o incomodava. **“Por que senhor Lakan quis realizar um torneio de Go? Para ser sincero, acho que ele jogaria Go como e quando quisesse, independentemente de haver dinheiro envolvido ou não.”**

“Sim, e suponho que ele faria isso, deixado por conta própria.” Lahan pegou um livro – o livro de Go do estrategista que deu início a toda essa mania. **“Esse livro contém muitos registros de jogos disputados entre meu honrado pai e uma certa mulher. Alguns deles têm até vinte anos – as sequências de movimentos ainda estavam na memória do meu pai. Isso vindo de um homem que não consegue se lembrar quem viu ontem! Esses jogos não têm preço para ele... e não haverá mais deles. Isso é tudo que resta.”**

“Ah...”

Jinshi tinha uma ideia razoável de quem era a "mulher": uma cortesã da Casa Verdete e a mãe de Maomao. No ano anterior, Lahan a comprou com grande custo, mas na primavera deste ano ela morreu.

"Nunca haverá outra como ela. Acho que meu pai entende isso... Mas talvez ele estivesse esperando que, inspirado nesses registros de jogos passados, aparecesse alguém que jogasse algo como ela."

"Então ele estava tentando ressuscitar o passado?"

"Eu acho que não. Na verdade, acredito que ele estava tentando construir uma ponte para o futuro. Ou talvez meu honrado pai não pense tão longe." Lahan coçou a nuca, subitamente desconfortável. **"Eu gostaria que ele fizesse análises pós-jogo de suas outras partidas, como fez com a sua. E se as pessoas que pagaram para jogar pedirem seu dinheiro de volta?"**

"Jogar... Significa?" Jinshi disse. Ele lembrava-se de ter ouvido que era possível pagar pelo privilégio de jogar um jogo contra o estrategista – embora a maioria desses jogos tivesse sido adiada devido à indisposição de Lakan.

"Passamos os últimos dias tentando limpar esses jogos didáticos. Ugh, não me importo de dizer, acomodar os horários de todos tem sido um pesadelo. Na verdade, ele estava apenas jogando contra outra pessoa e, quando acabou, ele desapareceu de repente. Onde devo encontrá-lo senão aqui?"

Daí a falta de ar anterior.

"Posso arriscar uma pergunta?" Lahan disse.

"Sim? O que?"

"Foi o Sábio quem colocou essa pequena estratégia na sua cabeça, Mestre Jinshi?"

Não foi realmente uma pergunta. O Sábio esteve no torneio; Lahan provavelmente sabia perfeitamente o que havia acontecido.

"Eu estava pegando emprestado um tempo que era legitimamente do imperador para minha instrução", disse Jinshi.

“Ah. Bem, então isso faz sentido”, disse Lahan e assentiu. **“Meu pai sempre reclama que só há salgadinhos à mão durante suas brincadeiras com o Sábio.”**

“Ah”, disse Jinshi. Então o homem também não queria enfrentar um urso com as mãos nuas.

“Agora, então, acredito que irei embora... Ah, mais uma coisa”, disse Lahan, e sorriu um pouco. **“Essas guloseimas que você trouxe outro dia. Meu honrado pai parece estar bastante encantado com eles. Ele gostaria de saber como prepará-los – de preferência sem álcool. Além disso, sei como ele age, mas meu pai odeia ficar endividado.”**

“Ele não parece.”

"É verdade. Mesmo que ele esqueça as dívidas que tem”, disse Lahan, calmamente. Então ele saiu trotando.

“Pareceu uma conversa e tanto. Está tudo bem?" Basen perguntou, aproximando-se de Jinshi parecendo um tanto perturbado.

"Tudo bem? Estávamos simplesmente conversando sobre o tempo. Peça a Suiren para escrever a receita desses lanches, sim?”

"Er, sim, senhor."

“Sem o álcool. Entendido?"

"Sim, senhor."

Jinshi deixou o pavilhão para trás e Basen o seguiu, intrigado.

Eles encontraram algo no escritório de Jinshi quando voltaram.

“O que temos aqui?” Jinshi perguntou. Basen tirou o pano que cobria o objeto para revelar um tabuleiro de Go do tipo usado na formulação de estratégia militar. Era uma versão mais simples de algo no escritório do estrategista – mas quando viu o arranjo, Jinshi ergueu uma sobrancelha.

“Não gosta de dever favores, né?”, ele murmurou.

Jinshi era um forte defensor do fortalecimento do exército porque previu problemas no norte e no oeste de Li.

Baryou colocou a cabeça para fora do canto da sala. **“Ele fez um ótimo trabalho ao reorganizar as coisas, não? Ele abordou tudo o que o preocupava, Mestre Jinshi.”**

“Eu esperava que ele sentisse que me devia um pouco mais do que isso.”

Maamei entrou na sala com um maço de papéis e imediatamente atacou Jinshi. **“Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer, mas ainda temos trabalho a fazer – o trabalho que sobrou da sua pequena pausa. Espero que você se apresse e termine. Há muitas cerimônias a serem realizadas no final do ano, então sugiro que você parta do pressuposto de que não poderá mais tirar férias.”**

"Sim, eu sei." Jinshi sorriu amargamente e resolveu fazer seu trabalho. Certamente houve muito disso. **“Maamei”**, disse ele.

"Sim, senhor?"

Jinshi lembrou que havia outro assunto que ele ainda precisava resolver.

“Gostaria de pedir que você entregasse três cartas para mim.” Ele abriu uma gaveta em sua mesa.

"Sim, senhor. A quem?" Ela lançou-lhe um olhar interrogativo e as perguntas só se multiplicaram quando ela viu os endereços nas cartas.

“O mais rápido possível, se você quiser, mas com o máximo de sigilo possível. E prepare uma carruagem.”

"Sim, senhor." Ela era bastante hábil para ver que este não era um assunto que ela deveria levar muito a sério. Em vez disso, ela simplesmente pegou as cartas e saiu da sala.

“Suponho que seja muito cedo, mas que assim seja”, disse Jinshi. Ele não tinha talentos especiais e, se demorasse, chegaria tarde demais. Ele precisava agir antes disso.

Ainda assim, ele realmente—

“R*ealmente* teria gostado de tê-lo em dívida comigo.” Jinshi soltou um longo suspiro e recostou-se em sua mesa.

Capítulo 20: Verificar

Era meio da noite e Maomao estava chacoalhando em uma carruagem. Uma carta chegou para ela depois que ela terminou o trabalho do dia – era de Jinshi e foi trazida muito discretamente.

Eu me pergunto o que ele quer.

A convocação dele nunca tinha sido uma boa notícia para ela, e ela não tinha grandes esperanças de que isso mudasse. Mas ela não estava em posição de recusá-lo.

O último lugar onde se viram foi no torneio de Go. Por mais que ela odiasse admitir, ter o estrategista esquisito ali era realmente reconfortante; ela sabia que Jinshi não poderia fazer nada na presença dele. Mas agora...

Me pergunto para onde estou indo.

Um passeio de carruagem geralmente significava que ela estava viajando para a residência de alguém importante – a vila de Ah-Duo, o palácio da imperatriz Gyokuyou, o palácio de Jinshi. Mas agora eles estavam indo na direção oposta dos aposentos de Jinshi.

Quanto mais luxuosos ficavam os edifícios ao seu redor, mais profusamente e desagradavelmente Maomao começava a suar.

Quando a carruagem chegou ao seu destino e ela foi convidada a desembarcar, Suiren estava esperando por ela. **"Já faz um bom tempo",** ela comentou.

"Sim, senhora", disse Maomao.

"Você terá que desculpar a falta de cerimônia, mas eu gostaria que você entrasse e se despisse."

Maomao não disse nada, apenas entrou com relutância no prédio. O corpo tinha que ser revistado na entrada do palácio interno – isso era algo semelhante?

"Mestre Jinshi me convocou", comentou Maomao longamente.

"Sim, e se fosse apenas o jovem mestre, não teríamos que passar por essa bobagem", respondeu Suiren. Em outras palavras, havia outra pessoa ali.

Suiren tirou dela o manto de Maomao. Das dobras ela extraiu um kit de escrita, um bloco de papel, alguns remédios e bandagens, um após o outro, até parecer francamente exasperada. **"Você sempre carrega tudo isso com você?",** ela perguntou.

"Deixei meu kit de costura em casa", respondeu Maomao. Enquanto isso, ela tirou até a roupa de baixo, deixando seu corpo esquelético exposto ao ar frio. Ela ficou arrepiada.

"O que você é, um esquilo? Abra sua boca; É melhor eu verificar suas bochechas."

Como se não fosse ruim o suficiente ter que ficar nua, agora Suiren estava espiando dentro de sua boca.

"Seus dentes são muito retos, Maomao", observou a velha dama de companhia com aprovação.

"*Muitu obrogato*", disse Maomao.

"E sua pele é tão macia. Mas talvez você possa remover isso?" Suiren retirou o curativo do braço esquerdo de Maomao. Como Yao a proibiu de se machucar, estava relativamente em boa forma.

"Por que fui chamada aqui?" Maomao perguntou.

"Oh? Você não pode me dizer que não tem ideia. Eu me pergunto se você está preparada." Ela parecia provocadora, mas isso na verdade deixou Maomao mais tranquila.

"Sua Majestade está presente hoje?" Todo esse esforço para garantir que ela estivesse desarmada sugeria que alguém de considerável importância estaria lá. As buscas no palácio interno foram bem mais simples, mas sempre houve guardas por lá. Ela foi informada de que vários deles eram postados do lado de fora da sala sempre que o imperador fazia uma visita noturna a uma de suas consortes.

"Não é divertido provocar você, Maomao. Você não se pergunta se foi chamada aqui para um encontro?"

Não posso dizer que isso não passou pela minha cabeça. Apesar de todos os seus defeitos, Jinshi normalmente seguia as regras. Ela queria pensar que ele não faria nada tão abrupto. *De qualquer forma, se era para lá que isso estava indo, eu pelo menos tomaria um banho, não apenas roupas limpas.*

Ela passou os braços pelas mangas e depois enxugou as sardas, polvilhando o rosto com pó branco. Quando ela terminou de se trocar, foi levada até uma porta guardada por soldados que se curvaram quando ela entrou. Havia outro corredor além da porta e, além dele, uma sala. Uma luz fraca brilhava a seus pés, iluminando um único caminho, quase como se iluminasse o caminho para algum outro mundo.

O quarto estava quente por dentro; Maomao ouviu o crepitar de um braseiro misturado com as conversas e risadas de três nobres.

"Eu a trouxe, senhor", disse Suiren; então ela se curvou e apareceu.

Maomao ficou sem palavras ao ver quem estava ali. Jinshi e o imperador, ela esperava. Mas não a imperatriz Gyokuyou.

O espaço era na verdade dois quartos adjacentes, com a porta de correr entre eles aberta. O segundo cômodo parecia ser um quarto de dormir, enquanto aquele em que se sentavam os três augustos personagens estava equipado com sofá e mesa, além de escrivaninha. Eram móveis notáveis e um aroma marcante espalhava-se pela sala.

O que é esse cheiro? Maomao se perguntou. Parecia familiar, mas ela não conseguia identificar. Sendo esta uma sala cheia de nobres, ela esperava poder assumir que não era nada perigoso.

"Uma companhia muito interessante que você reuniu, Príncipe da Lua. O que você tem em mente?" Gyokuyou disse, escondendo a boca com a manga enquanto ria.

"Concordo e me pergunto a mesma coisa", disse o imperador jovialmente. **"Com ela aqui, tenho certeza de que é algo muito intrigante, de fato."**

Parece totalmente... doméstico aqui. O que está acontecendo?

Não importa como você a cortasse, Maomao estava deslocado nesta sala. Ela estava aqui simplesmente para descontrair e relaxar com os três? Não havia damas de companhia ou guardas que ela pudesse ver, nem mesmo Gaoshun ou Hongniang.

Mantendo a cabeça baixa, ela se perguntou o que deveria fazer. Ela estava aqui para divertir o povo nobre? Que travessuras ridículas ela seria submetida?

Deixe-me ver se consigo me lembrar de alguma piada boa do bairro do prazer... Não, Gyokuyou pode gostar muito delas, mas parecia que elas iriam cair de cara com Jinshi.

Essas piadas tendiam a não dar certo para os homens envolvidos. Melhor guardá-las para ela.

Se eu soubesse o que estava acontecendo, poderia ter vindo mais bem preparado. Talvez tenha trazido um dos meus manuais de "visita noturna".

Não, isso também não funcionaria. O imperador gostou desses livros, mas ela não poderia exibi-los na frente de Gyokuyou. E de qualquer forma, Suiren os teria encontrado e confiscado durante sua busca.

Ela ainda estava se perguntando o que deveria fazer, o que poderia fazer, se haveria algum pequeno ato divertido que pudesse realizar – quando viu algo que a fez duvidar de seus próprios olhos.

Numa bandeja havia um pouco de areia, sobre a qual um galho e uma pedra haviam sido colocados quase descuidadamente. Parecia evocar um jardim – algo para encantar os visitantes. Mas foram os materiais daquele "jardim" que chamaram a atenção de Maomao.

Chifre de veludo, long gu e... isso é fel de urso?!

O chifre de veludo era o chifre de um cervo; long gu, ou "osso de dragão", refere-se a ossos grandes e fossilizados; e fel de urso era exatamente o que dizia: a vesícula biliar de um urso. Todos eram ingredientes médicos do tipo mais caro. O chifre foi disposto para parecer um galho de árvore, enquanto o *long gu* era apresentado como pedras. Só que o urso estava meio que... ali, bem no meio de tudo. Teria sido colocado ali especificamente para que Maomao percebesse?

Eles estão zombando de mim?, ela pensou. Certamente eles saberiam que tal prêmio nunca passaria despercebido à sua atenção, não importa quão casualmente fosse colocado. Ela temia que pudesse começar a babar enquanto olhava para os remédios.

"O que você tem em mente aqui?" A imperatriz Gyokuyou perguntou. **"Maomao vai resolver um mistério fascinante para nós?"** Seus olhos estavam brilhando. Maomao se perguntou se tudo ficaria bem entre elas, considerando o que aconteceu antes, mas a julgar pela aparência atual de Gyokuyou, parecia que estava tudo bem. Ela suspeitava que poderia ser diferente entre as criadas: Hongniang poderia lhe dar uma folga, mas Haku-u e suas irmãs provavelmente não ficaram nada satisfeitas.

Essas eram pessoas céticas até mesmo em relação ao meio-irmão de Gyokuyou. Elas não poderiam ter ficado felizes por ela se encontrar pessoalmente com Jinshi, mesmo que Sua Majestade estivesse presente.

Maomao ficou de olho em Gyokuyou, mas deixou seu olhar vagar pela sala – e logo encontrou mais produtos medicinais. A pedra de tinta sobre a mesa era na verdade gelatina de pele de burro, um pedaço escuro de cola gelatinosa. Entre as folhas de chá, ela avistou hortelã e canela. O odor único que flutuava pela sala devia ser uma combinação de todos esses vários medicamentos.

“Não, o papel de Maomao ainda está por vir. Primeiro, posso pedir-lhe que ouça o que tenho a dizer?” Jinshi sorriu amplamente e mexeu no grande braseiro que ficava na parede oposta.

"Eu posso fazer isso!" Maomao disse, com os olhos brilhando. Ela estava se perguntando se poderia haver algo no braseiro também.

"Não, hoje não. Fui eu quem convocou você aqui. E agora ordeno que você se sente”, disse Jinshi. Ele apontou para uma ponta do sofá e Maomao não teve escolha a não ser sentar-se. O assento estofado era estofado com algodão e isso, combinado com o ambiente quente, deixava-a terrivelmente sonolenta.

Não! Tenho que ficar acordada, ela pensou, balançando suavemente a cabeça e respirando fundo. Se o fogo permanecer aceso por muito tempo, o ar da sala poderá ficar ruim e dificultar a respiração. Não havia guardas na sala, nem janelas. Perfeito para uma conferência secreta. Pelo menos havia algumas aberturas para permitir a circulação do ar.

Maomao se perguntou, porém, o que essa rica coleção diante dela poderia significar. Na verdade, ela questionou a presença deles, considerando que havia sido submetida a uma revista tão minuciosa. Muito remédio pode ser venenoso e quase tudo pode ser perigoso, dependendo de como você o usa.

Aquelas listras brancas ali - isso é poria?, ela imaginou. Elas estavam em uma tigela com pétalas de crisântemo espalhadas por cima.

Os remédios estavam expostos de forma tão visível – ela poderia interpretar isso como significando que eles seriam dados a ela mais tarde?

“Então, o que é essa coisa misteriosa que você deseja nos dizer?”, perguntou o imperador, coçando a barba e estreitando os olhos. Era uma expressão investigativa, mas também havia um toque de gentileza.

Havia vinho, com acompanhamentos apropriados, na mesa. Os olhos de Maomao permaneceram no álcool, mas não parecia que haveria necessidade de prová-lo; os nobres já estavam servindo uns aos outros.

Drogas são boas... Mas também gosto de vinho.

"Você gostaria de algum?", perguntou a imperatriz Gyokuyou, que observou Maomao estudando as bebidas. **“Esse vinho é muito bom. Não é, Majestade?”** A imperatriz havia desmamado o filho e agora podia desfrutar de um pouco de álcool.

Sim!, pensou Maomao. A rigor, sua posição social deveria tê-la impedido de beber qualquer coisa nesta companhia. Mas se um superior a convidasse para uma bebida, teria sido injusto recusar. Sim, ela não tinha *escolha* a não ser aceitar.

“De fato”, disse o imperador. **“Esse parece ser um vinho de uva bom e verdadeiro.”** A qualificação sugeria que a conversa sobre o vinho venenoso havia chegado até aos ouvidos imperiais.

“Eu nunca poderia servir-lhe nada venenoso, Majestade”, disse Jinshi. **“Eu preciso que você viva muito, muito tempo.”** Ele deu uma sacudida suave em seu recipiente de vidro. Afinal, Maomao não iria conseguir vinho. Jinshi estava sentado e tirou o manto externo. Talvez ele estivesse aquecido por causa do fogo e do vinho.

“Tem certeza de que não há xícara para Maomao, Príncipe da Lua?” Gyokuyou perguntou. Maomao olhou para ela com olhos brilhantes.

“Não, Maomao ainda não pode beber. Ela terá trabalho para fazer mais tarde.”

O ânimo de Maomao despencou. Ela lançou um olhar fulminante para Jinshi, mas ele mal pareceu notar.

"Que trabalho? Tenho pena dela, a única que ficou de fora da bebida”, disse o imperador.

Isso mesmo, diga a ele! E mande ele me dar aquele remédio! Maomao cerrou os punhos triunfantemente. Mesmo assim, Jinshi não deu sinais de conseguir uma xícara extra. Em vez disso, ele disse: **“Preciso dela, se quiser fazer meu pedido a você sobre o futuro do trono”.**

"Ora, ora. Durante toda a noite você me tratou como um velho trêmulo."

"De forma alguma, senhor. Mas será que Vossa Majestade partilha a credulidade do nosso antigo governante sobre medicamentos místicos que podem prolongar a vida ou mesmo conferir a imortalidade? Posso presumir que não?"

Ei, eles podem existir!

Maomao não ficou satisfeita. É verdade que tal medicamento ainda não havia sido descoberto – nem mesmo a panóplia de ingredientes nesta sala poderia tornar alguém imortal.

Ugh, o que ele está querendo dizer? Eu gostaria que ele se apressasse e fosse direto ao ponto...

"Preciso muito que Vossa Majestade sobreviva por pelo menos mais vinte anos", disse Jinshi. O número era tão preciso.

"Príncipe da Lua... Você parece ter uma ideia muito específica em mente", disse Gyokuyou. Ela não pôde deixar de ficar um pouco nervosa. O imperador estava atualmente na casa dos trinta e era a imagem da saúde. Não há razão para que ele não permaneça saudável e vigoroso por algum tempo.

"E o que, posso perguntar, acontecerá em vinte anos?" A menor irritação havia entrado na voz de Sua Majestade. Maomao ficou tensa apesar de tudo. Não se podia esquecer que esse homem com cabelos faciais exuberantes estava no topo da hierarquia da nação.

"É quando o príncipe herdeiro assumirá seu título real e eu poderei finalmente relaxar", disse Jinshi.

Foi Gyokuyou quem falou. **"O príncipe herdeiro?",** ela perguntou.

"Sim, senhora. Aos dez anos, ele ainda será uma criança. Aos quinze anos, ele entrará formalmente na idade adulta, mas seria difícil ter plena confiança nele naquele momento. Aos vinte... Bem, ele ainda será bastante jovem, é verdade, mas se garantirmos que ele estará cercado de pessoas boas antes disso, não haverá problema."

Do que Jinshi estava falando? Maomao sentiu arrepios, apesar da sala agradavelmente quente. Ela poderia até ter ficado pálida se não tivesse visto algum fungo de lagarta e*mu dan pi.*

O imperador largou a bebida e estreitou os olhos. Ele não parecia mais de bom humor. **“Talvez você queira nos dizer em que baseia esse cenário.”** Não era realmente uma sugestão, e foi isso que tornou tudo tão assustador.

Se você acabou de me chamar aqui para ouvir conversas perturbadoras, por favor, deixe-me ir para casa... com lembranças. Maomao desejou poder tapar os ouvidos e se esconder em um canto da sala. A imperatriz Gyokuyou também não parecia muito à vontade. Ela provavelmente não esperava um assunto tão desagradável.

“Minha base é essa: se alguma coisa acontecesse a Vossa Majestade neste momento, a corte esperaria e instaria que eu assumisse o trono.” Jinshi pegou uma caixa, pequena o suficiente para caber na palma da mão, das dobras de suas vestes. Dentro havia uma única pérola dourada, do tamanho de uma unha, com superfície impecável.

Pérolas desse tamanho eram extremamente raras, especialmente em tão boas condições. Até mesmo uma leiga como Maomao poderia dizer que uma joia como essa teria um preço que faria seus olhos saltarem das órbitas. Até mesmo o preço do *zhen zhu*, um ingrediente médico obtido pela pulverização de pérolas de qualidade inferior, poderia fazer isso.

“Um acompanhamento bastante rico para enviar com o retrato de um possível par, não acha?” Jinshi perguntou.

“Não vou perguntar quem enviou. Eu sei que você é muito cavalheiro para contar de qualquer maneira”, disse o imperador.

“Talvez, mas imagino que você possa adivinhar, Sua Majestade.”

Você provavelmente poderia contar nos dedos de uma mão o número de pessoas que poderiam e iriam enviar ao irmão mais novo do imperador uma enorme pérola na esperança de que ele se casasse com a filha deles.

E se alguém com esses recursos estiver tentando estabelecer uma conexão com Jinshi...

Teria que ser alguém que aumentasse seu próprio poder a partir da partida, ou alguém que procurasse exercer poder indireto através de Jinshi. Neste último caso, o sucesso os colocaria em pé de igualdade com a imperatriz Gyokuyou.

"E mais uma coisa." Desta vez, Jinshi pegou uma colher – era de prata, mas o metal estava turvo. **"Há veneno no chá do meu escritório. E durante um ritual, alguém atirou uma flecha em mim."**

Essas coisas aconteceram? Maomao pensou. Se não tivessem chegado aos ouvidos dela, então Jinshi deve ter ordenado que todos que sabiam do assunto ficassem em silêncio. Houve quem quisesse fazer de Jinshi um aliado, sim, mas houve outros que o viam como um obstáculo. Esse era o mundo da política.

"Você saberia alguma coisa sobre isso, imperatriz Gyokuyou?", perguntou Jinshi.

"Não, nada", respondeu Gyokuyou, parecendo um pouco consternada. Ninguém acreditava que a própria imperatriz fosse responsável pelos atentados contra a vida de Jinshi – mas sempre havia a possibilidade de um de seus parentes estar agindo sem o seu conhecimento. Isso deve ter explicado o tremor em sua voz. E se algum membro de sua família estivesse envolvido, então seu pai, Gyokuen, provavelmente teria alguma participação no assunto.

"Vossa Majestade, você sabe muito bem que não tenho absolutamente nenhum interesse em ser imperador", disse Jinshi, mas o governante não concordou com suas palavras. **"Caso contrário, por que eu teria passado seis anos fingindo ser um eunuco no palácio interno?"**

Maomao não conseguiu se conter; ela cobriu os ouvidos, mas Jinshi, sorrindo, pegou seus pulsos e afastou suas mãos, colocando-as sobre os joelhos. Ele obviamente queria que ela ouvisse o que ele iria dizer.

"Não tenho prazer em assuntos tão complicados", continuou Jinshi. **"Você tem dois filhos, Sua Majestade. Senhor Gyokuen recebeu seu nome. Talvez você aproveite esta oportunidade para me conceder um nome também."**

Conceda-lhe um nome? Maomao inclinou a cabeça. Ela olhou de um para o outro, tentando descobrir o que isso poderia significar, e então seus olhos encontraram os de Gyokuyou.

"Receber um nome é se tornar um servo do imperador. Ou seja, deixar a família real", explicou ela. Ela ainda parecia pálida e suas palavras pareciam menos uma deferência à ignorância de Maomao do que uma forma de perguntar a Jinshi se ela o havia entendido corretamente.

Ei, ei, ei. Não. Espere.

Talvez fosse complexo e, francamente, irritante, a manobra que alguém tinha que fazer como membro da linha imperial – mas não poderia ser tão simples quanto pedir para ser libertado da família. Por um lado, quantos homens havia na família imperial na sua situação atual? Todos os irmãos do ex-imperador morreram de doenças. Pode haver parentes maternos que Maomao não conhecia, mas até onde ela sabia, o conjunto completo de homens imperiais incluía apenas o imperador, Jinshi, o filho da Imperatriz Gyokuyou e outro filho nascido da consorte Lihua. Apenas quatro pessoas – e os filhos do imperador ainda eram crianças. Um bebê pode morrer a qualquer momento – você simplesmente não sabia. Não importa o quão diligentemente você cuida deles, não importa o quão cuidadosamente você os cria, eles podem ser abatidos pela doença um dia, sem mais nem menos.

Ele nunca realizará seu desejo. Se até Maomao sabia disso, certamente o imperador não passou despercebido.

Houve um barulho tão alto que sacudiu a grande mesa, e Maomao sentiu os cabelos se arrepiarem. Alguns pãezinhos de carne rolaram de um prato. A fonte do tremor? O imperador, que bateu na mesa com o punho. Sua expressão, geralmente cordial, embora evasiva, era uma máscara de raiva.

Por favor, não!

Desafiar o imperador poderia significar perder a vida. Mas ele normalmente estava tão jovial quando Maomao o conheceu que ela começou a perder a admiração por ele, só um pouquinho. Agora ela sentiu seu coração disparar. Ela olhou ao redor da sala, esperando que uma das ervas pudesse ser algo que pudesse acalmar uma raiva.

O rosto de Gyokuyou ficou branco; talvez esta fosse a primeira vez que ela também via o imperador num acesso de verdadeira raiva.

Apenas Jinshi parecia impassível.

“Você prometeu, não foi? Ou você pretende renegar, Sua Majestade?”

"Pense com cuidado. Esse é o momento ou o lugar para dizer essas coisas?”

"É. Se eu não resolver esse assunto rapidamente, perderei minha chance de escapar.”

Não jogue óleo no fogo! Maomao pensou, ao sentir que começava a suar. Ela olhou de Jinshi para o imperador e vice-versa, seus olhos vagando apenas ocasionalmente para o bezoar no canto da sala. *Eu gostaria de poder olhar para aquele bezoar o dia todo.*

Infelizmente, seu sonho modesto foi destruído.

"Você não vai me tornar uma pessoa comum?" Jinshi perguntou.

A *paulada* encheu a sala.

Jinshi sentou-se com o rosto voltado para o chão. O punho do imperador tremia.

Apesar de tudo, Maomao foi até Jinshi e forçou sua boca a abrir. *Sem dentes quebrados, apenas um lábio partido.* Ainda assim, ele levou um soco no rosto. Haveria inchaço em breve. Maomao também queria verificar a mão de Sua Majestade, mas não ousou chegar perto dele.

"Foi por isso que você insistiu para que a apotecária não bebesse?", perguntou o imperador, conseguindo de alguma forma não gritar. Gyokuyou agarrou seu pulso.

A sala era destinada a conferências privadas. Os guardas não viriam correndo só porque alguém bateu numa mesa. Gyokuyou não conseguia gritar, nem mesmo ela queria. Se ela gritasse por ajuda, o próprio imperador poderia tê-la impedido.

"Você não precisa se preocupar, imperatriz", disse Jinshi.

O *inferno que ela não precisa*! Maomao pensou enquanto limpava o sangue do lábio de Jinshi com um lenço. Eles a chamaram aqui apenas para que ela pudesse assistir a briga de dois irmãos? Nesse caso, ela gostaria que eles tivessem deixado ela e a imperatriz Gyokuyou fora disso.

"Eu sabia no que estava me metendo aqui. Estou preparado para muito mais do que um lábio sangrento." Jinshi se levantou, removendo outra camada de roupa e caminhando passo a passo até o braseiro. **"Fique tranquila, imperatriz Gyokuyou: nunca serei seu inimigo."**

Jinshi sorriu e afrouxou o cinto, revelando sua barriga, seu umbigo. Assim que o cinto se soltou, ele pegou um atiçador do fogo. E então ele fez algo que nenhum deles esperava, algo que nenhum deles sequer havia imaginado.

Houve um suspiro coletivo e o fedor de carne queimada. Até a corajosa Gyokuyou desmaiou e Maomao correu para pegá-la. O imperador olhou horrorizado; ele nem tentou cobrir a boca aberta.

Jinshi lutou contra a dor, forçando-se a sorrir. Ele devolveu o atiçador ao fogo.

Maomao descansou a imperatriz Gyokuyou em um sofá e depois olhou para o abdômen de Jinshi. Ele evitou o estômago, mas no flanco, logo acima da pélvis, havia uma queimadura. Ela reconheceu a forma: era o brasão que a imperatriz Gyokuyou havia recebido.

Ele não terá danificado seus órgãos internos. Mas-

Mas uma queimadura tão profunda deixaria uma cicatriz que nunca cicatrizaria.

Eu não posso acreditar que ele tinha isso pronto.

"Agora, imperatriz Gyokuyou, eu nunca poderei desafiá-la. Mesmo que Sua Majestade parta deste mundo, não posso e não irei ameaçar o Príncipe Herdeiro."

Maomao relembrou um caso que enfrentou na capital ocidental: uma noiva que fingiu o próprio suicídio por medo de abusos terríveis por parte do marido. As mulheres de sua família há muito suportavam ser marcadas como gado.

Marcar alguém como uma posse era o mesmo que torná-lo seu escravo.

O imperador não disse nada. Seu rosto, que momentos antes estava contorcido de raiva, estava agora inexpressivo, estupefato. Ele não poderia ter sonhado que Jinshi, o irmão mais novo do Império, se autodenominaria escravo.

Só havia uma coisa que Maomao podia fazer. A temperatura extremamente alta da queimadura evitou muito sangramento, mas ainda estava vermelha e inchada. Ela molhou o lenço em água fria e pressionou-o contra o lado de Jinshi. Ela olhou ao redor da sala, procurando desesperadamente por óleo e cera de abelha, e qualquer coisa que pudesse tratar uma queimadura. Irritada por não ter ferramentas para trabalhar, ela pegou uma tigela de aparência cara da prateleira e começou a esmagar o óleo e a cera de abelha. Ela não se importava se a tigela quebrasse ou a colher quebrasse. Ela não teve tempo para se importar.

Poderia ter sido mais rápido sair da sala e pedir a alguém para pegar um remédio para queimaduras, mas isso exporia o ferimento de Jinshi. Embora tivessem uma sala cheia de

testemunhas que sabiam que a marca era autoinfligida, só poderia ser perigoso para qualquer pessoa no mundo inteiro ter conhecimento da marca.

"Seu maldito masoquista!" Maomao resmungou enquanto preparava a mistura de óleo e cera de abelha. Ninguém a repreendeu. Ela provavelmente estava apenas dizendo o que todos estavam pensando – talvez incluindo Jinshi.

Maomao ouviu um baque distinto e descobriu que era o imperador sentado no sofá. **"Você realmente odeia tanto isso? A ideia de se tornar imperador?"**, ele murmurou.

"Eu sempre disse que sim, não foi?" Jinshi respondeu, fazendo uma careta. **"Se você ainda insiste que eu permaneça na linha de sucessão, terei que fazer um belo e grande ferimento na bochecha esquerda também."**

Maomao imediatamente bateu palmas nas laterais do rosto de Jinshi, mas ele sorriu: **"Isso foi uma piada".**

Ela soltou as bochechas dele, mas não conseguiu baixar a guarda. Não havia como dizer o que ele poderia fazer.

A imperatriz Gyokuyou estava tonta, mas ainda consciente. Jinshi olhou para ela. **"Imperatriz, eu sei que você esperava que Maomao pudesse ser sua serva para sempre, mas talvez eu pudesse pedir que você abandonasse esse sonho. Agora que tenho essa marca, não posso deixar ninguém ver meu corpo."**

Bem, de quem é a culpa? A pomada estava pronta; Maomao esfregou um pouco na pele de Jinshi.

"Não posso nem pedir à minha dama de companhia que me ajude a trocar de roupa agora, muito menos permitir que um médico me veja. E acima de tudo..." Ele se levantou, passando um braço em volta do torso de Maomao e puxando-a com ele. O pano que esfriava sua barriga escorregou.

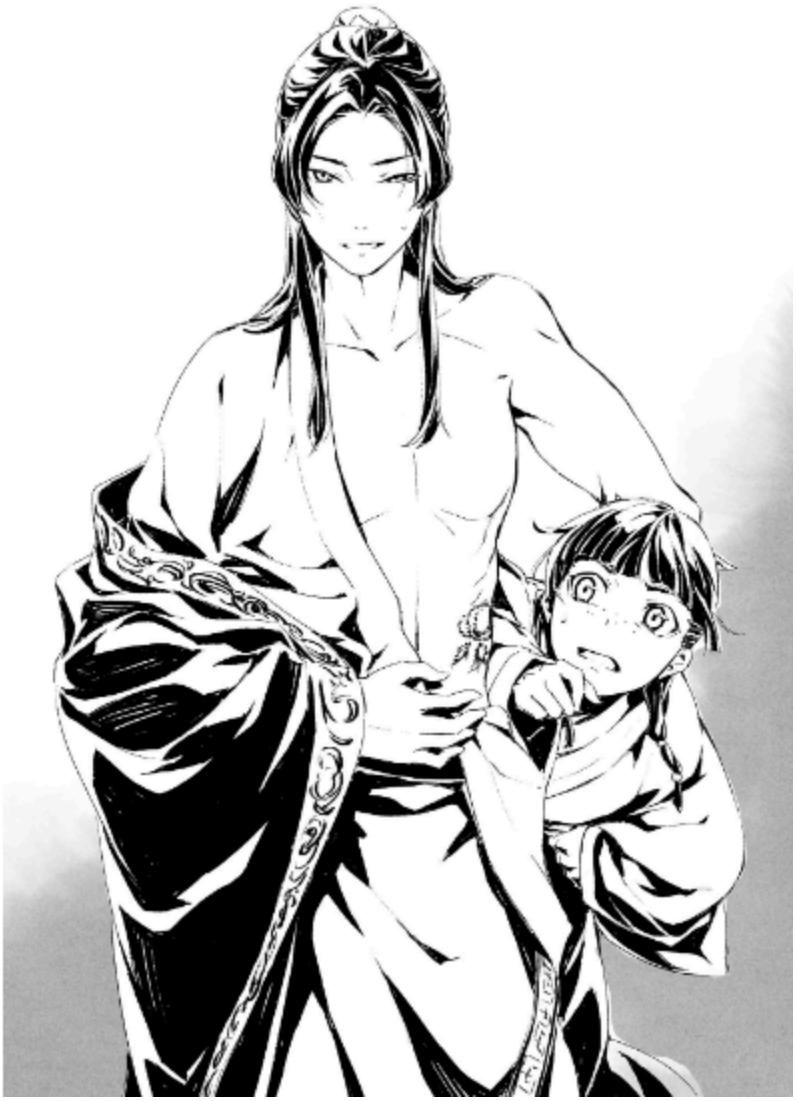
"E-espere! Mestre Jinshi!" Maomao tentou lutar com ele, mas com o ferimento ali mesmo, ela não conseguiu lutar muito.

"*Minha esposa* terá que ser uma mulher em quem possa confiar implicitamente."

Isso fez Maomao empalidecer rapidamente. Ela olhou para cima; de seu lugar na curva do braço de Jinshi, ela podia ver que ele estava com um belo sorriso.

“É... era isso que você realmente queria?” Gyokuyou perguntou, carrancuda.

“Não tenho certeza do que você quer dizer”, respondeu Jinshi, fingindo ignorância, embora Maomao ainda estivesse debaixo do braço.



Maomao estendeu a mão para a imperatriz, desesperado por ajuda. Gyokuyou, no entanto, apenas lançou-lhe um olhar de pena e balançou a cabeça. **“Maomao, acho que você é parcialmente responsável por isso.”**

Como diabos você imagina?!

Ela queria protestar sua inocência, dizer que isso não tinha nada a ver com ela. Mas Jinshi colocou a mão sobre a boca dela, silenciando-a. **“E se você é a responsável, devo pedir que cumpra essa responsabilidade”,** disse ele.

Portanto não haveria ajuda da imperatriz Gyokuyou. Maomao olhou para o imperador. Ele olhou vagamente para ela e Jinshi. **“Zui...”,** ele disse. **“Esse é o caminho que você escolheu?”**

"É;"

“E você não vai se arrepender?”

“Eu não vou.”

Havia uma tristeza, uma solidão nos olhos do imperador. Por um momento, pareceu que o governante de cabelos faciais iria dizer mais alguma coisa, mas então ele lançou um olhar

instantâneo para Gyokuyou e engoliu em seco. Em vez disso, ele disse: **“Vou voltar. Meus guardas vão ficar com frio se tiverem que ficar lá fora a noite toda.”** A sala estava quente, mas era véspera de inverno. **"Vou avisar ao seu pessoal que você passará a noite aqui."**

“Meus profundos agradecimentos pela consideração de Vossa Majestade.” Jinshi curvou-se profundamente. Seu lábio ainda estava inchado e Maomao ainda não havia terminado de cuidar da queimadura.

“Eu irei com você”, disse Gyokuyou, levantando-se. Ela parecia tão cansada – Maomao desejou poder descansar um pouco, mas isso parecia improvável esta noite.

Espere... Espere um segundo. Se os dois augustos personagens partissem, isso a deixaria sozinha com Jinshi.

Sua boca estava aberta e ela olhou para ele.

“Você pode beber *depois* que você cuidar da minha ferida”, disse ele. Claro, agora ele contou a ela!

Maomao estava desesperada para sair da sala com o imperador e a imperatriz, mas não podia deixar o ferimento de Jinshi ficar sem tratamento. Ela ficou pendurada ali, presa entre uma pedra e um lugar duro, e também entre o torso e a axila de Jinshi, quando ele finalmente tirou a mão da boca dela. Ele estendeu a mão para o *long gu* na prateleira. **“Eu não tinha certeza do que seria útil, mas tentei coletar o máximo de remédios que pude”,** disse ele.

Maomao não disse nada, mas sentiu os batimentos cardíacos acelerarem, apesar de tudo.

“Você pode usá-los livremente. Qualquer coisa, tanto quanto você quiser.”

A distração momentânea a impediu de ver Gyokuyou sair do quarto, com as mangas balançando. Jinshi parecia extremamente animado por ter sido atingido no rosto e depois causado uma queimadura grave em si mesmo.

“M-Mestre Jinshi. Deixe-me terminar de tratar você rapidamente.”

“A noite ainda é longa. Podemos levar o nosso tempo.”

“Não, eu quero acabar logo com isso!”

Jinshi franziu os lábios e ainda não a soltou. **"Por que você está tão descontente?"**

“Descontente? Mal sei o que está acontecendo! Quem faz uma marca em si mesmo?!”

“Um maldito masoquista.”

Palavras dele, não minhas!

Ele estava virando o jogo contra ela. Sua cor estava surpreendentemente boa, embora ele ainda devesse estar sentindo dor. Nada sobre isso fazia sentido. Então Jinshi foi em direção à sala interna.

"Onde estamos indo?" Maomao perguntou.

“Eu gostaria de dormir um pouco depois de ter sido tratado.”

“Então deixe-me terminar de tratar você. *Aqui*.”

"Não, você pode fazer isso enquanto estou deitado."

Maomao queria se tornar violenta, mas sabia que ainda não conseguiria – enquanto isso, esse monstro de resistência corporal entrou na câmara interna.

"Ou você não deseja me acompanhar até o quarto?"

Agora ela realmente não tinha nada a dizer. Ela ouviu a provocação em seu tom e desviou o olhar dele.

Então ela ouviu uma longa expiração e Jinshi disse: **“Você não precisa se preocupar. Eu entendo."** Então ele acariciou sua franja. **“De qualquer forma, me disseram que eu tenho um tamanho *decente*...”**

Maomao quase engasgou. O sorriso de Jinshi nunca pareceu mais perverso. Maomao, esquecendo-se completamente do ferimento de Jinshi, lutou muito agora, e quem poderia culpá-la?

Mesmo que isso tenha feito com que ela perdesse o que Jinshi disse a seguir, um murmúrio baixo: **“Eu nunca ganhei o favor que queria”.**

Epílogo

De volta à sua residência, Gyokuyou nem tomou banho; ela desabou direto na cama.

“Ah, mas estou cansada...”

Ela desejou poder perguntar a alguém o que aconteceu hoje. Parte disso poderia ter sido totalmente engraçado em outras circunstâncias, mas qualquer humor foi superado em muito pelo choque.

Parte dela certamente simpatizava com Maomao e, ao mesmo tempo, parte dela estava com ciúmes.

Ela desejou poder simplesmente se enterrar debaixo das cobertas e dormir. Mas ela era mãe de dois filhos. Ela precisava conversar com Hongniang, saber como estavam os jovens. E ela também não podia ir para a cama sem tirar a maquiagem.

“É melhor ir direto ao assunto, então.” Ela se sentou, tentando se convencer a se sentir melhor, mas seus esforços foram prejudicados por algo bem diante de seus olhos. Um pilar, estampado com o brasão que lhe foi atribuído.

Era verdade que Jinshi nunca a desafiaria daquele dia em diante? Não foi um pronunciamento para ser feito levianamente – e nada menos que na frente do imperador.

Gyokuyou considerava Jinshi como um irmão mais novo, mas suas únicas lembranças de seus irmãos de sangue eram deles atormentando-a. Como filha de Gyokuen, ela foi enviada para o palácio interno, aparentemente nada além de uma ferramenta política – mas descobriu que tinha muito mais arbítrio do que poderia esperar. Havia muitas coisas interessantes no palácio para passar a vida agindo como uma boneca.

Claro, havia coisas ali que a deixavam irritada ou chateada. Mas isso não era diferente da capital ocidental. Nenhum ser humano vivo poderia dizer que sua vida consistia inteiramente de prazeres. Ocasionalmente, sempre haveria coisas de que você não gostava; você apenas tinha que rolar com elas.

Havia, no entanto, um limite para o que poderia ser suportado. Os humanos são criaturas de apetites profundos. Se você estivesse constantemente negociando e negociando novamente com alguém que se recusou a restringir suas demandas – bem, o que acontecia?

“Você só perde no final”, disse Gyokuyou para si mesma.

Se você tivesse sorte.

“Você só pode ser destruído.”

E a outra pessoa pode nem querer dizer que você está doente. Elas podem simplesmente acreditar que estão fazendo a coisa certa.

O meio-irmão de Gyokuyou, Gyoku-ou, era uma pessoa assim, um homem que acreditava estar fazendo a coisa certa. Ele estava convencido de que tudo o que ele acreditava ser justo o era, e ele era impiedoso com aqueles que considerava errados.

O que, da perspectiva dele, incluía Gyokuyou.

Se ele pensava que ela estava errada, ou mesmo má, então por que de repente ele estava tentando trazê-la para seu rebanho?

Gyokuyou abriu uma gaveta e tirou a carta de Gyoku-ou. Ela soprou uma vez, com a respiração rápida e aguda, e depois deixou cair no chão.

Deixe-a ser má, então. Ela poderia viver com isso. Mas e os filhos dela? O garoto, Gyoku-ou, pode tentar trazer para o seu lado também. Mas a garota...

Todos diziam que Gyokuyou tinha o mesmo coração de menina que possuiu durante toda a vida. Mas não era verdade. Gyokuyou não era mais a criança teimosa que era na capital ocidental.

“E não vou deixar você escapar impune.”

Lenta e deliberadamente, ela enterrou a carta do irmão debaixo do sapato.

Qual deles seria esmagado nos dias que viriam? Eles veriam. *Ele* veria. Ela não era mais a garota que não podia fazer nada além de sorrir.

Ilustrações coloridas

"What
Baryou
is saying
is this."
Maamei
appeared at
that moment.
For a moment
even Jinshi
wasn't sure
where she'd
come from.

Maomao thought as people crowded in to watch the pair on the stage: Jinshi and the man with the monocle. Between them, only a Go board.
This looks oddly familiar,

Luomen listened quietly as Bowen raged. Maomao couldn't imagine the freak would normally have tolerated such an interruption to his game. Maybe he really was feeling unwell.
"These are your son's fingers?"